

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

MULHER, HISTÓRIA, PSICANÁLISE

FLORIANÓPOLIS

2003

ELIANE TRAVASSOS

MULHER, HISTÓRIA, PSICANÁLISE

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Aguiar Brito de Sousa

FLORIANÓPOLIS

2003

AGRADECIMENTOS

Neste processo que é o Mestrado, há que se agradecer:

A meu orientador, Fernando Aguiar,
pela orientação em todos os níveis,
pela disponibilidade em todos os momentos,
pela paciência em todos os sentidos.

A meus colegas de Mestrado,
por todas as sugestões,
por todas as dicas,
por todos os cuidados.

A meus amigos e familiares,
por aceitarem a minha ausência,
por suportarem minha impaciência,
e por todo tipo de apoio.

Aos participantes de minha banca:

Antonio Godino Cabas,
Mara Coelho de Souza Lago,
Maria Juracy Filgueiras Toneli
e Carlos Augusto Remor,
por sua disponibilidade,
por sua presença,
por suas sugestões valiosas.

E a todos os seres humanos, homens e mulheres, que passaram por minha vida
– na forma de pacientes, na forma de personagens, na forma de transeuntes –
pois com cada um deles aprendi um pouco desta arte de ser pessoa,
na qual ser homem ou mulher é apenas uma parcela.

Lú Travassos

Antes da mulher
Era o homem só
Era sem querer
Era sem amor
Era sem penar
Era sem suor
Era sem mulher
Era bem melhor

Deus fez a fêmea e depois
Que ela encorpou, nunca mais
Que um mais um foram dois
E caíram de quatro os animais
E tome praga no arroz
Rebelião nos currais
Ficou o homem feroz
E estranhou seus iguais

Antes da mulher
Era um dissabor
Era um desprazer
Que fazia dó
Homem sem mulher
Era quase um pó
Que ficava em pé
Era um saco só

Dentro da fêmea Deus pôs
Lagos e grutas, canais
Carnes e curvas e cós
Seduções e pecados infernais
Em nome dela, depois
Criou perfumes, cristais
O campo de girassóis
E as noites de paz

Edu Lobo - Chico Buarque

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT	VIII
INTRODUÇÃO	001
Para que e por que este assunto de novo?	001
Como fazer pesquisa em psicanálise?	001
O que se há de fazer?	003
Metáfora – para que te quero?.....	004
CAPÍTULO 1 – QUEM É ESTA MULHER?	005
<i>La donna è mobile</i>	005
Ser mãe é para descer do paraíso?.....	006
Deusas	008
É guerra!.....	013
A Idade do cobre	015
A Idade dos metais	016
O mundo dos homens.....	026
Um sábio de Estagira, cuja cabeça sustenta ainda hoje o ocidente	032
Uma trindade sem mãe.....	036
Porque és o avesso do avesso do avesso... ..	038
Em nome de Deus	040
Só pra anoitecer o que é escuro	042
Das cinzas.....	054
Muito prazer	055
Mas as mulheres continuam malévolas	056
Deus está morto... eu vos ensino a supermulher?.....	061
Que diferença da mulher o homem tem? Espera aí que eu vou dizer meu bem.....	066
Quer casar comigo?	068
Nem assaz alhures e antanho.....	069
Como foi mesmo que as coisas ficaram deste jeito?	076
CAPÍTULO 2 – O CONTINENTE NEGRO	083
Que história é esta?	083
Aquele que decifrou o enigma famoso e que foi varão poderosíssimo	084
A família vai bem, obrigado.....	088
No princípio era a mulher.....	090
A vida começa aos quarenta.....	095
Indo além.....	096
Mas, e agora, o que é que eu faço?.....	098
Mulheres da virada... ..	102
Pra tudo começar na quarta feira	104
Inimigo íntimo.....	105
Quando casar, sara?.....	105
Pondo lenha na fogueira... ..	108
O círculo de discípulos aumenta	118
Mudar sem transformar	121
Mundo delirante, sou seu habitante... ..	122
Admirável gado novo.....	123
Nada de cegonhas ou repolhos	127
Ataque histórico como onanismo	132
Mulheres por trás... do divã – a segunda geração.....	133
De que me vale ser filho da santa? Melhor seria ser filho da outra... ..	135

Ao menos, sem pêlos nas mãos.....	138
Os senhores dos anéis.....	139
Sob que máscara retornará o recalçado?	141
Perturbando o sono do mundo.....	145
Um tempo que refaz o que desfez – que recolhe todo o sentimento, e bota no corpo uma outra vez.....	147
Ao escritor, as batatas	154
Procura-se um pênis, desesperadamente	155
Levando destinos tão iluminados de sim.....	160
O discreto início do tumulto.....	162
O que será que me dá, que me queima por dentro?.....	164
Pequenos reis.....	166
A sua virtude escarlate, igual brasão de tomate, enobrecendo o lençol	169
Depois do temporal	171
Me bate que eu gamo	175
Perdas e ganhos	177
Quem eu amo em ti?	179
Será que é bem assim?	181
Mais psicanalistas de saias	183
Apenas a nudez feminina será castigada?	184
Resta-nos apenas o vazio.....	187
Uma prótese que não fala francês	188
O destino da mulher	191
Mulher, você não passa de uma vagina.....	195
Não sei nada sobre este assunto que trazes à tona.....	200
Pedras que rolam	202
Ele é o homem, e eu sou apenas uma mulher... ..	204
Meninas, eu vi.....	209
Deslocamentos deslocados.....	210
Psicanálise versus psicanálise	212
Pelo cordão perdido, te recolher pra sempre à escuridão do ventre, de onde não deverias nunca ter saído	213
Nunca mais...!	214
Uma posição "feminina" primitiva.....	217
Potência orgástica e um tanto de radicalismo	218
Eu já não sei se sei de nada ou quase nada.....	223
Vendo na anatomia o destino	224
De fininho... ..	225
Decida-se!	226
Nem todas as mulheres gostam de apanhar – apenas as normais.....	227
Partidas.....	228
Mais sobre aquilo de que "nada" se sabe	230
Três destinos.....	235
Quem tem medo de Karen Horney?.....	235
Muito é muito pouco	231
Fase fálica como neurose	238
Vendo o argueiro no olho do outro	241
Cala a boca, Reich.....	243
Mais vagina na infância.....	246
Esperando deitada	247
"Falando" para leigos?	249
Diáspora	252
Término	255

No último pau de arara	255
E do momento imóvel fez-se o drama	257
Homenagem póstuma	258
Juntando os cacos	259
Mais prazer	260
A castração, por quem a conhece	260
Rompimentos, mortes, e os últimos artigos	261
Em nome do pau, do falo, ou do espírito sádico?	264
Ainda que tarde... ..	269
Anatomia é destino?	272
CAPÍTULO 3 – AFINAL, O QUE QUER A MULHER?	275
De que mulher se fala?	275
Afinal, o que querem os psicanalistas que as mulheres queiram?	276
Um volta – necessária – do psíquico ao biológico	279
Pois é dando que se recebe	286
Inveja do pênis como máscara	290
Prendam suas cabritas que meus bodes estão soltos!	293
Mas será que nem disto você é capaz?	300
Você deságua em mim, eu oceano	302
Quando não se diz nada fora da palavra.....	304
APÊNDICE	305
01. Otto Rank.....	305
02. Karl Abraham	305
03. Sándor Ferenczi	306
04. Ernest Jones	306
05. Lou Andreas-Salomé	307
06. Karen Horney	308
07. Melanie Klein	309
08. Helene Deutsch	310
09. Wilhelm Reich	311
10. Joan Riviere	312
11. Ruth Mack Brunswick	313
12. Jeanne Lampl-de Groot.....	313
13. Marie Bonaparte	313
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	315
BIBLIOGRAFIA SUGERIDA	324

RESUMO

Durante séculos da história humana vigora um modelo de sexo único, onde a diferença estaria na localização de órgãos sexuais idênticos: nos machos do lado de fora do corpo, nas fêmeas do lado de dentro. A partir do século XVIII, com a busca de igualdade entre os homens, este modelo torna-se insustentável – é preciso justificar melhor a hierarquia entre os sexos. Na tentativa de restringir a vida das mulheres à maternidade, surge o modelo de dois sexos (onde a função segue a forma). Freud irá defender o orgasmo vaginal na vida adulta, mas afirma que a vagina é insensível na infância, sendo então o clitóris a principal zona erógena. Preso ao modelo de sexo único, correlaciona o clitóris ao pênis: a menina considera seu órgão inferior ao masculino, desenvolvendo uma inveja por este, responsável inclusive por seu desejo de ser mãe. A maioria de seus discípulos rejeita a tese da insensibilidade da vagina na infância. Quanto à inveja do pênis, embora alguns desses autores questionem suas motivações e conseqüências, quase todos têm sua ocorrência como universal. Na questão da sensibilidade vaginal na infância é preciso considerar a necessidade de estimulação de cada região do corpo para que esta se erotize, devendo-se dar razão a Freud. No caso da inveja do pênis, em função das variações na idade em que as meninas descobrem a diferença anatômica, não é possível considerá-la universal.

Palavras chave: SEXUALIDADE FEMININA, HISTÓRIA, PSICANÁLISE.

ABSTRACT

During centuries of the human history , a model of an unique sex takes effect, in which the difference would be in the location of equal sexual organs: outside the body in males and inside the body in females. From the XVIII century on, with the search of equality among men, this model becomes not understandable – it is necessary to justify better the hierarchy between the sexes. In the attempt of restricting women's life to the motherhood, the model of two sexes emerges (where the function follows the form). Freud will defend the vaginal orgasm in adult life, but he affirms that the vagina is nonsensitive in childhood, being so the clitoris the main erogena zone. Based on the idea of the unique sex, Freud correlates the clitoris to the penis: the girl considers her organ inferior to the male organ, developing a jealousy above it, responsible mainly for her desire to be a mother. Most part of his disciples rejects the thesis of insensibility of the vagina in childhood. Concerning the jealousy of the penis, although some of these authors question the motivations and consequences, almost all of them have the occurence as universal. About the vaginal sensibility in childhood, it is relevant to consider the necessity of the stimulation of each part of the body in order to become an erotic part, admitting Freud's idea. Related to the jealousy of the penis, because of the variations in the ages when the girls discover the anatomic differences, it is not possible to consider it universal.

Key words: FEMININE SEXUALITY, HISTORY, PSYCHOANALYSIS.

MULHER, HISTÓRIA, PSICANÁLISE

PARA QUE E POR QUE ESTE ASSUNTO DE NOVO?

A sexualidade humana precisou ser profundamente repensada depois de Freud. Ao postular a existência de sensações sexuais na infância, e o desejo da criança pelos genitores (normativamente, pelo genitor do sexo oposto), Freud lançou uma série de questões. As proposições freudianas relativas às diferenças entre o desenvolvimento de meninos e meninas, determinantes da sexualidade adulta, estão entre as que costumam levantar mais controvérsias.

Essas questões vêm sendo discutidas amplamente, seja pela comunidade científica, seja pelas feministas, e até mesmo pelo senso comum. Contudo, quase um século depois, muitas perguntas permanecem em aberto. Na tentativa de olhá-las sob uma outra ótica, ao aprofundar suas perspectivas históricas e culturais, este trabalho de pesquisa debruçar-se-á novamente sobre este assunto.

COMO FAZER PESQUISA EM PSICANÁLISE?

Dentro do referencial psicanalítico, segundo Mezan (1994, p. 51), encontram-se três tipos usuais de pesquisa:

- Pesquisa com material clínico.
- Pesquisa de psicanálise aplicada.
- Pesquisa histórica ou conceitual.

Estando este trabalho de pesquisa inserido no terceiro tipo – pesquisa histórica ou conceitual – seus procedimentos seguirão o *método de releitura* proposto por Garcia-Roza (1994). Segundo este autor, reler um texto não é apenas reproduzir o seu conteúdo original, pois a releitura tem uma função transformadora. Trabalha-se sobretudo com a textualidade e não com a literalidade do texto. Sendo o discurso um gerador de múltiplos sentidos, o texto objeto de releitura está aberto a um pluralismo irredutível. Mas a releitura tem uma característica própria, especialmente no caso da teoria psicanalítica: o pesquisador deve tomar para com o texto uma atitude semelhante à do analista em relação ao analisando, ou seja, tentar *identificar as questões colocadas pelo texto* (pp. 16-19).

Ao proceder uma releitura, não se deve deixar de lado o fato de que *o conceito tem uma história, mesmo uma geografia*; deve ser considerado como uma singularidade, relacionado ao problema ao qual ele responde, e não como uma abstração lógica. Porém, apesar de ser uma singularidade, *o conceito não deve ser pensado isoladamente*. Em outras palavras, todo conceito implica na revisão de outros conceitos com os quais se articula, de seus próprios elementos conceituais, do campo conceitual no interior do qual ele surge e dentro do qual mantém suas articulações, incluindo neste campo conceitual os opositores deste conceito (Garcia-Roza, 1994, p. 19).

Se uma das finalidades da pesquisa acadêmica em psicanálise é traçar a gênese de conceitos, e portanto a gênese da própria teoria psicanalítica, identificando os problemas a que estes conceitos pretendem responder, isto não quer dizer que o pesquisador deva se colocar numa atitude passiva. Não se encontram respostas pela mera aplicação de um método, especialmente se o rigor do método implicar em ausência de crítica, em reverência religiosa pela teoria. Chega-se às respostas pela pressão de uma necessidade e assumindo uma postura de irreverência (Garcia-Roza, 1994, pp. 19-20).

O ideal da ciência presente na teoria psicanalítica, cujo modelo é a ciência ideal de tipo platônico, não permitiria essa irreverência para com o texto. Mas isso não pode ser colocado desta maneira. A questão maior não é essa que opõe discurso conceitual e discurso psicanalítico, mas a que opõe duas concepções de conceito: o conceito entendido como entidade abstrata, como universal formal, e o conceito entendido como singularidade, como respondendo a verdadeiros problemas (Garcia-Roza, 1994, p. 20).

Wagner (1996) também irá defender a possibilidade, ou mesmo a necessidade, de que qualquer pesquisa em psicanálise considere o contexto social onde ela se desenvolveu:

[...] a psicanálise é uma teoria, um método e uma prática. Algumas vezes, o termo psicanálise também é utilizado para designar o movimento psicanalítico e a história do desenvolvimento dessa ciência. É bem certo que uma ciência não se desenvolve de forma isolada e independente de seu contexto cultural. Além disso, e sobretudo nas ditas ciências humanas, a interferência da subjetividade dos personagens que a desenvolvem é mais evidente. Se estas interferências podem ou devem ser eliminadas ou não, não é o caso aqui. Importante enfatizar é que elas devem estar conscientes, tanto para quem pesquisa e escreve quanto para quem estuda e lê. Pois não é raro, em se tratando de psicanálise, que alguns psicanalistas por vezes se identifiquem com a própria ciência e sua história, e passem a sentir-se ameaçados por qualquer tipo de questionamento (pp. 23-24).

Em outra parte de sua obra, Wagner (1996), complementa seu pensamento:

Parece claro que a psicanálise (como qualquer produção humana) tenha surgido como resultante de um momento histórico e cultural determinado. Ora, mesmo que uma teoria científica esteja, no seu *início*, atrelada e concernida a um contexto histórico determinado, isso não quer dizer que esteja presa, por princípio e em definitivo, a esse contexto e que não possa sobreviver a ele. No caso da psicanálise, sem dúvida, a moral vitoriana foi fator importante na descoberta e elaboração das teorias de Freud. Mas, mesmo com a queda dessa moral, nem por isso as teorias de Freud perderam sua validade. Psicanálise é investigação, para além dos usos e costumes (pp. 28-29).

Ao se considerar a psicanálise como um método de investigação, que teve seu início em determinado contexto histórico, torna-se necessário questionar o que as mudanças sociais podem ter ocasionado aos resultados destas investigações. Com base nestas premissas, este trabalho de pesquisa será realizado visando encontrar, para o problema em questão, respostas comprometidas com a historicidade e com a crítica.

O QUE SE HÁ DE FAZER?

No capítulo 1, intitulado *Quem é esta mulher?*, buscar-se-á responder como o papel social da mulher e, conseqüentemente, os conceitos sobre a diferença sexual (incluindo as evoluções na medicina), variam na história humana, desde seu início até o final do século XIX – quando Freud inicia seus estudos. Para isto será verificada parte da história¹, em especial nos lugares onde surgem os conceitos definidores da mulher, onde a situação da mulher é diferenciada de outros territórios, ou tal situação é exemplar.

No capítulo 2, intitulado *O continente negro*, será feita uma compilação de textos, de forma a resgatar as inferências freudianas sobre a mulher, bem como as de outros psicanalistas que falam sobre esta questão – verificando no que suas afirmativas pretendem ser uma resposta às formulações freudianas originais. Será também recuperada parte da história pessoal de cada psicanalista que expressou suas opiniões a respeito do desenvolvimento sexual infantil da mulher, e algo da situação sócio-política

¹ Evidentemente, há outras hipóteses a respeito do desenvolvimento inicial da cultura humana, além da proposta pelos autores que serão utilizados no capítulo 1 deste trabalho. A seleção desses autores, em detrimento de outros, justifica-se pelo fato de suas teorias serem confluentes entre si, e de alguma forma relacionadas à psicanálise, permitindo uma melhor localização histórica dos conceitos psicanalíticos sobre a mulher.

mundial – incluindo algumas questões relativas ao *status quo* da mulher no Ocidente – a partir do final do século XIX.

Com base neste resgate e nesta verificação, no capítulo 3, intitulado *Afinal, o que quer a mulher?*, será destacada a questão mais importante sobre a sexualidade da mulher discutida dentro do movimento psicanalítico, verificando se esta também seria a maior questão entre psicanálise e feminismo, sendo feitas algumas reflexões. Serão elencadas também algumas mudanças ocorridas na vida das mulheres até o início do século XXI, discutindo a pertinência dos conceitos psicanalíticos, desenvolvidos no início do século XX, para a compreensão da mulher inserida nas sociedades ocidentais hodiernas.

METÁFORA – PARA QUE TE QUERO?

A escolha dos subtítulos utilizados em todos os capítulos visa – mais do que esclarecer o assunto que se segue – marcar a opinião pessoal da autora deste trabalho a respeito do momento histórico ou do artigo discutido em seguida. Além disso, o uso da metáfora nos subtítulos tem o papel de propiciar pequenas pausas para o devaneio poético na (longa) leitura deste texto.

Capítulo 1 – QUEM É ESTA MULHER?

Quanto maior for uma obra,
mais estará enraizada em uma situação histórica concreta.
Max Horkheimer

*LA DONNA È MOBILE*¹

A separação de tarefas entre homens e mulheres teria surgido antes mesmo de ser possível chamá-los desta forma, ou seja, é anterior mesmo ao ser humano, porque já aparece entre os proto-hominídeos. Esta separação de tarefas foi feita levando-se em conta as diferenças físicas – com suas conseqüentes funções – entre os sexos (Badinter, 1986, p. 27).

Contudo, a humanidade precisaria de um tempo considerável, após tornar-se humanidade, para começar a investir no estudo das diferenças físicas entre os sexos. Definido a partir do homem ou, melhor dizendo, a partir da negação do homem, o conceito de mulher caminha através da história de forma mutável, instável, interminável. Anterior ao discurso sobre a diferença sexual – que começa a surgir apenas entre o final do século XVIII e o início do século XIX – há o discurso do sexo único, no qual o homem é o modelo, e a mulher, poder-se-ia dizer, um "projeto mal acabado", pois seus órgãos genitais são tidos como os mesmos do homem, só que virados para dentro (Birman, 2001, p. 33 e Laqueur, 2001, p. 16).

Segundo Laqueur (2001), o "sexo, tanto no mundo de sexo único como no de dois sexos, é situacional; é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder" (p. 23). As modificações provocadas na sociedade, tanto por movimentos filosóficos (principalmente o Iluminismo), como por movimentos revolucionários (o francês, especialmente), levarão à necessidade de modificar o modelo sexual.

Como surge a divisão de tarefas entre macho e fêmea, como os conceitos e os discursos sobre igualdade ou diferença entre os sexos vão se modificando (baseados em que tipos de relações entre homens e mulheres), até chegar aos conceitos vigentes na época de Freud, é o que será visto em seguida, neste capítulo.

¹ Da ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi.

SER MÃE É PARA DESCER DO PARAÍSO?

Para que se tenha alguma compreensão das diferenças de *status* entre homens e mulheres é quase indispensável uma volta aos primórdios da humanidade. Contudo, corre-se o risco, sempre, ao fazer este trajeto, de interpretar estes comportamentos à luz exclusivamente das nossas concepções atuais. Mas, ao se considerar esta tarefa como inevitável em um estudo deste tipo, então – atentando ao perigo do etnocentrismo – tem-se à disposição os vestígios desta época (técnicos, artísticos, econômicos, tumulares...) que servem de base para possíveis conclusões. Utilizando-se destes vestígios, antropólogos e etnólogos concluíram não só que a principal diferença entre hominídeos e primatas não-humanos é a divisão de tarefas entre machos e fêmeas, como puderam declarar a universalidade da divisão sexual dos papéis entre os seres humanos – tal como a universalidade da proibição do incesto (Badinter, 1986, pp. 19-20/24/27).

Os primatas não-humanos adultos buscam alimentos individualmente. Esta autonomia da fêmea primata custa-lhe muito quando se torna mãe: tem que levar nas costas o recém-nascido, buscar alimento e vigiá-lo, alimentá-lo, catar-lhe os piolhos, (tarefa que ensina aos filhotes mais velhos), brincar com eles, coçá-los, afagá-los e protegê-los dos machos adultos. Contudo, este comportamento autônomo das fêmeas primatas manter-se-ia estável através dos séculos (Badinter, 1986, pp. 27-29).

Uma das primeiras – talvez a primeira – diferenciações ocorridas entre primatas não-humanos e proto-hominídeos é o uso, pelos últimos, de apenas duas patas para a locomoção. A bipedia (possível consequência da necessidade de deslocar-se carregando alimentos, provocada por estações secas prolongadas na África) traria modificações de longo alcance na vida dos hominídeos. A que mais interessa aqui é a diminuição da pelve, que nas fêmeas implicaria num encurtamento do orifício genital. Os partos tornam-se então mais difíceis, e mesmo mortais em inúmeros casos. A seleção natural levaria as fêmeas a começarem a parir filhos com crânios menores, que exigiriam, contudo, cuidados suplementares por meses ou anos. Com a posição bípede, são obrigadas a segurá-los nos braços ou prendê-los às costas – o que dificulta enormemente a caça de animais (Badinter, 1986, pp. 29-30).

Chega, assim, o momento de fazer um acordo com os machos, acordo este que seria fundamental para a sobrevivência da espécie. A partir daí, as fêmeas vão

libertando-se do cio, pois a mortalidade no parto continua alta, e é preciso que possam ser fecundadas sempre que possível, ou seja: em todos os meses. As relações sexuais tornam-se frontais e a união entre macho e fêmea aumenta, permitindo às mães a ocupação com vários filhotes ao mesmo tempo, pois elas passam apenas a colher vegetais, sem ter que afastar-se das crias para procurar a carne – tarefa que passa a ser dos machos. Há uma imobilidade crescente da fêmea e dos filhotes, levando ao lar fixo, à criação de famílias nucleares, à fabricação de utensílios. Dois milhões de anos depois, surgiria o primitivo ser humano (Badinter, 1986, pp. 30-31).

Contudo, o corpo da mulher, livre do cio, atrela então seu destino à menstruação. A mulher, entre todas as fêmeas dos mamíferos, é a que se acha mais alienada, em função da maternidade e da menstruação. Em nenhuma outra fêmea a escravização do corpo à função reprodutora é mais imperiosa: menstruação, gravidez prolongada (e, por vezes, difícil), parto doloroso (e, por vezes, perigoso), são características da fêmea humana. Seu destino parece tanto mais pesado quanto mais ela se revolta contra ele, afirmando-se como indivíduo. Além disso, ela parece estar em desvantagem se comparada às outras fêmeas mamíferas, pois a libertação do cio implica na perda do período de esterilidade de que as últimas desfrutam (Beauvoir, 2000, pp. 52/82).

A mulher terá, durante séculos e séculos, muito mais filhos do que ela deseja, e por vezes mais do que os homens desejam também. A vida primitiva é extremamente difícil, os recursos muito poucos, e o número de nascimentos, bastante grande. Os povos nômades primitivos não possuem o sentido da permanência, não se preocupam em sobreviver a si mesmos, não se reconhecem na sua descendência, e portanto vêem os filhos como um encargo, não como uma riqueza. O fato da mulher não poder garantir sozinha a subsistência dos filhos que gera coloca-a na posição daquela que dá a vida, mas a retira do papel principal de mantenedora da vida, papel este que, mesmo com a divisão de tarefas em busca da subsistência do grupo, caberá ao homem (Beauvoir, 2000, pp. 82-83).

Em outras palavras, o dualismo dos sexos tem suas raízes na verdade do corpo. Depois a ideologia se apossa dessa dicotomia primeira, que exprime a supremacia do masculino, e a estende a todos os níveis da vida e a todos os aspectos particulares do conhecimento. Além do mais, encontramos valorizada em *toda sociedade* esta classificação binária das aptidões, dos comportamentos e das qualidades segundo os sexos (Badinter, 1986, p. 25).

No entanto, a separação de tarefas é a garantia da complementaridade objetiva entre os sexos, e não de sua negação. A busca de recursos diferentes, de acordo com o sexo, instaura uma dependência recíproca. A prática da caça é responsável pelo desenvolvimento da inteligência nos homens, mas a prática da coleta pelas mulheres também requer habilidades, energia e inteligência, principalmente se for considerada a necessidade de dar, paralelamente, atenção aos filhos. Além disso, ambas as atividades exigem a socialização de seus participantes, que precisam aprender a cooperar com seus companheiros (as) de tarefa, para garantir a sobrevivência individual e do grupo (Badinter, 1986, pp. 36-38).

DEUSAS

No início do período chamado de Paleolítico (de 100000 a 10000 a.C.) surge o "homem de Neandertal". Aparecem os primeiros instrumentos, feitos de pedras lascadas. Inicia o culto dos mortos. Surgimento de gravuras em baixo relevo. Provável início do uso de peles de animais como agasalho, permitindo a adaptação em lugares mais frios, o que levaria paulatinamente à perda dos excessos de pêlo no corpo humano. O uso inicial de "roupas" possivelmente está também ligado à "necessidade" sentida pelos humanos primitivos de proteger os genitais, que na posição quadrúpede eram protegidos pelo próprio corpo (Badinter, 1986, p. 300 e Miranda, 2002, p. 40).

Após 35000 a.C. surge o *homo sapiens*. As civilizações começam a se organizar na maior parte do mundo – e em todas elas a subsistência é radicada na caça e na coleta. O culto dos mortos se afirma. Conchas – símbolos dos órgãos femininos – são colocadas nos túmulos: as mulheres são relacionadas à vida e à morte. Surgimento da espiritualidade (Badinter, 1986, pp. 31-32).

A criação artística se desenvolve – no entanto, a arte parietal deste período não apresenta figuras de acasalamento humano ou animal – é bastante possível que a relação entre sexo e procriação e a função do pai na reprodução sejam ignoradas. Inicialmente a arte se reduz a incisões e grafitos, mas já aparecem símbolos da vagina, representando a fertilidade. Após 25000 a.C., surge um grande número de estatuetas femininas de osso, marfim e pedra, com ventre e seios enormes. A grande maioria não tem o rosto definido.

O número de estatuetas masculinas é diminuto, e seu órgão sexual nunca aparece (Badinter, 1986, pp. 48-52 e Beauvoir, 2000, p. 97).

As mudanças climáticas trazem repercussões importantes. Vida seminômade. A divisão dos papéis na caça e na coleta engendra dois tipos de atividade e dois tipos de inteligência, além de uma divisão de território entre homens e mulheres: os primeiros vivem entre si, como caçadores, e as segundas vivem junto aos filhos. Mesmo nas habitações desta época, há uma divisão dos espaços ocupados pelos dois sexos. É bastante provável que o hábito de homens e mulheres se alimentarem separadamente, que ainda hoje persiste em algumas culturas, tenha iniciado neste período. Surgimento de instrumentos mais leves, feitos de ossos e marfim (Badinter, 1986, pp. 31-35).

A arte parietal a partir de 16000 é rica em representações sexuadas. No entanto, sua distribuição no interior das habitações aponta para a permanente divisão do espaço doméstico: a entrada e os fundos, provavelmente território dos homens, mostram símbolos masculinos, enquanto o centro tem uma frequência bem maior de símbolos femininos, possivelmente por ser território das mulheres. Figuras humanas são raras, e há maior número de homens que de mulheres (que vão diminuindo paulatinamente) nessas representações. São cada vez mais frequentes representações de falos, bem como de homens mascarados, homens com cabeças de animais, parecendo realizar um ritual mágico, marcando a importância da caça – alimento predominante na época. A importância dos caçadores estaria ligada também às qualidades de coragem e heroísmo. Surgem ainda diversos instrumentos feitos de micrólitos e armas para a caça – como os arpões, por exemplo (Badinter, 1986, p. 35/49).

No início do período denominado de Mesolítico (de 10000 a 7000 a.C.), ocorre uma grande transformação climática provocada pelo fim da glaciação na Europa Ocidental. Com o aquecimento do clima nesta região, prados e bosques surgem no lugar das estepes. Isto leva à passagem da economia baseada na caça e na colheita para a domesticação dos animais (homens) e a semeadura (mulheres). Os seres humanos começam a se fixar, abandonando a vida nômade, e as crianças começam então a adquirir prestígio, pois a propriedade – mesmo que coletiva – da terra, exige de seus proprietários uma posteridade. A maternidade torna-se uma função sagrada, levando ao aumento das figuras da mulher nas artes, que terão um porte altivo. As figuras

masculinas tornam-se mais raras e mais pobres. Devido ao provável desconhecimento da função dos homens na reprodução, por esta época a propriedade comunitária é transmitida pela mãe. Surgimento do arco e da piroga. Início da arte em cerâmica (Badinter, 1986, p. 58, Beauvoir, 2000, pp. 86-88).

No início do período denominado Neolítico (de 7000 a 3000 a.C.), surgem instrumentos de pedra polida, e a agricultura (invenção feminina) se estabelece definitivamente como forma de subsistência. Seu início está ligado à horticultura (cultura de flores, frutos e legumes). A cultura de grãos se estabelece a partir de 6500 a.C. Desenvolvimento da cerâmica. Por haver uma relação entre os cereais e a cerâmica, possivelmente a última tenha sido criada também pelas mulheres, mas não há confirmações. A domesticação dos animais também se desenvolve. Os homens passam mais tempo pastoreando rebanhos do que caçando, e vão perdendo seu prestígio de caçadores. A alimentação carnívora também começa a perder importância, devido ao fato do clima estar se tornando mais ameno (Badinter, 1986, pp. 58-62).

A importância adquirida pela agricultura é herdada pelas mulheres, que passam a simbolizar a própria vida. Há uma grande profusão de estatuetas representando mulheres de ancas largas e seios volumosos relacionadas com este período – até a Idade do Bronze – tanto no Oriente quanto na Europa Oriental. Surgem, portanto, as deusas-mães: figuras por vezes apresentando terríveis feições, outras vezes acompanhadas de duas figuras masculinas ou de dois animais ferozes em postura dócil, muitas vezes sentadas em tronos, algumas vezes parindo seus filhos – simbolizando, enfim, o poder sobre a vida e a morte (Badinter, 1986, pp. 62-64).

Nada disto significa, porém, a existência, nesta época, de um matriarcado absoluto: possivelmente os homens detêm então boa parte do poder. Vale lembrar que a humanidade não pode ser vista como uma espécie natural, que apenas procura manter-se enquanto espécie: ela procura superar-se, transcender sua condição animal, o que implica no desenvolvimento de instrumentos, no mais das vezes construídos pelos homens. A gravidez e a amamentação, que tanto tempo tomam das mulheres, não são atividades propriamente ditas, mas funções naturais, em que nenhum projeto se empenha, e que em nada diferem dos outros animais (Beauvoir, 2000, pp. 83-84).

Mas o poder divino neste período é das mulheres, que possuem, sozinhas, o poder da criação, sendo as únicas responsáveis por criar a vida humana e pela abundância das colheitas – há fortes indícios de ritos agrícolas realizados pelas mulheres. As divindades pertencem à terra, participando da vida e da morte. Os mortos fazem parte deste processo: fertilizam o solo onde são enterrados, e onde também ficam protegidos. A mulher (relacionada com a terra) protege da morte, para depois proteger os mortos (Badinter, 1986, pp. 58/69-71).

[As estátuas que representam a mulher, por esta época, mostram-na] ora esteatopígica e acocorada, ora mais esbelta e de pé, por vezes vestida e por vezes nua cruzando os braços sob os seios túmidos. É a rainha do céu, uma pomba representa-a; é também imperatriz do inferno, de onde sai de rasto e uma serpente a simboliza. Manifesta-se nas montanhas, nas florestas, no mar, nas fontes. Por toda a parte, ela cria a vida; se mata, ressuscita. Caprichosa, luxuriante, cruel como a Natureza, a um tempo propícia e temível. [...]. Ídolo supremo nas regiões longínquas do céu e do inferno, a mulher acha-se, em terra, cercada de tabus como todos os seres sagrados; ela própria é tabu (Beauvoir, 2000, p. 90).

Contudo, é além do reino humano que o domínio da mulher se afirma, o que equivale a dizer que a mulher se encontra então fora deste reino. O poder político encontra-se, como sempre, nas mãos dos homens. Se a mulher tem prestígio, é dos homens que ela o recebe, é através das noções criadas pelas consciências destes homens que ela é apreendida. Sendo um ídolo criado pelo homem, a mulher pode ser, por ele, destituída. É no terror – através da identificação da mulher com as forças da natureza – e não no amor, que o homem rende culto a sua fêmea, portanto, só poderá realizar-se começando por destroná-la (Beauvoir, 2000, pp. 91-96).

A mulher, que continua escravizada aos mistérios da natureza, não é vista pelo homem como um semelhante, mas como um Outro², que não possui seu desejo de expansão e de domínio, que não compartilha sua maneira de trabalhar e de pensar. Para esgotar as novas oportunidades oferecidas pelas novas técnicas, os homens irão tornar outros homens escravos. O trabalho destes homens escravos mostra-se superior ao das

² Beauvoir utilizará várias vezes, em sua obra *O segundo sexo*, o termo "outro" com letra maiúscula, remetendo a um sentido de alteridade, por influência da fenomenologia francesa. Segundo o Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI (1999), a fenomenologia é a "abordagem dos problemas filosóficos segundo um método que busca a volta 'às coisas mesmas', numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência, entendida esta como a intuição das essências". Sob a mesma influência, Lacan inicia (segundo Roudinesco e Plon, 1998) o uso da palavra "outro" com letra maiúscula em 1953, definindo claramente a diferença de seu uso com letra minúscula em 1955 (pp. 558-559).

mulheres, fazendo com que percam a pouca importância econômica que então possuem. Se o homem depende da mulher, na mesma medida que ela depende dele, e se ela está cercada de mistérios por sua fertilidade, o escravo é um igual, apenas encontra-se numa situação de inferioridade, portanto nenhum tabu o cerca, e o homem pode exercer sobre ele uma autoridade tirânica. E quanto mais poder o homem adquire, menor se torna o poder da mulher (Beauvoir, 2000, pp. 98-99).

Em torno de 4000 a.C. surge a agricultura masculina (que se diferencia da feminina pelo uso do arado no lugar do enxadão). Nasce uma nova noção de casal. É reconhecida a necessidade do homem na procriação, o que provavelmente resulta da observação dos animais de criação. Isso irá provocar profundas modificações religiosas e sociais, entre outras, a paulatina passagem da filiação matrilinear para a patrilinear, com a mãe sendo considerada cada vez menos atuante no processo de procriação – o que constitui a revolução ideológica mais importante nos tempos primitivos (Badinter, 1986, pp. 73-75).

No III milênio a.C., no Egito, o faraó, identificado com Hórus, o rei-falcão, estabelece sua filiação divina, casando-se frequentemente com a própria irmã, para evitar problemas de sucessão. A mulher egípcia tem a mesma força jurídica que o homem, o direito à herança e à posse de bens – o que se deve ao fato da terra pertencer ao rei e às castas superiores de sacerdotes e guerreiros, tendo a população em geral direito apenas a seu usufruto, assim, os bens transmitidos por herança têm pouco valor. A ausência de patrimônio privado confere então às mulheres a dignidade de uma pessoa, podendo ela casar-se livremente, tanto quando solteira, quanto quando viúva. E embora a poligamia seja usual, apenas uma mulher será tratada como esposa legítima, e as outras serão privadas de qualquer direito – mas todos os filhos serão tidos como legítimos. Contudo, a mulher egípcia só irá interferir na vida pública de modo secundário, pois embora possa desempenhar o papel de regente, tanto o faraó como os sacerdotes e guerreiros (segundo poder depois do faraó) serão sempre homens (Beauvoir, 2000, pp. 107-108).

Há, nesta época, em todo o mundo, a edificação de muitas aldeias, com crescimento da produção, aparecimento de grandes vasos para o estoque de mantimentos, vida sedentária. A sedentarização leva ao nascimento da guerra: combate

das comunidades pelo saque e/ou pela posse dos territórios. A guerra – como a caça – será atividade dos homens³, que começam, com seu desenvolvimento, a retomar seu poder. O casal formado por um deus e uma deusa torna-se objeto de adoração. Ou seja, há a passagem da tríade para a díade divina: a poliandria desaparece paulatinamente. E em torno de 3500-3400 a.C., surge o primeiro sistema escrito, na Mesopotâmia, pondo fim ao "período pré-histórico" da espécie humana (Badinter, 1986, pp. 77-79).

É GUERRA!

Quando dois tipos diferentes de seres humanos estão presentes no mesmo lugar, inevitavelmente um tentará sobrepor-se ao outro. O que leva os homens a conseguirem impor seu poder às mulheres, é a indisponibilidade destas para a guerra, pela necessidade de cuidar dos filhos, que absorvem então a maior parte de suas forças e de seu tempo (Beauvoir, 2000, pp. 81/84).

A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal: eis porque, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra, mas sim ao que mata (Beauvoir, 2000, p. 84).

Portanto, se a divisão das tarefas não leva necessariamente a uma desigualdade do poder, lança as bases para que esta ocorra, pois o desenvolvimento da guerra, que ocorre à partir deste momento, e da qual as mulheres estarão excluídas devido aos cuidados com os filhos e também por sua menor força física – inegavelmente maior nos machos primatas – irá levar paulatinamente ao desequilíbrio entre homens e mulheres. Em outras palavras: a "guerra dos sexos" (de início unilateral, pois as mulheres não irão reagir à dominação senão depois de um longo período) teria sua principal origem nas guerras humanas.

Com a percepção de sua função na reprodução, os homens passam a promover casamentos exogâmicos. Contudo, não se trata aqui de uma preocupação com os resultados recessivos das relações endogâmicas – é evidente que nesta época o ser humano ainda não tem conhecimento de problemas genéticos deste calibre. A

³ Embora haja vários relatos e mitos de mulheres guerreiras, quase nunca há dados verificáveis sobre o assunto. Há três exceções: a civilização celta, a Índia védica (cuja duração vai mais ou menos do século XV ao XI a.C.) e a cultura indígena brasileira. Contudo, a rara participação das mulheres na guerra jamais excluiu dela a participação dos homens (Badinter, 1986, pp. 78-79/86).

verdadeira origem da proibição do incesto encontra-se na necessidade de assegurar a circulação dos bens. Entre estes bens, encontram-se, sem dúvida já por esta época, as mulheres. Assim, a idéia de promover casamentos exogâmicos está na base da necessidade de conseguir aliados. A exogamia impede que um grupo subdivida-se indefinidamente em grupos menores, que seriam as famílias endogâmicas, o que poria em risco a própria sobrevivência cultural do grupo em questão (Lévi-Strauss, 1982, pp. 180-187).

A troca das mulheres não vale apenas pelo valor do objeto, mas tem, por si mesma, um valor social, pois fornece a forma de ligar os homens entre si. A troca sobrepõe, aos laços de parentesco, os laços do vínculo matrimonial. A regra da troca torna o relacionamento entre homens e mulheres artificial, posto que, a partir de então, independe da casualidade dos encontros e da promiscuidade da vida familiar (Lévi-Strauss, 1982, pp. 188-189).

Assim, portanto, a exogamia deve ser reconhecida como um elemento importante – aliás, como de longe o elemento mais importante – daquele solene complexo de manifestações que, contínua e periodicamente, assegura a integração das unidades parciais no seio do grupo total e solicita a colaboração dos grupos estranhos. É o caso, precisamente, dos banquetes, das festas, das cerimônias de variados tipos que formam a trama da existência social. Mas a exogamia não é apenas uma manifestação que ganha espaço em meio a várias outras: as festas e as cerimônias são periódicas e, na maioria dos casos, desempenham funções limitadas. A lei da exogamia, ao contrário, é onipresente, age de modo permanente e contínuo e, além disso, envolve valores – as mulheres – que são os valores por excelência tanto do ponto de vista biológico como do ponto de vista social, e sem os quais a vida não é possível ou, quando menos, reduz-se às piores formas de abjeção (Lévi-Strauss, 1982, p. 189).

Independentemente da crítica que se possa fazer ao fato de Lévi-Strauss, em um texto publicado originalmente em 1969, referir-se às mulheres como "valores por excelência", e ainda por cima justificar esta qualificação, sua teoria a respeito da proibição do incesto é a que mostra mais coerência, até mesmo pelo fato da história nos mostrar o surgimento do casal (e portanto de algum tipo de casamento) atrelado ao surgimento da guerra, e portanto da necessidade de os homens criarem laços artificiais com seus companheiros de sexo, que também são seus inimigos "naturais". Assim, as mulheres parecem ser, novamente, (como no caso da divisão de tarefas), responsáveis por um desenvolvimento cultural sem o qual a humanidade jamais teria alcançado o estado atual de conhecimento e de relações sociais.

Segundo Lévi-Strauss (1982), haveriam grupos nos quais, durante o período de desvalorização da prole como sendo apenas "bocas a mais" para serem alimentadas, o infanticídio das meninas teria levado a não haver mulheres adultas em número suficiente para serem desposadas. Antes que a troca de mulheres – que pode se dar por "outros bens" – fosse instituída, estes grupos praticavam o rapto de mulheres para resolver este problema (p. 189).

Para Lévi-Strauss (em Badinter, 1986), o casamento monogâmico será resultado de uma "escassez" de mulheres, e não uma atitude "natural" dos homens. Esta escassez deve-se ao fato de, mesmo estando as mulheres presentes em número mais ou menos igual ao dos homens, não serem todas desejáveis, seja por motivos estéticos ou financeiros (pp. 120-121).

A IDADE DO COBRE

No início deste período (em torno de 3000 a.C.), na Babilônia (cidade da Suméria), os deuses agrários têm aspecto de homens. E da Mesopotâmia à Síria, um jovem deus agrário aparece associado ao casal divino, para depois ser absorvido pela figura do grande deus. A geração não pertence mais exclusivamente ao sexo feminino, mas necessita de um casal heterossexual para ocorrer. Nas representações do casal divino, o deus adquire cada vez mais importância e torna-se cada vez mais poderoso que sua consorte. Por volta de 2800 a.C., no Egito, surge o casal divino Osíris e Ísis. Osíris representa o espírito do grão e da água, e considera-se que ele (não Ísis) teria revelado aos seres humanos os segredos da agricultura e da irrigação. Ísis será a grande deusa da fertilidade universal (Badinter, 1986, pp. 79-81).

Ao final do III milênio a.C., na Pérsia (atual Irã), vigora tanto a poligamia quanto o casamento entre irmãos. A mulher persa deve obediência absoluta ao marido, mas é encarregada da educação dos filhos até a idade de sete anos, e das filhas até o casamento. Se a mulher casa com o consentimento dos pais, no caso do marido morrer sem deixar filhos adultos, ela é encarregada da administração dos negócios, e recebe a tutela dos filhos menores. Contudo, se uma viúva sem filhos volta a casar, deve metade dos filhos de seu segundo casamento ao marido morto (para que possam receber sua herança). E se um homem morre solteiro, a família adota uma mulher e a casa, devendo

ela a metade dos filhos ao morto – o que mostra que é possível pensar em herança para além dos laços de sangue (Beauvoir, 2000, pp. 106-107).

Neste período, a doença é vista no Egito como o resultado da luta entre o bem e o mal, ocorrida nos confins do Universo, que se impõe ao ser humano de fora para dentro. E na Babilônia os textos afirmam que as doenças são o resultado de pecados cometidos pelo ser humano – mesmo que ele negue ter cometido qualquer pecado (Schiller, 2000, pp. 127-128).

A IDADE DOS METAIS

Este período será marcado pelo início da metalurgia, pelo aparecimento de hieróglifos, pela utilização da tração animal na agricultura (charrua), pelo surgimento da roda, pela fabricação de potes industriais, e pela difusão da escrita linear. Início também do monoteísmo judeu e da hegemonia do deus macho (Badinter, 1986, p. 301).

Na Idade do Bronze, no II milênio a.C., ocorrem grades invasões, inclusive do território grego, onde se desenvolve então uma população vigorosa, com uma organização social de cunho patriarcal e gentílico. Esta civilização é fundada sobre a agricultura e composta por grande número de famílias principescas, que reinam sobre pequenas comunidades (Autor desconhecido em Os pensadores – Pré-socráticos, 1999, pp. 6-7/14).

O patriarcado não designa apenas uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno. O termo designa também toda estrutura social que nasça de um poder do pai. Numa organização como essa, o Príncipe da Cidade ou o chefe da tribo têm o mesmo poder sobre os membros da coletividade quanto o pai sobre as pessoas de sua família. A analogia é tão estreita que os governantes, de bom grado, intitulam-se "pais do povo". [...]. O sistema patriarcal mínimo é reconhecido pelo fato de que os pais trocam suas filhas por noras, com ou sem o consentimento das interessadas. Progressivamente, as mulheres vão tomando o status de bens. Elas podem ser compradas ou vendidas e tornam-se propriedade dos esposos. A característica da sociedade patriarcal, em sua forma mais absoluta, reside no estrito controle da sexualidade feminina. O adultério feminino é a obsessão dos homens. A idéia de legar seu nome e seus bens a um filho de sangue estranho causa tanto horror que as mulheres poderão sofrer as piores humilhações, para não arriscar tal ultraje (Badinter, 1986, p. 95).

A passagem da propriedade coletiva (da terra, dos bens e mesmo das mulheres e dos filhos) para a propriedade privada só ocorre quando o indivíduo passa a possuir os meios práticos, as ferramentas para exercer seu poder sobre o mundo. Antes disso, a

identidade só é possível na relação com o clã, com o totem, com a realidade coletiva. A idéia de propriedade privada só ganha sentido a partir do momento em que nasce, no sujeito, uma tendência a se afirmar como singularidade, como existência autônoma e separada. A descoberta do bronze permitiu ao ser humano o domínio sobre a natureza, e a conseqüente audácia de se enxergar como um ser singular, mas apenas porque já havia anteriormente o desejo por esta singularidade (Beauvoir, 2000, p. 76).

Por outro lado, a afirmação do sujeito não basta para explicar a propriedade: no desafio, na luta, no duelo singular, cada consciência pode tentar alcançar a soberania. Para que o desafio tenha assumido a forma [...] de uma rivalidade econômica, para que a partir daí o chefe, em primeiro lugar, e os membros do clã, em seguida, tenham reivindicado bens particulares, é preciso que se encontre no homem outra tendência original. [...] o existente só se apreende alienando-se; ele se procura através do mundo sob sua forma exterior e que faz sua. No totem, no mana, no território que ocupa é sua existência alienada que o clã encontra; quando o indivíduo se separa da comunidade, ele reclama uma encarnação singular: o mana individualiza-se no chefe e, em seguida, em cada indivíduo e, ao mesmo tempo, cada um tenta apropriar-se de um pedaço de terra, de instrumentos de trabalho, de colheitas. Nessas riquezas que são suas, é ele próprio que o homem reencontra porque nelas se perdeu; compreende-se, então, que possa atribuir-lhes uma importância tão fundamental quanto à sua própria vida. Então o *interesse* do homem pela sua propriedade torna-se uma relação inteligível (Beauvoir, 2000, p. 77).

Contudo, é impossível deduzir a opressão da mulher apenas da existência da propriedade privada. Embora a inferioridade física da mulher tenha se tornado uma inferioridade concreta com o uso das ferramentas de metal, esta desvantagem só existe dentro de uma determinada perspectiva. A divisão das tarefas por sexo poderia ser uma associação amigável, não fosse pelo fato do ser humano ter embutido, em seu desejo de transcendência, a categoria original do Outro, e o conseqüente desejo de dominação sobre este Outro, o desejo de soberania (Beauvoir, 2000, pp. 77-78).

Ainda em algumas regiões, por esta época, são concedidos às mulheres alguns direitos. Na Babilônia, comandada pelo rei Hamurábi de 1793 a 1759 a.C., são criadas novas leis, com a reunião de casos jurídicos. Esta compilação, chamada de *Código de Hamurábi*, reconhece o direito da mulher a uma parte da herança paterna. Quando a mulher casa, seu pai deve dar-lhe um dote (Beauvoir, 2000, p. 106).

Em torno de 1600 a.C., inicia no Egito a construção dos hipogeus reais e das grandes famílias, na margem esquerda do Nilo. Homens e mulheres são separados na morte (Vale dos reis, Vale das rainhas), mas há pompa em ambas as construções. No

século XV a.C., uma regente, Hatshepsut, consegue manter-se no trono egípcio, em detrimento de seu enteado e sobrinho, Tutmés III, durante mais de vinte anos, ao proclamar-se filha carnal do deus Amon (Grande Enciclopédia Larousse Cultural, 1998, vol. 9, p. 2030 e vol. 12, p. 2916⁴).

Também por esta época, as mulheres egípcias já têm a preocupação de evitar a concepção. Em tal caso, recomenda-se a aplicação, na região vaginal, de uma mistura de excrementos de crocodilo, mel, natro e alguma substância viscosa para dar liga (Beauvoir, 2000, p. 153).

Em torno de 1500 a.C. tem início a cultura védica na Índia, na qual a educação das meninas é a mesma que a dos meninos, incluindo as ciências militares, e a liberdade sexual é a mesma para ambos os sexos. Contudo, há uma hierarquia rígida a ser respeitada, na qual o brâmane (oficial dos ritos) encontra-se no alto da hierarquia, e o rei vem em seguida, com a função patriarcal de garantir a ordem social. Ocorre também a adoção das leis de Manu, que seria o "primeiro homem", pai da raça humana de cada era na Terra. A idéia da superioridade do macho na procriação, é assim afirmada: o homem estará relacionado com a semente, e a mulher com a terra. Para as leis de Manu, a mulher que se casa legalmente será como que "salva" de sua condição inferior, pois adquire as mesmas qualidades do marido – tanto que, após sua morte, ela normalmente suicida, para acompanhá-lo no "outro mundo" (Badinter, 1986, pp. 86/111).

Com a expansão do Império Egípcio pelo Oriente Médio (também em torno de 1500 a.C.), e a substituição do uso do arado de madeira pelo arado de metal na agricultura, tem início, nesta região, a sociedade patriarcal. Não se trata aqui de um patriarcado absoluto – como o que será conhecido mais tarde – mas inicia-se a "troca de mulheres", e o poder conferido aos chefes guerreiros, aos artesãos que trabalham com fogo, e aos heróis, irá levando, paulatinamente, a uma supremacia dos deuses masculinos, que acompanhará a supremacia do homem sobre a mulher. O herói é cultuado também, por esta época, em toda a Europa (Badinter, 1986, pp. 96-99).

No século XIII a.C., teria nascido, no Egito, Moisés, cuja história seria responsável por uma grande mudança na cultura humana, pois lhe são computadas a

⁴ A partir deste momento, as referências à Grande Enciclopédia Larousse Cultural irão aparecer apenas como G. E. Larousse C.

união do povo hebreu em um mesmo grupo, e a formulação dos elementos básicos da lei judaica: a Torah ou Torá – também chamada de Pentateuco – conjunto de cinco livros (*Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*) que futuramente farão parte também do Antigo Testamento da Bíblia cristã. Embora não se saiba ao certo quando esta obra surgiu, é considerada pelos religiosos judeus como a transmissão direta de ensinamentos de Deus⁵ para Moisés, contando a criação do mundo, as origens do povo judeu⁶, sua história de exílio, escravidão e fuga do Egito, além de palavras de sabedoria. Inaugurando o monoteísmo, que seria adotado entre as religiões ocidentais posteriores, este livro foi escrito por diversos autores e em vários períodos. Nele estão amalgamados religião e Estado, de tal forma que o poder religioso irá competir (se não suplantar) o poder dos governantes (Burgierman, Cavalcante & Vergara, 2001, p. 39, G. E. Larousse C., 1998, vol. 17, p. 4038 e Sarmatz, 2001, p. 45).

No *Gênesis*, quando Jeová cria Adão a sua imagem e semelhança, ele o cria não como macho, mas como um ser hermafrodita. Isto remete à idéia de que o próprio Deus era tido, nos primórdios da cultura monoteísta, como hermafrodita. Contudo, em franca contradição com a idéia de totalidade expressa pelo hermafroditismo, Adão manifesta sua sexualidade em relações com animais. Para que o bestialismo possa ser evitado, Deus decide criar outro ser igual a Adão, mesmo que isso signifique privá-lo de sua condição hermafrodita. Deus cria então Lilith – cuja história será paulatinamente abstraída da Torah e da Bíblia, de forma que dela hoje pouco se fala. Quando Adão vê Lilith cheia de saliva e sangue (provável referência à grande lubricidade da fêmea humana, que está livre do cio), afasta-se dela, para depois perceber que ela é sua companheira, da qual não pode abdicar (Sicuteri, 1987, pp. 13-28).

A existência de uma fêmea da própria espécie afasta (pela Lei) o homem da cópula com os animais, representando Lilith, desta forma, a angústia provocada pela primeira experiência de orgasmo na cópula com uma mulher. A paixão sexual afasta o

⁵ Por convenção, a palavra deus (bem como deusa), está escrita em letras minúsculas, sempre que se tratar de religiões politeístas. O termo Deus nas religiões monoteístas, cuja função é de substituição de um nome próprio (como Alá, Jeová, etc.), será por isso grafado com a primeira letra em maiúscula.

⁶ Segundo a G. E. Larousse C. (1998), a história inicial do povo hebreu só é encontrada nos livros sagrados, de tal forma que sua veracidade é questionável (vol. 17, p. 4038). Além disso, Romanini (2002), afirma que não só não há registro histórico ou arqueológico da existência de Moisés, como reinos e locais citados na migração de Abraão, ou na jornada de Moisés pelo deserto, só viriam a existir séculos depois (pp. 43/46).

homem da divindade, e a relação com a primeira mulher teria a representação de um incesto. Lilith está relacionada ao demônio, que perturba o sono do homem com o sonho erótico. Lilith é a serpente. Ao abandonar a prática sexual com os animais irracionais, o homem e a mulher devem praticar o coito frente a frente. Por isso, o amor de Adão por Lilith será, quase de imediato, perturbado por questões que ela irá levantar (por que sempre ela deve ficar por baixo, por que ela deve ser dominada por ele no sexo, etc.). Ela, então, propõe a Adão a troca de posições, que é negada, levando Lilith a partir, enfurecida. Adão, sentindo-se abandonado, dirige-se a Deus e denuncia sua companheira (Sicuteri, 1987, pp. 29-36).

Deus-Jeová, considera a partida de Lilith uma transgressão, e manda que ela volte para o marido, mas ela não obedece. Lilith acaba por assumir sua condição de demônio, e irá viver em liberdade, tentando estrangular as criancinhas recém-nascidas, e levar os homens a um abraço mortal, no sono. O próprio Deus-Jeová tê-la-ia imbuído da tarefa de possuir os homens até o oitavo dia de vida, afastando-se no momento da circuncisão, e de possuir as mulheres até seu vigésimo aniversário. A força destrutiva de Lilith, liberada, irá impedir o homem de ter paz para o resto de sua existência. Algumas interpretações do *Gênese* podem esclarecer as motivações de Lilith: os seres teriam sido criados por Deus de forma hierárquica, de modo que os últimos dominassem os primeiros. Assim, o ser humano foi criado por último, para dominar todos os outros animais – mas a fêmea desta espécie foi criada ainda depois (Sicuteri, 1987, pp. 36-40).

Se for decidido, contudo, ignorar a existência de Lilith, como o fazem os textos sagrados atuais, a história de Eva não melhorará em nada a concepção de mulher encontrada nestes mesmos textos. Eva foi feita por Deus-Jeová da costela de Adão. Ou seja, é duplamente filha do macho (principalmente se for considerado o abandono do hermafroditismo divino), estando aí o papel da mãe na procriação completamente ausente. O fato de ter vindo de Adão justificaria a inferioridade de Eva diante dele. Adão teria parido Eva como num sonho, durante o sono, enquanto ela deverá parir seus filhos na dor (Badinter, 1986, pp. 105-106).

Embora a figura de Eva seja melhor aceita, pois ela tem uma aparência bonita, e um significado de companheira que agrada mais à Lei, ela também representa o desejo sexual, que afasta o homem de Deus-Jeová. Eva levará Adão a comer do fruto da árvore

proibida, seduzida que se encontra pela serpente, trazendo a ambos a ruína e a expulsão do Paraíso (Sicuteri, 1987, p. 31).

A árvore proibida é, originalmente, a árvore do conhecimento. A fêmea foi, como já visto, responsável pelo próprio surgimento da espécie humana, a partir da cultura surgida da divisão de tarefas. Comer do fruto da árvore do conhecimento significa arrancar os seres, posteriormente humanos, do "paraíso" em que vivem os animais irracionais. Assim, a serpente/demônio/mulher sempre transgredir a Lei. Porque quer, como Lilith, igualdade sexual, ou por que quer, como Eva, conhecer o que lhe é interdito. E não importa que sua transgressão resulte no processo civilizatório: a própria cultura da qual a mulher favorece a criação será aquela que sobre ela jogará as pedras.

O *Gênese* também irá esclarecer, com a história de Abraão, que seria o escolhido de Deus para tornar-se o Ancestral do povo de Israel, que as sociedades hebraicas já viviam sob um regime patriarcal, patrilinear, patrilocal, endogâmico e poligâmico desde o século XVIII a.C. O pai⁷, assim como o Deus por ele adorado, tem todos os direitos sobre os homens e mulheres de sua casa, podendo até mesmo vender ou sacrificar os filhos. O pastoreio de animais é supervalorizado em relação à agricultura, o que não é propício à valia das mulheres. A esposa deve chegar virgem ao esposo, a mulher adúltera é apedrejada, e a viúva é entregue a um irmão do marido morto (sistema do levirato), como outro bem qualquer (Badinter, 1986, p. 103 e Beauvoir, 2000, p. 105).

Ainda na Idade do Bronze, a deusa egípcia Ísis funde-se na pessoa de Osíris, que passa a reinar sozinho. Entre os celtas, com a valorização do heroísmo guerreiro, há também uma desvalorização das deusas, que passam a ser ridicularizadas, ou mudam de sexo. Assim, o sol, que era uma potência feminina⁸ entre os celtas, passa a ser representado por um herói solar, um deus-sol que relega a deusa primitiva à representação da lua – astro de menor importância, frio, sem luz própria. As deusas teriomórficas serão menosprezadas como tendo um substrato maligno, ou substituídas por deuses análogos (Badinter, 1986, pp. 98-99).

⁷ Em todas as línguas arianas, a palavra raiz da qual deriva o termo "pai" tem apenas um significado: "possuidor" (Badinter, 1986, p. 126).

⁸ O desenho utilizado para representar o sol ainda hoje pelos astrólogos, onde um círculo pequeno está inserido dentro de um círculo maior, seria também um símbolo utilizado outrora para simbolizar o seio materno, fonte de vida, assim como o astro. Segundo a G. E. Larousse C. (1998), ainda no século VIII d.C., os japoneses cultuavam uma deusa solar, chamada Amaterasu (vol. 14, p. 3308).

Beauvoir (2000) afirma que a desvalorização da mulher pelo homem faz parte da superação dos humanos da natureza, tornando-se assim, seres sociais. Segundo esta autora, na época anterior, a mulher é prestigiada não por seu valor positivo, mas por sua fraqueza, pois está então associada às forças da natureza e seus mistérios. Com a passagem da pedra ao bronze, passando pelo cobre, o homem conquista o solo e a si próprio. Se o agricultor está sujeito aos caprichos da terra de forma passiva, o operário molda a ferramenta de acordo com seu objetivo. Pode acelerar o acabamento de uma ferramenta, mas não acelerar o amadurecimento de um fruto. Descobre seu poder, assim como descobre a causalidade na relação entre sua ação sobre os objetos, e o resultado desta ação. Com isso, a razão, a lógica e a matemática encontram espaço em sua vida. Mesmo na agricultura, a partir desta época, o homem irá buscar a superação das forças naturais: descobre como enriquecer o solo, quando plantar determinada semente, como irrigar artificialmente um pedaço de terra. Enfim, vencendo paulatinamente seus temores da natureza, e conseqüentemente da mulher, o homem apropria-se do mundo (pp. 95-96).

A Idade do Ferro inicia em torno de 1000 a.C. Mesmo com a decadência das deusas ocorridas na época precedente, a situação das mulheres celtas neste período (até a invasão da Gália pelos romanos no século I d.C.), é muito semelhante à das mulheres da Índia védica: mesma educação para meninas e meninos, incluindo as "artes bélicas", liberdade sexual, etc. A mulher escolhe seu marido, ou ao menos não é obrigada a casar com ninguém que não queira. No território irlandês, nesta época, se a esposa possui a mesma quantidade de bens do marido, encontra-se em igualdade de condições na família. Se possui uma fortuna maior do que ele, torna-se chefe da família. Em qualquer caso, os bens que traz de sua família original continuam em sua posse, podendo ela divorciar-se facilmente, levando seus pertences consigo. Contudo, na Irlanda, por esta época as mulheres escravizadas representam a moeda de troca (Badinter, 1986, pp. 86-87 e Kenski, 2002, p. 26).

No século X a.C. surgem os textos hebraicos *Salmos* e *Eclesiastes*, posteriormente componentes da Bíblia. O *Eclesiastes* fala da mulher com a mais profunda repugnância. Surge também a primeira versão do épico hindu Mahabharata, que apoia veementemente as teses androcentristas de Manu – Índia (Beauvoir, 2000, p. 105).

No século IX a.C., surgem as epopéias atribuídas a Homero, que são a primeira expressão documentada da visão mito-poética grega. A intervenção dos deuses aparece de forma definida, e determina os atos dos heróis. Os deuses homéricos são antropomórficos (mesmo quando representam forças da natureza), familiares e inteligíveis, afastando da divindade o terror do obscuro e do incontrolável (Autor desconhecido em *Os pensadores – Pré-socráticos*, 1999, pp. 7-8).

Representados por um casal heterossexual, os deuses gregos são a representação da ambigüidade homem/mulher. Ele representa o fora, ela representa o dentro. A idéia de homem permanece ligada à guerra, a idéia de mulher permanece ligada ao parto. Contudo, se o discurso grego ortodoxo desta época encerra a mulher na reprodução, separando-a do homem, ainda não há um desequilíbrio total entre ambos, mas algo que se situa entre a anarquia e o patriarcado opressivo que surgirá depois. Os poemas homéricos ainda exaltam a mulher. Não há na Grécia desta época um modelo único de casamento. Há uma multiplicidade de situações em que as mulheres podem estar inseridas, formando uma hierarquia na qual, por exemplo, os direitos de esposa e concubina não são muito diferentes. Há, tanto em Atenas quanto em Esparta, rituais de passagem baseados na inversão: para ser admitida na vida adulta, a pessoa deverá vestir-se com as roupas usadas pelo outro sexo (Badinter, 1986, pp. 85-87/134).

Aparece então a primeira versão da história de *Édipo*, a qual termina com o personagem principal mantendo seu reinado em Tebas, mesmo após a descoberta de seus atos. Após sua morte, Édipo é sepultado com honras reais, pois seus atos são considerados resultados de uma força maior – aquela dos deuses (Rosa, 1996, p. 850).

Nesta época, o proprietário mais poderoso da cidade exerce também o papel de rei e as epopéias homéricas formulam uma ética aristocrática que faz da virtude (*aretê*) um atributo da nobreza, cuja expressão ocorreria através do comportamento cortesão e do heroísmo guerreiro. Sendo esta virtude identificada à nobreza por nascimento, seria também característica dos deuses, e mesmo de determinados cavalos. A alma (*psique*) é vista como um "duplo", que pode "escapar" durante o sono, e que desprende-se completamente do corpo com a morte, não tendo nenhuma relação com o caráter ou os pensamentos do indivíduo em vigília (Pessanha, 1999, pp. 28-29).

Na Grécia Antiga, a homossexualidade masculina é aceita e idealizada. Para isto deverá, contudo, ocorrer entre um homem adulto e um jovem, que será também seu pupilo, ficando o homem mais velho moralmente responsável por seu desenvolvimento e educação (Azoubel, 1996, p. 1011).

A partir do século VIII a.C., na China, inicia a preferência por filhos homens, nos quais passa a concentrar-se a responsabilidade de manter os pais na velhice, pois somente eles têm direito à herança. A filha mulher deve casar-se, quer queira, quer não, passando então a pertencer à família do marido (documento eletrônico n.º 1).

No século VIII a.C., surgem as primeiras manifestações de arte grega. A realeza de tipo homérico desaparece, sendo substituída pelo poder de alguns poucos, privilegiados pelo nascimento e pela propriedade (os chamados *eupátridas*). A demanda de terras por parte dos mais pobres leva à fundação de cidades gregas na costa do Mediterrâneo. Este processo de colonização irá modificar as relações econômicas tradicionais, provocando a exigência de direitos políticos por parte daqueles que conseguem enriquecer com o comércio e o artesanato e, ao mesmo tempo, despertando o desejo de uma revolução social por parte dos pequenos camponeses e operários urbanos (G. E. Larousse C., 1998, vol. 12, p. 2814).

Já nesse século, o grego Hesíodo estabelece uma noção de virtude mais atrelada à moral, que deixa portanto de ser atributo conferido pelo "berço", para tornar-se uma conquista, resultado do esforço e do trabalho individual que, por sua vez, é o fundamento e a salvaguarda da justiça. Então, *aretê* passa a ser um alvo dos homens, pois que ainda mais ligada ao heroísmo, do qual as mulheres são cada vez mais excluídas. A partir de Hesíodo, a virtude passa a ser vista como algo que pode ser ensinado – mas ela não fará parte da educação das mulheres gregas. Com Hesíodo, o subjetivo é introduzido na literatura, onde, até então, o poeta era apenas o veículo anônimo das musas (Autor desconhecido em *Os pensadores – Pré-socráticos*, 1999, pp. 12-13).

Hesíodo também será responsável por traçar uma genealogia dos deuses, esboçando um pensamento racional e causal, fundado na paternidade. Os mortos passam a ser incinerados, pois a religião desvincula-se da terra-mãe, dando espaço para os

deuses luminosos. O grande deus soberano, Zeus, é masculino, centrando na ordem sua suserania patriarcal. Hesíodo defende a desvalorização das mulheres em sua *Teogonia*: a mulher seria um castigo enviado por Zeus aos homens, na forma de Pandora, que possuía uma caixinha (relacionada à vagina) que, aberta, teria espalhado entre os humanos todos os males. Pandora foi enviada como castigo pelo fato dos homens terem aceito o fogo dos deuses, roubado e a eles entregue por Prometeu. Como no Antigo Testamento, a mulher aparece associada à tomada do conhecimento pelos seres humanos. Precursora da civilização, é tida contudo como um grande mal. Hesíodo considera a mulher apenas como mais uma boca para alimentar, exigindo do homem mais sacrifícios (Autor desconhecido em *Os pensadores – Pré-socráticos*, 1999, pp. 9/12-13).

Em meados do século VIII a.C., é estabelecida, no Egito, a propriedade privada, dando início à era dos contratos. O casamento torna-se contratual, e a esposa legítima é considerada igual ao homem, com todos os bens em comum, muitas vezes tendo o direito de ser ressarcida em caso de divórcio – que é mais ou menos fácil de ser conseguido para ambos os sexos, embora existam graves penalidades contra o adultério feminino. Em outras palavras: a mulher egípcia ocupa então uma posição demasiado forte para perdê-la com a instituição da propriedade privada. A prática dos contratos restringe a poligamia, e as mulheres apropriam-se das fortunas para repassá-las aos filhos, criando uma classe privilegiada economicamente (Beauvoir, 2000, pp. 107-108).

O ano de 753 a.C. é tido como a data lendária da fundação de Roma. Quase que imediatamente, é instituída nesta região uma legislação, chamada de "Direito Romano". De acordo com esta legislação, a mulher tem o direito de interromper a gravidez, devido ao fato do embrião não ser considerado um ser humano, mas uma parte do corpo dela. Mas este direito termina quando em oposição à vontade do marido: dono do corpo de sua mulher, será ele também o proprietário do filho que este carrega. Mas a punição da mulher, neste caso, resume-se à punição por desobediência – mesmo sem o consentimento do marido, o aborto não é então considerado um crime grave (Beauvoir, 2000, p. 154).

No início do século VI a.C., Sólon, legislador ateniense, inicia reformas na lei grega, não sendo conferido nenhum direito às mulheres. Contudo, estas leis são

consideradas insuficientes para decidir as questões de direito entre os homens, e isto fará surgir regimes tirânicos em numerosas cidades. Por volta de 575 a.C., Roma cai sob o domínio dos etruscos, com um governo monárquico e aristocrático. Como entre os etruscos a filiação é uterina, é possível que, sob seu poder, os romanos transmitam a herança de forma matrilinear. Em torno de 509 a.C. é proclamada a República Romana, os etruscos são expulsos e o poder do rei passa para dois magistrados com gestão anual, mas deixando novamente os plebeus de fora das decisões políticas. Roma perde sua hegemonia na região do Lácio (Beauvoir, 2000, p. 113 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 12, p. 2814 e vol. 21, p. 5104).

O direito patriarcal se afirma em Roma, com a propriedade sendo transmitida patrilinaramente. A mulher é excluída dos negócios públicos, do "trabalho viril", e passa a ser tida como uma eterna menor. Sua parte na herança fica sob tutela. Esta tutela não passará contudo "naturalmente" para as mãos do marido, permanecendo, no mais das vezes, com o pai, de forma que, entre o poder de um e de outro, a mulher romana encontrará maior liberdade que aquela cuja herança pertence a um único senhor, dono também de seu próprio ser. A mulher romana dirige o lar, comanda os escravos, orienta os filhos, muitas vezes trabalha com o marido na agricultura, divide as preocupações com ele, e é considerada co-proprietária de seus bens. Também tem vida social: vai a festas, teatros, e é tratada com extremo respeito por onde quer que ande. A prostituição é oficialmente tolerada⁹ (Beauvoir, 2000, pp. 114-115).

O MUNDO DOS HOMENS

Como os regimes tirânicos não conseguem abalar a vontade dos cidadãos gregos de exercer seus direitos políticos, ainda ao final do século VI a.C. inicia-se, em Atenas (Grécia), a primeira tentativa de governo democrático¹⁰ em todo o mundo, vindo substituir os reinados da época anterior. Contudo, essa "democracia" é excludente das mulheres: elas não podem votar e seus filhos não são mais conhecidos pelo seu nome. Nome que, aliás, elas perderam – são reconhecidas apenas enquanto filhas ou como

⁹ Segundo Beauvoir (2000), as prostitutas deveriam conhecer, desde o início de suas atividades na história humana, os segredos dos médicos com relação a métodos contraceptivos (p.153). Se estes métodos funcionavam ou não – considerando a medicina da época – é outra questão.

¹⁰ Este regime "democrático" atingiria apenas aqueles considerados com o direito de exercer a cidadania. Nesta Atenas onde vigora a escravidão, os cidadãos se resumem aos homens adultos livres.

esposas de alguém. As deusas gregas são rebaixadas, ridicularizadas ou substituídas por deuses machos (Badinter, 1986, p. 76).

Os gregos não praticam a poligamia, talvez pelas dificuldades econômicas daí advindas. Mas a mulher casada, em Atenas, é encerrada em seus aposentos, limitada por leis severas e fiscalizada por magistrados especiais. É tratada como menor durante toda sua vida, dependente de um tutor (pai, marido, herdeiro do marido ou, em último caso, Estado). O pai dá a filha em adoção ou casamento, o marido pode ceder a outrem a esposa rejeitada, embora em caso de divórcio ela deva ser ressarcida de seu dote – divórcio este que, em circunstâncias raríssimas, ela própria poderá pedir. E seu dote será legado aos filhos, não sendo assim um bem adquirido por filiação, embora garantida que ela possa voltar para a tutela do pai – se ele for vivo no caso dela tornar-se viúva – ao invés de ter que se submeter aos herdeiros do marido (Beauvoir, 2000, pp. 108-109).

Há também, na Grécia desta época, a lei do epiclerato: no caso do pai morrer sem deixar filhos homens, sua "herdeira" é obrigada a casar-se com o mais idoso dos parentes paternos, para que passe a herança para os filhos. Mas, na Grécia, além das mulheres "livres" há as escravas, e há também as prostitutas, o que faz com que a poligamia não seja absolutamente necessária. O trabalho das prostitutas em templos, cuja renda reverte aos sacerdotes – primeiros cafetões da história – já é então bastante comum, não só na Grécia mas em vários países. Neste século, contudo, o lucro da prostituição passará ao Estado grego, que compra escravas asiáticas, instalando-as principalmente nas regiões portuárias. Há também cortesãs livres, algumas muito valorizadas, e que conseguem, de alguma maneira, enriquecer (Beauvoir, 2000, pp. 109-111).

Na virada do século VI para o século V. a.C., Atenas atinge seu apogeu, tanto em termos bélicos quanto em termos culturais, conquistando a hegemonia sobre todo o território grego. Desenvolve-se o estudo da música, da gramática, da filosofia, da ciência, do culto do corpo. Surgem grandes escritores e grandes artistas. Os primeiros filósofos ("amigos da sabedoria") gregos – entre eles Heráclito, por exemplo – consideram que o ser humano pode ser explicado pelo mesmo substrato que esclareceria a existência de todos os seres. Se tudo é constituído de água, fogo, ou átomos, o ser humano também teria nestes elementos a base de sua realidade (física, psíquica e

moral). Em outras palavras: a ética se insere na cosmologia. A alma é vista como uma parte do todo: porção do ar infinito que habita o corpo, dando-lhe vida temporariamente até escapar na hora da morte, ou uma porção de fogo a aquecer e animar o corpo temporariamente, até juntar-se ao Fogo-Razão, ou ao *Logos* universal com a morte física (Pessanha, 1999, pp. 19/29-30).

Com a democracia, a importância da oratória torna-se fundamental, o que leva à necessidade de professores para preparar os indivíduos para a vida pública. Para atender a esta demanda, acorrem para Atenas os sofistas ("sábios"), que negam a possibilidade humana de desvendar a natureza, e fundamentam todo o conhecimento na convenção (sensação). Negam a verdade absoluta e ameaçam a moral tradicional e as normas de conduta vigentes. Os sofistas vão tentar desvincular o ser humano da natureza, conferindo-lhe autonomia – mas seu humanismo é ateu (Pessanha, 1999, pp. 20-21).

O filósofo Sócrates (470-399 a.C.) irá contrapor-se aos sofistas atenienses do século V a.C. com um humanismo de base religiosa, que não visa à definição de conceitos, mas à "elevação da alma" do interlocutor – ao despojar-se de suas "verdades", iniciando assim, um processo de autoconhecimento. Sócrates não considera o conhecimento humano como o resultado da criação, a partir das sensações, de significados para as palavras, mas pensa que este significado deve emanar da própria alma (*psique*) do indivíduo, que seria a sede da consciência e do caráter, a realidade interior que se manifestaria mediante palavras e ações, sede do bem e do mal, da sabedoria e da ignorância, devendo por isso ser o principal objeto de preocupação humana. Para Sócrates, virtude (*aretê*) é conhecimento, mas conhecimento enquanto ciência (*episteme*), não podendo portanto ser ensinado, mas apenas adquirido através do autoconhecimento, em cujo caminho se propõe a ser um facilitador, escolhendo seus "discípulos" não por sua situação sócio-econômica (como os sofistas), mas sim por suas "condições psíquicas" para submeter-se a seu método (*maiêutica*). Assim, além de criar uma nova concepção de alma, que passaria a dominar a tradição ocidental, Sócrates representa um perigo para a "democracia" ateniense, ao questionar os direitos da classe dominante (Pessanha, 1999, pp. 23-27).

Em 500 a.C., Pitágoras de Samos, filósofo e matemático grego, afirma que a reprodução depende de uma "mistura de sêmens" do macho e da fêmea. Esta é,

possivelmente, a primeira afirmação que irá conduzir, paulatinamente, ao modelo de sexo único. Posteriormente, o grego Hipócrates (460-377 a.C.) irá dar início ao desenvolvimento da medicina científica ocidental, ao privilegiar a razão e a observação da natureza em detrimento das explicações sobrenaturais comuns na época. A saúde, para Hipócrates, será a existência de um equilíbrio entre os fluídos orgânicos, ou humores – sangue, fleuma, bile amarela e bile negra – entre os quais estabelece uma série de relações, como por exemplo, com as quatro qualidades primárias: quente, frio, seco e úmido. A doença seria então resultado de um desequilíbrio humoral, mormente um excesso de bile negra (Schiller, 2000, pp. 21-22/92).

Quanto às diferenças ou semelhanças entre homens e mulheres, Hipócrates considera que o "esperma", tanto dos homens quanto das mulheres, pode ser "forte" ou "fraco". Quando os pais emitem "esperma fraco" na concepção, nasce uma menina, e quando o "esperma" é "forte", um menino. Ainda quanto aos fluídos sexuais, o esperma do homem é primeiramente refinado no sangue, passa para o cérebro, vai para os rins através da medula, dos rins vai para os testículos, de onde entra no pênis. O sangue menstrual é tido como o excesso ou resíduo de alimentos (como a urina e as fezes), por isso as mulheres grávidas e as que amamentam não menstruam: precisam do excesso de alimento para o feto ou o leite. Da mesma forma, o sangue das hemorróidas, ou o sangramento nasal, é considerado como a eliminação de "excedente de nutrientes", ocorra em homens ou mulheres. Em outras palavras, a fisiologia sexual, em Hipócrates, mistura-se aos outros processos fisiológicos, comuns a ambos os sexos. As bases para a idéia de um sexo único já estão, então, lançadas (Laqueur, 2001, pp. 51-54).

Se Hipócrates considera a mulher capaz de "emitir um esperma forte", considera-a, contudo, como constituída de um esperma fraco. A concepção de uma filha mulher seria, portanto, a consequência de uma espécie de "erro da natureza", ficando, com isso, claramente delimitada sua menor valia. O modelo de sexo único está baseado, necessariamente, em uma concepção hierárquica. O macho corresponde à perfeição, e a fêmea será um projeto "mal terminado".

Vale ressaltar que, por esta época, acredita-se que a histeria¹¹ é o resultado do "deslocamento" do ventre (útero) para a cabeça, o que provocaria convulsões. Esse deslocamento seria provocado pelo desejo de ter um filho ou pela insatisfação sexual – tanto faz, se for considerada a idéia de que o orgasmo é necessário à reprodução (Birman, 2001, p. 85).

No mesmo período, acredita-se também que as contrações do orgasmo "fecham" o ventre da mulher. Assim, se ela "ejacula" precocemente, as sementes ainda não estarão misturadas e não haverá concepção (Laqueur, 2001, p. 64).

Paralelamente ao surgimento da filosofia ocidental e da medicina "científica", a Grécia também irá ser o espaço de nascimento das tragédias, fundadas na busca do entendimento da ligação entre as maldições que atingem as linhagens familiares. As tragédias denunciam que há paixões humanas que escapam ao domínio da razão. Sófocles (496-406 a.C.) é tido como um dos maiores dramaturgos trágicos, e sua obra mais célebre é *Édipo rei* (Schiller, 2000, pp. 21-22).

A tragédia de Sófocles, uma revisão daquela da época homérica, é consequência direta da chegada do direito em Atenas, da necessidade de distinguir o crime voluntário do crime escusável – característico do período anterior. É o momento do desenvolvimento da noção de responsabilidade. Com isso, o Édipo de Sófocles será proscrito de Tebas, e sentirá sobre si, acima de tudo, o peso da própria culpa (Rosa, 1996, p. 850).

A partir do século V. a.C., o patriarcado tomaria conta, paulatinamente, de todas as sociedades civilizadas:

[...] o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino (Beauvoir, 2000, p. 97).

¹¹ Conforme o Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI (1999), a palavra histérico (a) vem do grego *hysterikós*, que significa "referente ao útero". Considerando o étimo da palavra, bem como a etiologia da doença defendida nos tempos de Hipócrates, esta doença esteve, desde sempre, relacionada às mulheres – embora, como será visto no capítulo seguinte, esta restrição da histeria ao sexo feminino não vá ocorrer na psicanálise, na qual a histeria é definida como uma classe de neuroses que apresentam sintomas diversos e atingem tanto homens como mulheres (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 211).

No regime estritamente patriarcal, a mulher é considerada acima de tudo como um ventre, cuja função principal é trazer filhos legítimos para a "casa" do marido. A mulher é excluída da sucessão paterna e, vendida ao marido, não tem direito aos seus bens, nem aos próprios filhos, que não são considerados como seus. Somente razões de ordem econômica limitam a poligamia, mas da mulher se exige uma castidade rigorosa, que garanta o processo de sucessão. Se a fidelidade da mulher tem como primeira finalidade proteger a herança do homem, a possibilidade de sua desobediência torna-se uma obsessão. Surgirão, em épocas e lugares diversos, os haréns protegidos, o cinto de castidade, a clitoridectomia e, por todo lado, a repressão. O adultério das mulheres será severamente condenado, em algumas civilizações com a morte (Badinter, 1986, pp. 126-128 e Beauvoir, 2000, p. 103).

No século V a.C., em Atenas, ocorrem graves conflitos sociais, com o povo – privado de suas terras e tendo como concorrência de seu trabalho o dos escravos – opondo-se à minoria de grandes proprietários de terra, e aos ricos comerciantes e manufatureiros. Os filósofos questionam a lei cívica. Sócrates é condenado à morte em 399 a.C. Seu discípulo Platão, escreve em seguida uma série de obras, a maioria contestando a condenação de Sócrates. Em uma delas, *A República*, afirma não existirem diferenças sociais naturais entre homens e mulheres, minimiza as diferenças de suas capacidades reprodutivas, e defende uma igual educação, assim como uma igual participação para ambos, tanto no Governo quanto na ginástica e também na guerra (G. E. Larousse C., 1998, vol. 12, pp. 2814 e Laqueur, 2001, pp. 67-68).

Em 387 a.C., Platão funda uma "escola de filosofia" em Atenas: a *Academia*. Aristóteles de Estagira (Macedônia), chega a Atenas em 367 a.C., e ingressa na *Academia*. Em 347 a.C., morre Platão, e Aristóteles deixa Atenas, vivendo em outras cidades até que, em 343 a.C., é chamado por Filipe II (rei da Macedônia) para ser preceptor de seu filho Alexandre. Em 338 a.C. Filipe II torna-se senhor da Grécia. Morre em 336, sendo então sucedido por seu filho, Alexandre, o Grande. Em 335 a.C., Aristóteles retorna a Atenas, onde funda o *Liceu* (Autor desconhecido em *Os pensadores – Aristóteles*, 1999, p. 29).

Em 332 a.C., Alexandre toma o poder no Egito. Os soberanos gregos e macedônios tornam-se os sucessores dos faraós, mantendo a titulação, o vestuário e o calendário tradicionais e, freqüentemente, o costume de casar com as irmãs, para evitar problemas de sucessão. Os nativos são afastados de todos os cargos importantes, e os gregos exploram as riquezas do país em seu benefício. Além disso, para evitar o favorecimento econômico dos nativos, as mulheres, então responsáveis pela transmissão de fortunas, são proibidas de alienar seus bens sem a autorização do marido. Assim, finalmente as mulheres egípcias são relegadas à condição de menores, como já vinha ocorrendo com as de outros países há muito tempo (Beauvoir, 2000, p. 108).

UM SÁBIO DE ESTAGIRA, CUJA CABEÇA SUSTENTA AINDA HOJE O OCIDENTE¹²

Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.) não seria apenas preceptor de Alexandre, o Grande, mas o criador de um tipo de lógica que até hoje influencia grandemente o pensamento ocidental, e o autor do primeiro tratado de anatomia e fisiologia animal comparada, definindo claramente, no século IV a.C., os argumentos para o modelo de sexo único e para a hierarquia notória entre o homem e a mulher. Após desenvolver a teoria das quatro causas – material, formal, eficiente e final – Aristóteles afirma que, na geração, caberia à mulher a causa material e, ao homem, a causa formal. A causa final aristotélica da perfeição é o calor. O homem é superior à mulher devido à maior quantidade de calor que possui em relação a ela. A mulher menstrua porque é mais fria que o homem, tendo mais oportunidade de produzir um "excesso de nutrientes" (Birman, 2001, p. 37 e Laqueur, 2001, p. 44).

O homem seria o responsável, na concepção, pela transmissão da humanidade propriamente dita: a forma, a causa formal, seria o *ato*, o portador da marca ou do princípio divino. A mulher, enquanto matéria, esperaria passivamente para ser engendrada. Daí se faz a relação entre homem/atividade/superioridade e entre mulher/passividade/inferioridade. Há uma só "semente", com uma diferença radical entre o material gerador do homem e o da mulher: os homens produzem *sperma*, causa eficiente da geração, e as mulheres não. Os homens, e os machos "sangüíneos" em

¹² Da música *Alexandre*, de Caetano Veloso.

geral, emitem uma substância branca (por ser uma espuma composta de bolhas invisíveis) e espessa (por ser um composto de água e respiração – *pneuma*). A ejaculação é apenas o veículo da causa eficiente, o esperma, que atua como um relâmpago invisível. O esperma some ou evapora-se na mulher, entrando no que tornaria o corpo do embrião, da mesma forma que qualquer agente ativo entra numa matéria passiva. Além disso, se a concepção é resultado exclusivo da "semente" masculina, o orgasmo da mulher é totalmente irrelevante para a geração (Birman, 2001, pp. 37-38, Laqueur, 2001, pp. 44).

Ao afirmar que cabe ao homem a transmissão da humanidade na concepção, Aristóteles na verdade afirma que a manutenção da espécie humana depende exclusivamente dos homens. À mulher resta a transmissão da matéria, desprovida de forma e de razão, pois ela só ofereceria o lugar para a geração e uma matéria bruta (na concepção da época a menstruação), desprovida do calor necessário para a formação da vida. Já que dispõe do lugar para a geração (o útero), se a mulher possuísse a mesma alma que o homem ela engendraria sozinha (Badinter, 1986, pp. 109-110).

Com estas afirmativas, os homens desvencilham-se definitivamente do "império da feminilidade", que sempre esteve atrelado à fertilidade. Relegada a um papel menor na procriação e às tarefas domésticas, desde sempre tidas como menos importantes, ao perder seu valor prático e seu prestígio místico, a mulher passa a ser vista desde então como uma serva (Beauvoir, 2000, p. 100).

[...] deve haver união entre os elementos que não podem subsistir uns sem os outros; por exemplo, homem e mulher, uma vez que a espécie precisa continuar (e esta é uma união formada não pela escolha, mas pelo desejo, implantado pela natureza, porque, em comum com outros animais e plantas, a humanidade tem o impulso natural de propagar-se) e ambos precisam ser preservados de acordo com um mecanismo e um motivo naturais (Aristóteles, 1999, p. 144).

Aqui, Aristóteles afirma que o desejo sexual entre homem e mulher – ou, mais especificamente, o desejo do homem pela mulher – é fruto exclusivamente do instinto de perpetuação da espécie. Pudessem os homens escolher, com certeza não encontrariam nas mulheres as parceiras ideais para o coito.

Ao ser destituída de toda sua valia, a mulher transmitirá doravante (mais do que já ocorria anteriormente) esta desvalorização às filhas que vier a ter. Assim, ainda que para Aristóteles o homem engendre o homem e também a mulher, esta última é

considerada um desvio genético, um monstro. A responsável por tal monstruosidade será, sem dúvida, a mãe. A fêmea não passa de um macho mutilado, uma falha no princípio masculino (Badinter, 1986, pp. 110-111).

Esta apropriação pelo pai do poder de procriação estender-se-á para muitos lugares e continuará afetando a mentalidade das sociedades primitivas de tipo patriarcal do século XX¹³. Em algumas destas sociedades, o ventre da mãe é assimilado a um barco, a um lugar de passagem para o feto; em outras, acredita-se que o pai coloca um ovo no interior da mulher; outras sociedades serão ainda mais radicais, negando todo o parentesco entre a mãe e o filho¹⁴ (Badinter, 1986, pp. 112-113).

Nas criaturas vivas [...] é que primeiro observamos o preceito despótico e o preceito constitucional: a alma rege o corpo com regras despóticas enquanto o intelecto rege os apetites com regras estabelecidas e reais. E é claro que o domínio da alma sobre o corpo, assim como o da mente e do racional sobre as paixões, é natural e conveniente, ao passo que a equidade entre ambos, ou o domínio do inferior é sempre doloroso. O mesmo aplica-se aos animais em relação ao homem; os animais domésticos têm melhor natureza do que os selvagens e todos os animais domésticos são melhores quando dirigidos pelo homem; por isso são preservados. Do mesmo modo, o homem é superior e a mulher inferior, o primeiro manda e a segunda obedece; este princípio, necessariamente, estende-se a toda a humanidade (Aristóteles, 1999, pp. 150-151).

¹³ E com certeza ainda no século XXI. Vale lembrar que, no Brasil, que não pode ser chamado de "tribo primitiva", ainda no século XXI, é com extrema naturalidade que os livros e os médicos aconselham aos pais, ao responder às crianças quando perguntam "de onde vêm os bebês", dizer que o "papai coloca uma sementinha dentro da mamãe". Não costuma ocorrer sequer às mulheres questionar esta falácia, e acrescentar que, para germinar, esta "sementinha" deverá encontrar-se com uma "outra sementinha", que já se encontra dentro da mamãe. O óvulo parece fazer parte apenas de explicações mais científicas, mas no imaginário, a mulher ainda não passa de um receptáculo para o poder criador do homem.

¹⁴ Em vários lugares e em variadas épocas, os homens vão mais longe em sua tentativa de substituir as mulheres na procriação, ao praticar o *couvade*, ritual no qual o pai recebe uma série de cuidados ao nascimento de um filho, enquanto a mãe levanta imediatamente para tratar de suas tarefas, sendo ignorada pelo resto da comunidade. O pai simula uma ou várias etapas da maternidade. Em outras tribos, há rituais de iniciação para os meninos, em que é simulado um renascimento, desta vez através dos homens. No Pacífico, em algumas tribos, os rapazes são "raptados" por seus parentes mais velhos, e levados para uma casa onde se finge que foram mortos e levados pelo demônio, e depois foram devolvidos, mediante a intercessão dos sacerdotes. Os homens mantêm o segredo da pantomima para as mulheres, repetindo assim os segredos que cercam o parto. Em tribos da Nova Guiné, em que a mulher enfraquecida pela menstruação ou pelo parto é "alimentada" com esperma, este "tratamento" também será dado aos rapazes, em um ritual iniciático. Assim, os rapazes deverão praticar sexo oral (e engolir o esperma) em outros rapazes mais velhos, ainda virgens – de forma que não se leve para sua boca a "poluição" da vagina, presente nos pênis dos homens que mantêm relações habituais com mulheres. Se as mulheres são capazes de parir tanto meninas quanto meninos, os últimos só tornar-se-ão homens ao serem "renascidos" por outros homens (Badinter, 1986, pp. 113-119).

Aristóteles critica duramente a "dominação espartana pelas mulheres". Se não é possível chegar a tanto, no sentido de imaginar uma dominação, sabe-se que as mulheres de Esparta, por esta época, onde prevalece um regime comunitário, sem propriedade privada, são tratadas em condições de igualdade com os homens. As meninas são educadas como os meninos, a esposa permanece em sua própria casa, onde recebe "visitas noturnas" esporádicas do marido, podendo inclusive, em nome da eugenia, ter filhos com outros homens, sem sofrer admoestações, pois todos os filhos pertencem à cidade (Beauvoir, 2000, p. 109).

Embora Aristóteles (como filósofo) insista em dois sexos, ao afirmar que a característica distinguível da masculinidade é imaterial, e ao acabar com as distinções orgânicas entre os sexos (como naturalista), termina por definir a carne como algo que pode ser classificado, diferenciado e ordenado conforme exigido pelas circunstâncias. Para Aristóteles, a idéia de que o macho é ativo, e contribui com a forma para a geração, e que a fêmea é passiva, e contribui com a matéria para a geração, são fatos inquestionáveis, verdades "naturais". Já as diferenças básicas sexuais – ter pênis ou "vagina"¹⁵, ter testículos ou "ovários", ter ou não ter "útero", são vistas por Aristóteles como dados contingentes à espécie (Laqueur, 2001, p. 44).

É claro que Aristóteles é capaz de diferenciar o homem da mulher a partir de seus corpos, e não considera acidental que cada um desempenhe um conjunto de papéis diferente do outro. Mas considera tanto a divisão de trabalho quanto a atribuição específica de papéis como "naturais", como ordenados pela "vontade divina", ou seja, os papéis não estão relacionados ao corpo, a forma *não* segue a função – basta ver a idéia, por ele defendida, de que o tamanho do pênis é inversamente proporcional à capacidade de reprodução, porque o sêmen, em um homem de pênis grande, leva mais tempo para atingir o objetivo, com isso esfria, e o sêmen frio não gera¹⁶. Quanto aos testículos, sua função não é a produção de sêmen, mas a de "incliná-lo" (como uma espécie de peso) os

¹⁵ As palavras vagina, ovário, etc., demoraram muito para aparecer. Por um longo tempo, eram utilizados para estas partes do corpo da mulher os mesmos termos que os utilizados para as partes do corpo do homem. Ou seja, a denominação usada para os ovários por exemplo, era a mesma utilizada para os testículos, sendo necessário deduzir, pelo contexto, a qual deles se fazia referência (Laqueur, 2001, p. 120).

¹⁶ Vale lembrar que, na época, os pênis grandes eram considerados cômicos e próprios dos sátiros (Laqueur, 2001, p. 47).

canais ejaculatórios, evitando assim que fiquem emaranhados (Laqueur, 2001, pp. 44-47).

Além disso, Aristóteles afirma que os órgãos masculinos são semelhantes aos femininos, com a diferença da mulher possuir um ventre (útero), que os homens aparentemente não têm (embora ele compare o ventre à bolsa escrotal). A mulher possui um tubo como o pênis do homem, localizado porém dentro do corpo, com um orifício, colocado acima do lugar por onde urina, pelo qual aspira o sêmen. Por último, é preciso considerar que Aristóteles, apesar de perceber os corpos do homem e da mulher como adaptados a seus papéis particulares, não vê nesta adaptação um sinal de oposição sexual: a oposição era vista apenas na biologia reprodutiva (Laqueur, 2001, pp. 47-48).

Com base nos ensinamentos de Aristóteles, o anatomista Herófilo da Alexandria, encontra-se tão preso ao modelo de sexo único que conclui, no século III a.C., através do seu estudo de cadáveres dissecados, que as trompas de Falópio (chamadas de "canais ejaculatórios femininos"), ligam-se à bexiga, como nos homens. Se homens e mulheres pertencem a um único sexo, com graus hierárquicos diferentes apenas, Herófilo tentará levar esta percepção às últimas conseqüências (Laqueur, 2001, pp. 16/42).

UMA TRINDADE SEM MÃE

Em 31 a.C., Roma conquista o Egito, após a queda de Cleópatra VII – última soberana importante da dinastia greco-macedônica neste país. Após duas tentativas de triunvirato, o poder em Roma passa para um único senhor, que receberá doravante o título de Augusto – cujo caráter divino lhe daria uma autoridade superior ao Senado. Assim, o Império Romano é reinstituído em 27 a.C. (G. E. Larousse C., 1998, vol. 21, pp. 5104-5105).

No intuito de tirar a força dos grandes patriarcas, o poder central romano irá melhorar a condição de vida das mulheres, que passam então a ter como herdeiros os filhos – a mãe fica em pé de igualdade com o pai, e as filhas passam a ter o mesmo direito de herança que os irmãos. Mas o próprio Estado romano colocará várias restrições legais – e portanto civis – para as mulheres. Como não há mais limites práticos para a mulher enquanto filha, esposa e irmã, os homens passam a justificar sua incapacidade civil pela inferioridade de seu sexo – que seria imbecil, mais frágil, etc. A

independência econômica, apartada da capacidade política, fará com que, neste e no próximo século, as mulheres romanas protestem por seus direitos de todas as formas possíveis (Beauvoir, 2000, pp. 115-116).

Jesus de Nazaré teria nascido no ano 6 a.C., e teria sido crucificado no ano posteriormente instituído como 30 d.C.¹⁷ – em torno dos 36 anos, portanto. Com o nascimento do cristianismo, e especialmente com sua difusão, a mãe de Jesus, Maria, passa a ser venerada. Vale lembrar que a história de Jesus não lhe confere um pai carnal, sendo José considerado da mesma forma que os pais primitivos – tendo Maria sido engendrada por um espírito. Se Eva causou a perda da humanidade, Maria contribui para salvá-la, devolvendo às mulheres parte de sua honra. É este o modo como a mentalidade popular tentará recuperar sua deusa-mãe, suprimida pela sociedade patriarcal. Contudo, os apóstolos e os outros patriarcas do cristianismo irão colocar Maria na posição de uma exceção de virtude entre as mulheres. Irão conferir-lhe valor não por sua liberdade frente ao homem, mas por sua abnegação, sofrimento e dedicação ao filho. Desde o início, o cristianismo terá um grande chefe do sexo masculino, intitulado papa, que seria o vigário de Cristo na Terra (Badinter, 1986, pp. 103-104 e Burgierman & cols., 2001, p. 39).

Ao final do século I, com o aparecimento do Novo Testamento, a Bíblia cristã estaria completa. O Novo Testamento, escrito em grego, compreende os quatro *Evangelhos* (a doutrina de Cristo), os *Atos dos apóstolos*, cinco *Epístolas* (cartas ou lições dos apóstolos), e o *Apocalipse*. "Justifica-se", na Bíblia, tanto no velho como no novo testamento, a submissão da mulher ao homem: ela teria sido criada a partir do homem e para o homem, por isso, da mesma forma que a Igreja deve estar submetida a Cristo, a mulher deve estar submetida ao homem. Com a máxima "Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus", o Novo Testamento irá tentar – inutilmente – separar doravante a questão divina dos conflitos de poder do Estado (Beauvoir, 2000, p. 118 e Sarmatz, 2001, p. 45).

¹⁷ A partir desta parte do texto, não será mais utilizada a abreviatura d.C. para significar que se fala de uma data "depois de Cristo", ficando isto subentendido.

PORQUE ÉS O AVESSE DO AVESSE DO AVESSE...¹⁸

Cláudio Galeno, médico grego do século II, aponta o erro do anatomista Herófilo (que afirmara no século III a.C. que as trompas de Falópio ligam-se à bexiga), mas utiliza os resultados de suas dissecações no desenvolvimento de um modelo de identidade estrutural dos genitais do homem e da mulher, no qual demonstra que as mulheres são, em essência, homens. Segundo ele, a falta de "calor vital" (considerada característica do ser perfeito – o homem), é responsável pelo fato da genitália da mulher ser interna, e não externa. Nesta estrutura, a "vagina" é vista como um pênis interno, os "lábios" como o prepúcio, o "útero" como o escroto e os "ovários" como os testículos – a diferença é que os "ovários" não se encontram dentro do escroto, como os testículos do homem. O inverso também está garantido, pois ao virar o "útero" ao contrário e colocá-lo para fora, os "ovários" ficariam dentro dele, como se o "útero" fosse o escroto. E a "vagina", projetada para fora, tornar-se-ia um pênis (Laqueur, 2001, pp. 15/42).

Para Galeno, o homem e a mulher contribuem para dar vida à matéria, mas a "semente" da mulher é menos potente e menos "informativa" que a do homem, em função da natureza da mulher – o que "significa" ter "semente mais fraca", incapaz de procriar, decorrência de seus prováveis "testículos" menores, que geram sêmen mais frio e mais úmido, resultante da deficiência de calor. Assim, a diferença das sementes decorre da suposta hierarquia entre os sexos. O homem é mais perfeito que a mulher porque tem "excesso de calor", o que faz com que sua semente seja mais quente e mais espessa que a da fêmea, e que o pênis seja saliente e não subdesenvolvido dentro do corpo, como o útero. Possivelmente por não haver ainda uma compreensão da vagina, os pensadores variam a correlação entre pênis/vagina e pênis/útero, sendo o útero também correlacionado ao escroto, tudo ao mesmo tempo (Laqueur, 2001, p. 55).

Segundo Galeno, portanto, as mulheres também produzem "sêmen", uma verdadeira semente geradora, senão não teriam "testículos", nem o desejo do coito. Mas sua "semente" é mais fraca, pois se fosse tão potente quanto a masculina, as mulheres seriam homens e a natureza desnecessariamente estaria misturando duas "sementes" iguais. Se a "semente" da mulher fosse tão forte quanto a do homem, e não precisasse ser misturada, não haveria necessidade de homens. Galeno desenvolve também uma

¹⁸ Da música *Sampa*, de Caetano Veloso.

"neurologia" comum do prazer: o pênis e o colo do útero são ricamente dotados de nervos, por "precisarem de sensação" durante a relação sexual, enquanto os testículos, o escroto e o útero, não. Ou seja, para Galeno, a mulher necessita ter prazer durante o ato sexual, senão não irá gerar. No modelo de sexo único, estando a ejaculação tão associada ao orgasmo no macho¹⁹, pensa-se que a fêmea também deve ter prazer, ou não haverá a possibilidade de concepção (Laqueur, 2001, pp. 15/58-59).

O físico Soranus, também no século II, escreve um manual intitulado *Ginecologia*, onde afirma que a mulher, para poder conceber, deve estar com "apetite sexual" e, além disso, bem alimentada, para que suas necessidades sexuais não se desviem em função da fome. Deve também estar sóbria. Afirma também que as mulheres menstruam menos no verão, porque então suam mais, eliminando assim uma parte de seu "excesso de nutrientes", de forma a não precisar eliminar uma quantidade muito grande na menstruação. Quanto ao fato da mulher obter ou não prazer no ato sexual, pensa que é indiferente à concepção (Laqueur, 2001, pp. 65-66).

Pode-se dizer que, nesta época, ser homem ou mulher não está relacionado com o corpo, com o sexo biológico, com o real, com o fato de ser organicamente um ou outro de dois sexos incomensuráveis, mas com a posição social, o papel cultural, o comportamento. O corpo de sexo único não tem fronteiras aparentes que definam a condição social. Os teóricos do sexo único acreditam piamente na possibilidade de inversão sexual biológica: os homens que se associam intensamente com mulheres, por exemplo, podem "regredir" para sua conformação corporal. Há mulheres hisurtas, viris, "quentes demais" para procriar e tão valentes quanto os homens, assim como há homens efeminados, "frios demais" para procriar, e alguns ainda mais femininos que desejam ser penetrados. Também não há seleção do objeto pelo desejo – o corpo de um homem irá reagir sexualmente tanto à visão de uma mulher, quanto de um jovem atraente (Laqueur, 2001, pp. 19/66).

Porém, quando a honra e o status estão em jogo, o desejo pelo mesmo sexo é considerado perverso, mórbido e completamente repugnante. Escreveu-se muito

¹⁹ Freud (1970a) provavelmente foi o primeiro a perceber e a afirmar (em 1912), que a potência e a ejaculação não estão necessariamente relacionadas ao prazer (p. 168). Apenas ao final do século XX, outros estudiosos da sexualidade começariam a perceber que a ejaculação não corresponde, necessariamente, à obtenção de um prazer real pelo homem, levando este conhecimento para um número maior de pessoas. Assim, a possibilidade de fingir o orgasmo começa a deixar de ser vista como um "privilégio" das mulheres.

mais sobre sexo entre homens que entre mulheres porque as conseqüências sociais e políticas imediatas do sexo entre homens eram potencialmente muito maiores. Já o sexo entre mulheres tinha relativamente pouca conseqüência. Mas fosse entre homens ou entre mulheres, a questão não é identificar o sexo, mas a diferença de status entre os parceiros e precisamente quem faz o quê. O homem ativo, o que penetra no coito anal, ou a mulher passiva, a que se deixa esfregar, não ameaçavam a ordem social. O parceiro fraco, efeminado, é que tinha problemas profundos, em termos médicos e morais. [...]. Por outro lado, havia a [...] mulher que fazia o papel do homem, que era condenada [...] considerada vítima de uma imaginação doentia e com sêmen excessivo e mal direcionado. [As ações destes homens e mulheres] eram anormais, não por violarem a heterossexualidade natural, mas por representarem – literalmente personificarem – as reservas radicais culturalmente inaceitáveis de poder e prestígio (Laqueur, 2001, p. 67).

Disso tudo é possível deduzir que, no mundo de sexo único, o gênero (ou seja, a forma culturalmente elaborada da diferença sexual, manifesta nos papéis e *status* atribuídos a cada sexo) é real, enquanto o corpo, o sexo biológico, é epifenômeno. O sexo é uma categoria sociológica, e não ontológica (Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI, 1999 e Laqueur, 2001, p. 19).

EM NOME DE DEUS

Ainda no século III, o Egito torna-se cristão. Na virada para o século IV, há uma recuperação da ordem e do equilíbrio em Roma. Constantino I, imperador romano de 306 a 337, ao perceber que o cristianismo havia se tornado a crença mais popular no Império, proclama em 313 o "Édito de Milão". Com o lema "um Deus no Céu, um Imperador na Terra", ele garante a liberdade de culto. Em 380, o imperador Teodósio I determina por lei que o cristianismo será doravante a religião oficial do Império Romano, e proíbe os cultos pagãos – proibição que passará a vigorar na Grécia no ano seguinte. A partir deste momento, o papa será eleito pelo clero romano, pelo povo e pelos bispos da província, que ratificam a escolha dos primeiros (G. E. Larousse C., 1998, vol. 21, p. 5107).

É então instituído o "Direito Canônico", conjunto de leis estabelecidas pela Igreja, no qual o casamento é considerado como uma concessão à debilidade da alma humana, incompatível com a perfeição cristã. Assim mesmo, o casamento só é admitido desde que dentro de um regime dotal que torne a mulher uma eterna dependente: os ofícios "viris" lhe são proibidos, e ela não poderá depor nos tribunais (Beauvoir, 2000, p. 119).

A defesa da virgindade pelo cristianismo levanta a possibilidade de uma relação com o corpo considerada até então prejudicial à saúde. As experiências sexuais, para esta nova visão cristã, são resultado não de um "calor" incontrolável do corpo, mas da perda da pureza, da alienação da alma em relação a Deus, com a conseqüente alienação da vontade. O "calor" e o prazer permanecem uma parte inseparável da procriação – mas o "calor" já é conseqüência da alienação da vontade. E se é inevitável que algumas pessoas continuem tendo relações sexuais, para assegurar a perpetuação da espécie, que isto seja feito da forma mais ascética possível, pois desejo e prazer serão doravante sinônimos de pecado (Laqueur, 2001, pp. 73-74).

Esta relação entre sexo e pecado inaugurada pelo "Direito Canônico" levará paulatinamente a uma relação confusa entre Eva e o fruto da "árvore proibida". O "pecado original" deixa de ser visto como a absorção, pelos seres humanos, do conhecimento – que seria restrito a Deus, estando este pecado relacionado portanto à *hybris* – para passar a ser o sexo. Se, no texto bíblico, Adão e Eva "perceberam que estavam nus" e cobriram seu corpo (ou passaram para a posição bípede e sentiram a necessidade de proteger os genitais) os padres católicos passarão a interpretar a própria nudez como pecado, como instigadora do ato sexual – que obviamente já era praticado por Adão e Eva *antes* de comerem do fruto proibido. Denegrir a mulher por ter dado início à civilização humana (o que, na realidade ela fez), pode ser considerado injusto. Mas acusá-la por ter dado início à vida sexual entre os seres humanos – mesmo com a afirmação bíblica de que estes seres foram criados por Deus – soa como um argumento forçado, até mesmo para a Igreja Católica.

A partir da instituição do "Direito Canônico", sendo o embrião dotado de alma, o aborto passa a ser visto como um crime contra o próprio feto, além do fato de ser condenada, pela Igreja, qualquer forma de evitar a gravidez que não seja a observação estrita da abstinência. Inicia-se, então, a longa discussão sobre o momento em que alma imortal penetra no corpo mortal. Algumas teorias irão inclusive defender que a alma penetraria o corpo da criança do sexo masculino aos quarenta dias de gravidez, e o feminino aos oitenta dias – numa clara supervalorização do filho homem. A lei será, contudo, mais tolerante com a mulher que abortar por falta de recursos financeiros, do que com aquela que o fizer visando esconder a traição ou a atividade sexual fora do casamento (Beauvoir, 2000, pp. 154-155).

Na passagem para o século V, devido a invasões germânicas, há uma divisão do Império Romano em ocidental e oriental. O Império Romano do Oriente ou Império Bizantino – que inclui Balcãs (Macedônia), Ásia Menor e Oriente Médio – irá resistir aos bárbaros e sobreviver, mas o Império Romano do Ocidente irá desmoronar e fragmentar-se sob as invasões, ficando reduzido à Itália. Por seu lado, apesar do Império Bizantino ser cristão, o fato do imperador deter tanto o poder civil e militar, quanto o poder secular, levará a problemas com o papado (G. E. Larousse C., 1998, vol. 21, p. 5107).

Nos territórios ocupados pelos bárbaros germânicos, seus costumes irão justapor-se às leis. Entre os germanos, os chefes são admitidos apenas durante as guerras, sendo a família completamente autônoma em tempos de paz. Com a filiação situada em um lugar intermediário entre a uterina e a patriarcal, os germânicos conferem poder sobre filhos homens igualmente entre o pai e o irmão da mãe, e sobre as filhas mulheres entre o pai, a mãe e seu irmão. Considerando-se a grande importância da força física para esta sociedade, na qual a mulher é comprada, ela até que usufrui de algum respeito. O dinheiro de sua compra lhe pertence. Recebe ainda um dote do pai e sua parte na herança paterna. No caso dos pais serem assassinados, tem direito de receber uma compensação do assassino. A família é monogâmica, e embora a mulher permaneça sempre sob tutela, é estreitamente ligada ao marido, tanto na paz quanto na guerra. Mas o principal é que, para a sociedade germânica, a incapacidade da mulher está estritamente relacionada a sua fraqueza física, não lhe sendo computado nenhum tipo de fraqueza moral. Há, neste povo, mulheres sacerdotisas, profetisas, com grande instrução. E nas sucessões, além das jóias, as mulheres herdaram os livros (Beauvoir, 2000, pp. 119-120).

SÓ PRA ANOITECER O QUE É ESCURO²⁰

Em 476, com a queda do último imperador romano do Ocidente, tem início a Idade Média na Europa, caracterizada pelo fracionamento da autoridade política, pela perda de poder pelo Estado, por uma economia essencialmente agrícola – com os camponeses em estado de servidão aos nobres militares donos das terras. Mas, acima de

²⁰ Da música *Topázio*, de Djavan.

tudo, a Idade Média se caracteriza pelo pensamento fundado na lei religiosa e definido pela Igreja (G. E. Larousse C., 1998, vol. 13, p. 3061).

A maior tarefa da ciência será, então, a justificativa dos dogmas cristãos. A Igreja detém o controle do conhecimento, evitando que experiências modifiquem suas teses. O pecado é visto como a fonte das doenças e da morte. Os mosteiros tornam-se centros culturais e artísticos e espalham-se pela Europa; ao seu redor surgem pequenos povoados que, posteriormente, transformam-se em cidades. Estabelecem, assim, não só a civilização européia, como a própria unidade cultural do Continente (Schiller, 2000, pp. 109/141).

Na Idade Média, a criança é tratada e é vista como um adulto pequeno. Em todas as classes sociais, as festas e os jogos acontecem nas ruas. As casas abrigam várias famílias, sem nenhuma privacidade, com cômodos interligados, vários casais ou grupos de crianças dormindo em cada sala, não raro misturados aos criados. A manipulação dos genitais das crianças pelos adultos é comum, e considerada sem conseqüências. As crianças participam de todas as atividades sociais e domésticas e, junto aos amigos e parentes, assistem aos nascimentos e acompanham os pacientes no leito de morte e os recém-casados até a cama da noite de núpcias. É bastante comum as crianças serem amamentadas até depois dos seis anos, pois a mortalidade infantil é altíssima, e o desmame tardio visa garantir a sobrevivência no período em que ela é mais difícil (Schiller, 2000, pp. 33-34/55).

A não ser para os muito ricos, a educação formal não existe: o conhecimento é passado através da convivência entre várias gerações, seja na própria casa, seja na casa de outra família – onde muitas vezes a criança é enviada, para aprender um ofício. No último caso, retorna no início da puberdade, passando a dividir o trabalho com os adultos. A família constitui então uma estrutura moral e social, sem que haja laços sentimentais mais fortes entre pais e filhos. Entre os que tem alguma posse, apenas o filho primogênito tem direito à herança material, e é responsável por sua conservação. Entre os pobres, há apenas a dimensão simbólica dos laços de parentesco (Schiller, 2000, p. 34).

Nesta época, o pai tem plenos poderes sobre os filhos, sendo este poder indiscutivelmente maior sobre as filhas. O cristianismo fará campanhas contra o

infanticídio, diminuindo o poder dos pais. O "Direito Romano", que impera em vários outros países por esta época, trata a mulher como eterna menor – seus direitos, incluindo os de herança, são totalmente passados pelo pai ao marido. Durante toda a Idade Média, a mulher será descrita como uma criatura má, lúbrica, escorregadia, curiosa, indiscreta e impertinente. A origem da má natureza feminina seria uma sexualidade desenfreada, impossível inclusive de ser satisfeita por um só homem. Assim, as viúvas são perigosas, e as mulheres casadas devem ser mantidas trancadas sozinhas, para evitar que se satisfaçam com os criados, ou entre si (Badinter, 1986, pp. 124/134-135).

A idéia de sexo único persiste, com a palavra vulva, originada de valva – portão para a barriga – sendo utilizada para nominar a vagina. Na Idade Média a "semente" da mulher continua sendo considerada mais fraca que a do homem, e para justificar esta afirmação são usados dois argumentos. Em primeiro lugar, se o "sêmen" da mulher fosse tão forte quanto o do homem, ela poderia gerar sem a participação masculina (usando um termo desconhecido para a época, a partenogênese humana seria possível). Em segundo lugar, porque, tivessem ambas a mesma força, a contribuição da mulher para a procriação seria maior que a do homem, pelo fato dela fornecer não só o "agente ativo" como também o lugar para a concepção (Laqueur, 2001, pp. 43/72).

Se a primeira possibilidade é totalmente implausível, porque se usa a segunda, perfeitamente aplicável, com o mesmo tom de "argumento imbatível"? Ora, porque nesta época, imaginar que a mulher contribui mais que o homem para a concepção é tão absurdo quanto a partenogênese humana, visto ser a superioridade masculina na concepção uma das justificativas da sua superioridade social e política.

Segundo Laqueur (2001), ser homem e ser pai, ter "a semente mais forte", é a predominância do espírito sobre os sentidos, e a incapacidade da mulher em conceber sozinha mostra a fraqueza de seu espírito. A concepção normal é o homem "ter uma idéia" no corpo da mulher, a concepção anormal é a mulher ter uma idéia inadequada de si própria. O espírito e o útero da mulher são áreas equivalentes para o princípio ativo do macho – ela deve ficar sob o governo e instrução do marido, pela mesma razão que seu ventre está sob o domínio do esperma dele (pp. 72-73).

Em 496 inicia na Gália o Império Merovíngio, com a unificação do povo franco e a dominação da maior parte do país por Clóvis, rei de Tournai (Bélgica), apoiado pela Igreja depois de sua conversão ao cristianismo. Clóvis transfere então sua capital de Tournai para Paris. No Império Merovíngio reina a poligamia, a mulher é casada sem consentimento, repudiada ou mesmo assassinada de acordo com os caprichos do marido e tratada como uma serva. As leis a protegem apenas enquanto propriedade do homem. Assim, se a mulher é casada, não pode ser chamada de prostituta sem provas, não deve ser tocada nem de leve, não se deve ajudá-la a abortar, tudo isto acarretando multas severas ao infrator. O rapto de uma mulher casada é cobrado como o assassinato de um homem livre, o assassinato de uma mulher grávida custa quatro vezes o de um homem livre. Mas a mulher perde todo seu valor quando perde a capacidade reprodutiva, e se desposa um escravo, é considerada fora da lei e seus pais podem matá-la (Beauvoir, 2000, p. 120 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 11, p. 2536).

Em 518, o Império Romano do Oriente inicia um período de estabilidade. Em 527, Justiniano sobe ao poder, e tentará restaurar a parte ocidental do Império Romano. Lança um novo Código, reformando o antigo "Direito Romano". Deporta o papa para a Ásia Menor e submete seu sucessor, que reside em Constantinopla, impondo à Igreja a autoridade imperial. Justiniano – que tem em sua consorte uma grande companheira, cujos conselhos escuta – irá, em seu Código, honrar a mulher como esposa e mãe, porém escravizá-la a estas funções, ligando suas limitações a elas. O divórcio é proibido, o casamento é um acontecimento público, a mulher tem os mesmos direitos à herança que o homem, bem como a mesma autoridade sobre os filhos, tornando-se deles a tutora, em caso de morte do marido. Contudo, o dote é inalienável, por ser o patrimônio dos filhos (Beauvoir, 2000, p. 119 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 14, p. 3388).

Justiniano vai perdendo poder paulatinamente. Em função de invasões germânicas, grande parte da população romana refugia-se no campo, e a cidade é evacuada em 547. Com a volta gradativa dos habitantes, o clero assume a direção da cidade: o papa toma para si a autoridade temporal e assegura a revitalização de Roma graças às propriedades da Igreja – que passa a ser a única instituição remanescente da herança antiga, promovendo a evangelização rural e também a dos povos conquistados. Os monastérios tornam-se paulatinamente os únicos focos da cultura latina. Em 568,

Milão torna-se o centro de invasões bárbaras, e os bizantinos conservam apenas uma parte das terras. Na virada do século, o papado inicia um processo de organização (G. E. Larousse C., 1998, vol. 14, p. 3388 e vol. 21, p. 5110).

No início do século VII, o panteão árabe está dominado pelos deuses, mas as deusas ainda desempenham um papel importante, especialmente três delas. A mais importante, relacionada com a terra-mãe, é respeitada da Arábia à Mesopotâmia (Badinter, 1986, pp. 100-101).

Em 618 é fundada a dinastia Tang na China, e tem início um processo de dominação da mulher chinesa sem precedentes, pois dela será exigido, como símbolo de submissão, que não desenvolva pés normais, o que é feito por meio de bandagens, com as quais seus pés serão enfaixados desde os primeiros anos de vida (esta prática somente seria eliminada após a revolução maoísta). Os pés pequenos – que passam a ser uma exigência para o casamento da mulher – são uma maneira de tolher seus movimentos, de forma que fique presa em casa (documento eletrônico n.º 1).

No ano de 650 teria aparecido a primeira compilação do Corão (que significa leitura ou recitação), escrito em árabe, contendo 114 textos, que teriam sido inspirados por Deus (Alá) a Maomé (Muhammad ibn Abdallah 570-632), através do anjo Gabriel (entre 609 e 632). Principal obra da religião islâmica (ou muçulmana), seguida até os tempos hodiernos por um quarto da população mundial, prega o monoteísmo, a bondade, a generosidade e a igualdade entre os homens, independente de raça, cor, ou condição social. Contudo, prega também a tentativa de conversão dos que possuem outras religiões, seguida pela cobrança de pesados tributos para os que não queiram ser convertidos e, no caso de não obedecerem a isto, deve-se perseguí-los e matá-los. Com regras econômicas, jurídicas e políticas, o Corão reúne os muçulmanos sob uma nova ordem, pregando a fraternidade entre eles – até então suas leis se resumiam ao direito de vingança. Criando uma relação rígida entre religião e Estado, o Corão obrigaria (ao menos até o século XIX) os políticos islâmicos a seguir seus preceitos. O Corão estabelece que as mulheres devem ser bem tratadas. Recomenda que se vistam com pudor, não instruindo nada além disso – como o uso do véu ou da burca, por exemplo (Burgierman & cols., 2001, pp. 38-41 e Sarmatz, 2001, p. 44).

Mas o Corão também estabelece a superioridade masculina, inclusive na procriação. A mulher é relacionada à terra, enquanto o homem recebe seu poder criador de Deus, e somente quando o homem domina a esposa, será possível gerar filhos do sexo masculino. O Corão defende a poligamia, dando ao homem o direito de "partilhar seus favores" entre quatro mulheres legítimas, além de incontáveis concubinas, apesar de considerar a mulher como tendo uma sexualidade desenfreada, incapaz de ser satisfeita por um só homem – quanto mais a quarta parte de um homem. Para o islamismo, a mulher, com sua sexualidade descomedida, encarna a desordem natural que se contrapõe à cultura patriarcal hierarquizada, pois devido a suas necessidades impossíveis de serem satisfeitas, irá copular até mesmo com homens "de condição social inferior" (Badinter, 1986, pp. 112/137-138).

Além disso, por ser uma religião monoteísta, o islamismo exige a eliminação dos outros deuses, e conseqüentemente, das deusas. Primeiramente relegadas ao status de filhas de Alá, as deusas preponderantes no início do século serão finalmente banidas, com a justificativa de que o próprio Alá teria reclamado por lhe ser atribuída a paternidade de filhas, enquanto seus fiéis valorizavam muito mais os filhos homens (Badinter, 1986, p. 101).

Ainda no século VII, um famoso enciclopedista, bispo de Sevilha, chamado Isidoro, afirma que somente a mulher tem um ventre (*uterus* ou *uterum*), mas várias autoridades médicas consideram que o útero é o mesmo que barriga (ventre) e portanto comum a ambos os sexos. O próprio enciclopedista afirma que, durante a gestação, o sêmen transforma-se em corpo por meio do "calor" das vísceras. Além disso, o útero é tido como semelhante a um talo (*cauliculus*), palavra originada do latim e do grego *caulis*, e usada por vários autores com o significado de pênis (Laqueur, 2001, pp. 43/70-71/76).

Em função da necessidade de que o modelo de sexo único siga a ideologia da época, Isidoro irá, para definir quem é responsável pela concepção, utilizar-se de regras bastante confusas. Primeiramente, define consangüinidade ao que é gerado de um sangue, no caso, do pai – cujo sêmen é a espuma de um sangue. Mas há também a criança ilegítima, que nasce de mãe nobre e pai plebeu, ou de mãe solteira, ou de pai desconhecido, enfim, que não tem o nome do pai. Estas crianças são chamadas de

spurius porque (segundo Isidoro) os antigos chamavam a genitália feminina de *spurium* – que quer dizer "da semente"²¹. A criança legítima vem da espuma do pai, a ilegítima da semente da genitália da mãe, como se não tivesse pai. A confusão aumenta quando Isidoro explica que as crianças são parecidas com seu pai e sua mãe porque, não importa quem imprima a forma, os bebês são concebidos pela mistura das sementes materna e paterna – parecem mais com aquele que tiver a "semente mais forte". *Isto comprova que o modelo de sexo único não remete aos corpos, mas ao poder, à legitimidade, à paternidade.* É um exercício para preservar o Pai, representante da ordem, da civilização. A absoluta necessidade do homem para a concepção é defendida por argumentos tanto filosóficos quanto empíricos (Laqueur, 2001, pp. 43/70-71/76).

Em 751, o governante do sul da Ásia e de parte da Gália, em nome do Império Merovíngio, vence seu próprio senhor, tornando-se rei dos francos – devido ao apoio da Igreja, por ser cristão. Com sua morte, em 768, seu filho Carlos Magno sobe ao poder, fundando o Império Carolíngio. Em 800, Carlos Magno é coroado, pelo papa, como "imperador dos romanos" e restaura o Império Romano do Ocidente. Mas não viveria em Roma. Impõe, contudo, algumas funções públicas aos clérigos, como forma de garantir seu domínio cristão. A unificação realizada pelo Império Carolíngio tem como centro a Gália, e engloba a maior parte do Ocidente – em torno de um milhão de quilômetros quadrados (G. E. Larousse C., 1998, vol. 5, pp. 1181-1182).

Por esta época, existem duas espécies de união: o concubinato, no qual os filhos não são reconhecidos, e o casamento legítimo. Carlos Magno irá dar suas filhas apenas em concubinato, como forma de diminuir os pretendentes à sucessão real – assim, garante a paz com seus "genros", e preserva sua herança para a linhagem masculina. Sob o Império Carolíngio, a tutela da mulher passa da família para o rei, o que não altera sua condição de semi-escravidão. Carlos Magno cria também uma lei que proíbe – em vão – a prostituição (Badinter, 1986, p. 124 e Beauvoir, 2000, p. 120).

²¹ Daí deve ter surgido a palavra *espúrio*, usada nos dias atuais, e que, segundo o Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI (1999), tem o significado de: "Não genuíno, suposto, hipotético. Que não é do autor a que se atribui. Que não é castiço [de boa raça], não vernáculo ["de casa", nacional, linguagem isenta de estrangeirismos]. Adulterado, modificado, falsificado. Ilegítimo, ilegal". A partir da genitália feminina, chega-se portanto a esse termo tão pejorativo.

Em 829, o sucessor de Carlos Magno divide o império em três partes, a serem comandadas por seus filhos. Com isso, em 842 é fundada a nação alemã, e em 843 – com a Gália separada da Alemanha – a nação francesa. Em 846 Roma é saqueada pelos árabes, e sua população se reduz. A autoridade do papa passa a ser questionada pelos imperadores e pelo povo romano, com as grandes famílias controlando as eleições papais. A partir de 867, o Império Bizantino inicia a retomada de seu território. Em torno de 887-888, devido à perda do poder do rei para os senhores feudais, termina o Império Carolíngio. A partir do final do século IX, os reis da Europa ocidental são obrigados a aumentar a concessão de terras para garantir a fidelidade de seus vassallos. As invasões ocorridas neste século, bem como no século X, aumentam a insegurança, e os castelos dos senhores (donos de terras) são arquitetonicamente defendidos. Para garantir sua proteção, os camponeses renunciam à sua liberdade, generalizando-se a servidão aos donos de terras. Assim, o poder se esfacela na Europa, e a classe guerreira dominante forma uma pirâmide de suseranos e vassallos, providos de feudos. Em 935, na Alemanha, é fundado o Sacro Império Romano Germânico com poder também sobre o território italiano (G. E. Larousse C., 1998, vol. 1, p. 167, vol. 5, p. 1182 e vol. 21, p. 5110).

O feudo é tido pelos juristas como um pedaço de terra que é mantido em troca do serviço militar ao rei. Desta forma, a mulher, que não participa das guerras, fica excluída da pretensão de um domínio feudal, por não poder defendê-lo. A partir do século XI, os reis ou, mais comumente, os senhores feudais europeus, irão distribuir esposas (às vezes meninas de apenas doze anos) a seus mais devotados fiéis, mulheres estas que lhes servirão, acima de tudo, de instrumento de promoção social, tendo em vista que os feudos tornam-se, por esta época, hereditários, e as mulheres podem herdá-los. Mas, de qualquer forma, "por não poder defender suas terras", a mulher precisa de um tutor, que será o marido – sendo ele a usar o título, e a usufruir os bens herdados pela esposa. A mulher é apenas um instrumento através do qual a propriedade é transmitida, por isso, ela é tratada também como uma propriedade, distribuída aos vassallos com a previsão de que os filhos que tiver significarão maior número de fiéis para o reino (Beauvoir, 2000, pp. 120-121).

Como a poligamia é proibida, os homens irão repudiar suas esposas freqüentemente, de forma a poder casar novamente e amealhar mais terras. Sendo, neste

período, o casamento proibido até o sétimo grau de parentesco, e tido como laço de parentesco não apenas o de sangue, como também o espiritual (os apadrinhamentos, por exemplo), então fica fácil para a Igreja determinar anulações, defendendo hipocritamente os direitos dos homens. As viúvas irão ser novamente casadas quase de imediato (Beauvoir, 2000, p. 121).

Os maridos irão espancar as esposas freqüentemente, e maltratá-las de todas as maneiras. Em alguns casos, suas funções de anfitriã irão incluir dar banho nos hóspedes, e "acaricia-los" até que adormeçam. Algumas vezes, a mulher é criada da mesma forma que o homem: aprende a montar, a lutar, a caçar animais ferozes, de forma que, na ausência do marido, será ela a defender as terras, tornando completamente injustificada a necessidade de um tutor. Mas, na maioria das famílias, a castelã gasta os dias entre fiar, rezar, e aguardar a chegada do senhor seu marido, a quem deverá atender em todas as suas necessidades (Beauvoir, 2000, p. 122).

Por tudo isso, há nesta época, um claro temor masculino de uma revanche das mulheres, seja através do adultério, seja através do assassinato do marido que a oprime. Este sentimento cria um efeito "bola de neve": quanto maior o medo que os homens experimentam das mulheres, maior a opressão que lhes impingem, aumentando ainda mais o medo de sua reação (Badinter, 1986, pp. 142-145).

Para aumentar o temor, o médico árabe Avicena afirma que se o pênis do homem for pequeno a mulher poderá não sentir prazer, não emitindo "esperma" e não engravidando. Além disso, afirma também que a mulher insatisfeita irá esfregar-se com outras mulheres, para chegar ao prazer com elas. Também afirma, baseado em Galeno, que a "semente" feminina é uma espécie de sangue menstrual, não completamente digerido ou convertido, e por isso mais próximo do sangue que a "semente" masculina. Para Avicena, alimento, sangue e "semente" fazem parte de uma economia geral de fluídos, conduzidos pelo calor. A mulher não teria a quantidade de calor vital necessária para converter o alimento no mais alto nível, mas chegaria perto disso (Laqueur, 2001, pp. 55-56/65).

A partir do século XI, com o objetivo de unificar a Europa ocidental, a Igreja Católica reforça o papado. Elimina todo elemento laico, bem como o clero inferior, do seu corpo eleitoral. Luta contra seus próprios abusos e tenta atenuar a brutalidade da

classe militar. Em torno de 1045, o celibato é imposto aos padres – já que sexo é pecado, que estes não venham a encontrar-se entre os pecadores. A partir de então a mulher passa a ser vista como um ser ainda pior, ainda mais ligado ao demônio e às "tentações da carne". O casamento é atacado por reduzir o homem (!) à escravidão, destinando-o a ser enganado pela esposa (Beauvoir, 2000, pp. 118-119/131 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 18, p. 4420).

Em 1054 há um rompimento entre o Império Bizantino e o papa. É fundada a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa (ou Igreja do Oriente) e o patriarca bizantino e o papa excomungam-se mutuamente. Em 1059, o papa liberta o papado da preponderância laica, iniciando contendas entre o poder pontifical e o Sacro Império Romano Germânico – o que levaria, na Itália, ao desenvolvimento de instituições comunais, controladas por mercadores, abalando a autoridade feudal. Com a finalidade de combater as "heresias populares" e organizar a luta entre os príncipes e a população da Europa ocidental, a Igreja Católica instaura a Inquisição, em 1162 (G. E. Larousse C., 1998, vol. 18, p. 4420).

Por esta época, os cavaleiros esforçam-se para casar todas as filhas, embora limitem o casamento dos filhos. As mulheres são mais objetos de distração (além da promoção social) do que de consideração. O amor dito cortês, que o cavaleiro demonstra pela dama casada é, na verdade, a manifestação do amor que sente pelo seu marido. O amor-amizade está presente em toda a Idade Média, mas as mulheres estão excluídas deste sentimento. Vale ressaltar que, a partir do século XII, a linguagem amorosa se enche de expressões usadas nos campos de batalha: *assediar* uma dama, *fazer assaltos* amorosos a sua "virtude", *estreitar* a dama de perto, *perseguí-la*, tentar *vencer as últimas defesas* de seu pudor, etc. No amor paixão, o desejo não implica somente a alteridade e a guerra: ele necessita não ser nunca satisfeito. A satisfação do desejo, no amor paixão, significa seu fim. É o "amor pelo amor" que faz a paixão nutrir-se de obstáculos que atrasam a satisfação do desejo. Se não há obstáculos externos, os amantes os inventam (Badinter, 1986, pp. 125-126/142-145).

A separação do homem e da mulher, nos patriarcados absolutos, baseia-se numa hierarquia tão radical, que parece excluir qualquer tentativa de encontro e de interferência. [...]. Que relações podem existir entre a raça eleita e a raça maldita? Se, apesar de tudo, as necessidades da procriação (e da produção) os retêm unidos,

suas relações são as de dois mundos heterogêneos, estranhos, inimigos até. A humanidade que lhes é comum está relegada ao esquecimento. [...].

Alteridade, antagonismo e desejo são a tríade representativa da relação dos sexos [...] em todas as sociedades sob o domínio do homem. [...] não se pode deixar de constatar a ausência de condições de possibilidade do amor-ternura, que liga com mais certeza o homem à mulher. Tal amor necessita de uma outra concepção dos sexos, um meio ambiente diferente, feito de confiança, de um mínimo de semelhanças e, pelo menos, de respeito mútuo (Badinter, 1986, pp. 141/146).

Portanto, se na Idade Média a literatura romântica aparentemente fornece dados para a conclusão de que ali nascia um novo tipo de relação amorosa entre homens e mulheres, para além dos interesses sociais e políticos que até então legitimam o casamento, esta conclusão é superficial, se não de todo falsa. No mais das vezes, nesta literatura, as relações entre homens e mulheres que ultrapassam o desejo dos pais de uni-los em casamento com alguém que propicie laços sócio-políticos convenientes, terminam em tragédias.

No século XIII, a Inquisição, por vontade do papa, passa a ser exercida apenas pelos frades dominicanos, que recebem plenos poderes para a repressão das heresias. O tribunal inquisitorial passa a realizar um interrogatório sistemático da população, sendo que os suspeitos não contam com o auxílio de advogados e são muitas vezes torturados até confessarem. As sentenças variam entre a pena de morte (tipicamente em fogueira pública), confisco dos bens, e prisão – muitas vezes perpétua (G. E. Larousse C., 1998, vol. 21, pp. 5110-5111).

Vale lembrar o grande número de mulheres queimadas pela Inquisição como bruxas, mormente acusadas por demonstrarem distúrbios psíquicos ou pela inadequação às normas de moral vigentes, muito embora este século assista a um renascimento da mística feminina, em função do culto rendido a Maria. Para além disso, algumas mulheres letradas desenvolverão em torno de si verdadeiros círculos intelectuais, nos quais, não raro, irá encontrar-se um apaixonado, ou mesmo um amante, cuja relação com ela será o máximo que o amor entre um homem e uma mulher poderá atingir nesta época – tendo em vista o tipo de relação que ocorre dentro do casamento (Beauvoir, 2000, pp. 123-125/129-130).

No século XIII, termina o período feudal na Europa. O papado afirma sua preeminência sobre os príncipes leigos, há um grande crescimento demográfico, progressos agrícolas que reanimam o comércio, o artesanato e, por consequência, os

centros urbanos. As cidades buscam tornar-se autônomas, surgindo a classe burguesa, livre da tutela feudal (G. E. Larousse C., 1998, vol. 21, p. 5111).

Com a perda do poder dos senhores feudais, há também a perda gradativa do direito de decidir o casamento de seus vassallos, e manter a tutela dos bens de suas pupilas. Quando a terra passa a ser adquirida por meio de uma prestação financeira, a própria tutela desaparece – a mulher é incapaz de assegurar o serviço militar, mas pode ter responsabilidades monetárias tanto quanto o homem. Se na Itália e em outros países europeus a mulher continua uma eterna menor, na França ela não será mais tratada como incapaz – desde que não seja casada. A mulher celibatária ou viúva tem todos os direitos do homem. Se tiver uma propriedade, esta lhe garante soberania, inclusive nas questões de justiça. Em alguns casos, comanda exércitos e participa dos combates, como qualquer soldado. Mas, em se casando, a mulher cai sob a tutela do marido, que pode lhe bater, fiscalizar sua conduta, seus relacionamentos, sua correspondência, bem como dispor da fortuna da esposa a seu modo, embora, para alienar os imóveis, precise de seu consentimento (Beauvoir, 2000, pp. 129-130).

Vale ressaltar que, quanto maior a propriedade, maior a imposição do homem sobre a mulher. Entre os servos ou entre os pobres, a mulher trabalha tanto quanto o marido, vivendo com ele quase em igualdade, excetuando-se alguns casos em que é espancada. Mas se a opressão econômica anula a desigualdade dos sexos, anula igualmente todas as possibilidades do indivíduo (Beauvoir, 2000, pp. 129-130).

Por esta época, a pesquisa intelectual, obra principalmente dos clérigos, sofre uma grande renovação, abrindo-se ainda mais a influências externas (judeus, árabes e persas, principalmente), e "redescobrimo" Aristóteles. As Universidades, para onde aflui uma população cosmopolita, serão o foco principal desta atividade intelectual. No século XIV, a autoridade moral da Igreja Católica começa a arrefecer, e a sede apostólica é transferida para Avignon (1309), diminuindo a população de Roma novamente. Os que permanecem em Roma tentam esporadicamente escapar à tutela papal e solidificar o poder laico, mas as tentativas se revelam inúteis em função da dependência econômica da cidade em relação à Igreja. 1453 é a data provável do fim da Idade Média (G. E. Larousse C., 1998, vol. 21, p. 5111).

DAS CINZAS

Ainda na primeira metade do século XV, inicia em Florença, na Itália, o movimento de renovação cultural e artística chamado de Renascimento ou Renascença. Os renascentistas ressuscitam o culto das línguas e literaturas greco-latinas, elaborando um novo sistema formal e iconográfico, baseado na Antigüidade. Nas artes plásticas, a mitologia e a história antiga fundem-se à iconografia cristã. Na literatura, recupera-se o estilo aristotélico, buscando supervalorizar o ser humano por meio de suas realizações. O Renascimento logo ganha todo o país, que vive um clima de efervescência intelectual aliado à crise espiritual. No século seguinte, o Renascimento espalhar-se-ia por toda a Europa (G. E. Larousse C., 1998, vol. 20, p. 4986).

Nas Universidades, as ciências profanas concorrem com a teologia. Surgem – separadas da filosofia – a matemática, a física, a química, a biologia e a astronomia. A medicina moderna dá seus primeiros passos. É também no renascimento que começa a surgir a noção de adolescência (que só irá consolidar-se no final do século XIX), como resultado do prolongamento do período escolar, aliado ao aumento da expectativa de vida propiciado pelas novas descobertas da medicina (Schiller, 2000, pp. 38/108-109).

As mulheres começam a escrever livros sobre reprodução e parto. Mas, estranhamente (ou será que espertamente?), confirmam a idéia corrente de que o orgasmo feminino é fundamental para que ocorra a gravidez – embora provavelmente saibam que isto não funciona desta forma (Laqueur, 2001, p. 93).

Surgem grandes cortesãs na Itália, que devido a sua independência econômica, serão incentivadoras das artes e, muitas vezes, elas próprias escritoras ou pintoras. Há também soberanas poderosas por este período. Ao fim do século XV a prostituição na Espanha já se encontra altamente organizada: as prostitutas são isoladas em cidadelas policiadas, visitadas regularmente por médicos – no caso de terem alguma doença, são tratadas às custas da cidade (sendo nativas) ou expulsas (se forem estrangeiras). E muitas são livres, conseguindo um certo enriquecimento (Beauvoir, 2000, pp. 128-129/133-134).

MUITO PRAZER

Em 1559, Renaldus Colombo – professor de cirurgia em Pádua, na Itália – afirma ter descoberto o clitóris, que seria "o ponto de prazer" nas mulheres, pois, se tocado, fica rígido e mais alongado, a ponto de se parecer com o pênis. Por considerar-se o primeiro observador desta parte do corpo da mulher, Colombo critica seus predecessores por não a terem percebido, e deseja batizar o clitóris de *dulcedo amoris* – amor ou doçura de Vênus²². Afirma ainda que, ao esfregar o clitóris, a mulher teria uma emissão violenta de "sêmen", mesmo sem desejar tal manifestação – interpretação claramente baseada no corpo do homem. Sem esta emissão de "sêmen", portanto sem atingir o prazer, a mulher não poderia conceber, diz Colombo. Quanto aos termos por ele utilizados para descrever os órgãos femininos, dirá não haver importância em nomear o ventre de matriz, útero ou vulva. Ele não será capaz de distinguir a cérvix (colo do útero) daquela "parte na qual o pênis se enfia, por assim dizer, na bainha", chamando ambas de "boca do ventre" – note-se o uso metafórico da palavra bainha (em latim, vagina), que não havia ainda sido usada para a parte do corpo da mulher à qual posteriormente será aplicada (Laqueur, 2001, pp. 90-92/120-121).

O sucessor de Colombo na cátedra, Gabriello Fallopio, afirma ter visto o clitóris primeiro. Esforça-se por estabelecer a diferença entre cérvix e vagina, mas não consegue nomear esta última a não ser como as "partes pudendas femininas". Fallopio irá observar, pela primeira vez, as trompas (que são por isso batizadas com seu nome), mas considera que elas são protuberâncias gêmeas de nervos que penetram no períneo, sem ter abertura para o útero. Fallopio defende a idéia antiga de que todas as partes do corpo do homem estão presentes também na mulher. Na mesma época, o termo inglês para bolsa pode ser usado tanto para o escroto quanto para o útero. *O debate renascentista, ainda preso ao modelo de sexo único, irá portanto interpretar, seja a vagina, seja o útero, seja o clitóris, como o pênis da mulher* (Laqueur, 2001, pp. 90-92).

²² Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001), a palavra clitóris vem do "grego *kleitorís, ídos* ('certa pedra', presumivelmente preciosa, com a qual se teria estabelecido alguma analogia); há quem considere o latim científico forjado sobre o radical do verbo grego *kleío* (fechar, dada a idéia de fechadura)" (p. 742). Contudo, segundo Laqueur (2001), a palavra clitóris "deriva do verbo grego *kleitoriazein*, que significa tocar ou fazer cócegas lascivas visando ao prazer" (pp. 283-284), tendo sido nomeado pelo "anatomista e filólogo vienense Joseph Hyrtl" (p. 282), sem citar a data em que o clitóris passou a ser chamado desta forma.

MAS AS MULHERES CONTINUAM MALÉVOLAS

Também no século XVI são compiladas, na França, as leis que irão permitir aos homens plenos poderes sobre suas esposas, justificadas por sua "natureza" – avara, caprichosa, maligna, falsa, maliciosa, e estúpida. Assim, a mulher celibatária permanece sob tutela do pai, que normalmente a irá encerrar num convento. Casada, seu marido fixa o domicílio, administra os bens, tem muito maior poder sobre os filhos (entre os quais vale o direito da primogenitura), e pode repudiar a mulher e mandá-la para um convento ou para a prisão, se desconfiar de adultério. A mulher não tem nenhum direito civil, os ofícios viris lhe são proibidos, e no caso de ser herdeira só poderá dispor dos bens com a morte do marido. Em outros países da Europa, a situação da mulher não é muito diferente, pois a legislação é sempre baseada no "Direito Canônico", no "Direito Romano" e no "Direito Germânico" – todos de um patriarcalismo extremo (Beauvoir, 2000, pp. 125-127).

Também neste século, o alemão Martinho Lutero inicia a Reforma – movimento religioso que irá subtrair uma parte da cristandade européia à obediência de Roma, dando origem às Igrejas protestantes – com a publicação, em 1517, de 95 teses que questionam principalmente os abusos da Igreja católica em relação à cobrança de indulgências. Permitindo o casamento dos representantes religiosos, a doutrina de Lutero espalha-se pelos países germânicos e escandinavos, onde são constituídas poderosas Igrejas de Estado. Os países de língua francesa encontram, em 1533, no francês João Calvino, o homem capaz de orientá-los na Reforma religiosa. Sua ação faz da França e da Suíça os baluartes de um novo tipo de protestantismo, o Calvinismo, que se expande também para a Polônia, a Boêmia, a Hungria e as ilhas britânicas. Definem-se então três correntes de Reforma: a luterana, a calvinista e a anglicana (que propõe uma posição intermediária entre o catolicismo e o protestantismo). Cada uma destas correntes constitui Igrejas organizadas, mas a Reforma leva também a movimentos paralelos, que irão rejeitar qualquer traço institucional (G. E. Larousse C., 1998, vol. 20, p. 4959).

Em 1542 Roma inicia a Contra-Reforma – movimento católico a princípio defensivo – com a reorganização da Inquisição. Entre 1545 e 1563, o "Concílio de Trento" aborda os principais problemas doutrinários e disciplinares da Igreja Católica e, a

partir daí, os padres passam a receber uma formação mais rígida. Isto gera uma renovação do clero e da liturgia, que permitirá a reconquista católica de países como a Áustria, a Baviera, a Polônia, e a Hungria (G. E. Larousse C., 1998, vol. 7, p. 1598).

Uma possível consequência da Contra-Reforma é que, ainda neste século, a infância passa a ser vista como um período de características próprias. A criança é inocente, deve dormir sozinha e esconder o corpo para preservar sua pureza sexual. É neste século ainda que o astrônomo polonês Nicolau Copérnico (que mora na Itália), afirma por escrito o que alguns estudiosos já haviam percebido antes dele: que o sol, e não a terra, é o centro do sistema. Esta tese causaria grande impacto na Igreja Católica, já abalada pela Reforma, apesar de – sem a autorização do autor – o livro ter sido dedicado ao papa, e conter a afirmação de não apresentar "nada de novo" (Schiller, 2000, pp. 55/109).

Em 1545 surge a primeira mulher a trabalhar como atriz (até então, os papéis femininos eram desempenhados também pelos homens). Em uma sincronia entre Ocidente e Oriente, no início do século XVII surgem as gueixas no Japão. Inicialmente, o termo "gueixa" era usado para os homens que exerciam a atividade do entretenimento, que só com o passar do tempo torna-se uma atividade feminina. Entre suas precursoras encontram-se as dançarinas do século XII, eventualmente também amantes de guerreiros ou nobres. Com a função de oferecer entretenimento através da música e da dança, as gueixas eram orientadas por lei a não oferecerem serviços sexuais. O fato do governo republicar esporadicamente esta lei, faz pensar que ela não era, contudo, obedecida pela maioria das gueixas (Beauvoir, 2000, pp. 135/155 e documento eletrônico n.º 2).

Também no século XVII, uma forte corrente mística prolonga os efeitos da Contra-Reforma em alguns países da Europa, especialmente na França. Em 1610, o rei da França é assassinado, após conceder liberdade de culto aos protestantes. No mesmo ano, Galileu Galilei, astrônomo, físico, escritor e professor de matemática italiano, publica um livro em que confirma o sistema heliocêntrico. É chamado a Roma em 1611, para defender-se da acusação de heresia. Embora não seja condenado, é obrigado a

assinar um decreto da Inquisição, dizendo que o sistema heliocêntrico é apenas hipotético (G. E. Larousse C., 1998, vol. 7, p. 1598 e vol. 11, pp. 2539/2628).

Em 1621, o advogado inglês Francis Bacon, após ser acusado de venalidade, retira-se da vida pública (era então chanceler), passando a dedicar-se à filosofia e às ciências. Irá propor experiências científicas controladas, que possam ser reproduzidas, e o rompimento com os dogmas da Igreja. Com isso, espera que o corpo humano venha a revelar seus segredos. Em 1623, Galileu questiona a física aristotélica, e estabelece a matemática como o fundamento das ciências exatas. E, em 1632, volta a defender o sistema heliocêntrico, sendo condenado pela Inquisição – no ano seguinte – à prisão domiciliar, e proibido de publicar. Em 1635, há um aumento de impostos na França – devido a uma guerra com a Espanha – o que gera revoltas entre os camponeses (G. E. Larousse C., 1998, vol. 11, pp. 2539/2628 e Schiller, 2000, pp. 109-110).

Em 1637, René Descartes publica *Discurso sobre o método*, dando início à filosofia moderna, que se desenvolve em separado da teologia. Propõe que a matemática seja usada como modelo para todas as ciências, evitando a distorção provocada pelos órgãos dos sentidos. Descartes afirma existir uma cisão entre mente e corpo, pensamento e matéria, tese que irá afetar profundamente o pensamento ocidental, por propor o rompimento da ciência com a subjetividade. Voltando seus estudos para a medicina, Descartes acaba por colocá-la entre as ciências exatas, além de propor um domínio do corpo sobre a mente, donde se deduz que as doenças físicas podem provocar alterações psíquicas. A medicina avança, as doenças passam a ser descritas com mais exatidão, mas o objeto de estudo do médico deixa paulatinamente de ser o doente para passar a ser a doença (Schiller, 2000, pp. 110-113).

Em 1642 inicia a Revolução Inglesa (que duraria até 1649), com a queda e posterior execução do rei (Carlos I), devido a seu absolutismo, e à sua política religiosa: é acusado (em um país protestante) de demonstrar indulgência para com os católicos. Os escoceses, então pressionados para se adaptarem a leis católicas, unem-se aos ingleses revoltosos, facilitando a vitória (G. E. Larousse C., 1998, vol. 20, pp. 5038-5039).

Em 1651, William Harvey (descobridor da corrente sangüínea) revela que todo animal tem sua origem em um ovo, pois pensa que disto se trata quando observa

embriões de cervas.²³ Afirma também que o prazer da mulher não é necessário para a concepção, e isto começa a ser levado a sério pela primeira vez. A contingência do orgasmo da fêmea na procriação, abre a possibilidade da visão da sexualidade passiva na mulher, e de sua falta de paixão. Se a amizade estava ligada ao homem e a paixão à mulher, esta constatação irá revolucionar os valores, degenerando-se até a visão atual de que o homem deseja sexo, e a mulher relacionamentos. Nesta época, os direitos da mulher ao prazer sexual já não eram realçados, mas após a conclusão de que seu prazer não é necessário à reprodução, este direito desaparece de questão (Laqueur, 2001, pp. 15-16/177/209).

Em 1673, um homem absolutamente inovador, Poulain de la Barre, discípulo de Descartes, defende a igualdade de direitos entre os sexos, principalmente o direito à instrução. Para este pensador, homens e mulheres, dotados da mesma razão, são iguais em quase tudo, pois as diferenças anatômicas não constituem privilégio para os homens, a não ser na força física, que lhes permite favorecer o próprio sexo (Badinter, 1986, pp. 173-174).

Em torno de 1676, um vendedor holandês de tapetes, Antoni van Leeuwenhoek, desenvolve um sistema de lentes, que será um tipo primitivo de microscópio, para contar linhas em tecidos. Começa a usar este microscópio primitivo para observar outras coisas, até que descobre, em 1677, que o líquido que o homem ejacula contém inúmeros "animais" minúsculos – evitando assim que a dignidade masculina seja arranhada pela descoberta do óvulo. Aliás, o óvulo também só será assim nominado em 1677, deixando de ser chamado de "semente da mulher", por Reinier De Graaf, médico e fisiologista holandês – que na verdade observara as vesículas ou folículos onde os óvulos ficam contidos, e que por isso levarão seu nome (Badinter, 1986, p. 30, Laqueur, 2001, pp. 209-210 e Schiller, 2000, p. 114).

Com a descoberta dos espermatozóides, o óvulo logo passa a ser tido como apenas um "ninho" onde a criança, comprimida nos pequenos "animais" do sêmen do homem, pode crescer antes do nascimento. Porém, paralelamente, ao ser descoberta a necessidade do óvulo para a procriação, esta volta a ser considerada como "coisa de

²³ Posteriormente, um anatomista dinamarquês, Niels Steensen, nominará as glândulas femininas de ovários (Beauvoir, 2000, p. 30).

mulher", sendo então, paulatinamente, desvalorizada (Beauvoir, 2000, p. 30 e Laqueur, 2001, p. 210).

De 1688 a 1689 ocorre a segunda Revolução Inglesa, desta vez para depor um rei que se convertera ao catolicismo (Jaime Stuart ou Jaime II). O rei deposto foge para a França, sendo substituído por sua filha e seu genro. Instaura-se então, na Inglaterra, uma monarquia constitucional (G. E. Larousse C., 1998, vol. 20, p. 5039).

Aparecem, também neste século, os primeiros manuais destinados a orientar os pais quanto à educação dos filhos, com as regras de bom comportamento das crianças, e os cuidados com sua higiene e saúde. Surgem os primeiros educadores a contestar os privilégios concedidos aos primogênitos, bem como a criação das crianças longe da casa dos pais. Por esta época, surge a educação formal, destinada exclusivamente aos meninos. As escolas são de um rigor extremo, com punições, inclusive corporais, para a menor infração das regras. Crianças de no mínimo dez anos freqüentam estas escolas, misturadas, contudo, com crianças mais velhas e adultos. Apenas em torno de 1700 surge nos vernáculos europeus o primeiro termo para designar especificamente a vagina e, por esta mesma época, o holandês Jan Swammerdam postula a tese de que "a semente" de cada ser vivo teria sido formada na criação do mundo, de forma que cada geração estaria contida na precedente. Por esta época, em certos contextos, o corpo começa a deixar de ser visto como o microcosmo de uma ordem maior. A ciência não mais gera as hierarquias de analogias, mas cria um novo tipo de conhecimento, uma nova epistemologia, que *permitirá que o sexo biológico torne-se paulatinamente o fundamento do que é ser homem ou mulher* (Laqueur, 2001, pp. 22/299 e Schiller, 2000, pp. 35-36/92).

Mas mesmo os teóricos dos dois sexos, neste período, irão usar de argumentos confusos. Kaspar Bartholin – um ilustre anatomista deste século, que irá descobrir as glândulas colocadas uma de cada lado do orifício da vagina, com a função de lubrificação, e que também levarão o seu nome – será um grande crítico da visão de Galeno, de que as partes do corpo da mulher correspondem às partes do corpo do homem. A despeito disto, irá comparar a cérvix ao pênis, e afirmar também que a vagina é o "pênis feminino", pois a ele se assemelha em substância, ereção e humores,

além de ter uma espécie de cabeça e de prepúcio, como o pênis (Laqueur, 2001, pp. 116-118).

DEUS ESTÁ MORTO... EU VOS ENSINO A SUPERMULHER?²⁴

Até a Reforma, as nações européias caracterizam-se por um lugar indiscutível da Igreja católica, um Estado de base religiosa e uma teoria da ordem social definida pelos teólogos. Os países protestantes investirão primeiramente no processo de laicização. Ao fim do século XVII, Inglaterra e Holanda – países protestantes – iniciam um processo de separação entre religião e Estado, ao reconhecerem que o direito do Estado termina no limite da consciência individual (Badinter, 1986, pp. 171-172).

No século XVIII, em 1750, inicia, na Grã-Bretanha, a Revolução Industrial, caracterizada, à princípio, pelo desenvolvimento da técnica de produção e das comunicações, e posteriormente alcançando todas as áreas da sociedade, especialmente levando-se em conta o fato das criações de várias máquinas que vêm substituir o trabalho humano. A implantação de manufaturas e usinas abala o artesanato familiar. A burguesia investe nas novas atividades, dominando completamente os assalariados, que trabalham em condições absolutamente inadequadas, e são proibidos por lei de constituir associações operárias – lei que será descumprida ainda neste século. Em 1769 é criado, na França, o primeiro carro a vapor. Em 1776 é assinada a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América e, em 1787, sua Constituição. Imediatamente, as mulheres deste país protestante começam a lutar pelo direito de voto, pois consideram que a liberdade e a autonomia de que os homens americanos passarão a usufruir deve ser a elas estendida. Pressionado, o Congresso Federal resolve deixar cada Estado livre para inscrever ou não o direito das mulheres ao voto em sua Constituição. Com isso, evidentemente, nenhum Estado o fez (Badinter, 1986, pp. 179-180 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 13, p. 3154).

Também no século XVIII, surge o Iluminismo, movimento intelectual europeu, desenvolvido principalmente na França, Inglaterra e Alemanha, que, com algumas

²⁴ Os filósofos do século XIX, entre eles Friedrich Wilhelm Nietzsche, irão proclamar a morte de Deus como uma das conseqüências da Revolução Francesa (Badinter, 1986, p. 170-171). Em *Assim falou Zaratustra*, de 1885, Nietzsche, dando voz a seu personagem Zaratustra, afirma categoricamente: "Deus está morto! [...]. Eu vos ensino o super-homem" (Nietzsche, 1983, p. 29).

divergências, defende o deísmo²⁵, o ceticismo²⁶, o empirismo²⁷ e o materialismo²⁸, opondo-se à tradição e à Igreja Católica. Os iluministas lutam por uma nova ordem social, o que, na França, resulta na reivindicação, por parte da burguesia, de um papel político. Enfrentando uma grave crise econômica, o rei (Luís XVI) mostra-se incapaz de impor as reformas fiscais necessárias, convocando então as "três ordens" dominantes (clero, nobreza, deputados do "terceiro estado"), para que ajudem a decidir o futuro da França. Forma-se, assim, uma Assembléia Nacional Constituinte. A população parisiense, alarmada, se arma e, em julho de 1789, toma a Bastilha. Em outubro do mesmo ano, uma nova revolta popular obriga o rei e a Assembléia a abandonar o palácio de Versalhes, indo para Paris. Em agosto, a Assembléia abole os privilégios e direitos feudais, e redige a *Declaração dos direitos do homem*, uma Constituição que determina que a monarquia deve ser acompanhada por uma Assembléia única, além de realizar uma reforma completa na administração pública, na justiça e no fisco (G. E. Larousse C., 1998, vol. 11, p. 2539 e vol. 13, p. 3085).

O único privilégio dos homens, com relação às mulheres, que é abolido por esta Constituição é o da primogenitura masculina, passando todos os filhos e filhas a terem os mesmos direitos à herança. Uma mulher da burguesia, criadora de um jornal feminista, Olympe de Gouges, propõe que seja redigida uma *Declaração dos direitos da mulher*, na qual pede que todos os privilégios dos homens sobre as mulheres sejam

²⁵ Deísmo: "sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina e, portanto, a autoridade de qualquer Igreja, aceitam, todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do Universo" (Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI, 1999).

²⁶ Ceticismo: "atitude ou doutrina segundo a qual o homem não pode chegar a qualquer conhecimento indubitável, quer nos domínios das verdades de ordem geral, quer no de algum determinado domínio do conhecimento" (Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI, 1999).

²⁷ Empirismo: "doutrina ou atitude que admite, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam, independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade" (Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI, 1999).

²⁸ Materialismo: "tendência, atitude ou doutrina que admite, ou que a matéria, concebida segundo o desenvolvimento paralelo das ciências, ou que as chamadas condições concretas materiais, são suficientes para explicar todos os fenômenos que se apresentem à investigação, inclusive os fenômenos mentais, sociais ou históricos. O materialismo se afirma sobretudo ante o problema da origem do mundo (que dispensa a criação divina e se explica em termos evolutivos), o problema ético (dele resultando moral hedonística), o problema psicológico (orientando a pesquisa no sentido de estabelecer as relações diretas entre os fenômenos psíquicos e as reações do organismo aos estímulos ambientais), e o problema do conhecimento (em que afirma a adequação da razão ao conhecimento do mundo, adequação que se evidencia pelo incessante progresso do conhecimento científico)" (Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI, 1999).

abolidos – por conta disto, será executada (Badinter, 1986, p. 178 e Beauvoir, 2000, p. 142).

Em novembro de 1789 os bens do clero francês são nacionalizados, gerando uma certa divisão no movimento popular, com uma parte dos católicos posicionados contra esta determinação. Em setembro de 1791, é homologada uma nova Constituição, que mantém a monarquia hereditária, com direito de veto sobre a Assembléia Legislativa que, pressionada pela burguesia ascendente, encontra ainda mais dificuldades em seu exercício, devido não só às oposições do clero, mas também à guerra que sobrevém com a Áustria. Em abril de 1792, a Assembléia assina uma Declaração de Guerra, que é contudo vetada pelo rei. Quando o país é invadido pelos estrangeiros, o rei é considerado cúmplice, sendo preso em seguida. A invasão é contida em setembro, quando também a Assembléia cede lugar a uma Convenção Nacional, eleita por todos os cidadãos (homens, claro). Luís XVI é executado em janeiro de 1793, o que leva ao reinício das invasões estrangeiras, com a formação de uma primeira coalizão contra a França (G. E. Larousse C., 1998, vol. 11, p. 2539).

Em 1792 o divórcio é legalizado na França, atenuando o rigor dos laços matrimoniais. Em 1793 a atriz Rose Lacombe, presidente da *Sociedade das Mulheres Republicanas e Revolucionárias*, força a entrada na Assembléia, acompanhada por outras mulheres. Mas elas são recebidas com palavras duras, que mandam que fiquem em seu lugar, que é o lar, onde devem ocupar-se com as questões da maternidade. Após ser vedada sua entrada na Assembléia, a mulher francesa perderá também o direito de freqüentar os clubes, onde fazia seu aprendizado político (Beauvoir, 2000, p. 142).

Após uma série de dissensões, o poder é fragmentado na França, para impedir a ditadura. Graças à vitória da guerra com a Itália, em 1796, o general Napoleão Bonaparte torna-se um herói nacional. Em 1798, há uma "golpe de Estado" contra os monarquistas e, em 1799, contra os revolucionários. Também em 1799, forma-se uma segunda coalizão internacional contra a França, vencida por Bonaparte em setembro. Após um "golpe de Estado" em novembro, Bonaparte assume o poder na França (G. E. Larousse C., 1998, vol. 11, p. 2539).

Considerando que, até o início do século XVIII, os teóricos da monarquia absoluta justificam (à maneira dos antigos faraós egípcios) a autoridade do rei, ligando-

a à autoridade de Deus e à autoridade do pai (sendo Deus o modelo perfeito de paternidade, o rei seria a imagem de Deus sobre a terra, o "pai de família" seria um de seus súditos, e ao mesmo tempo, em seu próprio lar, o sucedâneo das imagens divina e real junto a seus filhos), é por meio desta analogia que a Revolução Francesa, a mais importante do mundo ocidental, acabaria com qualquer poder imposto pela graça divina, e com qualquer idéia de superioridade natural (incluindo aquela do homem sobre a mulher). A condenação do rei à morte, condena também à morte Deus e o pai. O povo, até então considerado como menor, ao guilhotinar o rei em praça pública, ganha a autonomia de um adulto. Com as palavras de ordem *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*, os laços verticais cedem lugar aos laços horizontais. Ao fim do século XVIII, é constituído, na França, um Estado livre de qualquer influência religiosa, e a partir da Revolução Francesa, o mundo ocidental sofrerá um movimento de laicização sem precedentes nas sociedades politicamente organizadas (Badinter, 1986, pp. 168-171).

Se a autoridade política ou social sempre pertenceu aos homens, e se, por conseqüência, as sociedades que atingem o estágio da organização política tendem a generalizar o direito paterno, parece quase impensável uma derrubada do sistema patriarcal nestas sociedades. Por ser os homens que trocam as mulheres, e não o contrário, a "superioridade" masculina fica configurada como "universal" (Badinter, 1986, pp. 129-130).

Este sistema, contudo, só pode perdurar sob certas condições. Primeiramente, o casamento deve manter o significado de uma troca de mulheres. Em segundo lugar, a assimetria entre os sexos deve ser mantida – ou seja, as mulheres precisam continuar assimiladas à categoria de objetos. A história mostra o quanto foi gasto de energia e astúcia pelas sociedades patriarcais para manter essa assimetria (Badinter, 1986, p. 130).

A relação homem/mulher inscreve-se num sistema geral de poder que comanda a relação dos homens entre si. Isso explica que, inicialmente, os primeiros golpes contra o patriarcado foram dados pelos homens, não pelas mulheres. Antes de pensar em arruinar o poder familiar do pai, primeiro era preciso destruir o poder político absoluto do soberano, e solapar seus fundamentos religiosos. [...]. Mas se os homens se empenharam em construir uma nova sociedade, fundada sobre a igualdade e a liberdade, seu projeto, primeiro político, depois econômico e social, só dizia respeito a eles próprios, uma vez que desejavam ser os únicos beneficiários (Badinter, 1986, p. 167).

Os valores democráticos serão fatais para o rei, para o Deus-pai e para o Pai-Deus, tornando obsoleta a definição tradicional dos sexos. O desejo dos homens de se libertarem do jugo de seus tiranos acabará por minar sua própria tirania sobre as mulheres. Porém, da mesma forma que aqueles que perdem seu poder sobre outros homens sentem-se lesados por isso, o homem comum, o dito "pai de família", irá resistir muito até admitir a necessidade de abrir mão de seus poderes na célula familiar. A luta pela igualdade pára na fronteira entre os sexos. A maioria dos homens busca livrar-se do patriarcado político, mas deseja, a qualquer preço, manter o patriarcado familiar (Badinter, 1986, p. 168).

Por sua dependência econômica dos maridos, as mulheres burguesas na França revolucionária não encontrarão força suficiente para impor suas reivindicações, enquanto, por seu lado, as mulheres trabalhadoras não terão força enquanto classe. Se, do ponto de vista feminista, a França encontra-se à frente dos outros países no momento da Revolução²⁹, o novo estatuto da mulher será estabelecido de acordo com os princípios de uma ditadura militar (Beauvoir, 2000, pp. 142-143).

O Código Civil de Napoleão, que será seguido por um século, ratifica a desigualdade de direitos entre os sexos, em nome da complementaridade. Será de Napoleão a frase que outro (Sigmund Freud) tornará famosa: "Anatomia é destino". Napoleão irá intervir pessoalmente para restabelecer a autoridade marital, exigindo que, no dia do casamento, a esposa reconheça explicitamente seu dever de obedecer o marido (Badinter, 1986, p. 179).

Se, por um lado, Napoleão defende a mãe solteira e o filho natural, retira da mulher casada qualquer direito civil. No caso de adultério da mulher, o marido pode mandar prendê-la, obtendo o divórcio facilmente. Indica a indulgência para o marido que assassinar a mulher traidora pega em flagrante. Já no caso do marido que leva uma amante para dentro de casa, só está sujeito a uma multa. No caso – e somente *neste* caso – de a esposa pegá-lo em flagrante, poderá pedir o divórcio. O homem fixa o domicílio conjugal, tem maiores direitos sobre os filhos, e sua autorização é indispensável para

²⁹ Na França do século XVIII, algumas mulheres abastadas começavam a estudar em pequenos laboratórios particulares de física, química, e biologia (incluindo dissecações) e uma mulher da burguesia, tendo ficado viúva, passa a viver de seus escritos – embora seja por isso perseguida, não deixa de representar um grande passo na direção da libertação econômica e social das mulheres (Beauvoir, 2000, pp. 136-137).

que a esposa possa assumir obrigações, pois é responsável pelos bens desta (Beauvoir, 2000, pp. 104/142-143).

Para que o homem possa manter o patriarcado familiar sem parecer demasiado hipócrita com suas teses libertárias e democráticas, será preciso que ocorra uma alteração profunda na forma de definir os sexos. Não cabe mais a visão hierarquizada. Por isso, há que diferenciar a mulher, há que colocá-la numa outra categoria que não a dos homens, de forma que seus direitos não venham a atingi-la "imerecidamente".

QUE DIFERENÇA DA MULHER O HOMEM TEM? ESPERA AÍ QUE EU VOU DIZER, MEU BEM...³⁰

É apenas no século XVIII que começa a surgir o modelo de dois sexos: os órgãos sexuais passam a ser vistos como tendo uma natureza completamente diferente em cada um deles, assim como os processos fisiológicos (ejaculação, menstruação, lactação) deixam de ser considerados como parte de uma organização comum de fluídos, para ser vistos como específicos de cada sexo. Somente em 1759 um esqueleto de mulher detalhado é reproduzido num livro de anatomia, com a função de ilustrar suas diferenças em relação ao esqueleto do homem. Todos os escritores determinam-se a basear o que insistem ser as diferenças fundamentais entre homem e mulher em distinções biológicas constatáveis. Surge então um modelo sexual de divergência biológica. A visão, dominante, mas não universal, que irá vigorar a partir de então, é a de que há dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que os papéis sociais dos homens e das mulheres são baseados nestas oposições. A biologia tornar-se-á doravante o fenômeno epistêmico da ordem social. *O corpo passará a ser visto como real, enquanto seus significados culturais serão tratados como epifenômenos* (Laqueur, 2001, pp. 17-18/22).

Ocorrem também outras mudanças no estudo da medicina e da anatomia no século XVIII. É criado um sistema de classificação para plantas e animais. A medicina reconhece o poder regulador do sistema nervoso, surgindo também a técnica do exame físico do paciente. É criada a anatomia patológica, que permite distinguir órgãos saudáveis de órgãos doentes. O organismo passa a ser visto como um conjunto de

³⁰ Da música *Tem pouca diferença*, de Durval Vieira.

sistemas, com funções específicas. Surge a primeira vacina, e o primeiro medicamento concebido em bases científicas (Schiller, 2000, pp. 114-115).

Não é a ciência, contudo, a principal responsável pela modificação na forma de pensar o sexo de uma versão hierárquica e verticalmente ordenada dos corpos do homem e da mulher, para outra, em que estes mesmos corpos são tidos como opostos horizontalmente ordenados. A própria evolução da ciência só pode ocorrer devido ao fato de estar amparada em certas circunstâncias políticas que, por esta época, criam novas formas de constituir o sujeito e sua realidade. *Em outras palavras, a nova biologia é fruto de uma nova ordem social.* É apenas somando todas as mudanças políticas e sociais do pós-Iluminismo que se chega à reconstrução do corpo. No modelo da diferença sexual, a presença de marcas anatômicas, a fisiologia, a essência biológica, passam a caracterizar a condição do homem e da mulher. E estando a maior diferença biológica ligada à contribuição de cada um dos sexos na reprodução, então isto facilita a restrição do papel social da mulher à maternidade – já que parece que toda sua anatomia está voltada para isso. Justifica-se, assim, a manutenção da hierarquia entre os sexos, apesar da luta pela igualdade entre os homens (Beauvoir, 2000, p. 154, Birman, 2001, p. 55 e Laqueur, 2001, pp. 21-22).

Vale ressaltar que, também neste século, Thomas Robert Malthus, economista e religioso inglês, irá propor a necessidade de reduzir a população mundial, evitando a pobreza e a fome, através da abstenção sexual – o que não tarda em degenerar no coito interrompido. Se a idéia original de Malthus era diminuir o número de nascimentos na classe operária, será justamente a classe dominante a primeira a se utilizar destas técnicas – nomeadas malthusianas. Mas as tentativas de evitar a concepção também não impedem a restrição da mulher à função de mãe (Beauvoir, 2000, p. 154 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 15, p. 3761).

É também neste momento que começa a ser reconhecida a influência fundamental da sociedade sobre a natureza humana. Assim, a educação torna-se responsável por manter a assimetria e a complementaridade entre os sexos, sempre com a predominância do homem. Se alguns poucos pensadores deste período privilegiam a similitude dos sexos e defendem sua igualdade de direitos, se alguns outros insistem em sua complementaridade, *a maioria esmagadora defende que a feminilidade é a*

diferença irreduzível. Vale ressaltar que, por esta época, as monarquias católicas ainda existentes irão exigir uma submissão muito maior das mulheres do que os países protestantes. Ainda neste século, surge o ideal burguês de "felicidade a dois" (Badinter, 1986, pp. 133/143/167/174).

QUER CASAR COMIGO?

O ideal de "amor romântico" parece ser uma invenção masculina estratégica para criar na mulher o desejo do casamento, que sempre serviu ao homem: primeiramente, com a função de conseguir aliados e de elevar sua posição social através da "troca" das mulheres, depois, com a função de garantir, minimamente, a transmissão de sua herança para sua descendência. Para a mulher, o casamento sempre representou uma espécie de escravidão: ser mandada para longe da família, para garantir a paz entre os homens, ou ser a "mãe dos filhos de alguém", devendo a este alguém não só fidelidade e obediência, mas também a facilitação da vida pública, ao realizar as tarefas menos valorizadas socialmente – e após a Revolução Industrial, tratando de manter-se fora do mercado de trabalho, para não competir com os homens pelas vagas disponíveis. Que rapidamente seja disseminada a idéia de que o casamento é um desejo da mulher, e que esta seja vista como a que quer "prender", "amarrar", "laçar" o homem, e que a fêmea humana torne-se uma das poucas – se não a única – que "necessita" ter uma aparência mais chamativa que a do macho, para que o relacionamento aconteça, é sinal de que esta estratégia acabou por funcionar até mesmo para além das expectativas iniciais.

Na verdade, o "novo" tipo de relacionamento entre homens e mulheres que surge por esta época, tendo como objetivo a resignação da mulher a seu papel de esposa e mãe, baseia-se, acima de tudo, na manutenção das diferenças sociais: a mulheres da burguesia sabem que o que as distingue das mulheres das classes operárias é justamente sua vida economicamente parasitária em relação ao homem. Assim, em troca de seu *status* social, e de uma série de mimos tão fúteis quanto inúteis – que incluem a idolatria de sua intuição e seus sentimentos, mas não de sua razão – aceitarão todas as restrições sociais que lhe são impostas. Se lamenta não ter sobre a propriedade privada nada além de direitos subordinados aos do marido, lamentaria ainda mais que tal propriedade fosse abolida. A mulher burguesa está muito mais próxima de seu marido que da mulher da classe operária, da qual não é solidária (Beauvoir, 2000, p. 145).

Mas, a despeito disto, a Revolução Industrial, com a criação do maquinário, arruína a propriedade fundiária, iniciando a emancipação dos trabalhadores e, ao mesmo tempo, da mulher – a máquina anula a importância da diferença da força física entre os sexos. Além disso, a mão de obra masculina disponível, cedo mostrar-se-ia insuficiente, criando a necessidade de arregimentar também a feminina (Beauvoir, 2000, pp. 146-148).

Infelizmente, o principal motivo para a arregimentação da mão de obra feminina será o fato de que as mulheres, por serem então totalmente dependentes do pai ou do marido, poderão receber um salário menor, pois seu dinheiro será tido apenas como uma "ajuda" nas despesas da casa. Para o pai ou marido cuja filha ou esposa passa a trabalhar nesta época, isto significa o mesmo que receber um "atestado de incompetência" de continuar provendo, sozinho, as necessidades da família.

NEM ASSAZ ALHURES E ANTANHO³¹

É apenas no início do século XIX que as meninas começam a freqüentar as escolas. Também é apenas por esta época que se delimita uma distinção entre casa e meio exterior, entre a família e o resto da sociedade. Nas casas da nobreza e da burguesia ocidental, a arquitetura e o mobiliário determinam novos espaços, com quartos individuais, por exemplo. Esta divisão entre espaço público e privado irá facilitar a manutenção da hierarquia e da relação de poder entre os sexos, com a delimitação da governabilidade de cada um: as mulheres terão seu lugar no espaço social privado (a casa e a família) e os homens poderão continuar exercendo seu poder sozinhos, em todo o espaço social ampliado, para além das fronteiras familiares. (Schiller, 2000, pp. 36-37).

Porém, a maioria esmagadora dos pensadores da época não consideram que esta divisão estaria tirando das mulheres seus direitos. Pelo contrário, ao ficarem responsáveis pela educação dos filhos, estariam se responsabilizando pela transmissão das normas sociais para as novas gerações, seriam mediadoras, reprodutoras da ordem

³¹ Da música *Opereta do casamento*, de Edu Lobo e Chico Buarque.

social³². E ao perceber a importância do "capital humano" de cada país, para que ele possa sobressair-se aos outros, os políticos iniciarão um processo tanto de escolarização obrigatória, quanto de medicalização de seus conterrâneos. Neste processo de medicalização estarão incluídos o saneamento básico, a higiene pessoal, e o atendimento médico prioritário para as crianças e para as mulheres – no sentido restrito de que as mulheres serão as mães do "futuro da nação" (Birman, 2001, pp. 44-45/56-58/62-63).

Dentro desta postura de valorização do capital humano, os métodos contraceptivos serão, evidentemente, criticados pelos detentores do poder. Em 1810, o código francês proíbe o aborto sob pena de reclusão e trabalhos forçados tanto para a mulher, quanto para seus cúmplices – mas os médicos irão realizá-lo sempre que a vida da mãe estiver em perigo (Beauvoir, 2000, p. 155).

E se o início do século XIX assistirá a um grande afluxo de mulheres para as fábricas, embora isto represente algo muito positivo (no sentido de um início de emancipação concreta), esta positividade é mais histórica que pessoal: a mulher operária recebe bem menos que o homem pelo mesmo trabalho, além de acumular todas as tarefas domésticas, que continuarão, por muito tempo, como sua única responsabilidade. Muitas ainda juntam a tudo isso o trabalho agrícola. Para completar o quadro, não poucas jovens operárias, para garantir seus empregos, terão que manter relações sexuais com os patrões, ou mesmo com homens trabalhando no mesmo nível hierárquico. Na França, o código de Napoleão terá seus rigores contra a mulher reforçados durante todo o século XIX. Primeiramente, a mulher perde o direito à alienação, posteriormente, o divórcio é abolido (Beauvoir, 2000, pp. 143-149/153).

Ainda no início do século XIX, o estudo da fisiologia é acrescentado ao da anatomia, levando à adoção de um modelo ideal, que impulsiona a análise estatística e a transmissão do conhecimento médico de maneira formal – é criada a primeira clínica universitária, na Holanda. Em 1818, o clínico geral e psiquiatra alemão Heinroth cria o termo psicossomática, e teoriza a possibilidade de dificuldades sexuais estarem ligadas à tuberculose, à epilepsia e ao câncer (Schiller, 2000, pp. 115-116/141).

³² Aqui, tanto quanto no ideal de "amor romântico", a maioria das mulheres irá corresponder ao papel que lhe é destinado para além das expectativas, a ponto de tornar verdadeiras as palavras de Gaiarsa (1988): "as mães constituem o maior partido conservador do mundo" (p. 11).

Em 1827, o naturalista alemão Karl Ernest von Baer, identifica o ovo dos mamíferos como o elemento contido na vesícula de Graaf. Posteriormente verificaria os sucessivos estágios evolutivos do embrião ao microscópio. Mas este cientista ainda irá considerar que todas as fêmeas mamíferas ovulam apenas durante o coito – mantendo a relação entre o prazer sexual da mulher e a concepção (Laqueur, 2001, p. 221).

Em 1829 são criadas a locomotiva e a estrada de ferro, e com isso, em 1830, a Revolução Industrial, surgida na Grã-Bretanha, começa a ganhar outros países. Também em 1830 o francês Auguste Comte, pensador do positivismo, publica sua primeira obra de importância. A partir daí, as ciências serão atreladas a sua doutrina. O positivismo concentra-se nas leis que justificam os dados obtidos na observação. As proposições científicas devem descrever relações constantes e imutáveis, a investigação deve utilizar sempre os mesmos métodos, e a validade depende da universalidade da interpretação (G. E. Larousse C., 1998, vol. 13, p. 3154 e Schiller, 2000, p. 116).

Em 1840, inicia o movimento pela abolição da escravidão nos Estados Unidos, e as sufragistas voltam à carga – novamente sem sucesso. Contudo, neste período, a educação das americanas resulta em mulheres sem timidez nem falsos pudores, pois cedo aprendem a conduzir seus pensamentos e suas palavras – a liberdade maior de que estas mulheres usufruem tem direta relação com a religião protestante. Também em torno de 1840, descobre-se o processo de vulcanização que permitirá o aperfeiçoamento dos primitivos preservativos masculinos, tornando-os elásticos e resistentes. A partir de então, eles passam a ser usados não só como proteção contra as doenças venéreas, mas também como contraceptivos (Badinter, 1986, pp. 180-182 e Beauvoir, 2000, p. 154).

Em 1847, em função das revoltas operárias, surgem as primeiras leis trabalhistas no mundo, limitando as horas de trabalho e também o trabalho infantil (especialmente o mineiro), mas as revoluções se alastram na Europa no ano seguinte. Também em 1848 é publicado o livro *O Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels (G. E. Larousse C., 1998, vol. 13, p. 3154 e vol. 16, p. 3848).

Ainda em 1848, na Nova Inglaterra, é fundada a primeira (do mundo) Universidade de medicina para mulheres. Paulatinamente, irão sendo criados outros cursos, até que (ao final do século XIX) todas as profissões de nível superior estarão abertas para as mulheres nos Estados Unidos (Badinter, 1986, p. 183).

Também no mesmo ano, é proclamada a República na França, e surge uma nova Constituição, que define o poder executivo nas mãos de um presidente, e o poder legislativo em uma única Assembléia. É instaurado o "sufrágio universal" (claro que apenas para os homens, considerados o único "Universo" que importa). A Assembléia Constituinte recusa-se a restabelecer o divórcio (Beauvoir, 2000, p. 143).

Embora haja um movimento em direção ao modelo de dois sexos, os avanços na anatomia do desenvolvimento no século XIX, vão se referir, ainda, às origens comuns de ambos os sexos em um embrião morfologicamente andrógino – e não a suas diferenças. Na década de 1850, os isomorfismos galênicos são rearticulados no plano embriológico, com a descoberta de que o pênis e o clitóris, os lábios e o escroto, assim como os ovários e os testículos, têm origem comum na vida fetal (Laqueur, 2001, p. 21).

Em 1857, em uma pequena aldeia nos Alpes franceses, ocorre um surto de uma estranha doença, que acomete apenas as mulheres: após uma relação sexual, elas agredem os maridos e os colocam para fora de casa, reclamando em seguida de dores abdominais, alucinações místicas e convulsões. Cada "manifestação" da doença leva a outras, causando bastante confusão social. Os habitantes do lugar passam a atribuir as crises ao demônio, mas os médicos consideram esta explicação inaceitável. Nomeiam a doença de histero-demonopática, mas os medicamentos contra a dor e a insinuação de fingimento em alguns casos só fazem intensificar os sintomas. Os "casos" só começariam a desaparecer após um período de 20 anos, com o "tratamento" constando de banhos gelados e uma série de prisões, realizadas pela polícia com a orientação dos médicos (Schiller, 2000, p. 121).

Possivelmente a história acima seja o retrato de uma das primeiras tentativas coletivas de revolta das mulheres contra a opressão (especialmente sexual) de seus maridos. Vendo que as suas vizinhas obtêm alguns resultados – decerto o de afastar seus maridos da cama por algum tempo – não se envergonham de reproduzir o quadro, com a mesma finalidade. Ao separar o orgasmo da mulher da concepção, os homens devem ter alijado de suas preocupações, juntamente, qualquer pensamento a respeito das necessidades sexuais da esposa. O sexo, para a mulher, virara em muitos casos apenas uma obrigação conjugal a ser cumprida, e na qual sua única "satisfação" possível seria a concepção. Sim, os homens haviam "assassinado Deus", mas apenas para eles próprios,

que poderiam então buscar o prazer no sexo (não só com suas esposas, como fora de casa também). Mas, tendo em vista que o orgasmo feminino não é necessário à reprodução – a maior, a mais importante, a única tarefa digna das mulheres – "nada mais justo" que, para elas, o desejo e o prazer continuem como sinônimos de pecado.

O desejo, na mulher, representa uma ameaça, no sentido de que pode afastá-la de sua tarefa maior, que é a reprodução. Mas se o homem pode deslocar-se livremente entre o espaço público e o privado, então para ele o sexo tem dupla função: a erótica e a reprodutiva. E sendo a monogamia tão rigorosa, fica explicada a grande expansão da prostituição no século XIX³³. A prostituição torna-se, assim, com toda sua carga de negatividade, um dos destinos reservados às mulheres que se rebelarem, não se sujeitando aos desígnios da maternidade. Mas a prostituição será também sinônimo de doenças venéreas, e considerando que o mesmo homem que frequenta as prostitutas será aquele que irá fecundar sua esposa, então, dentro da visão corrente de investimento no "capital humano", será necessário que a medicalização estenda seus braços até a mulher "degenerada". O Estado irá delimitar espaços físicos onde a prostituição será permitida, e as mulheres precisarão de uma autorização para trabalharem, emitida pela polícia, de acordo com a afirmação de sua saúde pelos médicos, a quem deverão consultar com regularidade (Beauvoir, 2000, p. 128 e Birman, 2001, pp. 64-65/71-74).

No Japão do século XIX, a prostituição ocorre nos "quarteirões do prazer", onde além de prostitutas comuns vivem também cortesãs. Também a maior parte das gueixas vivem nestes lugares, mas devem, contudo, apenas exercer a atividade do entretenimento (dança e música) às cortesãs e seus convidados (documento eletrônico n.º 2).

Em 1859, o médico francês Briquet publica, tendo como base farto material clínico, o livro *Tratamento clínico e terapêutico da histeria*. Utilizando a estatística, Briquet afirma que a histeria atinge tanto homens quanto mulheres, e isto em qualquer fase da vida (infância, vida adulta, velhice). Seria uma enfermidade nervosa, devida a uma falha na coordenação do sistema nervoso sobre o corpo, sem nenhuma relação com a sexualidade. Se a histeria existe entre as crianças, é devido a uma imaturidade de seu

³³ Expansão esta que estará no cerne da cisão, no imaginário masculino, entre a mulher como símbolo materno *ou* como símbolo erótico.

sistema nervoso. Se existe entre os idosos, é devido à debilitação de seu sistema nervoso. Já entre as mulheres, a histeria existiria devido a uma *debilidade intrínseca* de seu sistema nervoso central, debilidade esta resultante de um cérebro imaturo e menor que o dos homens. Pelo mesmo motivo, as mulheres teriam um menor desenvolvimento intelectual, e conseqüentemente, estariam mais propensas a atos impulsivos, e seriam mais afetadas pelos sentimentos. Por isso, a histeria seria mais rara entre os homens, aparecendo neles apenas na forma de hipocondria – sem convulsões – devido ao maior controle de seu sistema nervoso sobre o corpo (Birman, 2001, pp. 99-106).

Vale lembrar que, neste século, há uma associação do homem com a civilização, e da mulher com a natureza. A mulher seria relacionada, desde então, com a criança e com os humanos primitivos. O quarto componente destes símbolos de involução será a loucura, que seria a revelação das origens, do ser que não passou pelo processo civilizatório (Birman, 2001, pp. 106-108).

Também em 1859, Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, publica *A Origem das Espécies*. Sua maior contribuição para a ciência é o desenvolvimento de um sistema que afirma o parentesco fisiológico e a origem comum de todos os seres vivos, e a formação de novas espécies por um processo de seleção natural. Darwin afirma que, entre os animais irracionais, a fêmea passiva irá selecionar como parceiro o macho mais agressivo ou o mais atraente. Entre os humanos, apesar da característica desejável nas mulheres ser a modéstia e nos homens a bravura, apenas os homens fazem a escolha. Assim, os homens mais valentes escolheriam dentre as mulheres as mais bonitas, logo (?) as mais modestas. Em cada geração aumentaria a diferença entre os homens e as mulheres, de acordo com a evolução da raça. A diferença quanto ao tamanho do cérebro seria portanto maior entre o "superior" homem europeu e a mulher européia, do que entre um homem e uma mulher negra (Laqueur, 2001, p. 255).

Em 1865 Gregor Mendel, monge e botânico austríaco, examinando centenas de milhares de grãos de ervilha, num trabalho bastante sistemático, elucida as leis da hereditariedade, demonstrando a existência de fatores transportados pelas células sexuais, responsáveis pela transmissão de características físicas. Mas suas teorias levariam muito tempo para serem reconhecidas e tornadas públicas. Em 1866 August Weismann, um biólogo alemão que então desconhece as teorias de Mendel, descobre

que os óvulos e espermatozóides contêm algum elemento que é transmitido para a geração seguinte. Contudo, a idéia da hereditariedade pelo sangue ainda será aceita pela maioria dos biólogos do século XIX, incluindo Darwin (Schiller, 2000, pp. 92-93).

Também em 1866, o primeiro Estado americano concede o direito de voto às mulheres. Ao fim do século XIX, trinta e seis Estados irão possuir associações sufragistas. Mas será apenas no século XX que as mulheres americanas conquistarão o direito ao voto em todo o país. Em 1867 é firmado um compromisso entre Áustria e Hungria, que as torna Estados iguais, cada um com sua capital (Viena e Budapeste), com seu sistema político próprio, tendo em comum apenas o imperador, e alguns ministérios. Nascia assim o Império Áustro-Húngaro, com a Hungria responsável por administrar a parte oriental, e a Áustria a parte ocidental. As grandes propriedades permanecem nas mãos da aristocracia, e os camponeses pouco se beneficiam com o desenvolvimento econômico que surgirá desta união. Ainda em 1867, o deputado, filósofo e economista britânico John Stuart Mill, defenderá, no Parlamento, o direito das mulheres ao voto, bem como a total igualdade entre os sexos. Suas opiniões a este respeito impedirão sua reeleição (Badinter, 1986 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 3, p. 529)

Em 1870, Roma torna-se a capital do reino unificado da Itália. O papa, que se considera prisioneiro do Vaticano, proíbe os católicos de participarem da política. A partir deste ano, a Itália viverá sob regimes conservadores. Também em 1870, a República é restabelecida na França, onde a população, empobrecida pela Revolução Industrial, não apoia o imperador (G. E. Larousse C., 1998, vol. 11, p. 2540 e vol. 14, p. 3310).

Um mito que só começará a ser derrubado neste século – embora fosse debatido desde o Renascimento – é o de que a mulher grávida pode ser visualmente "impressionada" de tal forma, que isto pode provocar alterações em seu bebê. Ou seja, uma criança poderia nascer com características físicas completamente diferentes de seus pais, se a mãe tivesse passado muito tempo da gravidez observando a imagem de uma pessoa com estas características. As má-formações seriam assim também explicadas. Defendida por Darwin, esta tese justifica também teorias de segregação racial, ao postular que o filho de uma mulher no segundo casamento poderia se parecer com seu

primeiro marido – ou seja, se tivesse um filho de um homem de "raça inferior", a mulher não teria a garantia de conceber um bebê de "raça pura" com o novo cônjuge³⁴ (Schiller, 2000, pp. 91-93).

Nos escritos médicos do século XIX, encontra-se a tentativa de descrever quatro modalidades de comportamento desviante nas mulheres: a prostituição, o infanticídio, a ninfomania³⁵ e a histeria. Estes desvios da moral vigente podem levar tanto à prisão, quanto ao confinamento psiquiátrico, quanto a formas mais "criativas" de resolver o problema: em 1872, nos Estados Unidos, um médico defende a retirada dos ovários em casos de histeria, insanidade ou "personalidade estranha". Outros médicos, neste mesmo século, recomendam que as mulheres com "apetite sexual excessivo", e também aquelas que se masturbam, tenham seus ovários, seu útero e – por vezes – seu clitóris, retirados (Birman, 2001, pp. 75-76 e Schiller, 2000, p. 63).

COMO FOI MESMO QUE AS COISAS FICARAM DESTE JEITO?

Ao finalizar esse percurso na história humana, talvez se tenha elementos para compreender quem é a mulher ao final do século XIX. Dito de outra maneira: o que, no processo civilizatório, levou da divisão inicial de tarefas entre homens e mulheres a uma desvalorização tão grande do sexo feminino?

A "libertação", nos seres humanos, da sexualidade atrelada ao cio deve-se ao fato de que a posição bípede diminuiu seus quadris, aumentando enormemente o risco de vida no parto, tanto para a fêmea, quanto para sua cria, devido ao tamanho do cérebro nesta espécie ainda em formação. As leis de adaptação, que visam sobretudo a propagação da espécie, funcionam então no sentido de garantir um maior número de nascimentos – o ser humano teve, a partir da libertação do cio, a possibilidade de "produzir" descendência todos os meses – embora cada fecundação bem sucedida resulte em uma gravidez bastante longa.

³⁴ A tese das "impressões maternas" será contudo defendida em revistas científicas inglesas até 1890 e nas norte-americanas até 1920 (Schiller, 2000, p. 92).

³⁵ Aqui, quase que certamente, ninfomania significa tão somente o fato de a mulher ter um desejo sexual "acima da média", ou acima daquilo que os homens consideravam adequado.

Mas isso ainda não foi suficiente para garantir a manutenção da espécie, pois o número de crianças (ou crias) que morrem no momento do parto é ainda maior do que o número de sobreviventes. Muitas vezes, a mãe também sucumbe. As leis de adaptação levam então à sobrevivência daqueles que nascem com o menor cérebro, mas um cérebro pequeno significa também uma capacidade menor de resistir aos primeiros meses de vida.

Ao perceber que alguns cuidados suplementares permitiam a sobrevivência de suas crias pelo tempo suficiente para que pudessem passar a lutar por sua própria existência, a fêmea propõe a divisão inicial de tarefas como forma de garantir a propagação da espécie, por esta época um instinto ainda muito ligado ao de sobrevivência. Assim, a fêmea da espécie dá início à sociedade e à cultura humana. Sua parte nesta divisão das tarefas não é então apenas cuidar dos filhos enquanto estes não podem fazê-lo por si mesmos. É também providenciar aqueles alimentos que fazem parte da dieta da espécie e que lhes são mais fáceis de obter sem ter que se afastar dos filhos. Inicia *neste momento* a dupla jornada de trabalho da fêmea humana.

Paulatinamente, vão sendo criados instrumentos para facilitar a sobrevivência. Os homens buscam formas mais eficazes de abater os animais e, as mulheres, de conservar os alimentos. As mulheres possuem, então, no mínimo o mesmo valor que os homens, não apenas porque a sobrevivência do grupo depende também de seus esforços, mas por estar relacionada, de forma exclusiva, à perpetuação da espécie.

A maior liberdade de ação que os homens obtêm na divisão das tarefas, bem como o maior tempo disponível, leva-os a desenvolver uma quantidade maior de ferramentas e utensílios que facilitam a vida humana. A descoberta de que o homem é tão necessário para a fecundação quanto a mulher, que se dá através do abandono da vida nômade e da observação dos animais pastoreados, leva à perda do prestígio da fêmea como reprodutora. O abandono da vida nômade leva também à noção de posse, e os seres humanos entram em guerra uns com os outros. Com seus músculos muito mais desenvolvidos devido a ter se dedicado à caça no início da divisão de tarefas, o macho humano encontra-se naturalmente mais preparado para lutar. Além disso, é claro, as fêmeas ainda precisam proteger os filhos e cuidar de sua sobrevivência da mesma forma que nos tempos de paz.

Tudo isso vai levando paulatinamente à uma maior valorização das tarefas masculinas, e o uso da razão para a criação de instrumentos vai perdendo o objetivo único de facilitar a vida humana, para passar a significar a possibilidade de dominação sobre os mais fracos. Mesmo percebendo sua importância no processo de procriação, a criança ainda é vista pelo homem como pertencente ao grupo, não aquele que fecundara sua mãe. Há também, então, crianças em demasia, e estas significam apenas mais bocas para alimentar.

O sexo vai perdendo cada vez mais sua função instintiva de manutenção da espécie, para adquirir a significação de obtenção de prazer através da descarga da tensão acumulada no organismo. Por serem suas tarefas na preservação do grupo mais valorizadas, os homens passam a pensar que têm um maior direito ao sexo e ao prazer. Além disso, não sendo nem mesmo o resultado de sua gravidez valorizado, a fêmea humana resiste ao sexo que a inicia, pois para ela o prazer do coito tem que ser pago com os incômodos da gestação, com a dor do parto e, por vezes, com a própria vida – sem falar nos cuidados necessários com os filhos.

Nos outros animais, onde o sexo está totalmente ligado ao instinto de procriação (cio), a fêmea só resiste ao coito quando desconhece o macho – e isto, talvez, somente entre os mamíferos, em especial aqueles criados pelo ser humano. Após uma luta não muito demorada, a fêmea acaba por ceder, obtendo do coito tanto prazer quanto o macho. Quando fêmeas e machos de uma mesma espécie – cachorros ou gatos, por exemplo – são criados juntos, o coito entre eles é tão consensual que não raramente seus criadores descobrem que as fêmeas tiveram seu primeiro cio (especialmente nas gatas, que lambem o sangue) quando estas já se encontram grávidas.

Portanto, ao começar a evitar o sexo para assim evitar a concepção, a mulher se diferencia ainda mais dos animais, e isto ocorre, novamente, antes que o homem perceba a necessidade dessa atitude. O homem passa, então, a exercer uma dominação sexual sobre a mulher. Como sua força física é maior, e como não precisa da aceitação da mulher para penetrá-la, a consciência de que o sexo redundava na procriação não lhe causa, de início, nenhuma restrição à sua prática.

A partir do momento que um grupo de homens passa a sentir-se dono da terra que habita, dono das mulheres e dono das crianças, esse grupo sentir-se-á ameaçado por

outros. Paralelamente, o homem percebe que viver em guerra com outros homens pode não ser compensatório, pois muitos grupos não são assim tão fáceis de ser dominados – suas terras tomadas e seus componentes escravizados.

Assim, surge no homem o desejo de viver em uma paz relativa. Da mesma forma, precisa instituir laços de amizade com outros homens não só para evitar que o ataquem, mas também porque pode depender dos "bens" que estes homens, fora de seu grupo original, tenham para oferecer. Para firmar a paz, o homem inicia então a troca das mulheres, já que as considera como uma posse. Novamente – como no caso da divisão de tarefas – a fêmea é o motivo crucial de um passo sem precedentes no processo da cultura humana. A diferença é que, desta vez, ela não participa deste processo como sujeito, mas sim como objeto.

Com a substituição paulatina da posse grupal pela posse do indivíduo, gerada justamente pela troca de mulheres de uma comunidade à outra, e a conseqüente formação de famílias nucleares, os homens começam a valorizar a própria paternidade de uma maneira inédita. Já que não se trata mais de defender o que é do grupo, mas de defender o que é seu, e já que a imortalidade lhe é impossível, pelo menos que existam pessoas para ficar com estas posses que tenham algum motivo para merecê-las. Do desejo de imortalidade dos homens surge, portanto, a herança. A família vai adquirindo, cada vez mais, o sentido restrito que perdura até os dias de hoje. Evidentemente, entre os povos dominados (pois os homens só deixam de lutar com aqueles que lhes são iguais ou superiores em força), as mulheres são tratadas, sobretudo, como escravas sexuais.

A dominação pela razão começa a substituir a dominação pela força. Ganha a guerra aquele que tem maior poder bélico e maior inteligência, mais do que força física. Mas o pensamento, a aprendizagem, a conquista intelectual, continuam um direito do sexo dominante. Às mulheres resta então a tarefa dupla de satisfazer os homens sexualmente e de gerarem seus filhos e herdeiros pelo mesmo ato: o coito. Mas, ainda assim, quando o sexo ocorre sem violência e com seu consentimento, elas demonstram um grande prazer neste ato.

Então a definição do que é ser homem ou mulher circula por um modelo de sexo único. A mulher não passa de um homem invertido, cujo "calor corporal" é menor, o

que "prova" sua inferioridade. A participação do macho na reprodução é vista como muito mais importante que a da fêmea.

Quando a superpopulação, principalmente entre a classe operária, passa a atingir índices preocupantes, a Igreja Católica, representante dos detentores da hegemonia mundial (os romanos), percebe ter chegado a hora de dar um basta, e passa a difundir a idéia de sexo como pecado. A mulher, que já então demonstra alguma resistência ao coito, devido ao fato deste levar à gravidez nem sempre desejada é, contudo, acusada de ser a grande responsável por conduzir o homem ao ato sexual, tornando-se sinônimo do demônio, por afastar o homem de Deus a cada vez que o coito se realiza.

Mas como a Igreja tem consciência de que se o sexo for completamente suprimido a espécie humana corre o risco de extinção, autoriza disfarçadamente (afinal, "a carne é fraca") que os "melhores representantes da raça" continuem procriando, mas isso apenas dentro do casamento legítimo, que não deve ocorrer entre os escravos e as classes totalmente dominadas. A mulher é acusada de praticar o coito com "homens de raças inferiores", não porque com isso demonstre sua lascividade, mas porque, ao dar-se o direito de escolher o homem com maiores músculos e não com maior poder material, perpetua a preponderância, na espécie, daqueles que tem na força física seu maior mérito.

A função do sexo na vida da mulher passa a ser exclusivamente a reprodução. Qualquer manifestação de prazer, qualquer manifestação de desejo, será severamente punida no sexo feminino. Mas o homem não aceitará passivamente que seu prazer fique restrito a umas poucas relações com a esposa completamente resistente ao coito, tendo ela ainda por cima a desculpa de não precisar fazer sexo se estiver grávida, já que o sexo sem pecado tem apenas esta função. A prostituição começa a substituir a escravidão sexual, com a vantagem de que o meretrício é medicalizado e as crianças "de raça inferior" podem ser tranqüilamente "assassinadas" ainda na barriga da mãe. Posto que as "raças inferiores" são destituídas de alma, não se está mandando ninguém para o "limbo eterno" por não ter sido batizado – já que esta é a desculpa encontrada para se proibir o aborto dos filhos dos homens das classes dominantes.

Paulatinamente, os homens se revoltam contra os poderosos, incluindo aí a Igreja. Não é possível negar que o início da queda do patriarcado se encontra no

movimento de laicização e de revolta dos homens oprimidos, que ocorre após o Iluminismo e a Revolução Francesa. Ainda assim, é mister resgatar o fato de que a libertação das mulheres das limitações que lhes foram impostas (não só pelos homens, mas por elas mesmas, na medida em que foram se adaptando ao novo ideal de divisão de tarefas, burguês), dependerá, em larga medida, não só da percepção destas mulheres de que estavam a perder o "bonde da história humana", como também de inúmeras descobertas científicas e avanços industriais que iniciam no século XIX.

Se a grande desvantagem da mulher, em comparação ao homem, foi sempre a força física, o desenvolvimento de maquinário, iniciado no século XIX, limita grandemente a importância desta diferença. Mas o homem sabe que o conhecimento significa poder, que o dinheiro significa poder e, ao colocar a mulher na posição de um ser não desejante de sexo, a única maneira de carregá-la para sua cama – tendo em vista que os casamentos arranjados e obrigados tornam-se cada vez mais raros – é continuar fazendo com que precise de seu poder. Para que uma mulher se case por sua livre escolha, se esta escolha não está baseada no desejo sexual, só pode estar baseada no poder do homem em questão. Se as mulheres começam a trabalhar, a cuidar de seu próprio sustento, a adquirir maior poder no mundo, vão precisar dos homens para quê? Impossibilitado pela cultura de voltar a obrigar a mulher a praticar o coito, o homem precisará mantê-la afastada do trabalho remunerado.

Assim, a substituição do modelo de sexo único pelo modelo de dois sexos, será uma tentativa de convencer as mulheres de que sua única tarefa é a maternidade. Mas isto não será aceito por elas de forma tão fácil. Elas podem até concordar que sua participação no ato sexual visa a gestação, mas o mundo é maior do que o sexo – os homens o tornaram maior, com a sua ajuda velada, e agora elas querem que sua participação fique às claras. Mulheres geniais, cansadas de ser apenas "a que está por trás de um grande homem"; mulheres operárias, que já precisam trabalhar para complementar o sustento da família; mulheres burguesas, que passam a considerar a possibilidade de manter a propriedade privada sem ter que passá-la para as mãos de um homem; mulheres de todos os tipos e de todas as classes sociais começam a perceber que não querem ser apenas as transmissoras da cultura para os filhos, querem, sim, interferir na cultura diretamente.

Para além de tudo isso, as mulheres decidem recuperar seu direito ao prazer no coito, o que as leva – mais cedo que os homens – à compreensão de que, se tomarem o poder de suas vidas nas próprias mãos, ainda resta aos homens uma função em suas existências, que é a mesma que elas próprias sempre tiveram na deles: a função de complementaridade sexual. Mas, agora, em uma posição de parceria. O sexo terá que deixar de ser a recompensa para o homem pelo fato de sustentar a mulher. A busca de contraceptivos cada vez mais eficientes ajudará a mulher a recuperar seu direito ao prazer.

Como será visto no capítulo seguinte, será com toda esta carga de conceitos sobre o que significa ser homem ou mulher – sejam eles baseados na ciência, sejam eles produzidos pelos ideais políticos – que a Faculdade de Medicina da Universidade de Viena irá receber, em 1873, aquele que se tornaria, possivelmente, seu mais famoso aluno: Sigmund Freud. E serão essas mulheres, ainda se debatendo entre a maternidade e o trabalho remunerado, entre a moral e o prazer, que irão servir de primeiros sujeitos da psicanálise, ou de seus primeiros objetos de estudo.

CAPÍTULO 2 – O CONTINENTE NEGRO

Do começo ao fim da história da Psicanálise,
o científico e o pessoal se encontram de tal forma entremeados,
que é difícil falar de um sem entrar na discussão do outro.
Paul Roazen

QUE HISTÓRIA É ESTA?

Um curto período de tempo foi suficiente para que a percepção de que o orgasmo da mulher é dispensável para a concepção levasse à conclusão de que as mulheres "normais" – aquelas que aceitam que a reprodução é a única tarefa de suas vidas – simplesmente não possuem desejos sexuais. Assim, ao final do século XIX, as mulheres que procuram ajuda médica para seus distúrbios psíquicos, e especialmente as mulheres histéricas, são vistas como digressivas da ordem social.

A psicanálise surge justamente do tratamento da histeria, o que irá afetar profundamente a compreensão freudiana dos processos psicopatológicos, bem como sua concepção do aparelho psíquico. Se a ligação da histeria com a sexualidade remonta ao século III a.C., Freud, ao comprovar esta relação etiológica, acabará por perceber que tal distúrbio resulta da impossibilidade dos impulsos sexuais seguirem seu curso natural. Isto equivale a uma afirmação do óbvio: as mulheres possuem *normalmente* necessidades sexuais. Freud irá perceber paulatinamente que a sexualidade encontra-se na base de todas as neuroses, mas isto só pode fazer sentido se for realizada uma separação entre sexo e genitalidade. A sexualidade precisa então ser decomposta em seus constituintes pré-genitais, assumindo então um sentido evolutivo. Freud retoma também, portanto, a idéia de sexualidade nas crianças, abandonada após o Iluminismo (Andrade, 1996, p. 799).

A questão do desenvolvimento sexual da mulher emerge naturalmente na psicanálise em função das formulações de Freud a respeito da sexualidade infantil. Embora os componentes do círculo psicanalítico inicial aceitem necessariamente estas formulações – pois são, de alguma forma, a base da teoria psicanalítica – a questão de como o desenvolvimento da menina se diferencia do desenvolvimento do menino levanta uma série de controvérsias neste círculo. Quais as teses de Freud a este respeito,

quem são os defensores e quem são os dissidentes da teoria freudiana sobre a sexualidade da mulher, como e quando estas pessoas se agregam ao movimento psicanalítico, e algumas características de suas vidas pessoais que talvez orientem seus posicionamentos, é o que será visto em seguida, buscando sempre o enquadramento histórico e geográfico.

AQUELE QUE DECIFROU O ENIGMA FAMOSO E QUE FOI VARÃO PODEROSÍSSIMO¹

Sigmund Freud nasce em 1856 (com o nome de Sigismund) em Freiberg, na Morávia, então parte do império austro-húngaro e predominantemente católica. Seu pai, Jacob, um comerciante pobre de lã, vinte anos mais velho que sua mãe (Amalia), e no terceiro casamento, tem então dois filhos, já adultos, do primeiro casamento, que moram na mesma casa. Freud é o filho primogênito de Amalia, seguido de sete irmãos. Seu meio-irmão mais velho tem um filho quase da idade de Freud, com quem ele brinca e briga bastante quando pequeno, provavelmente inaugurando um tipo de relacionamento cambiante entre o amor e o ódio que ele manteria posteriormente com várias figuras importantes em sua vida. Freud é circuncidado, e educado no judaísmo não tradicionalista. É muito amado pelos pais, bem como por uma babá católica, que o leva a igrejas, ensina-lhe um pouco sobre o catolicismo, e talvez também sobre sexo. Esta babá será afastada ao mesmo tempo em que sua mãe se recupera do nascimento de sua primeira irmã, Anna, em quem naturalmente colocaria a partir daí grande parte de suas atenções – um outro irmão, apenas dezessete meses mais novo que Freud, morrera com sete meses de idade. Esta perda da atenção de "suas duas mães", ao mesmo tempo, é bastante traumática para Freud (Gay, 1999, pp. 22-27; Roazen, 1974, pp. 54/59 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 272-273/795).

Em 1859 os Freud mudam-se para Leipzig (Alemanha), provavelmente em função da declaração de guerra entre a Áustria e a Itália, e também devido à industrialização de Freiberg, que dificulta os negócios têxteis de Jacob. Depois de

¹ Inscrição impressa em um medalhão oferecido a Freud por seus seguidores, em 1906, no seu aniversário de 50 anos, e que foi retirada do *Édipo Rei*, de Sófocles. Freud teria ficado emocionado demais com o presente e, ao ser inquirido por Jones do porquê, respondeu que, nos seus anos de graduação na Universidade de Viena, ele fantasiava que no futuro veria ali seu busto, com esta frase na base. Em 1955 Jones realizou o desejo de Freud (Jones, 1979b, p. 377).

firmada a paz, e não tendo conseguido modificar sua má situação econômica, mudam-se para Viena (Áustria), em 1860, indo morar em um bairro judeu, onde nasceriam mais cinco filhos. Nessa última viagem de mudança, Freud teria visto sua mãe sem roupa, o que lhe provocaria fortes desejos incestuosos. Sendo o irmão mais velho de cinco mulheres, Freud ajudaria em sua educação, decidindo, por exemplo, quais os livros que podiam ler. Posteriormente, um irmão de seu pai será preso por negócios ilícitos, e é possível que seu pai e seus meio-irmãos estivessem envolvidos nestas atividades ilegais; de qualquer forma, isto aumenta ainda mais as dificuldades financeiras da família. Ao concluir a escola secundária, Freud, influenciado por um colega mais velho, pensa em entrar para a faculdade de direito, com o intuito de tornar-se um político, uma figura pública. Mas acaba decidindo-se pela medicina. Apesar de criticar – constante e severamente – Viena, onde tem uma infância infeliz, é ali que Freud irá se instalar e ficar (Gay, 1999, pp. 22-27; Roazen, 1974, pp. 54/59 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 272-273/795).

Em 1873, Freud inicia seus estudos em medicina, em Viena, interessando-se muito pelo positivismo e pela biologia darwiniana. Atrasada, a revolução industrial chegava então à Áustria, quando uma grande quebra no mercado de ações leva os austríacos a utilizarem os judeus como bodes expiatórios. Freud, como todos os judeus vienenses, passa a enfrentar o preconceito racial a partir de então. O anti-semitismo convive com outras posturas políticas radicais por esta época: um feroz sectarismo, a emergência da consciência operária e o descontentamento das minorias nacionais. Apesar de não seguir os rituais judaicos, Freud, ao contrário de outros intelectuais vienenses, jamais negaria suas origens. Posteriormente, viria a valorizar a presença de não-judeus em seu meio, como forma de obter respaldo social para a psicanálise (Gay, 1999, pp. 31-32 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 273).

Em 1876 Freud consegue uma bolsa de estudos que lhe permite estudar a vida sexual das enguias, e utiliza estas informações para a elaboração de uma teoria do funcionamento específico das células nervosas. Posteriormente, passa do instituto de

zoologia para o de fisiologia, onde recebe uma orientação antivitalista², de seu primeiro grande mestre, Ernest Brücke. Ficaria neste instituto por seis anos. Em 1877 Freud conhece Josef Breuer, médico de sucesso, com quem estudaria doenças renais, no instituto de fisiologia. Entre 1879 e 1880, Freud é forçado a pedir uma licença para cumprir o serviço militar. Em 1881, recebe seu diploma de médico. Em janeiro de 1882, a neurologia é reconhecida como uma disciplina autônoma: é criada em Paris, França, uma cátedra da clínica de doenças nervosas, a qual será assumida por um importante médico da época: Jean Martin Charcot (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 273-275/797).

Em abril de 1882, Freud conhece Martha Bernays, amiga de uma de suas irmãs, cinco anos mais nova que ele, e se apaixona. Apesar da resistência da mãe (viúva) de Martha, ficam noivos dois meses depois do primeiro encontro. Durante a maior parte de seu noivado, Martha mora com a mãe em Wandsbek, perto de Hamburgo (Alemanha), sendo Freud muito pobre para visitá-la com frequência. Embora escrevendo-se quase todos os dias (Freud teria escrito cerca de mil cartas a Martha, neste período), nas raras ocasiões em que se encontram, durante o noivado de quatro anos, há apenas a troca de abraços e beijos, e nada sugere a infidelidade de Freud à noiva – o que talvez lhe tenha inspirado alguns questionamentos sobre a moral sexual da época. A zona de maior tensão entre Freud e Martha será a religião, tendo sido Martha criada na estrita observância do judaísmo ortodoxo, enquanto Freud considera estas regras um disparate supersticioso. Freud deixa claro a Martha desde o início sua pretensão em ser o chefe da família que viriam a constituir, além de mostrar-se excessivamente ciumento, desejando que ela se afaste de todos que a cercam para dedicar-se apenas a ele, o que incluiria sua mãe e seu irmão. Evidentemente, quanto a esta última exigência, Freud jamais seria atendido (Gay, 1999, pp. 51-53 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 265-266).

Ao comentar com Martha, em 1885, um ensaio de Stuart Mill, que havia traduzido durante seu período de serviço militar, Freud disse considerar que o autor carecia de senso para o absurdo ao afirmar que as mulheres podem ganhar o mesmo que os homens. A esse respeito, escreve Gay (1999):

² Vitalismo: "doutrina formulada por cientistas europeus, [...] entre meados do século XVIII e meados do século XIX, que defendia a idéia de que os fenômenos relativos aos seres vivos, como a evolução, a reprodução e o desenvolvimento, seriam controlados por um impulso vital de natureza imaterial [alma], diferente das forças físicas ou interações físicoquímicas conhecidas" (Dicionário Houaiss, 2001, p. 2873).

Isso, julgava Freud, deixava de lado as realidades domésticas: manter a casa em ordem, supervisionar e educar os filhos constituem um trabalho de tempo integral que praticamente impede um emprego da mulher fora de casa. Como outros burgueses convencionais de sua época, Freud dava grande importância à diferença entre os sexos, "a coisa mais significativa quanto a eles". [...] Ele admitia que era possível chegar um dia em que um sistema educacional diferente contribuiria para a existência de novas relações entre homens e mulheres, e que a lei e os costumes concederiam às mulheres direitos então recusados. Mas a emancipação total significaria o fim de um ideal admirável. Afinal, concluía ele, a "natureza" destinou a mulher, "através da beleza, do encanto e da doçura, a algo mais" (p. 52).

Noivo, Freud abandona a carreira de pesquisador por motivos financeiros, e torna-se clínico do *Hospital Geral de Viena*, onde trabalha por três anos, experimentando uma série de especialidades médicas. Ainda em 1883, torna-se assistente de um professor de psiquiatria da Universidade de Viena: Theodor Meynert, grande expoente da anatomia cerebral comparada. Em janeiro do ano seguinte, Freud dá início a seu primeiro tratamento de uma paciente com "doença nervosa". No mesmo ano, realiza algumas pesquisas com a cocaína – que utilizaria em pequenas doses em si mesmo até 1890. Em 1885, Freud obtém uma bolsa de estudos e vai a Paris, com o intuito de conhecer e trabalhar com Charcot, cujas experiências com a histeria interessam-lhe sobremaneira. Charcot fora um pioneiro na capacidade de diferenciar as doenças psíquicas das físicas, havendo diagnosticado a histeria como uma enfermidade real, que afeta tanto homens quanto mulheres, e que pode ser curada com a hipnose (Gay, 1999, pp. 57/549-61 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 274/797-798).

Charcot também influenciaria Freud em sua teoria sobre a etiologia sexual das neuroses, devido a um comentário que teria feito com outro médico. Ao discutir um caso de "doença nervosa" em uma mulher cujo marido era impotente, ele teria dito que, nestes casos, "a coisa é sempre genital, sempre... sempre... sempre" (Charcot, conforme citado por Freud, 1974a, pp. 23-24).

Retornando a Viena em abril de 1886, depois de passar por Berlim, onde estuda pediatria, Freud pede demissão do *Hospital Geral* e abre um consultório particular. Mantém o trabalho como neurologista, nesta época na *Clínica Steindlgasse* – primeiro instituto público de pediatria. Em setembro, Freud casa-se com Martha, com quem viria a ter seis filhos, e viveria até o fim de sua vida. Em outubro, faz uma conferência sobre histeria masculina na *Sociedade Médica de Viena*, tornando-se esta a primeira de muitas situações em que seu trabalho seria mal recebido. A despeito disto, em março de 1887

Freud é eleito membro da *Sociedade Médica de Viena* (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 274/799).

Por essa época, Freud recebe um pedido de um professor de ginecologia, Rudolf Chrobak, para que visite uma de suas pacientes, que sofria de uma grande ansiedade e para a qual não tinha disponível no momento o tempo necessário. Teria explicado a Freud que a ansiedade sofrida pela paciente devia-se ao fato de, estando casada há dezoito anos, ainda ser virgem, pois o marido era completamente impotente. Resignado quanto aos comentários daqueles que criticavam sua incapacidade de curar tal paciente depois de tantos anos de tratamento, teria afirmado que a única receita para tal doença não podia ser prescrita, por ser a seguinte: "Pênis normal em doses repetidas!" (Chrobak, conforme citado por Freud, 1974a, p. 24).

Ainda em 1887, Freud conhece, por intermédio de Breuer, o médico alemão Wilhelm Fliess, clínico geral e otorrinolaringologista, pesquisador das relações entre o nariz e os genitais. Adepto de uma teoria sexual mística e organicista, Fliess acreditaria que a vida é condicionada por fenômenos periódicos que dependem da natureza bissexuada da constituição humana. Este homem viria a se tornar o amigo mais importante de Freud, com quem trocava vasta correspondência, tanto íntima quanto científica. Em julho de 1889, Freud vai a Nancy, França, estudar hipnose com Hippolyte Bernheim (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 239-240/274/799).

A FAMÍLIA VAI BEM, OBRIGADO

Após o casamento de Freud, a irmã de Martha, Minna, passara a hospedar-se freqüentemente em sua casa, até que, em 1890, começa a residir ali. Sendo Minna mais intelectual que Martha, capaz de ler em várias línguas, e capaz de acompanhar, em parte, a imaginação de Freud, torna-se sua confidente e sua auxiliar, embora não o ajude ativamente no trabalho. Com Martha, Freud não discute suas idéias, pois a esposa parece não entender seu significado, demonstrando mesmo resistência a elas. Martha empenha-se realmente em organizar a vida doméstica, de forma que Freud tenha todo seu tempo e energias livres para a pesquisa e a escrita. Martha demonstra um temperamento muito mais passivo que o de Minna, e, sem dúvida, muito mais suave e delicado que o do marido (Gay, 1999, pp. 83-84).

Martha seria uma dona de casa realmente obsessiva. Passava o tempo a limpar todos os recantos da casa, preocupando-se especialmente com os lugares onde poderiam cair as cinzas dos charutos do marido. Isto tudo a fazia ver nas visitas – e especialmente nos hóspedes – um incômodo a mais, e ela dificilmente poderia ser considerada uma "anfitriã perfeita"³ (Roazen, 1974, p. 84).

Na maturidade, Freud será acometido de uma irritabilidade urinária, o que por vezes o levaria à incontinência. Sofre também de distúrbios intestinais e de enxaquecas constantes. Quando a enxaqueca o perturba mais que em outras ocasiões, relaciona-a, sobretudo, à privação sexual, pois, por esta época, tendo ele e Martha resolvido não ter mais filhos, a atividade sexual de Freud diminui muito. Sendo avesso a aventuras extraconjugais, e condenando veementemente os contraceptivos vigentes na época – preservativos masculinos e coito interrompido – como capazes de provocar neuroses, Freud reclama, por um lado, das limitações a sua vida sexual que daí decorrem mas, por outro lado, orgulha-se de poder sublimar⁴ seus impulsos sexuais sem sofrer danos psíquicos (Roazen, 1974, pp. 80-89).

Contudo, em 1890, Freud padece realmente de uma neurose de angústia. A morte lhe suscita medo e o atrai ao mesmo tempo. Preocupa-se com o coração. Apresenta também sintomas de agorafobia e fobia de locomoção (muito embora adore viajar). Apesar das tentativas de evitar a gravidez, será durante a década de 1890 que os Freud terão seus últimos quatro filhos. Com relação à atividade sexual de Freud, há registros de que não cessará de todo pelo menos até os cinqüenta e nove anos, talvez porque após o nascimento de Anna (tendo Freud apenas 39 anos), tenha tido início, prematuramente, a menopausa de Martha (Roazen, 1974, pp. 80-89/112-113).

Por ser um judeu não praticante, apesar da ortodoxia de Martha, Freud recusa-se a transmitir aos filhos os rituais religiosos. Assim, nenhum dos filhos de Freud será circuncidado. Mas embora permita que seus filhos escolham seu destino, mostra-se tirânico com suas filhas, que são criadas dentro do mesmo modelo de Jacob e Amalia,

³ Segundo Gay (1999), o último médico de Freud, Max Schur, gostava muito de Martha, *apesar* do fato de ela sempre reclamar quando ele sentava na cama do marido para examiná-lo, com isso desarrumando as cobertas (p. 71).

⁴ Sublimação: "processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual [...] principalmente a atividade artística e a investigação intelectual" (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 495).

ou seja, para casar e ter filhos, sem que recebam, em sua educação, nenhum benefício das conclusões a que seu pai chega – através de suas investigações clínicas e teóricas – a respeito da organização sexual e social da família ocidental burguesa. No geral, Freud mostra-se bastante antiquado com os filhos, deixando, por exemplo, que acreditem que os bebês nascem nos repolhos. Freud assume seu tradicionalismo dizendo-se um pequeno-burguês, para quem seria muito difícil aceitar o divórcio de um filho, ou que uma filha tivesse um caso amoroso fora do casamento (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 267-268/348-349).

Parece, portanto, que a preocupação de Freud com os contraceptivos da época visava apenas melhorar a vida sexual das pessoas casadas – especialmente dos homens. E não facilitar a atividade sexual fora do casamento – especialmente no caso das mulheres. Além disso, segundo Roazen (1974) Martha, Minna, bem como outros membros da família Freud, sofriam constantemente de enxaquecas e vômitos. Embora considerasse esses sintomas como psicogênicos, Freud partia do pressuposto de que a neurose era inexistente na própria família (p. 87).

NO PRINCÍPIO ERA A MULHER...

Como clínico, Freud atende, nesta época, principalmente mulheres da burguesia vienense, qualificadas como "doentes dos nervos" e vítimas de sintomas histéricos. Procura aliviar seus sofrimentos psíquicos – contrariamente ao niilismo terapêutico da época. Por algum tempo, utiliza os métodos em voga – uma mistura de massagens, hidroterapia e eletroterapia – constatando finalmente que não produzem nenhum efeito. Começa então a utilizar a hipnose, inspirado no método catártico desenvolvido por Breuer, e no método de sugestão de Bernheim (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 274-275).

Em 1891, Freud publica *Contribuição à concepção das afasias*, monografia onde propõe uma abordagem funcional dos distúrbios da linguagem. Desta forma, a doutrina das "localizações cerebrais" era substituída pelo associacionismo⁵, que abriria caminho para a definição de Freud de um "aparelho psíquico". Em 1893, Freud escreve a Fliess sobre a "teoria da sedução", segundo a qual a causa principal das neuroses seria

⁵ Associacionismo: teoria que reduz todas as manifestações da vida mental a um jogo de associações entre os estados psíquicos.

a sedução sexual cometida por adultos contra crianças pequenas (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 275/800).

Em 1895, Fliess opera o nariz de Emma Eckstein, então paciente de Freud, que se mostra receptivo, por esta época, às teses fliessianas da relação entre a mucosa nasal e os genitais. Contudo, posteriormente, a paciente apresenta sangramentos. Freud acaba por descobrir que Fliess esquecera dentro do nariz de Eckstein uma tira de gaze de mais ou menos 50 centímetros, que seria retirada em outra cirurgia, na qual a paciente, então com trinta anos de idade, quase chega a sucumbir. Eckstein é uma figura de grande relevância para a psicanálise. Sua história é parte fundamental do primeiro sonho de Freud que ele irá interpretar, em julho deste ano, sonho a que chama "A injeção de Irma". Será a primeira paciente a lhe fornecer material que o fará refletir sobre a "teoria da sedução". E também será a primeira mulher a atender pacientes como psicanalista, sob supervisão de Freud, ou seja: embora não tenha se filiado a nenhuma Sociedade, Eckstein foi *a primeira psicanalista mulher da história* (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 163/800).

Também em 1895, Freud publica, com Breuer, os *Estudos sobre a histeria*, em que são relatados alguns casos clínicos. Entre eles, o caso de *Katharina*, uma moça que Freud conhece por acaso em uma viagem de férias, mas que veio pedir-lhe ajuda para seus sintomas de "falta de ar". Freud considera Katharina um caso típico de histeria, baseado em traumas sexuais, onde impressões que não produzem efeito na criança aparecem com poder traumático numa data posterior, quando a pessoa adquire compreensão da vida sexual. Sendo todo o "trabalho" de Freud com esta moça realizado em uma única conversa, não se pode ter certeza da extinção dos sintomas. Contudo, o que configura a história de Katharina como um caso digno de ter sido narrado neste livro é o fato de que sua história, suas "lembranças patogênicas", para usar o termo de Freud, tenham vindo todas à tona nesta ocasião. Freud chega mesmo a agradecer a esta moça por "haver tornado muito mais fácil conversar com ela do que com as senhoras pudicas da minha clínica na cidade, que consideram tudo que é natural como vergonhoso" (Freud, 1988a, p. 180).

Segundo Roudinesco e Plon (1998), a relação de Freud com Breuer já vinha sofrendo revezes desde 1891, com discordâncias em suas concepções de ciência,

histeria e sexualidade. Freud estaria se orientando para a elaboração de uma nova teoria, enquanto Breuer mantinha uma postura de erudito clássico – mais ligado, portanto, à fisiologia da época (p. 94). Vale lembrar que, embora Breuer demonstrasse então uma resistência quanto à importância dada por Freud à sexualidade na etiologia das neuroses, ele próprio teria feito o comentário de que certas "doenças nervosas" que acometem as mulheres eram sempre provocadas por "segredos de alcova" (Freud, 1974a, p. 23).

Assim, no livro que publica em parceria com Breuer, Freud insere um capítulo, chamado *A psicoterapia da histeria* (Freud, 1988b), onde explica que, ao tentar aplicar a um número maior de pacientes o método catártico sob hipnose (de Breuer) para o tratamento de pacientes histéricos, acaba por deparar-se com algumas dificuldades, que o levam a alterações tanto na técnica quanto na teoria que iria seguir doravante. Estas dificuldades seriam as seguintes:

1. O processo exige do médico grande investimento de tempo, bem como um interesse pessoal pelo paciente (absolutamente dispensável em outras formas de tratamentos médicos para sintomas unicamente físicos).

2. O método não funciona para pacientes com qualquer traço de debilidade mental, ou seja, exige do paciente um grau mínimo de inteligência.

3. A concordância, atenção, e confiança do paciente são indispensáveis, visto que a análise leva à revelação de eventos psíquicos íntimos. Os pacientes que não conseguem estabelecer esta relação de confiança com o médico acabam por abandonar o tratamento. Os que conseguem colocam, ao menos por um tempo, sua relação pessoal com o médico em primeiro plano⁶ (p. 261).

Contudo, as dificuldades ligadas ao método de Breuer são consideradas por Freud como inerentes a qualquer tratamento das neuroses. Aparecem, porém, duas dificuldades que Freud considera específicas do tratamento pela hipnose: a distinção entre histeria e outras neuroses, e o fato de que nem todos os pacientes histéricos podem ser hipnotizados. Considerando ser muito difícil diagnosticar o tipo de neurose antes de proceder a uma análise minuciosa (feita nesta época pelo método da hipnose), passa a utilizar a etiologia das neuroses como forma de diagnóstico:

⁶ É fácil verificar que Freud estava desenvolvendo, neste momento, o conceito de "transferência".

[...] fui obrigado a reconhecer que, na medida em que se possa falar em causas determinantes que levam à aquisição de neuroses, sua etiologia deve ser buscada em fatores sexuais. Seguiu-se a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido mais geral, produzem diferentes quadros de distúrbios neuróticos. Tornou-se então possível, na medida em que essa relação era confirmada, correr o risco de utilizar a etiologia com o objetivo de caracterizar as neuroses e de fazer uma distinção nítida entre os quadros clínicos das várias neuroses. Quando as características etiológicas coincidiam sistematicamente com as clínicas, isso era naturalmente justificável (Freud, 1988b, p. 255).

Com relação à outra dificuldade, qual seja, a de pacientes não hipnotizáveis ainda que seu diagnóstico fosse de histeria, Freud percebe haver uma resistência, que pode ser verbalizada ou não, ao método de tratamento. Precisando da hipnose para ampliar-lhes a memória, teria duas opções: ou desistir de tratar tais pacientes, ou esforçar-se por promover esta ampliação de outra forma. Relata que alguns pacientes, ao serem questionados sobre a origem do sintoma em questão, dizem não saber nada sobre isto, enquanto outros contam alguma lembrança obscura e não conseguem prosseguir. Torna-se então insistente, assegurando-lhes que eles efetivamente sabem, que aquilo que haviam aparentemente esquecido lhes viria à mente – e, de fato, aparece algum conteúdo. Então ele manda o paciente deitar e fechar os olhos, concentrando-se. Com isso, as lembranças recuam ainda mais no tempo (Freud, 1988b, pp. 263-264).

Experiências como essas fizeram-me pensar que seria de fato possível trazer à luz, por mera insistência, os grupos patogênicos de representações que, afinal de contas, por certo estavam presentes. E visto que esta insistência exigia esforços de minha parte, e assim sugeria a idéia de que eu tinha que superar uma resistência, a situação conduziu-me de imediato à teoria de que, *por meio de meu trabalho psíquico, eu tinha que superar uma força psíquica nos pacientes que se opunha a que as representações patogênicas se tornassem conscientes (fossem lembradas)*. Uma nova compreensão pareceu abrir-se ante meus olhos quando me ocorreu que esta sem dúvida deveria ser a mesma força psíquica que desempenhava um papel na geração do sintoma histérico e que, na época, impedira que a representação patogênica se tornasse consciente. [...] reconheci uma característica universal de tais representações: eram todas de natureza aflitiva, capazes de despertar afetos de vergonha, de autocensura e de dor psíquica, além do sentimento de estar sendo prejudicado: eram todas de uma espécie que a pessoa preferiria não ter experimentado, que preferiria esquecer. De tudo isso emergiu, como de forma automática, a idéia de *defesa* (Freud, 1988b, p. 264).

Como a insistência pura e simples parece ter efeito limitado, Freud então passa, em determinado momento da sessão, a utilizar o que ele chama de "artifício técnico": diz ao paciente que vai pressionar sua testa e que, neste momento, virão à tona as lembranças necessárias para a compreensão dos sintomas. Faz essa afirmação

veementemente e orienta o paciente no sentido de relatar tudo que lhe vier à cabeça, independentemente de considerar que não é importante, ou achar que é desagradável falar deste assunto (Freud, 1988b, p. 266).

Surge assim, neste contexto, embora associada à sugestão, a "regra fundamental" da psicanálise. Segundo essa regra o paciente deve "dizer o que pensa e sente sem nada escolher e sem nada omitir do que lhe vem ao espírito, ainda que lhe pareça desagradável de comunicar, ridículo, desprovido de interesse ou despropositado" (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 438).

Abandonando paulatinamente a sugestão (o que ocorre definitivamente em torno de 1898), Freud acaba por delimitar, através da "regra fundamental", o método da "associação livre", utilizado também por ele próprio em sua auto-análise (especialmente na análise de seus sonhos). Embora a palavra associação faça parte do termo, esta técnica pode ser aplicada a partir de um elemento dado (como um sonho ou uma palavra do analista) ou ocorrer de forma espontânea (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 38).

Pode-se concluir, portanto, que o uso crítico da técnica hipnótica por Freud levou ao desenvolvimento da técnica psicanalítica em si. Além disso, é neste período que, ao abandonar a hipnose, Freud percebe que sua nova técnica poderia ser usada com sucesso em qualquer tipo de neurose, e não apenas no tratamento da histeria. De qualquer forma, com ou sem a utilização da sugestão, Freud começa a notar a importância da *resistência* no processo analítico. Afirma (ainda em seu texto de 1895), que é possível reconhecer uma lembrança patogênica, entre outras coisas, pelo fato do paciente descrevê-la como algo sem importância, ao mesmo tempo que só fala dela sob resistência. Seria também usual o paciente culpar o analista por ter "colocado coisas em sua cabeça", ou também acreditar que provocou uma lembrança de propósito. Diante de qualquer forma de resistência, o analista deverá mostrar ao paciente que ele (analista) é quem tem razão, afirmando que qualquer distinção apresentada pelo paciente não passa de resistência, e que a lembrança deverá ser narrada a despeito de qualquer coisa (Freud, 1988b, pp. 273-274).

A alavanca mais poderosa para vencer a resistência seria despojá-la de seu valor ou substituí-lo por outro mais poderoso. Não há fórmulas para isso: trabalha-se com o melhor da própria capacidade, tentando dar ao paciente "assistência humana", o que

depende em grande parte da empatia que se possa sentir por cada paciente e da capacidade de "adivinhar" a natureza do caso. Para livrar-se dos sintomas, o paciente precisa verbalizar (com o afeto correspondente), as impressões patogênicas que os causaram – a tarefa terapêutica consistiria unicamente em levar o paciente a fazê-lo (Freud, 1988b, pp. 275-276).

A VIDA COMEÇA AOS QUARENTA

Em março de 1896, Freud emprega, pela primeira vez, o termo *psicanálise*. Em abril, enuncia sua "teoria da sedução", numa conferência sobre *A etiologia da histeria*, pronunciada na *Associação pela Neurologia e pela Psiquiatria* em Viena. Esta preleção – que é recebida com frieza – será publicada em seguida, em um periódico, com o mesmo título (Roudinesco & Plon, 1998, p. 801).

Nesta conferência, Freud combate a tese de Charcot das causas hereditárias da histeria, afirmando que, não importa o caso ou o sintoma utilizado como ponto de partida, ao fim chegar-se-á invariavelmente ao campo da experiência sexual. Afirma também que não se deve procurar a etiologia da histeria nas lembranças relacionadas à puberdade mas, sim, em lembranças de ocorrências sexuais realmente prematuras, anteriores aos oito anos de idade. Sugere portanto, não sem uma certa timidez, que a infância não é desprovida de "leves excitações sexuais". Essas experiências, que consistem na estimulação dos genitais, ou em atos semelhantes ao coito, devem ser consideradas os traumas que levam a uma reação histérica na puberdade, com todos os seus sintomas. Frisa ainda que as cenas infantis devem estar necessariamente inconscientes, bem como devem ser despertadas na puberdade, para poderem criar e manter os sintomas histéricos. Por fim, Freud declara ter percebido, através de seus pacientes, que a experiência sexual infantil não se encontra apenas na base da histeria, mas igualmente nas neuroses "das obsessões", nas paranóias, e nas outras psicoses funcionais. Como então utilizar as lembranças infantis na busca pela etiologia diferencial das neuroses? Com sua habitual honestidade, Freud afirma ainda não estar em condições de responder a esta pergunta (Freud, 1986, pp. 179/185-186/188-189/191/195-196/201-202).

Apesar de Breuer não negar a importância da sexualidade na gênese das neuroses, discorda da "teoria da sedução" e não separa a psicologia da fisiologia. Assim, a amizade entre Freud e Breuer termina na primavera de 1896. Nesta época, Freud deve dinheiro a Breuer, e talvez esta dívida tenha piorado as coisas, levando Freud a agir com Breuer como um "filho revoltado" (Roudinesco & Plon, 1998, p. 94).

Em 1896, em carta a Fliess, Freud utiliza, também pela primeira vez, o termo "aparelho psíquico". Freud o considera dividido em um certo número de sistemas (tópica), e designa seus componentes: consciente, pré-consciente e inconsciente. Esta primeira tópica (teoria dos lugares) de Freud questiona a teoria das localizações cerebrais, predominante na época, e que defendia a necessidade de suportes neurológicos localizados, tanto para funções psíquicas muito especializadas, como para tipos específicos de representações ou de imagens. Freud já iniciara este questionamento em seu artigo consagrado à afasia, de 1891, onde teria afirmado a necessidade de completar os dados tópicos com uma explicação funcional. Além disso, Freud percebera, por seus estudos de psicopatologia, a necessidade de referir-se a grupos psíquicos diferentes, devido à existência de lembranças ou representações que não estariam continuamente à disposição do sujeito. Por isso, a partir de seus textos de 1895, Freud teria concebido um inconsciente organizado em camadas (Laplanche & Pontalis, 2000 pp. 505-506 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 801).

INDO ALÉM

Uma das lembranças mais íntimas de Freud seria a da descrição feita por seu pai⁷ de uma afronta que recebera quando jovem, de um cristão, que atirara seu boné novo na lama, mandando-o descer da calçada, por ser judeu. Seu pai teria reagido descendo da calçada para apanhar o boné na lama, sem nada dizer. Extremamente desapontado pela atitude do pai, Freud evitaria ao máximo conservar qualquer passividade diante das pressões sociais (Gay, 1999, p. 28).

Em outubro de 1896, morre o pai de Freud, aos 81 anos. Esta morte provoca-lhe uma incapacidade crítica com relação ao pai, que passa a ser visto como alguém

⁷ Freud devia ter, ao saber deste acontecimento, algo entre dez e doze anos (Gay, 1999, p. 28).

"sábio", "despreocupado", "interiormente muito feliz", como se todos seus percalços e sua miséria nunca tivessem existido. O homem que apanhara seu boné na lama da sarjeta é temporariamente esquecido. Com esta morte, Freud entrega-se a uma tristeza profunda, a que sua relação com o pai aparentemente não fazia justiça, e da qual só conseguirá se afastar utilizando seus sentimentos na sua busca de elucidação dos processos psíquicos. Freud consegue perceber, em si, a culpa do sobrevivente: ele havia conseguido superar seu pai, o que, de certa forma, é proibido (Gay, 1999, p. 96).

Segundo André (1996), em uma carta a Fliess de fevereiro de 1897, após fazer a correspondência entre sintomas histéricos e uma felação que tinha sido imposta à pessoa quando criança, Freud teria afirmado: "Infelizmente, meu pai era um desses perversos e provocou a histeria de meu irmão caçula e de algumas das irmãs menores" (p. 95).

Possivelmente em função do abalo provocado pela morte do pai, Freud inicia um processo de auto-análise, do qual irá retirar material para muitas de suas conclusões, o que viria a atrair para a psicanálise críticas ferrenhas (a começar, posteriormente, por Fliess). Deve-se levar em conta, contudo, que Freud não considera suas experiências pessoais como automaticamente válidas para toda a humanidade: ele as confronta com as experiências de seus pacientes e, mais tarde, com a literatura psicanalítica. Passaria anos revendo cada uma de suas generalizações. Cada um de seus casos clínicos retrataria um paciente irreprodutível que, ao mesmo tempo, pertenceria a uma categoria de casos (Gay, 1999, pp. 97-98).

Em setembro de 1897, em carta a Fliess, Freud anuncia o abandono de sua "teoria da sedução". Para justificar o abandono da teoria, Freud teria dito que, para mantê-la, "era preciso, na totalidade dos casos, acusar o pai de perversão – inclusive o meu" (André, 1996, p. 95-96).

Em outra carta a Fliess, em outubro, Freud interpreta, pela primeira vez, a tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles. Começaria então a elaborar sua doutrina da fantasia⁸,

⁸ Fantasia: "roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente. [As fantasias podem também aparecer conscientemente] na forma de sonhos diurnos; [...] como estruturas subjacentes a um conteúdo manifesto [no processo de análise; etc.]. [...] Em francês, o termo *fantasme* (fantasia) voltou a ser posto em uso pela psicanálise e, como tal, está mais carregado de ressonâncias psicanalíticas do que seu homólogo alemão. Por outro lado, não corresponde exatamente ao termo alemão, visto que sua extensão é mais restrita. Designa determinada formação imaginária e não o mundo das fantasias, a atividade imaginativa em geral" (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 169).

uma nova teoria sobre a interpretação dos sonhos e sobre o inconsciente, a qual se centraria no recalçamento⁹ e no complexo de Édipo. Até então, Freud parecia menos preocupado com a corroboração de suas hipóteses. A partir deste momento, passa a investir na busca de uma ciência capaz de explicar a realidade com que se defronta. Esta mudança de atitude provavelmente afeta a relação de Freud com Fliess, tendo em vista que este último parecia não se preocupar muito com a validação científica de suas teses (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 240/275/801).

MAS, E AGORA, O QUE É QUE EU FAÇO?

Em 1898 Freud publica um texto intitulado *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Após anos de pesquisas exaustivas, diz poder afirmar que as causas mais importantes de todos os casos de neurose poderiam ser encontradas na vida sexual. Deixando claro não ser esta uma teoria original, advoga, contudo, a necessidade de que deixe de ser negada (Freud, 1987, p. 236).

Neste texto, Freud promove a diferenciação entre neurastenia e neurose de angústia – que irá nominar de "neuroses atuais" – e as psiconeuroses. Na neurastenia e na neurose de angústia, os fatores etiológicos pertencem à vida sexual atual do paciente ou, ao menos, ao período de sua vida desde a maturidade sexual até o presente (vale lembrar que um dos fatores preponderantes nas dificuldades sexuais deste período histórico é a inexistência de contraceptivos adequados). Por outro lado, as dificuldades sexuais que se encontram na etiologia das psiconeuroses terão sua ocorrência num período anterior ao desenvolvimento da maturidade sexual. Ora, isso irá determinar o resultado da inquirição feita pelo médico, ou seja: apenas nas neuroses atuais pode-se esperar obter do paciente respostas claras e imediatas que permitam desvendar os fatores sexuais etiológicos de sua "doença". Para se chegar ao conhecimento da etiologia das psiconeuroses, o caminho será mais tortuoso (Freud, 1987, pp. 236-240).

Nesta obra, Freud irá também pontuar os sintomas e a etiologia da neurastenia e da neurose de angústia, a saber:

⁹ Recalçamento ou recalque: operação pela qual a pessoa procura manter inconscientes determinadas representações (que podem aparecer em forma de pensamentos, imagens, recordações), devido ao fato destas provocarem algum tipo de desprazer – culpa, por exemplo (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 430).

- Neurastenia: pressão intracraniana, propensão à fadiga, dispepsia, constipação, etc.; etiologia: masturbação excessiva.
- Neurose de angústia: ansiedade, inquietação, vertigem locomotora, agorafobia, insônia, grande sensibilidade à dor, etc.; etiologia: abstinência sexual ou satisfação incompleta – devida ao coito interrompido, à excitação "não consumada", e outros motivos, incluindo aí também a masturbação (Freud, 1987, p. 240).

Há casos também em que os sintomas, bem como as situações motivadoras dessas duas formas de neurose atuais, se combinam. Sendo a masturbação, na opinião de Freud, a fonte causadora da neurastenia e, por vezes, da neurose de angústia, ele irá posicionar-se duramente quanto ao tratamento recomendado:

A masturbação é muito mais comum entre as meninas crescidas e os homens maduros do que se costuma supor, e tem efeito nocivo não só por produzir sintomas neurastênicos, mas também por manter os pacientes vergados sob o peso do que eles consideram ser um segredo vergonhoso. [...] Arrancar o paciente do hábito da masturbação é apenas uma das novas tarefas terapêuticas impostas ao médico que leva em conta a etiologia sexual dessa neurose; e parece que precisamente essa tarefa, tal como a cura de qualquer outro vício, só pode ser efetuada numa instituição e sob supervisão médica. [...] Pois a necessidade sexual, uma vez despertada e satisfeita por algum tempo, não pode mais ser silenciada; só pode ser deslocada¹⁰ por outro caminho. Aliás, o mesmo se aplica a todos os tratamentos para romper com um vício (Freud, 1987, p. 246).

Se a masturbação é a causa da neurastenia na juventude e se, mais tarde, ela adquire importância etiológica também para a neurose de angústia, devido à redução de potência que acarreta, então a prevenção da masturbação em ambos os sexos é uma tarefa que merece mais atenção do que tem recebido até agora. Quando refletimos sobre todos os danos, dos mais graves aos mais insignificantes, que provêm da neurastenia [...] verificamos que, positivamente, é de interesse público que *os homens ingressem nas relações sexuais com toda sua potência*. Em matéria de profilaxia, entretanto, o indivíduo está relativamente desamparado. Toda a comunidade precisa interessar-se pelo assunto e dar seu apoio à criação de regulamentos genericamente aceitáveis. No momento, estamos ainda muito longe dessa situação que prometeria alívio, e é por esse motivo que podemos justificadamente considerar a civilização como também responsável pela difusão da neurastenia (Freud, 1987, p. 248).

Pode-se também justificadamente considerar que Freud não encontra a resposta para esta questão por considerá-la um problema unicamente dos homens, não das

¹⁰ Deslocamento: possibilidade da importância ou da intensidade de uma representação destacar-se dela para passar a outras, ligadas à primeira por uma cadeia associativa, segundo uma teoria econômica da libido. O deslocamento ocorre nos sonhos, na formação dos sintomas neuróticos, e nas formações do inconsciente de modo geral (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 116).

mulheres. Se os homens precisam de sexo, se não é possível esperar até o casamento sem nenhum tipo de satisfação sexual (dentro do casamento há o problema da concepção indesejada, que será visto em seguida), então com quem os homens deveriam ter relações sexuais? Com as prostitutas? Mas elas não são, também, mulheres? E não parece o caso de Freud defender a prostituição. Parece então que, neste texto, o criador da psicanálise se encontra dividido entre aquilo que considera saudável, recomendável e "normal", e aquilo que considera moralmente adequado. Além disso, parece dar pouco valor ao fato de ser justamente a repressão social da masturbação o que leva o praticante do onanismo a sentir-se tão envergonhado e culpado por seu ato, sendo de longe estes sentimentos o que de pior pode ocorrer como consequência desta atividade.

No caso da neurose de angústia provocada pelas tentativas conjugais de evitar filhos, usando para isso de métodos que, como já visto, Freud condena, caberia ao médico induzir o paciente a adotar relações sexuais "normais". Ou seja, o médico deverá tomar a si a tarefa de decidir em que condições se justifica o uso de técnicas preventivas de concepção – tendo em vista que alguns casais já as utilizam após o nascimento do primeiro filho, ou mesmo a partir da noite de núpcias – e também orientar no sentido de quais técnicas são prejudiciais ou não. Mas aí ele esbarra no fato de nenhum método contraceptivo da época ser capaz de satisfazer inteiramente os requisitos – ser ao mesmo tempo seguro e cômodo, não diminuir a sensação de prazer e "não ferir a sensibilidade da mulher". Assim, Freud considera uma tarefa importante para a comunidade médica o desenvolvimento de métodos contraceptivos adequados: "Quem preencher esta lacuna em nossa técnica médica terá preservado o prazer da vida e mantido a saúde de inúmeras pessoas, muito embora, é verdade, tenha também preparado o terreno para uma drástica mudança em nossas condições sociais" (Freud, 1987, pp. 247-248).

Freud afirma também que, ao solicitar do paciente acometido de uma neurose atual a confirmação de suas suspeitas quanto à etiologia sexual de seus sintomas, o médico deve insistir, não se deixando enganar pelas recusas iniciais. A idéia de que se poderia, por insistência, levar um paciente "psiquicamente normal" a acusar-se falsamente de "delitos sexuais", pode ser descartada como perigo imaginário. Nos raros casos em que a etiologia sexual está realmente ausente, trata-se de algum problema físico, não sendo, portanto, um caso de neurose (Freud, 1987, p. 241).

Há casos em que a psiconeurose aparece associada a uma neurose atual, o que Freud chama de *neurose mista*. Diante deste quadro, deve-se separar os quadros clínicos, levando-se em conta que a predominância da neurose de angústia demonstra que a doença surgiu sob a influência de uma perturbação atual, mas que o paciente estava predisposto ao aparecimento da psiconeurose – devido a um fator etiológico do passado. Deve-se tratar da neurose atual, ignorando a psiconeurose, pois ela possivelmente irá ser superada concomitantemente. Caso isto não aconteça, deve-se proceder à busca pelo motivo desencadeante no passado do paciente (Freud, 1987, p. 250).

Neste texto, Freud irá também posicionar-se contrariamente ao uso comum de uma justificativa hereditária para as neuroses, afirmando que, com isto, poder-se-ia desistir de levar ao paciente alguma ajuda. Reafirma a existência da vida sexual nas crianças, mas, afirma também que:

[A] organização e a evolução da espécie humana se esforçam por evitar uma ampla atividade sexual durante a infância. Aparentemente, no homem, as forças pulsionais sexuais destinam-se a ser armazenadas, de modo que, com sua liberação na puberdade, possam servir a grandes fins culturais. (W. Fliess.) Uma consideração dessa espécie possibilita compreender por que as experiências sexuais na infância estão fadadas a ter um efeito patogênico. Mas, no momento em que ocorrem, elas só produzem efeito em grau muito reduzido; muito mais importante é seu efeito retardado, que só pode ocorrer em períodos posteriores do crescimento (Freud, 1987, p. 250).

Esta afirmação parece mostrar que, se Freud considera usual algum tipo de atividade sexual infantil, também considera que ela deve ser socialmente inibida. E, a não ser que esteja se referindo novamente a sua "teoria da sedução", a idéia de que a atividade sexual infantil é prejudicial, e de que a pulsão sexual pode ser armazenada desde a infância até a puberdade não irá condizer com suas futuras formulações a este respeito.

Ainda neste texto, Freud irá nominar o seu método de psicanalítico, e dirá que, com as mudanças introduzidas no método de sugestão, pode-se esperar a cura real da histeria, e não apenas a eliminação dos seus sintomas. Aproveita para rebater as críticas quanto a seu método (descrito sumamente em *Estudos sobre a histeria*), dizendo ser este extremamente difícil e que deveria ser aprendido, não deduzido deste seu texto anterior (Freud, 1987, p. 251).

Em 1899, baseado em sua nova teoria sobre o inconsciente, centrada, como já visto, no recalçamento e no complexo de Édipo, Freud escreve *A interpretação dos sonhos*, um de seus livros mais importantes, a ser publicado neste ano, em novembro, porém com a data do ano seguinte (Gay, 1999).

MULHERES DA VIRADA...

De 1877 a 1892 surgem na Inglaterra, na Holanda, na França e na Alemanha, as primeiras organizações neomalthusianas. Estas organizações são dedicadas à propagação de todos os meios de manter relações sexuais sem risco de gravidez, com a informação e a venda de contraceptivos. Resta questionar se estas informações atingiam seus objetivos, pois entre os pesquisadores de biologia reprodutiva da virada do século, o ciclo hormonal da mulher é ainda totalmente desconhecido. Sem deixar de atrelar a menstruação ao cio, estes cientistas consideram que a ovulação ocorre durante o sangramento e recomendam, para evitar a concepção, que a mulher tenha relações justamente durante o período (que hoje se sabe) fértil. Ainda ao final do século XIX, a diferença sexual biológica é procurada nas células, através do microscópio (Badinter, 1986, p. 184 e Laqueur, 2001, pp. 17/20).

Por esta época, surge em Paris uma "doença da moda", a colite. As nobres parisienses não têm necessidade, como suas companheiras alpinas, de expulsar o marido de casa, pois, quando convêm, a colite é tida como contagiosa, sendo recomendado ao casal dormir separadamente. Também neste período, o processo natural de envelhecimento transforma-se num problema a ser resolvido pela ciência e pela tecnologia. Em outras palavras, a mortalidade, tema tradicional dos filósofos, passa a ser considerada um desafio médico. Com essa invasão do terreno filosófico, a medicina inicia um processo sem antecedentes de interferência nos padrões, hábitos e tradições humanos. A partir do surgimento dos antibióticos, a medicina obtém o controle das epidemias e infecções, assim como o controle da dor e da mortalidade infantil (Schiller, 2000, pp. 118-119/122-123).

O movimento feminista na França ao fim do século XIX encontra-se muito associado ao socialismo, pois as mulheres acreditam, erroneamente, que a luta pela sua liberdade está associada à luta dos homens oprimidos. Em 1883, a Nova Zelândia torna-

se o primeiro país a permitir o voto feminino. E, na virada para o século XX, iniciam poderosos movimentos de emancipação feminina na Alemanha. Inicia, também ao fim do século XIX, a utilização da eletricidade para a movimentação de equipamentos e máquinas, reduzindo ainda mais a necessidade de força física no trabalho das fábricas. Abre-se, portanto, um maior mercado de trabalho para as mulheres (Badinter, 1986, pp. 163/181/184 e G. E. Larousse C., 1998, vol. 13, p. 3154).

É apenas a partir de 1900 que as teorias de Mendel, sobre as leis da hereditariedade, são recuperadas e reconhecidas como verdadeiras em todo o mundo. O geneticista americano Walter Sutton defende que os cromossomos, aos pares, contêm as unidades da hereditariedade. E o rigor excessivo nas escolas também só será revisto a partir do século XX (Schiller, 2000, pp. 36/93).

Vale ressaltar que, na virada para o século XX, todos os movimentos culturais, políticos e científicos da Europa, ou iniciam, ou convergem para Paris, Berlim ou Viena. É verdade que Viena resiste mais à modernidade, devido a sua rigidez aristocrática. Contudo, se a modernização econômica e cultural chega mais tarde na Áustria, ela se torna ali mais rápida no final do século XIX e, na segunda década do século XX, já atingiria o mesmo nível dos outros dois países. Porém, a modernidade é vista na Áustria mais como uma perda que um ganho, e isso não só por parte da aristocracia, mas também por parte de uma parcela da classe intelectual e artística. Isso talvez possa ser esclarecido em função de alguns fatores sociopolíticos. Ao contrário de Paris ou Berlim, onde os intelectuais vivem em comunidades segregadas em função de sua profissão, em Viena existe uma coesão de toda a elite até cerca de 1900, estando esta elite também muito próxima da aristocracia. Com a convivência de diferentes extratos sociais, os vienenses têm a ilusão (inexistente nas outras capitais aqui citadas) de haver uma participação dos "plebeus" no poder (Wagner, 1996, pp. 45-48).

Com esta resistência da Áustria em "modernizar-se", a revolução industrial, que coloca muitas mulheres no mercado de trabalho, será ali também mais lenta. Se em Viena a tentativa de conservar o *status* burguês é maior, a mulher possuidora de algum bem, seja por intermédio de herança, seja por intermédio do casamento, irá, como já foi visto, preocupar-se muito mais com o manutenção de suas posses, que com a "libertação" de seu sexo, diferenciando-se ao máximo da mulher operária.

PRA TUDO COMEÇAR NA QUARTA-FEIRA

A partir de 1900, a relação de Freud com Fliess começa a sofrer sérios revezes. Em um de seus encontros, Freud informa a Fliess sua descoberta de que as neuroses só poderiam ser compreendidas levando-se em conta o pressuposto de que o ser humano é dotado de constituição bissexual. Fliess chama a atenção de Freud para o fato de ter sido ele quem desenvolvera esta idéia anos antes, quando então Freud demonstrara desinteresse por ela. Freud consegue recordar sua conversa anterior com Fliess, e assume que seu esquecimento visava obter o reconhecimento pessoal de originalidade (Gay, 1999, p. 129).

Em março de 1902, Freud é nomeado "professor extraordinário" da Universidade de Viena. Ainda neste ano, Wilhelm Stekel (médico que havia sido tratado por Freud) incentiva a formação de um pequeno grupo de estudos, onde pudessem reunir-se pessoas interessadas em aprofundar as idéias freudianas. Freud envia cartões postais convidando para compor o grupo – além do próprio Stekel – Rudolf Reitler (que se tornaria o primeiro psicanalista depois de Freud), Max Kahane (que trabalhava num hospital de psiconeuróticos), e Alfred Adler (também médico em Viena), fundando assim a *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, primeira instituição psicanalítica da história. O nome deve-se ao fato de seus membros se reunirem todas as quartas-feiras para troca de experiências, estudos, etc. (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 276/607/719-720/802-803).

Freud começa, portanto, a sair de sua solidão intelectual – que ficava mais forte com o início do rompimento com Fliess – e a cercar-se de pessoas interessadas em aprender com ele sobre a teoria e a técnica psicanalíticas. Não importa que posteriormente este primeiro grupo venha a dissolver-se. Ele é de significância máxima, por dar início ao tipo de postura que Freud assumiria doravante: o de mestre desta nova disciplina por ele criada.

INIMIGO ÍNTIMO¹¹

Em 1904, Fliess escreve uma carta a Freud dizendo ter lido o livro *Sexo e caráter*, de Otto Weininger, publicado no ano anterior, e ter reconhecido, ali, sua teoria sobre a bissexualidade humana. Como ainda não havia publicado integralmente suas idéias sobre a bissexualidade, mas as havia confidenciado a Freud, Fliess o acusa de tê-las passado a Weininger, fosse de maneira direta, fosse através de Swoboda, psicólogo amigo de Weininger e paciente de Freud (Gay, 1999, p. 154).

Admitindo que havia comentado a questão da bissexualidade com Swoboda durante o tratamento, Freud acrescenta, contudo, que Weininger poderia ter tirado a idéia de outro lugar, pois há alguns anos ela figurava na literatura técnica. Fliess, no entanto, mostra-se mais aborrecido ainda com o fato de saber que Weininger mostrara seu manuscrito a Freud antes da publicação, e que este tentara dissuadi-lo de publicá-lo, mas que não fizera referência alguma ao "roubo intelectual". Freud argumenta que o manuscrito que tivera em mãos era muito diferente do publicado. Apesar disso, Fliess rejeita as atitudes pacificadoras de Freud. Aí terminava uma grande amizade (Gay, 1999, pp. 154-155).

QUANDO CASAR, SARA?

Em 1905, Freud publica *Fragmento da análise de um caso de histeria*, onde descreve o tratamento de uma paciente que denomina "Dora". Neste texto, esclarece que sua técnica de tratamento sofrera grandes modificações desde a publicação de *Estudos sobre a histeria*, sendo que a principal consiste no fato de que, anteriormente, ele partia dos sintomas, buscando esclarecê-los um a um, e no momento ele percebe ser mais eficaz deixar que o próprio paciente defina o tema a ser trabalhado naquele dia. Como o discurso neurótico apresenta algumas características – a saber, especialmente o fato de ser truncado, com confusão quanto às datas dos acontecimentos, com encobrimento de informações, etc. – isto evidentemente dificulta a elucidação dos sintomas. Porém, Freud considera sua nova técnica não só superior à antiga, como também a única a levar aos resultados esperados (Freud, 1989a, pp. 20-21/24-25/28/52).

¹¹ Título de um filme de Alan Pakula, de 1997, produzido por LK-Tel/ Colúmbia.

Freud, neste texto, mostra-se mais maleável à aceitação de caracteres hereditários na etiologia das neuroses. Inclusive, aponta a filiação de pais sífilíticos como sendo uma predisposição à neurose. Defende-se da possível (e provável) acusação de que usa os termos corretos para referir-se aos órgãos sexuais, e de que fala abertamente sobre sexo e atividades sexuais com pacientes do sexo feminino, algumas virgens, inclusive, com a explicação de que, ao acreditar na preponderância do fator sexual na etiologia das neuroses, não há como se furtar à menção de tais assuntos ou palavras (Freud, 1989a, pp. 24-25/28/52).

Freud parece não visualizar a possibilidade de o grande número de pacientes neuróticos filhos de pais sífilíticos ter relação, não com questões orgânicas, mas sim com as possíveis características psicológicas destes pais. Sem forçar demais um retorno à "teoria da sedução", há que se pensar que, sendo a sífilis uma doença sexualmente transmitida, parece existir aí um certo grau de promiscuidade, que poderia aparecer não só nas relações dos pais (do pai, mais freqüentemente, considerando a época) com pessoas adultas, mas possivelmente na própria relação do pai com o paciente quando criança.

Ainda no texto em questão, Freud inicia uma discussão, sempre recorrente, sobre a diferença entre perversão e neurose, na qual afirma que a perversão não passa do desenvolvimento de tendências que aparecem na vida infantil em estado rudimentar. A sublimação das perversões destina-se ao fornecimento de energia para as realizações culturais humanas. Nos neuróticos, as inclinações perversas não são nem manifestadas em ato nem sublimadas, mas tornadas inconscientes (Freud, 1989a, pp. 53-54).

Explora ainda um pouco mais sua teoria sobre o complexo de Édipo, já trabalhada em *A interpretação dos sonhos*, na qual defende a existência de relações amorosas inconscientes entre pai e filha ou mãe e filho. Afirma presumir que esta relação acontece de forma mais intensa em pessoas "constitucionalmente" destinadas à neurose. Aquelas em que as sensações "genitais genuínas" aparecem de forma prematura, como resultado da sedução, da masturbação, ou mesmo de "forma espontânea". Discute também a "normalidade" do aparecimento de inclinações homossexuais na puberdade, em ambos os sexos. Sob circunstâncias favoráveis, esta inclinação desaparece, em caso contrário, torna a ser despertada mais tarde, aumentando

de intensidade. Como Freud vê nos neuróticos uma tendência maior para a perversão, considera que, neles, há uma tendência também maior para a homossexualidade. No caso da histeria, especialmente, os sentimentos ginecófilicos devem ser considerados típicos da vida amorosa inconsciente (Freud, 1989a, pp. 58-59/62/65).

Como se pode ver, após abandonar sua "teoria da sedução", Freud terá uma certa dificuldade em definir quais os fatores que levariam a uma maior ligação edípica na infância. Ao mesmo tempo que afirma haver um fator "constitucional" a determinar esta ligação, fala também de sedução, masturbação (mas o que levaria à esta?), e mesmo de sensações "genitais genuínas" espontâneas. Ora, como se trata de uma paciente do sexo feminino que ele analisa neste texto, pode-se pensar que Freud aventava a possibilidade de "sensações vaginais espontâneas". Mas isso não pode ser afirmado, tendo em vista seu constante uso do termo "genital" para o clitóris.

Ainda em *Fragmento...*, Freud (1989a) retoma sua condenação da masturbação, relacionando-a a dores gástricas, leucorréia, enurese noturna, etc. Considera também os sintomas histéricos como resultado da abstinência da masturbação praticada na infância, ou seja, como substitutos da satisfação masturbatória. A masturbação continuaria a ser desejada pelo inconsciente, até o surgimento de uma satisfação "mais normal" – possibilitada pelo casamento – e, se ainda for possível, a "cura" da histeria (pp. 76/79).

Freud (1989a) fornece também uma definição do que seja histeria: "Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de excitação sexual despertasse sentimentos preponderante ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos" (p. 35). E afirma, pela primeira vez em um texto a ser publicado¹², que o clitóris é o "órgão feminino correspondente" ao pênis – inclusive na vida adulta (p. 36).

Na descrição que Freud faz da mãe de "Dora", percebe-se uma crítica severa ao comportamento típico da dona-de-casa:

[...] fui levado a imaginá-la como uma mulher inculta e acima de tudo fútil, que, a partir da doença e do conseqüente distanciamento do marido, concentrara todos os seus interesses nos assuntos domésticos, e assim apresentava o quadro do que se poderia chamar de "psicose da dona-de-casa". Sem nenhuma compreensão pelos

¹² Anteriormente, Freud havia desenvolvido esta idéia em uma carta (n.º 75) a Fliess, de novembro de 1897.

interesses mais ativos dos filhos, ocupava o dia todo em limpar e manter limpos a casa, os móveis e os utensílios, a tal ponto que se tornava quase impossível usá-los ou desfrutar deles (Freud, 1989a, p. 27).

Contudo, a filha mais velha de Freud, Mathilde – que já sofrera na infância com uma difteria que quase a levava à morte – passa, em 1905, por uma cirurgia complicada de apêndice, tornando-se estéril. Essas dificuldades de saúde e suas feições pesadas e pálidas prejudicam bastante sua auto-estima. Freud, ao saber disso, trata de motivá-la, dizendo a ela que suas feições não são comuns nem desagradáveis e, além do mais, que os rapazes razoáveis sabem o que devem realmente procurar numa mulher: "temperamento meigo, jovialidade e a capacidade de tornar a vida mais agradável e fácil para eles" (Freud, conforme citado por Gay, 1999, p. 288).

A partir da descrição que os vários biógrafos de Freud fornecem de Martha – inclusive baseada na opinião de seus próprios familiares – pode-se presumir uma semelhança entre sua personalidade e a da mãe de "Dora", que Freud critica tão duramente. Ele parece oscilar, freqüentemente, entre o desejo de ter como companheira uma mulher instruída, até mesmo profissionalmente ativa, e o desejo de uma mulher submissa, que facilite sua vida profissional cuidando de sua casa e de seus filhos, como Martha sempre fez.

PONDO LENHA NA FOGUEIRA...

Ainda em 1905, Freud publica um de seus livros mais importantes: seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde inaugura o conceito de "pulsão sexual", do qual faz uma analogia com a "pulsão de nutrição", a fome. A pulsão seria uma pressão, ou uma força, que faz com que o organismo dirija-se a um determinado alvo. Esse conceito de pulsão sexual pode ser também utilizado como sinônimo de libido. Se, nos *Três ensaios...*, Freud utiliza o termo pulsão para designar a energia presente tanto nos animais como no homem, seu uso visava justamente diferenciar os alvos possíveis unicamente ao homem, pois nos animais o objetivo seria sempre a cópula com um animal do sexo oposto, visando a reprodução. O termo pulsão (*Trieb*, em alemão), conserva a idéia de impulso (deriva de *treiben*, que quer dizer impelir), opondo-se à

noção de instinto¹³, pois este último dá a noção de um alvo mais definido (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 394 e Freud, 1989b, p. 127).

Desenvolvendo o conceito de pulsão, Freud irá definir como seu objeto a pessoa de quem provém a atração sexual, e como seu alvo a ação para a qual ela impele. No desvio do objeto da pulsão, Freud irá incluir os invertidos (homossexuais) e os que buscam animais e crianças como objeto. Os desvios com relação ao alvo da pulsão sexual serão divididos entre as transgressões anatômicas e a fixação em alvos sexuais que deveriam ser provisórios – ou seja, nas preliminares sexuais (Freud, 1989b, pp. 127-148).

Com relação aos homossexuais (desvio do objeto), Freud irá, neste texto, afirmar que seu comportamento varia entre a inversão absoluta, o comportamento bissexual, e a atividade homossexual ocasional. Combate a posição dos que vêm na inversão um caráter inato, usando, entre outros argumentos, o fato de que pode ser "eliminada" pela hipnose. Contudo, não descarta a presença de um fator inato que propicie a fixação da inversão, devido ao fato de as mesmas situações de infância vividas pelo invertido serem também vivenciadas por pessoas que não se tornam homossexuais. Ressalta ainda que o objeto sexual dos invertidos pode não diferir grandemente do de seus companheiros de sexo heterossexuais, pois muitos homens invertidos procurariam por homens ou rapazes com traços físicos e psíquicos "femininos". No caso das mulheres, a inversão seria menos ambígua, assumindo a homossexual ativa os caracteres somáticos e psíquicos dos homens e buscando como objeto mulheres bastante "femininas". Chama também a atenção para o alvo sexual dos invertidos, afirmando que, nos homens, a relação pênis ânus estaria longe de constituir a meta principal, sendo a masturbação,

¹³ A tradução inglesa, feita por James Strachey, das obras completas de Freud, não faz esta diferenciação entre pulsão e instinto e, conseqüentemente, a brasileira, dela derivada, também não. Uma exceção é justamente o texto dos *Três ensaios...*, onde o termo pulsão é utilizado, mas isto se deve, possivelmente, ao fato de ser uma edição brasileira bastante atualizada (1989) com relação às demais utilizadas neste trabalho (a maioria da década de 1970), e que deve ter sido corrigida no Brasil. Na tentativa de fazer jus à conceituação diferenciada de Freud, será feita, em todo o texto (com exceção, evidentemente, das citações literais), uma substituição de "instinto" por "pulsão", ou de "instinto sexual" por "libido". Contudo, considerando que Freud por vezes utilizou realmente a palavra instinto (segundo Laplanche & Pontalis, 2000, p. 394), corre-se o risco de adulterar aquilo que se desejava corrigir. Vale ressaltar que nas traduções inglesa e brasileira o termo "psíquico" foi também substituído, no mais das vezes, por "mental", sendo esta uma correção que se buscará fazer também, na medida do possível.

com freqüência, seu alvo exclusivo, e que, nas mulheres, a boca parece ser a zona erógena¹⁴ privilegiada (Freud, 1989b, pp. 128-138).

Nesta diferenciação entre homossexualidade masculina e feminina, Freud parece proteger os homens, ao mencionar aqueles que buscam um objeto "feminino", e afirmar que as mulheres assumem mais as características masculinas. Ora, onde enquadrar-se-iam os respectivos parceiros sexuais destes homens e mulheres? A não ser que esteja se referindo apenas ao desejo sexual, que não encontra manifestação na atividade concreta (o que não parece ser o caso, visto que aponta para as formas de satisfação), então o homem que busca um objeto do sexo masculino, mas com características femininas teria um parceiro "bastante invertido" e a mulher mais masculina teria uma parceira "menos invertida".

Com relação às pessoas que tem como objeto animais e crianças, Freud afirma que, nelas, haveria como que uma pressão urgente, impreterível, e na falta de um objeto mais adequado o indivíduo utilizaria o que está ao dispor. No caso de animais, isto seria bastante comum em pessoas que moram no campo. A escolha exclusiva de crianças ou animais como objeto seria muito rara, podendo figurar entre o comportamento de pessoas "loucas" (Freud, 1989b, p. 139).

Freud acrescenta ainda que:

[Quem] é mentalmente [sic] anormal em algum outro aspecto, seja em termos sociais ou éticos, habitualmente também o é em sua vida sexual. Mas muitos são os anormais na vida sexual que, em todos os outros pontos, correspondem à média, e que passaram pessoalmente pelo desenvolvimento cultural humano, cujo ponto mais fraco continua a ser a sexualidade (Freud, 1989b, p. 140).

Freud destaca o fato de, para um grande número de indivíduos, o valor do objeto sexual passar para o segundo plano, sendo o essencial da pulsão sexual alguma outra coisa. Com relação aos desvios com respeito ao alvo sexual (considerando-se como normal a união dos genitais no coito), Freud afirma que mesmo a união sexual mais enquadrada irá ter como preliminares atividades absolutamente diferentes do alvo, como olhar o corpo do parceiro sexual, apalpá-lo, beijá-lo, etc. Freud destaca a importância do

¹⁴ Zona erógena: "qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso suscetível de se tornar sede de uma excitação de tipo sexual. De forma mais específica, certas regiões que são funcionalmente sedes dessa excitação: zona oral, anal, uretro-genital, mamilo" (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 533).

beijo como manifestação de sexualidade, por serem as bocas entradas para o tubo digestivo, e não partes do aparelho sexual (Freud, 1989b, pp. 140-142).

Conseqüentemente, o que pode ser chamado de perversão quanto ao alvo sexual seria, em primeiro lugar, a transgressão quanto às regiões do corpo destinadas ao ato sexual. Esta transgressão manifestar-se-ia, ou pela supervalorização do objeto sexual (quase nunca a valorização do objeto sexual restringe-se a sua genitália, propagando-se não só por seu corpo como também por seu psiquismo), ou pelo uso da boca ou do ânus como órgão sexual. Outra variação seria a substituição imprópria – inadequada – do objeto sexual, o que é o caso do fetichismo, no qual, por exemplo, os pés da pessoa desejada tornam-se o alvo, ou então um objeto inanimado (como uma calcinha) relacionado a esta pessoa. Nos casos mais graves de fetichismo, o objeto substituiria totalmente a pessoa (Freud, 1989b, pp. 140-145).

No segundo tipo de desvio quanto ao alvo sexual, há uma fixação nos atos preliminares. O tocar e o olhar, mesmo que demorados, se levam ao ato sexual, não são considerados como perversões. Contudo, quando o prazer de ver (escopofilia) restringe-se à genitália, dirige-se às funções excretoras ou suplanta o alvo sexual normal – em vez de ser apenas uma fase preparatória para este – torna-se uma perversão (Freud, 1989b, pp. 146-147).

Freud desenvolve também as noções de sadismo e masoquismo, afirmando que o primeiro deriva da agressão "normal dos homens" – que existe em função da necessidade de "vencer a resistência do objeto sexual" – sendo sua forma exagerada. O segundo, dele necessariamente derivado, vai desde a atitude passiva no ato sexual (portanto, sempre seria a atitude das mulheres no coito) até o condicionamento entre dor física e satisfação sexual. O masoquismo é uma espécie de narcisismo, pois, derivado do sadismo, volta a agressividade para a própria pessoa, que assume então o lugar de seu próprio objeto sexual (Freud, 1989b, pp. 148-149).

Há aqui, portanto, uma associação entre sadismo e masculino, masoquismo e feminino. A "passividade" da mulher no coito é tida como uma forma de masoquismo. Possivelmente, se o ato sexual fosse visto como sendo para a mulher uma forma de "acolhimento" – que é o que realmente ocorre no coito de comum acordo – ao invés de uma ausência de atividade, esta associação perdesse sua força. Da mesma maneira, a

idéia de que o homem precisa "vencer a resistência" de seu objeto sexual, parece sempre remeter à idéia de coito com uma mulher abúlica, desinteressada, insatisfeita.

Freud afirma ainda que, na neurose, os sintomas substituem a atividade sexual. Neurose e perversão seriam excludentes, pois enquanto o neurótico apresenta suas perversões em forma de sintoma, o perverso coloca-as em prática. Assim, na vida anímica de todos os neuróticos seriam encontradas tendências à inversão, à transgressão anatômica e à transgressão de alvo sexual, através de pulsões parciais (ver e exhibir-se, sadismo e masoquismo, etc.). A presença da perversão na vida anímica dos neuróticos deve-se a fixações no desenvolvimento sexual infantil (1989b, pp. 161).

O desenvolvimento sexual infantil nos *Três ensaios...* encontra-se dividido em várias seções. Em uma delas, apesar do subtítulo *Atividade da zona genital*, fica difícil compreender a que partes do corpo Freud se refere:

Entre as zonas erógenas do corpo infantil encontra-se uma que decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das moções sexuais mais antigas, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Nas crianças tanto de sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glande, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltarlhe a estimulação por secreções que aticem precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura vida sexual "normal". Por sua posição anatômica, pelas secreções em que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas), é inevitável que a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase de amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la. [...] A ação que elimina o estímulo e provoca a satisfação consiste num contato por fricção manual ou numa pressão (decerto preparada nos moldes de um reflexo) exercida com a mão ou unindo as coxas. Este último método é de longe o mais freqüente nas meninas. Nos meninos, a preferência pela mão já indica a importante contribuição que a pulsão de dominação está destinada a fazer para a atividade sexual masculina (Freud, 1989b, pp. 175-176).

Pode-se começar pelo fato de Freud afirmar estar esta zona erógena ligada, em ambos os sexos, à micção (glande, clitóris). Ora, usa-se o termo glande tanto para a "cabeça" do pênis, quanto para a extremidade do clitóris. Mas se, nos meninos, não só a glande está envolvida na micção, mas o pênis como um todo, sabe-se que, nas meninas, a saída da urina não se dá pela vagina, mas por um orifício separado, e que o clitóris, antes de mais nada, não tem abertura nenhuma que possa justificar esta relação.

Em segundo lugar, ao citar o clitóris, em uma seção intitulada *Atividade da zona genital*, Freud comete um erro que irá ser repetido várias vezes, pois genitais são exclusivamente os órgãos que estão envolvidos na geração e, como se sabe, o clitóris não está. Em terceiro lugar, para descrever o prepúcio, que recobre apenas a glândula do pênis (sendo o pênis *como um todo* o órgão genital masculino), Freud usa a palavra "bolsa", gerando uma possível confusão entre o pênis e os testículos.

Por fim, quando Freud fala da estimulação destas zonas erógenas por "excitações acidentais (como a migração de vermes intestinais nas meninas)", parece estar se referindo à vagina, pois os vermes poderiam migrar também para a região do pênis. Esta exclusividade quanto ao sexo feminino (que sem dúvida é uma tentativa inicial de entender como a vagina pode desenvolver sua sensibilidade na infância, tentativa esta posteriormente abandonada) deve estar baseada no fato de a vagina, assim como o ânus, ser um orifício, por onde os vermes poderiam entrar. Considerando que Freud vê nos cuidados higiênicos com o corpo da criança, e nas excitações acidentais, o início da atividade masturbatória infantil e afirma que a união das coxas é a principal forma de masturbação nas meninas – o que pressupõe a pressão sobre o clitóris – pode-se perguntar qual é, aqui, o lugar da vagina, mesmo que a seção seja intitulada *Atividade da zona genital*¹⁵.

Vale ainda ressaltar que, embora aparentemente tenha abandonado sua "teoria da sedução" em 1897, no parágrafo acima, Freud continua atribuindo à sedução sofrida pela criança um importante papel. Só que, agora, a sedução caberia não mais ao pai, mas sim à mãe, que seduz a criança de forma "acidental", ao exercer sobre seu corpo os cuidados necessários. No mesmo texto, Freud (1989b) irá referir-se outras vezes à idéia de que as crianças podem ter sua sexualidade despertada por atos sedutores dos adultos, como é possível verificar na seção intitulada *Disposição perversa polimorfa*, onde afirma que a criança, sob a influência da sedução, pode tornar-se perversa polimorfa, e ser induzida a todos os desvios possíveis. Afirma também que, nas mulheres "incultas"

¹⁵ Para evitar que se considere esta confusão como advinda de problemas de tradução, vale ressaltar que foi feita uma comparação, palavra por palavra, com a tradução feita diretamente do texto em alemão para o espanhol, pela editora Amorrortu (Freud, 1998a). Com exceção do título da seção, que na verdade é *Ativação das zonas genitais* e não *Atividade da zona genital* (o que, para a discussão em questão, não tem importância de fato), não foi encontrada nenhuma diferença no uso das palavras escolhidas por Freud que estão sendo questionadas como causadoras de (ou causadas por) confusão.

(claramente referindo-se àquelas que não tiveram uma educação coerciva da sexualidade), o gosto pelas perversões pode ser despertado por um "sedutor habilidoso". A disposição polimorfa (portanto infantil) seria também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão (p. 179).

Freud afirma ainda nos *Três ensaios...* que o alvo sexual do homem adulto consiste na descarga dos "produtos sexuais", vinculando-se este alvo ao anterior – a obtenção de prazer. Desta forma, a pulsão sexual seria colocada a serviço da função reprodutora, no que atingiria um caráter "altruísta" (Freud, 1989c, p. 195).

Se a pulsão pode ser definida como a busca do prazer pelos seres humanos, não parece possível relacionar a este impulso um "caráter altruísta". O próprio Freud deixa claro que, nos seres humanos, o prazer não se encontra diretamente ligado à perpetuação da espécie, como nos outros animais. Assim, apenas se a relação sexual adulta tiver como alvo a penetração pênis vagina ela irá levar a uma *possibilidade* de gravidez (e portanto, de perpetuação da espécie). Mas como, na maioria dos casos, mesmo neste tipo de relação os indivíduos envolvidos não estão buscando a reprodução, mas sim a obtenção do prazer, fica difícil imaginar uma intenção "altruísta" mesmo nas pessoas envolvidas no ato sexual, que dirá em sua pulsão.

É evidente que o corpo humano – assim como o dos outros animais – está biologicamente programado para, na vida adulta, reproduzir-se na medida em que busca a satisfação sexual. Porém, esta relação feita por Freud soa estranha em sua pena, considerando sua percepção a respeito das implicações da sexualidade para além da reprodução. E a busca incessante de contraceptivos eficientes pela humanidade (busca esta que o próprio Freud incentiva) demonstra que o sexo humano adulto não tem nada de "altruísta". Além disso, resta questionar o que há de altruísta na procriação, a não ser que o mundo (ou pelo menos o país onde a pessoa vive) esteja passando por um momento de subpopulação.

Ainda nos *Três ensaios...*, Freud dá início ao conflito, interno ao movimento psicanalítico, sobre o desenvolvimento da sexualidade da mulher, ao defender a idéia de um *monismo libidinal*, com base em uma essência masculina. Embora levando em consideração que desde o aparecimento das primeiras pulsões possam ser reconhecidas disposições diferenciadas entre os sexos (pelo fato das meninas demonstrarem uma

preferência pelas formas passivas de manifestação sexual, e de que nelas a tendência ao recalçamento sexual parece maior), Freud percebe as atividades auto-eróticas e masturbatórias de ambos os sexos como idênticas. Formula a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino. Afirma ainda que, se fosse possível precisar melhor os conceitos "masculino" e "feminino", poder-se-ia alegar que:

[A] libido é, regular e normativamente, de natureza masculina, quer ocorra no homem ou na mulher, e abstraindo seu objeto, seja este homem ou mulher. Desde que me familiarizei com a noção de bissexualidade, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher (Freud, 1989, pp. 206-207).

André (1987) considera que, a cada vez que Freud utiliza o termo bissexualidade acaba dizendo o inverso do que parecia sua intenção original. Ou seja, a palavra bissexualidade complicaria suas reflexões, em vez de esclarecê-las. Nos *Três ensaios...*, mais especificamente no parágrafo acima, Freud teria utilizado esse termo para justificar a tese de uma libido masculina, quando na verdade esta tese fala de uma estrita monossexualidade inicial. A questão da bissexualidade se acharia, a partir daí, na pena de Freud, ligada quase que exclusivamente às mulheres. Elas precisariam descobrir como fazer para realizar-se sexualmente como mulheres com uma libido masculina. No caso dos homens, a bissexualidade estaria restrita aos homossexuais. Disso, André conclui que o uso do termo bissexualidade por Freud remeteria a um resto – impossível de ser eliminado – de sua transferência para com Fliess (pp. 18-19).

Vale ressaltar que, como retaliação a Fliess, quando da publicação de *Três ensaios...*, Freud (1989b) acrescenta uma nota de rodapé onde discorre sobre a criação do termo bissexualidade, e do desenvolvimento da idéia, reportando-o a Gley, em 1884, citando também Chevalier em 1893, Krafft-Ebing em 1895, Arduin em 1900, e Herman em 1903. Na edição de 1910, acrescenta nesta nota que, posteriormente (em 1906), Fliess reclamara para si a propriedade da idéia de bissexualidade. Já na edição de 1924, critica o fato de, nos círculos leigos, esta propriedade ser considerada de Weininger, que "tomou essa idéia como base de um livro bastante irrefletido" (p. 135).

Freud prossegue seu texto desenvolvendo a idéia de que as crianças do sexo feminino não possuem sensibilidade na vagina:

[Nas] meninas, a zona erótica dominante situa-se no clitóris e é, portanto, homóloga à zona genital masculina, a glândula. Tudo o que pude averiguar pela experiência sobre a masturbação nas meninas relacionou-se com o clitóris, e não com as partes da genitália externa que são posteriormente significativas para as funções sexuais. Chego mesmo a duvidar que a menina, sob a influência da sedução, possa ser levada a outra coisa que não a masturbação clitoridiana; a ocorrência disso é totalmente excepcional. As descargas espontâneas de excitação sexual, tão corriqueiras justamente na menina pequena, expressam-se em contrações do clitóris, e as freqüentes ereções deste órgão facultam à menina formular um juízo acertado, mesmo sem nenhuma instrução, sobre as manifestações sexuais do sexo oposto: ela meramente transfere para os meninos as sensações de seus próprios processos sexuais (Freud, 1989b, pp. 207-208).

Aqui são encontradas outras confusões lingüísticas. A "zona genital" masculina, como já observado, não é a glândula, mas o pênis como um todo. Outra confusão parece ser a de atribuir ao clitóris as possibilidades de contração e ereção. Ao menos na mulher adulta, *todo e qualquer orgasmo* é sentido como contrações na região final da vagina e na cérvice uterina. Embora provavelmente na menina essas contrações não aconteçam, ou ocorram de forma muito mais suave (devido ao fato de ser a descarga sexual na infância totalmente incompleta em ambos os sexos), fica difícil imaginar *contrações no clitóris*, órgão que, afinal, por sua natureza, não tem nenhuma função de expulsão ou de absorção. E embora a excitação clitoridiana leve a um maior afluxo de sangue na região, tendo por conseqüência um ligeiro aumento do clitóris, considerando-se seu tamanho e o fato de seu formato estar mais para o redondo que para o cilíndrico, a palavra ereção, com relação à esta zona erógena, fica completamente deslocada. Freud parece assim querer forçar todo o tempo a "relação direta" entre clitóris e pênis.

Freud defende que somente com a puberdade irá se estabelecer a separação nítida entre os caracteres masculino e feminino. Se no menino a puberdade traz um avanço da libido, na menina haveria uma nova onda de recalçamento, no caso afetando justamente a sexualidade clitoridiana. O que assim sofreria o recalçamento seria uma parcela de sexualidade masculina (Freud, 1989b, p. 207).

O reforço das inibições sexuais criado por este recalçamento da puberdade na mulher fornece então um estímulo à libido do homem, e obriga a um aumento de sua atividade; com essa intensificação da libido aumenta também a supervalorização sexual, que só aparece plenamente diante da mulher que recusa, que renega sua sexualidade. Quando enfim o ato sexual é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas, assim como as lascas de lenha resinosa podem ser aproveitadas para atear fogo a um pedaço de lenha mais dura. Para que se efetue essa transferência, é preciso amiúde um certo intervalo de tempo, durante o qual a

moça fica insensível. Essa anestesia pode tornar-se permanente, quando a zona clitoridiana se recusa a abrir mão de sua excitabilidade, o que é preparado justamente por sua atividade intensa na vida infantil (Freud, 1989b, p. 208).

Essa parte dos *Três ensaios...* será um dos textos de Freud mais questionados, devido à idéia da mudança de zona erógena feminina principal durante a passagem para a vida adulta, ficando clara aqui sua negação de que haja um recalçamento do conhecimento da vagina por parte da menina – para ele, há um *desconhecimento da vagina*, mesmo para o inconsciente. Dentro da psicanálise, será questionada a insensibilidade da vagina durante a infância, enquanto que, fora dela, será questionada a própria sensibilidade da vagina, e a ligação feita por Freud entre a normalidade na vida adulta da mulher, e o abandono da estimulação clitoridiana.

É preciso ressaltar que, antes de Freud, ninguém pensava que pudesse haver qualquer outro tipo de orgasmo feminino que não o clitoridiano. E se Freud compara objetivamente o clitóris ao pênis, tendo como base para isso, evidentemente, o *modelo de sexo único*, sua afirmativa de que o orgasmo vaginal é o único adequado para a mulher adulta baseia-se no modelo de dois sexos, onde a função do órgão predomina em importância, devendo a mulher adaptar-se a sua participação na procriação. Contudo, no freudismo, não há nada que ocasione, *a priori*, a transformação de uma pessoa do sexo feminino em mulher – ou em alguém capaz de realizar "suas tarefas" predeterminadas – por isso, é possível afirmar que, em Freud, a indefinição entre os sexos atinge sua forma mais radical (Laqueur, 2001, pp. 8/279/287).

Também deve-se notar que todas as confusões lingüísticas de Freud – não apenas sua correlação entre o clitóris e o pênis – remontam ao modelo de sexo único, basta ver quantas confusões deste tipo foram cometidas pelos teóricos deste modelo. Sua definição da libido como sendo essencialmente masculina também remonta ao modelo de sexo único, embora a idéia de que a mulher possui um desejo sexual menor do que o do homem esteja relacionada ao modelo de dois sexos. Ao ser levada em conta a afirmação de Freud de que ao recalçar uma parcela de sua "masculinidade" a mulher passaria a renegar sua sexualidade, fica impossível considerar que a libido seja tida por este autor como masculina *apenas* por sua relação com a atividade.

Com relação à transferência do amor filial ao objeto amoroso adulto, Freud afirma ser no espaço das fantasias, que não estão destinadas à concretização, que se

consoma inicialmente a escolha do objeto. Na puberdade, acrescidas pela premência somática, as fantasias incestuosas voltam a manifestar-se. Paralelamente ao repúdio destas fantasias, ocorrerá na puberdade o desligamento da autoridade dos pais. Haveria, contudo, pessoas que nunca retirariam dos pais seu investimento¹⁶ amoroso, nem superariam sua autoridade. Isso ocorreria sobretudo com as mulheres, que em função desta fixação tornar-se-iam esposas frias e "sexualmente anestesiadas". Mas, mesmo aqueles que conseguem evitar a fixação incestuosa da libido, não escapariam totalmente de sua influência (Freud, 1989b, pp. 213-214).

Segundo o editor inglês das obras completas de Freud, James Strachey (1989), Freud teria acrescentado várias partes aos *Três ensaios...* em suas edições subseqüentes, conforme o desenvolvimento destes assuntos em outros textos – sem falar nas inúmeras notas de rodapé. Assim, por exemplo, em 1915, seriam acrescentadas uma seção sobre as teorias sexuais infantis, outra sobre a organização genital da libido, e uma terceira sobre a teoria da libido (p. 119).

O CÍRCULO DE DISCÍPULOS AUMENTA

Após a leitura de *A interpretação dos sonhos*, **Otto Rank**¹⁷ conhece Adler em 1905. Apresentado a Freud, é integrado à *Sociedade Psicológica das Quartas-feiras*. Em 1906, Rank torna-se secretário da *Sociedade*, após apresentar uma exposição sobre o tema do incesto. Freud logo passa a considerá-lo um "filho adotivo". Incentivado pela primeira vez em sua vida, Rank começa a escrever, entra para a Universidade e obtém (em 1912) um doutorado em Filosofia. Transcreve as atas das reuniões da *Sociedade Psicológica das Quartas-feiras*, reunindo com isso um material de grande importância, que seria mantido cuidadosamente por Freud (Roudinesco & Plon, 1998, p. 642).

Em 1907, Max Eitingon, judeu russo formado em medicina em Leipzig (Alemanha) e assistente de Bleuler na *Clínica Psiquiátrica do Hospital Burghölzli*, em

¹⁶ Investimento: conceito econômico que supõe a ligação de uma determinada energia psíquica a um objeto, a uma parte do corpo, a uma representação ou a um grupo de representações. Sinônimo: catexia (Laplanche & Pontalis, 2000, pp. 62/254).

¹⁷ Todos os psicanalistas cujo nome – na primeira vez em que aparecer no texto – encontrar-se em negrito, contribuíram, de alguma forma, para a discussão sobre a sexualidade feminina. Um recorte de sua biografia, no que antecede o primeiro contato com a psicanálise, encontra-se no Apêndice da página 305 (na ordem com que aparecem no texto).

Zurique, é o primeiro membro, dos vários deste grupo, a procurar conhecer Freud, o que ocorre em janeiro deste ano, quando participa de algumas reuniões da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras*, nas quais colabora com muita pertinência. Passa algumas noites com Freud, gastas em caminhadas pela cidade, nas quais se realizam as primeiras sessões de *análise didática*¹⁸ da história psicanalítica. Também em 1907, Freud conhece pessoalmente Carl Gustav Jung (que também trabalha na *Clínica Psiquiátrica do Hospital Burghölzli*), que viria a ser o seu primeiro discípulo não-judeu – e que nutre por Eitingon um desprezo condescendente. Desde seu primeiro contato, os dois estabelecem uma grande relação de amizade e trabalho, e Freud desenvolve grandes esperanças de que Jung venha a ser seu sucessor (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 171-172/276/803).

Karl Abraham, que também tem seu primeiro contato com os textos psicanalíticos na *Clínica do Hospital Burghölzli*, se estabelece em Berlim, em 1907, por não lhe ser possível fazer carreira na Suíça. Em dezembro deste ano, vai a Viena com o intuito de conhecer Freud. Abraham arrisca-se a abrir uma clínica particular em Berlim – onde a psicanálise é ou desconhecida ou detestada nesta época. Para Freud isto representa muito, considerando-se que após seu rompimento com Fliess não havia ninguém de confiança para defender a psicanálise nesta cidade. Em 1908, Abraham cria, com outros médicos, um primeiro grupo psicanalítico berlinense. De 1907 a 1910, Abraham trabalharia na comparação entre histeria e demência precoce, bem como na significação do trauma sexual na infância. Desde o início, a relação entre Abraham e Freud não se reduziu a assuntos psicanalíticos e sua amizade se estendeu às respectivas famílias (Gay, 1999, pp. 175-177 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 2/804).

Também em 1908, Freud conheceria **Sándor Ferenczi** e **Ernest Jones**. Ambos viriam a aderir ao movimento psicanalítico e desenvolveriam com Freud relações importantes e duradouras.

Freud concede uma entrevista a Ferenczi em fevereiro de 1908, ficando tão impressionado com ele, já neste primeiro contato, que o convida imediatamente a apresentar uma comunicação no I Congresso Internacional de Psicanálise, a ser

¹⁸ Análise didática: aquela a que se submete a pessoa que visa ao exercício da profissão de psicanalista (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 23).

realizado em Salzburgo, Áustria, em abril. Também o convida para visitar sua família nas férias de verão, convite que reserva apenas aos grandes amigos. A disposição especulativa de Ferenczi intriga Freud, embora sua carência emocional o incomode – por estar desiludido após seu rompimento com Fliess. Essa necessidade emocional desaparecera dele, teria dito Freud a Ferenczi, pois uma carga homossexual fora retirada e utilizada para o alargamento de seu próprio ego¹⁹. Quanto às relações amorosas de Ferenczi, elas sempre foram tumultuadas. Tornara-se amante, em 1904, de Gizzela Palos, uma mulher oito anos mais velha, com duas filhas adultas. O marido de Gizzela não lhe concede o divórcio, embora tolere sua relação com Ferenczi. Em 1908, Ferenczi torna-se analista de Gizzela, sendo constante e inutilmente advertido por Freud contra os perigos desta prática (Balint, 1991, pp. VIII-IX, Gay, 1999, pp. 183-184/258-2590 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 233).

Jones conhece Freud no I Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo, Áustria, em abril de 1908, intitulado "Encontro dos psicólogos freudianos", e que tem a participação de quarenta e dois membros, vindos de seis países. Nesta ocasião, Freud faz uma exposição sobre um caso clínico e Jones fica deveras impressionado com aquele homem capaz de manter a platéia atenta durante horas, sem recorrer a qualquer anotação. Inicia-se então, entre os dois, uma longa correspondência, num total de 671 cartas. Como Freud jamais viria a gostar muito de Jones, faltam nesta correspondência a intimidade e o estilo próprios de suas outras cartas. Parece sempre que – mais que no caso de Jung – Freud vê em Jones um aliado indispensável, devido ao fato de ser um não-judeu, e um celta. Apesar disto, ou talvez por causa disto, Freud o trata de forma paternal, elogiando-o assídua e calorosamente (Gay, 1999, pp. 179-180/232 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 415-416).

Também em 1908, Freud inicia, como supervisor, a primeira psicanálise de uma criança. A mesma é conduzida pelo pai do menino de cinco anos, sob orientação de Freud – este caso será conhecido como o do "pequeno Hans". Ainda neste ano, contando com 22 membros, a *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras* passa a se

¹⁹ Ego ou eu: parte do psiquismo que Freud distingue do id (ou isso), que é o pólo pulsional da personalidade, e do superego (ou supereu), cujo papel é assimilável ao de um juiz ou de um censor relativamente ao ego. O ego seria responsável por encontrar o equilíbrio entre as reivindicações do id, os imperativos do superego e as exigências da realidade (Laplanche & Pontalis, 2000, pp. 124/219/497).

chamar *Sociedade Psicanalítica de Viena – WPV*. Então, metade de seus membros já pratica a psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 307/719-720).

MUDAR SEM TRANSFORMAR

Em 1908, Ferenczi escreve um texto intitulado *Do alcance da ejaculação precoce*, onde cita as "investigações inovadoras de Freud", que relacionam a histeria e a neurose de angústia à insatisfação sexual, considerando o problema de ejaculação precoce como um dos maiores motivos de insatisfação sexual nas mulheres. Ferenczi não fala, neste texto, apenas da ejaculação precoce patológica, considerando-a, inclusive, como uma exceção. O que ele discute é a falta de sintonia entre os ritmos do homem e da mulher no ato sexual. Considera esta falta de sintonia o resultado da liberdade sexual oferecida aos homens antes do casamento, em contraste com a repressão sofrida pelas mulheres (Ferenczi, 1991, pp. 1-3).

Mas, embora critique a sociedade que considera que somente os homens tem direito ao prazer sexual, e que educa as mulheres no sentido de relacionar o sexo com algo sujo e vergonhoso, considera-se incapaz de decidir o que seria melhor: incluir os homens na exigência de castidade até o casamento ou emancipar as mulheres. Diz ainda que deve haver uma saída que não se reduza a estes extremos: "Deve existir uma solução para administrar melhor o interesse sexual da mulher, sem que por isso se sacrifique a ordem social fundamentada na família" (Ferenczi, 1991, p. 3).

Apesar de suas tentativas de liberalidade (basta ver sua relação com Gizzela), e de no texto acima citado Ferenczi dar atenção a um problema muito pouco explorado até então, fica evidente sua dificuldade em romper com a moral da época, especialmente no que se refere à sexualidade das mulheres em geral. Ferenczi parece não encontrar solução para o problema da repressão social da sexualidade porque sua visão médica do assunto encontra-se em oposição a suas opiniões pessoais.

MUNDO DELIRANTE, SOU SEU HABITANTE...²⁰

Também em 1908, são publicados três importantes textos de Freud. No primeiro deles, intitulado *Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade*, Freud afirma que todo ataque histérico nada mais é que a irrupção involuntária de fantasias de natureza erótica, tornadas inconscientes pelo recalçamento, ou que já foram formadas no inconsciente, ou seja: sempre foram inconscientes (Freud, 1976a, pp. 163-164).

Essas fantasias seriam idênticas às que teriam servido, em um momento anterior, para a obtenção de satisfação durante o ato masturbatório. Se a masturbação pode ser considerada, em seu início, como puramente auto-erótica, visando obter prazer de uma determinada parte do corpo, mais tarde, com o desenvolvimento do amor objetal, é criada uma fantasia ligada à realização do desejo, que será associada ao ato masturbatório. Vale ressaltar que, nos homens adultos, estas fantasias podem assumir a forma da satisfação de uma ambição, mas como esta estaria ligada à conquista de um objeto amoroso, então o substrato da fantasia seria o mesmo (Freud, 1976a, pp. 163-165).

Afirma que se o sujeito renuncia à satisfação masturbatória, a fantasia passa de consciente para inconsciente e, em não havendo uma satisfação sexual compensatória, a libido não sublimada irá reativar a fantasia, que se manifesta na forma de um sintoma patológico. Quando, como na histeria de conversão, os sintomas são somáticos, com freqüência estão relacionados aos mesmos grupos neuromusculares utilizados na prática masturbatória à qual a fantasia se encontrava associada, permitindo, por aproximação, a satisfação primária original (Freud, 1976a, p. 165).

A técnica psicanalítica possibilitaria, então, a partir dos sintomas, inferir quais são as fantasias inconscientes, tornando-as conscientes para o paciente. Por essa via, teria Freud descoberto que as fantasias inconscientes da pessoa histérica correspondem, em sua totalidade, às situações reais nas quais os perversos obtêm satisfação. Contudo, aqui a diferença entre perversão e neurose é ainda difusa, pois Freud afirma que há casos de pessoas histéricas que não expressam suas fantasias através de sintomas, mas tramam e atuam situações de agressão sexual (Freud, 1976a, p. 166).

²⁰ Da música *Mundo delirante*, de Sueli Costa e Abel Silva.

Nos casos onde a exposição ao paciente de uma fantasia sexual não é suficiente para efetuar a resolução dos sintomas, Freud percebe a existência de duas fantasias sexuais, uma de caráter "feminino" e outra de caráter "masculino". Em outras palavras, uma das fantasias terá um caráter homossexual – mostrando a validade da teoria da disposição bissexual humana. Assim, o sintoma histérico pode representar uma tentativa de conciliação entre a pulsão libidinal e o recalçamento, como pode representar a tentativa de conciliação entre duas fantasias de caráter sexual oposto. Não é raro as pulsões pertencentes a sexos opostos encontrarem expressão sintomática independente (Freud, 1976a, pp. 168-169).

Encontraremos outros correlatos em certos ataques histéricos nos quais o paciente desempenha simultaneamente ambos os papéis na fantasia sexual subjacente. Em um caso que observei, por exemplo, a paciente pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos (como mulher), enquanto tentava arrancá-lo com a outra (como homem) (Freud, 1976a, p. 169).

Neste caso, Freud chamará de ato "masculino" aquele que visa a consumação do ato sexual, e de "feminino" aquele que visa seu impedimento. Pode-se questionar se não há, neste exemplo, apenas a manifestação de uma divisão interna na paciente, entre o desejo e o recalçamento.

ADMIRÁVEL GADO NOVO²¹

O segundo texto de Freud de 1908, que será aqui explorado, intitula-se *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*. Definindo, com base em um livro de Von Ehrenfels (publicado no ano anterior), a moral civilizada como aquela onde é exigida dos indivíduos a obediência a uma moral sexual que os estimula a uma intensa atividade cultural produtiva, Freud inicia seu texto opondo a esta moral civilizada a possibilidade destes indivíduos manterem a saúde e a eficiência. Ou seja: a mesma moral que visa a produtividade, pode levar a tais prejuízos os sujeitos envolvidos, que viria a colocar em perigo seus próprios interesses (Freud, 1976b, p. 187).

Voltando a citar Von Ehrenfels, Freud dirá que, para este autor, o problema da moral sexual civilizada seria o fato das restrições impostas às mulheres serem estendidas também aos homens – como a restrição da atividade sexual ao casamento

²¹ Título de uma música de Zé Ramalho.

monogâmico – levando inexoravelmente a admissão de uma moral dupla (pois as "diferenças naturais" entre os sexos "impõem" sanções menos severas às transgressões masculinas), e esta hipocrisia induziria os membros da comunidade à ocultação da verdade. Outro problema da moral sexual civilizada, ainda para Von Ehrenfels, seria, pela imposição da monogamia, a impossibilidade da seleção natural pela virilidade. Freud afirma então que, às críticas de Von Ehrenfels à moral sexual civilizada, faltaria justamente a que ele irá expressar em seu artigo, e que seria o aumento da "doença nervosa" (Freud, 1976b, pp. 187-188).

Freud cita então uma série de neurologistas que, capazes de perceber a relação entre o aumento das "doenças nervosas" e a civilização da época, não serão capazes, contudo, de perceber o motivo, que é a repressão nociva da vida sexual. Retoma a diferenciação entre as neuroses atuais – onde a influência da moral coerciva é mais evidente – e as psiconeuroses, afirmando que, muito embora, nas últimas, haja uma grande influência da hereditariedade, há também a atuação de complexos inconscientes, de cunho sexual. Afirma que a civilização repousa sobre a supressão das pulsões, sendo que cada indivíduo deve renunciar a uma parte, tanto de seu sentimento de onipotência quanto de suas inclinações agressivas (Freud, 1976b, pp. 188-192).

Embora a sexualidade seja mais poderosa nos seres humanos, devido à libertação do cio, entre eles encontra-se a vantagem da existência da capacidade de trocar seu alvo sexual original por outro, não mais sexual, mas ligado ao primeiro, o que é chamado de sublimação. Contudo, a libido pode também fixar-se, o que leva a que seja inutilizada. Freud considera como inatos ao indivíduo, tanto o vigor de sua libido, quanto a maior ou menor capacidade de sublimação. Mas alerta que a sublimação de toda a libido é impossível para a maioria das pessoas, o que implica em que alguma parcela da libido deva atingir a satisfação sexual direta. Definirá a sociedade sob a qual vive como tendo uma moral sexual voltada, exclusivamente, para a reprodução legítima – ou seja, dentro do casamento legal e monogâmico (Freud, 1976b, pp. 193-194).

Freud afirma então que a libido, no ser humano, não visa unicamente aos fins de reprodução, mas à obtenção de prazer, o que, no bebê, irá aparecer na forma de auto-erotismo, pela manipulação das partes do corpo chamadas de zonas erógenas. Defende a necessidade da educação restringir a satisfação auto-erótica, evitando a permanência da

libido nesta fase, o que a inutilizaria posteriormente. A libido passa então ao amor objetal, e as zonas erógenas são subordinadas aos genitais, a serviço da reprodução. Nos casos favoráveis, a parte da excitação sexual fornecida pelo próprio corpo do sujeito que não é útil à função reprodutora – os elementos pervertidos da excitação sexual – será sublimada. Nos casos em que isto não ocorre, o indivíduo torna-se pervertido, com a fixação infantil a um alvo sexual preliminar impedindo o estabelecimento da primazia da função reprodutora (Freud, 1976b, p. 194).

Freud diferencia aqui os pervertidos dos homossexuais, mas afirma que, em ambos os casos, as formas mais acentuadas (especialmente quando exclusivas), tornam o indivíduo socialmente inútil e infeliz. Se sua libido é fraca, conseguem suprimir totalmente as inclinações que os colocam em conflito com as exigências morais de sua comunidade, mas esta seria sua única realização, pois assim esgotam as forças a serem utilizadas em atividades culturais. Se a libido é muito forte, ou o indivíduo permanece pervertido, ou, na tentativa de suprimir as pulsões perversas, acaba por transformá-las em sintomas (que muitas vezes o tornam tão inútil socialmente quanto o seria se permanecesse na perversão), constituindo o grupo dos chamados neuróticos (Freud, 1976b, pp. 195-196).

Freud afirma, por várias vezes neste texto, que a força da pulsão, ou da libido, é constitucional, sendo mais fraca nas mulheres. Questiona a possibilidade das relações sexuais permitidas pela "moral sexual civilizada" de sua época serem de fato satisfatórias. Para ele, a resposta é negativa, considerando que esta moral prega a abstinência até o casamento, e que, depois deste, o medo da gravidez advindo da impropriedade dos contraceptivos disponíveis levaria paulatinamente ao término da atração física e depois da afeição psíquica entre o casal, o que terminaria por degenerar na volta à abstenção, desta vez aliada à desilusão. Enquanto os homens, fiados na dupla moral social, irão recorrer às prostitutas, as mulheres, que encontram um substituto do objeto sexual no filho que amamentam, mas não nas crianças maiores, irão desenvolver com frequência, após o crescimento do último filho, uma grave neurose. A neurose atuaria então como proteção de sua virtude, pois ela trocará a infidelidade pelos sintomas neuróticos (Freud, 1976b, pp. 197-200).

Considerando o número de mulheres que então lotam os consultórios psicanalíticos, e o fato do próprio Freud afirmar que a neurose é consequência da descarga indevida da pulsão sexual, fica difícil aceitar sua tese de que as mulheres teriam, constitucionalmente, uma "libido mais fraca". Quanto à afirmativa de que as mulheres encontram um substituto do objeto sexual apenas no filho que amamentam, isto estaria relacionado ao fato de que não apenas a criança sente prazer com a amamentação: as mulheres psicologicamente saudáveis também.

Freud questiona então se os lucros que a sociedade obtém da moral coerciva são compensadores, e considera que as perdas são maiores que os ganhos, mesmo considerando a "necessidade" da repressão da sexualidade nos jovens até que eles se tornem capazes de ganhar seu sustento, podendo assim constituir família. Afirma que, em alguns casos, as energias necessárias à conquista de uma carreira são todas gastas na contenção da libido. Além disso, quando a autorização para as relações sexuais acontece – após o casamento – muitas pessoas, em especial as mulheres, não conseguem livrar-se tão facilmente da proibição, mostrando uma acentuada frigidez (Freud, 1976b, pp. 201-203).

Sendo o objetivo da "moral sexual civilizada" que o sexo leve à concepção legítima, as mulheres que concebem sem prazer não se mostram dispostas a enfrentar as dores de partos frequentes, ficando então a sociedade responsável por solapar seus próprios intentos. Freud afirma ainda que, mais tarde, a mulher supera seu "atraso" no desenvolvimento, sendo despertada sua "capacidade de amar", mas então há muito sua relação com o marido estaria deteriorada, restando-lhe a escolha entre a insatisfação, a infidelidade ou a neurose. Além disso, Freud irá equiparar o comportamento sexual do indivíduo com seu comportamento em todas as demais circunstâncias, afirmando que o homem que renuncia a sua satisfação sexual terá, em outras esferas, um comportamento conciliatório e resignado (Freud, 1976b, p. 203).

Com respeito às mulheres, em sua constatação de que o comportamento geral acompanha o sexual, afirmará que:

A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de *qualquer* forma de pensar, e

o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente [...] Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode [...] ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual (Freud, 1976b, pp. 205-206).

Freud (1976b) termina seu artigo afirmando que, embora não seja atribuição do médico propor reformas sociais, pensa que poderia sugerir a necessidade de tais reformas (p. 208). Contudo, Freud não deixa de defender, de alguma forma, a coerção da sexualidade, especialmente por não fornecer nenhuma saída para o problema.

NADA DE CEGONHAS OU REPOLHOS

O terceiro texto de Freud de 1908 intitula-se *Sobre as teorias sexuais das crianças*, e seu material foi extraído, primeiramente, do que as crianças dizem e fazem e, em segundo lugar, do que os adultos (neuróticos) relembram de sua infância durante o tratamento psicanalítico. Reafirma a idéia de que os neuróticos não diferem das pessoas "normais" a não ser com relação a sua capacidade de resolver os complexos que atingem a todos. A única diferença que postula, na infância, entre pessoas que mais tarde tornar-se-ão "sadias" ou neuróticas, é a de que estas últimas apresentam em sua "constituição inata" uma libido particularmente forte, e uma tendência à precocidade na manifestação de suas pulsões. Afirma também que, devido a dificuldades internas e externas, as conclusões a que chega, neste texto, aplicam-se acima de tudo ao sexo masculino (Freud, 1976c, pp. 213-215).

Considerando que as diferenças encontradas, tanto na educação que as crianças recebem, quanto na intensidade da sua pulsão sexual, influem enormemente na idade em que aparece seu interesse pelas questões do sexo, Freud (1976c) evita a relação entre a curiosidade infantil e os períodos de desenvolvimento (pp. 213-214). Até porque, segundo Strachey (1976) esta idéia de fases²² regulares de desenvolvimento só irá aparecer em um texto de Freud de 1913, sendo posteriormente (em 1915), algo a este respeito acrescentado aos *Três ensaios...* (p. 396).

²² Fase: (estágio, estádio) libidinal: "etapa do desenvolvimento da criança caracterizada por uma organização, mais ou menos acentuada, da libido sob o primado de uma zona erógena e pela predominância de uma modalidade de relação de objeto" (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 181).

Freud percebe que as primeiras perguntas das crianças não giram em torno da diferença entre os sexos, mas sim da questão: "de onde vêm os bebês?" Isto seria determinado pelo fato de que, nas famílias da época, onde nasce um número muito maior de crianças do que seria desejado, a criança se vê substituída, nos cuidados maternos, cedo ou tarde, por um irmão ou irmã. Afirma que, na verdade, a pergunta "de onde vêm os bebês?", origina-se na pergunta mais objetiva: "de onde veio este bebê intrometido?". Se a criança não foi muito tolhida pela educação, acaba por perguntar isto aos pais – que representam para ela toda a fonte de conhecimento. Mas esse método falha, pois recebe respostas evasivas ou mitológicas (como, por exemplo, a de que as cegonhas trazem os bebês), ou é repreendida. Depois desta decepção, a criança passa a desconfiar dos adultos, a pensar que eles lhe escondem algo, e suas investigações serão feitas, a partir de então, em segredo. Se a luta interna entre as respostas mitológicas dos adultos e suas próprias confabulações torna-se muito forte, pode desenvolver-se um complexo neurótico (Freud, 1976c, pp. 215-217).

A criança percebe as alterações do corpo da mãe na gravidez, e estabelece uma relação entre elas e a chegada do bebê – ou seja, entende que o bebê cresce dentro da mãe. Resta saber como ele chegou lá dentro. Como o pai afirma que o bebê também é dele, parece claro que ele tem alguma coisa a ver com isso. Quando pensa no assunto dos bebês, o menino tem sensações de excitação no pênis, além de pulsões inexplicáveis, como a vontade de "abrir um buraco em algum lugar". Pelo fato de o menino ainda não saber das diferenças anatômicas entre os sexos, ele computa a todo ser humano a posse de um pênis, o que dificulta enormemente que ele associe suas sensações corporais à questão da geração de bebês (Freud, 1976c, pp. 219-222).

Assim, por desconhecer a existência da vagina, a criança passa para a teoria cloacal, ou seja, acredita que, como nas aves e répteis (e algumas espécies de mamíferos), o lugar de saída das fezes é também o lugar do nascimento. Desta forma, o menino imagina que ele também poderá ter bebês, pois afinal, ele também tem por onde "deixá-lo sair". E se os bebês saem pelo ânus, então eles devem entrar pela boca, como a comida, no que também os meninos estariam equipados para a gravidez. Porém, o fato do menino imaginar que ele também poderá ter filhos não é motivo para lhe atribuímos "inclinações femininas. Com isso ele apenas revela o erotismo anal nele ainda atuante" (Freud, 1976c, pp. 222-223).

É interessante observar aqui a defesa que Freud faz dos meninos, afirmando que o desejo de ter filhos em uma criança do sexo masculino *não* demonstra uma tendência para a feminilidade. Se fosse um caso contrário, contudo, seria inexoravelmente declarada a masculinidade do comportamento ou do desejo da menina. Em outras palavras, a bissexualidade no desenvolvimento sexual, para Freud, como assevera André (1987, pp. 18-19), está restrita às mulheres.

Se a criança testemunha acidentalmente uma relação sexual entre os pais, acaba por adotar uma "concepção sádica do coito", uma imposição do mais forte ao mais fraco, e como interpreta o coito como um ato de violência, dificilmente fará relação entre este ato e a concepção:

A teoria sádica do coito, que tomada isoladamente é enganosa, quando poderia fornecer provas corroborativas, é também a expressão de um dos componentes inatos do instinto sexual, componentes que podem ser mais ou menos vigorosos segundo a criança. Por este motivo, a teoria é até certo ponto correta, pois adivinhou parcialmente a natureza do ato sexual e da "batalha do sexo" que o precede. [...] Em muitos casamentos a esposa de fato resiste ao abraço do marido, que não lhe causa prazer, mas sim o risco de uma nova gravidez. E assim a criança que julgam adormecida, (ou que se finge adormecida), pode ficar com a impressão de que sua mãe se defendia de um ato de violência. Outras vezes o casamento oferece à observadora criança o espetáculo de brigas contínuas, expressas em palavras duras e gestos inamistosos. Assim, ela não se surpreende se o conflito continua à noite, sendo por fim encerrado pelo mesmo método que ela utiliza em sua relação com os irmãos e irmãs ou companheiros de brinquedos (Freud, 1976c, p. 224).

No parágrafo acima, Freud reconhece que muitas vezes a mulher não deseja o ato sexual e que resiste ao abraço do marido. Fala mesmo de uma "batalha". Contudo, afirma que a criança "pode ficar com a impressão de que sua mãe se defendia de um ato de violência". Mas, nas inúmeras vezes em que incontáveis maridos praticaram o coito com suas mulheres frígidas, que não desejavam este ato, estariam eles fazendo o quê, além de cometendo um ato de violência sexual legalizado? E que dizer de um casal que passa o dia brigando e de noite tem relações sexuais? Possivelmente a própria desarmonia sexual estaria sendo expressa de outros modos e em outros momentos. Muito embora a criança que assiste inadvertidamente a um ato sexual possa sempre interpretá-lo como algo agressivo, mesmo nos casos em que este represente o desejo de ambos os envolvidos (seja devido à movimentação corporal envolvida, seja ao fato dos

adultos gemerem como expressão de seu prazer), a escolha de exemplos feita por Freud parece não muito esclarecedora.

Freud prossegue falando da reafirmação da idéia sádica do coito, por parte da criança, se esta encontra vestígios de sangue nos lençóis dos pais, ou nas roupas da mãe. Como na época – e até hoje entre os judeus praticantes – as relações sexuais no período de menstruação são evitadas, Freud afirma haver aí uma inversão. Ou seja, quando a criança pensa algo como "o pai fez aquilo com a mãe de novo", pela visão do sangue, é justamente quando nada ocorreu – muito embora, na primeira relação, o sangue do hímen rompido signifique exatamente isto. Há também uma fantasia que Freud considera exclusivamente feminina, na qual os bebês são gerados por um beijo (Freud, 1976c, pp. 224-226).

A questão do que significa "estar casado" costuma despertar respostas ligadas ao exibicionismo: urinar na frente do outro, mostrar seus traseiros um ao outro sem sentir vergonha, etc. A criança começa a ter uma compreensão mais realística do ato sexual quando descobre as diferenças anatômicas entre os sexos. Sendo a fonte principal de prazer no menino, o pênis é imaginado por ele como presente em todas as pessoas. Como a restrição à masturbação costuma (especialmente nesta época) vir acompanhada pela ameaça de "cortar o pênis fora", quando o menino descobre que algumas pessoas "não tem pênis" – normalmente começando esta descoberta por uma irmã menor – passa a imaginar que a ameaça é verdadeira. Existem pessoas realmente castradas. Contudo, em seu pavor da idéia de castração, o menino nega inicialmente o fato: a irmã não tem um pênis ainda, mas ele vai crescer, com certeza. Se posteriormente o menino não conseguir aceitar o fato da diferença anatômica, se os genitais femininos são encarados como um órgão mutilado, lembrando-lhe da ameaça de castração, poderá, na vida adulta, tornar-se homossexual, buscando como objetos sexuais homens com atributos femininos (Freud, 1976c, pp. 219-220/225).

Observa-se com facilidade que as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por esta parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é possível para os meninos porque possuem um pênis grande; e quando uma delas declara que "preferiria ser um menino", já sabemos qual a deficiência que desejaria sanar (Freud, 1976c, p. 221).

Freud afirma, no parágrafo acima, que os meninos podem urinar de pé porque possuem um "pênis *grande*". Ora, embora faça neste texto, novamente, a comparação do clitóris com o pênis, não é uma questão de que, na menina, o pênis seja menor. Elas não tem pênis algum, posto que, mesmo que se concorde com a correspondência, a correlação não permite a troca de nomes. E vale lembrar que o clitóris *nada tem a ver com a função de micção*. Estas dificuldades lingüísticas parecem estar sempre relacionadas ao fato de Freud estar preso ao modelo de sexo único. Vale ressaltar que esta é a primeira vez em que aparece, na pena de Freud, a idéia da "inveja do pênis"²³ nas meninas.

A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno – torna-se a sede das excitações que fazem com que ele seja tocado, e sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. Como a função sexual de muitas mulheres apresenta-se reduzida, seja por seu obstinado apego a essa excitabilidade do clitóris, de modo a permanecerem anestesiadas durante o coito, seja por uma repressão tão excessiva que seu funcionamento é em parte substituído por formações compensatórias históricas – tudo isso parece mostrar que existe uma dose de verdade na teoria sexual infantil de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis (Freud, 1976c, pp. 220-221).

Excetuando-se o fato da própria anatomia relacionar o clitóris ao pênis, o fato deste último, na infância, tornar-se a "sede de excitações que fazem com que ele seja tocado" *não* confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, a menos que se considere o menino como modelo e que, qualquer comportamento similar na menina, mesmo que não tenha sido copiado em nada dos meninos na realidade, tendo sido desenvolvido naturalmente, seja remetido a este modelo. Vale lembrar que, nos *Três ensaios...*, Freud (1989b) considera que a masturbação tem origem no prazer obtido pela criança do contato com seus órgãos sexuais que ocorre nos cuidados higiênicos recebidos de um adulto. E isto ocorreria tanto nos meninos, quanto nas meninas (p. 175). Por que então, neste texto, o próprio desejo de tocar o clitóris é visto como masculino? Volta-se ao modelo de sexo único, no qual o homem é o molde não só na anatomia, mas também para o comportamento.

²³ Posteriormente, em 1915, em uma das seções acrescentadas aos *Três ensaios...* esta idéia foi ali reproduzida.

Por fim, Freud afirma neste texto, que após a descoberta das diferenças sexuais anatômicas, o último bastião contra a compreensão da criança de como são feitos os bebês residirá no desconhecimento do sêmen. A criança não teria como adivinhar que o pênis excreta outra substância que não seja a urina (Freud, 1976c, p. 226).

ATAQUE HISTÉRICO COMO ONANISMO

Em 1909 Freud publica um texto intitulado *Algumas observações gerais sobre ataques histéricos*, onde desenvolve a idéia de que os ataques, nesta forma de neurose, não passam de fantasias projetadas para a esfera motora, por meio de mímica. Embora essas fantasias sejam inconscientes, são da mesma natureza daquelas observadas em devaneios ou sonhos. Devido à influência da censura, a representação mímica sofreria as mesmas distorções do sonho, tornando-se também incompreensível para a consciência e para um observador. Assim, o ataque histérico deve ser interpretado da mesma forma que os sonhos, ou seja, deve-se levar em conta que várias fantasias podem estar reunidas, que vários personagens da mesma fantasia podem estar tendo seu comportamento representado no ataque, que pode haver uma inversão motora do gesto expresso na fantasia e, por fim, que pode haver uma inversão da ordem cronológica da fantasia (Freud, 1976d, pp. 233-234).

Os ataques visariam substituir as atividades auto-eróticas e masturbatórias da infância, às quais o indivíduo tenha renunciado, ficando isto evidente em um grande número de casos pela repetição dos movimentos que levavam à satisfação original. Os ataques ocorreriam devido a um aumento de libido, que levaria à repetição das condições em que o sujeito buscava anteriormente a satisfação: uma fase auto-erótica, sem conteúdo fantasioso; a mesma satisfação, mas agora ligada a uma fantasia desencadeante; a renúncia ao ato masturbatório, com a permanência da fantasia; finalmente ao recalçamento da fantasia, o que acaba por desencadear o ataque histérico (Freud, 1976d, pp. 236-237).

A incontinência urinária certamente não é incompatível com o diagnóstico de um ataque histérico, já que não faz senão repetir uma forma infantil de poluição violenta. [...] A perda da consciência num ataque histérico, a "*absence*", deriva-se do fugaz mas inegável lapso de consciência que se observa no clímax de toda satisfação sexual intensa, inclusive as auto-eróticas (Freud, 1976d, p. 237).

Freud prossegue afirmando que as *absences* durante devaneios – bastante comuns em pessoas histéricas – teriam a mesma origem. O mecanismo das *absences* seria o mesmo do reflexo do coito. A atenção do indivíduo ficaria inicialmente concentrada na satisfação. Quando a satisfação ocorre, todo o investimento da atenção é subitamente removido, dando lugar a "um momentâneo vazio na consciência. Esse vazio, que se poderia qualificar de fisiológico, amplia-se a serviço da repressão para tragar tudo aquilo que a instância repressora rejeita" (Freud, 1976d, p. 237).

Nas mulheres, o ataque histérico reviveria a parcela de atividade "masculina" que ocorreu na infância. Freud afirma, inclusive, que as meninas com maiores "tendências masculinas" na infância, são justamente as que se tornam histéricas na puberdade, podendo esta neurose ser resultado da excessiva convergência do recalçamento que permite apagar a parcela de "sexualidade masculina", levando ao "aparecimento da mulher" (Freud, 1976d, p. 238).

MULHERES POR TRÁS... DO DIVÃ – A SEGUNDA GERAÇÃO²⁴

Em 1909 Eitingon muda-se para Berlim, unindo-se a Abraham e dando início à história do movimento psicanalítico alemão. Em 1910 é criada a *Sociedade Psicanalítica de Berlim – DPG* – que substitui a sociedade então existente. Abraham seria seu presidente até a sua morte. No II Congresso Internacional, ocorrido em Nuremberg, Alemanha, em março, Freud cria, com Ferenczi, uma *Associação*

²⁴ O estudo das gerações é um instrumento sociológico usado comumente em diferentes campos das ciências humanas e sociais. Na historiografia psicanalítica, visa estabelecer a genealogia dos sucessores de Freud, bem como as diversas interpretações da obra original. A primeira geração internacional de psicanalistas compõe-se dos primeiros discípulos de Freud, boa parte analisada pelo próprio mestre. A segunda geração foi, na maioria, analisada pelos psicanalistas da primeira, alguns ainda pelo próprio Freud. Se a primeira geração tinha um espírito de conquista, a segunda, afastada deste espírito, foi a componente essencial da *IPA* na década de 1930. Em outras palavras, para esta segunda geração, com poucas exceções, a ligação com a psicanálise se daria não por intermédio de uma cidade ou de um mestre, mas de uma instituição legitimista, que representava o movimento e a doutrina originais. Tendo que enfrentar a escalada do nazismo, o que muitas vezes significou o exílio, os componentes desta segunda geração viam na *IPA* ou uma nova pátria freudiana, a ser defendida em sua legitimidade, ou um aparelho a ser contestado – o que levaria à dissidência, à expulsão, ou a uma nova prática clínica. Já a terceira geração foi instruída por representantes da segunda, ou teve acesso ao freudismo através de textos. Esta foi a geração das grandes cisões, que seriam provocadas, entre 1950 e 1970, pelos questionamentos a respeito da formação didática típica da *IPA* e pelas discussões das diferentes escolas na interpretação da obra freudiana e da técnica psicanalítica. Esta terceira geração está também ligada à discussão da historiografia freudiana. A quarta geração internacional é anônima e impessoal. É formada pelos diferentes grupos de psicanalistas de todas as tendências, espalhados por todo o mundo a partir de 1970, podendo ser independentes ou ligados à *IPA* (Roudinesco & Plon, 1998, p. 293).

Psicanalítica Internacional, a *IPV* – posteriormente transformada em *IPA*. Esta Associação visava congregar as outras, situadas em vários países, de forma que, a partir de seu registro na Internacional, houvesse uma coerência de normas e procedimentos (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 2/276/804).

Em abril, os estatutos da *WPV* são rediscutidos, surgindo, pela primeira vez, a questão da admissão ou não de mulheres. Isidor Sadger, um dos membros mais misóginos da associação (juntamente com Fritz Wittels), posiciona-se contra. Freud – precedido por Adler – mostra-se, contudo, completamente a favor, dizendo que consideraria uma "incoerência" excluir as mulheres. Assim, alguns dias depois, a médica Margarethe Hilferding torna-se a primeira mulher a participar das reuniões da *WPV*, sendo eleita membro por doze votos a dois. Nos anos seguintes, um grande número de mulheres ingressaria nas fileiras psicanalíticas, o que levaria a um questionamento inédito dos pressupostos freudianos em relação ao desenvolvimento e à sexualidade da mulher (Gay, 1999, pp. 456-457).

Em janeiro de 1911 Hilferding expõe, na *WPV*, um estudo – que recebe a aprovação de Freud – em que afirma que o amor materno não é nato, mas adquirido, o que significa um grande avanço na concepção de mulher desta época. A partir deste ano, contudo, o movimento psicanalítico passa a sofrer muitas dissidências, tanto por questões pessoais, quanto por motivos teóricos e técnicos. Adler, um dos primeiros discípulos de Freud, havia desenvolvido toda uma outra teoria, na qual a sexualidade e o inconsciente não tinham lugar e a neurose seria o resultado de imperfeições orgânicas com as quais o sujeito teve que lutar na infância. Em junho, Freud obtêm a renúncia de Adler da *WPV*. Hilferding – assim como outros membros da Sociedade de Viena – irá acompanhar Adler na criação de um novo grupo. Também neste ano, nos Estados Unidos, Abraham Arden Brill funda a *Sociedade Psicanalítica de Nova York (NYPS)*, e Jones a *Associação Psicanalítica Americana (APsaA)* (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 7-8/334-335/805).

Ainda em 1911, no III Congresso da *IPA*, que ocorre em Weimar, Alemanha, Freud conhece **Lou Andreas-Salomé**, então com mais de cinquenta anos, mas ainda muito bonita e sedutora, talvez pela capacidade de vibrar às idéias dos homens e de se identificar com eles na esfera criativa. Andreas-Salomé pede imediatamente a Freud –

que também não irá resistir a seus encantos, embora de forma platônica – para ser "iniciada" na psicanálise. No mesmo ano, **Karen Horney** passa a frequentar as reuniões da *DPG*, onde expõe, no início do ano seguinte, um trabalho sobre a educação sexual de crianças, que Abraham recomenda elogiosamente a Freud (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 23/355).

Também em 1911, Ferenczi, que havia se tornado analista de Elma (sua enteada, quatorze anos mais nova que ele), confessa a Freud – quando o noivo da moça suicida – estar apaixonado por ela e cansado de sua relação com Gizzela, pois a mesma era muito idosa e não o atraía mais. Diz querer casar-se com Elma e tornar Gizzela sua sogra. Quando finalmente percebe estar envolvido em uma confusão transferencial, convence Freud a assumir a análise de Elma em seu lugar (Roudinesco & Plon, 1998, p. 233).

DE QUE ME VALE SER FILHO DA SANTA? MELHOR SERIA SER FILHO DA OUTRA...²⁵

Em 1912, Freud publica um artigo intitulado *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, no qual discute a "impotência psíquica". Neste tipo de impotência, homens com "natureza" intensamente libidinosa sentem-se impedidos de realizar o ato sexual, por falta de ereção, embora esta ereção ocorra em outros momentos. A impotência psíquica estaria relacionada apenas a determinado tipo de pessoas, que apresentam determinadas características – de resto não claras para o sujeito. Freud considera que o problema da total impotência psíquica, em que a relação com nenhum objeto é possível, surge devido a uma fixação incestuosa não superada na mãe ou na irmã. Com esta fixação, a libido afastar-se-ia da realidade, sendo substituída pela fantasia. A atividade masturbatória fortaleceria esta fixação (Freud, 1970a, pp. 163-166).

No caso da impotência psíquica que se manifesta apenas em relação a determinados objetos, apenas uma parte da libido teria sido desconectada da realidade, e esta parte seria justamente a corrente afetiva. Assim, se uma pessoa lembra, de alguma maneira, as imagens incestuosas proibidas, se desperta, deste modo, a supervalorização,

²⁵ Da música *Cálice*, de Gilberto Gil e Chico Buarque.

então não servirá como objeto sexual. Há uma separação absoluta entre o amor e o desejo. A pessoa capaz de despertar o desejo tem que ser inferior, ou tem que ser inferiorizada, para que a relação sexual possa ocorrer. Nestes indivíduos, onde não ocorreu a confluência das correntes afetiva e sensual, sobretudo se mantiveram os alvos sexuais perversos, cuja realização só parece possível com um objeto sexual depreciado e desprezado (Freud, 1970a, pp. 166-167).

Freud afirma que a impotência psíquica encontrar-se-ia muito mais difundida que o suposto, sendo mesmo característica do homem civilizado uma certa quantia deste comportamento. Inclui na categoria de homens que sofrem de impotência psíquica, possivelmente pela primeira vez na literatura médica²⁶, aqueles que conseguem sempre a ereção necessária para a realização do ato sexual, mas que dele não obtêm qualquer prazer – e afirma que esta situação seria extremamente comum:

Existe apenas um pequeno número de pessoas educadas em que as duas correntes, de afeição e de sensualidade, se fundiram adequadamente; o homem quase sempre sente respeito pela mulher que atua com restrição a sua atividade sexual, e só desenvolve potência completa quando se acha com um objeto sexual depreciado; e isto, por sua vez, é causado, em parte, pela entrada de componentes perversos em seus objetivos sexuais, os quais não ousa satisfazer com a mulher que ele respeita. Assegura-se de prazer sexual completo apenas quando se pode dedicar sem reserva a obter satisfação, o que, com sua mulher bem educada, por exemplo, não se atreve a realizar. É esta a origem de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, de uma mulher eticamente inferior, a quem não precise atribuir escrúpulos estéticos, que não o conheça em seu outro círculo de relações sociais, e que ali não o possa julgar (Freud, 1970a, p. 168).

Freud aponta a necessidade do homem sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a idéia do incesto com sua mãe (ou irmã), para que possa desfrutar de liberdade sexual e felicidade amorosa. Para isso, o homem deverá levar em conta, o quanto, provavelmente em seu inconsciente, considera o sexo como algo sujo e degradante, não só do corpo como da alma (Freud, 1970a, p. 169).

Na seqüência, Freud afirma que as mulheres se encontram também sob a influência de um efeito residual da educação sobre suas pulsões incestuosas, havendo contudo pouca indicação da necessidade de depreciação do objeto sexual, ligada a sua também pequena tendência à supervalorização. À longa contenção da sexualidade na mulher de sua época, com o conseqüente desenvolvimento da fantasia, Freud atribui a

²⁶ Conforme já explicitado na nota n.º 19 do Capítulo 1, p. 39.

freqüente incapacidade de desfazer a conexão entre atividade sexual e proibição, o que levaria à frigidez dentro do casamento. Se a mulher inicia, contudo, uma relação moralmente proibida, e por isso secreta (como suas fantasias), torna-se capaz de realizar-se sexualmente (Freud, 1970a, p. 169).

Como os homens são menos propensos a obedecer à restrição sexual antes do casamento, mas sua atividade ocorreria então com objetos por ele depreciados (prostitutas, empregadas, etc.), esta associação da permissão sexual apenas com objetos inferiores manter-se-ia. Freud ressalta ainda a importância deste comportamento masculino para a mulher, que com certeza se sente frustrada tanto no caso de um homem que se relacione com ela sem sua potência plena, quanto no caso em que a supervalorização inicial que recebe é substituída pela depreciação logo após a primeira relação sexual (Freud, 1970a, p. 170).

Apesar destas críticas à educação coerciva, Freud afirma que a plena liberdade sexual levaria a uma desvalorização da sexualidade e, conseqüentemente, do amor. Considera a possibilidade de que algo inerente à própria pulsão sexual seja desfavorável à realização da satisfação completa, porque, em primeiro lugar, como conseqüência da escolha bifásica do objeto e da proibição do incesto, o objeto final da pulsão jamais será o original, mas apenas um sucessor. Em segundo lugar, ao considerar que a pulsão sexual se desenvolve a partir de numerosos componentes, é possível perceber que alguns deles não podem integrar a pulsão em sua forma final, tendo que ser suprimidos ou destinados a outros fins, mais coerentes com a comunidade civilizada, através da sublimação. A neurose seria a conseqüência da fraqueza apresentada por algumas pessoas em sublimar os componentes iniciais da pulsão (Freud, 1970a, pp. 170-173).

Neste texto, Freud levanta um problema que atinge os relacionamentos heterossexuais ainda nos tempos hodiernos: a separação (feita pelos homens) das mulheres, entre aquelas que devem ser amadas e respeitadas, e aquelas com quem é possível realizar-se sexualmente. Embora o próprio Freud considere isso uma decorrência da restrição sexual da época, a liberdade incomensuravelmente maior de que se dispõe nos dias de hoje não foi capaz de retirar do psiquismo masculino essa separação. A persistência do problema provaria que, para além das restrições sociais

(excetuando-se a proibição do incesto, já que esta parece ser universal), sua base se encontra no próprio desenvolvimento sexual infantil.

Talvez o que provoque a tendência à depreciação nos homens e não nas mulheres, não seja, portanto, a obediência maior ou menor às normas sociais, mas sim o fato de que o menino, ao entrar na fase edípica, mantém seu objeto, enquanto a menina precisa mudar o seu. Assim, para o menino, a mãe das relações iniciais seria amada, e a mãe da fase edípica seria desejada. Desta forma, o problema da separação das mulheres em duas categorias, poderia ser considerado uma decorrência da própria peculiaridade do Édipo masculino.

AO MENOS, SEM PÊLOS NAS MÃOS

Em outro texto publicado em 1912, intitulado *Contribuições a um debate sobre a masturbação*, Freud (1969, pp. 303-316) retoma algumas discussões ocorridas em um debate sobre o onanismo na *WPV* – debate este que teria durado diversos meses. Inicialmente, recupera as conclusões a que chegara sobre este assunto em seu texto anterior, de 1898, *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Em seguida, aponta os principais possíveis efeitos negativos da masturbação:

1. Um prejuízo orgânico, devido possivelmente ao excesso ou à satisfação sexual inadequada.
2. O estabelecimento de um padrão psíquico que não reconhece a necessidade de alterar o mundo externo para obter a satisfação das necessidades.
3. Uma fixação da libido em objetivos sexuais infantis, com a disposição para uma neurose.
4. Uma redução, temporária ou permanente da potência (Freud, 1969, pp. 316-317).

Quanto ao último ponto, Freud afirma, porém, que:

Este resultado específico da masturbação, contudo, não pode ser classificado sem hesitação entre os prejudiciais. Certa diminuição da potência masculina e da brutal agressividade nela envolvida é muito a propósito, do ponto de vista da civilização. Ela facilita a prática, pelos homens civilizados, das virtudes de moderação e confiança sexual que lhes incumbem. A virtude acompanhada de plena potência é geralmente considerada tarefa árdua (Freud, 1969, p. 317).

Portanto, segundo Freud, de acordo com o parágrafo acima, a diminuição da libido, conseguida pela masturbação, poderia evitar que um homem viesse a ter relações sexuais forçadas com uma pessoa que o rejeitasse. Esta afirmação implica, contudo, em uma revisão do item 2, acima citado, onde Freud considera que a satisfação obtida na masturbação pode levar a um padrão psíquico segundo o qual não haveria necessidade de alterar o mundo externo para a satisfação das necessidades. Parece que, por vezes, a masturbação pode significar justamente a aceitação, por parte do indivíduo, de que seu objeto amoroso no momento não demonstra por ele o mesmo desejo, *apesar* de suas tentativas neste sentido. O onanismo seria, neste caso, uma espécie de consolo.

Afinal, não há como negar que o coito, ou que qualquer atividade sexual (por perversa que seja) com outra pessoa, é sempre mais satisfatória que a masturbação, justamente porque, nesta última, o indivíduo depende unicamente de si mesmo para a obtenção de prazer. Vale lembrar que, na sociedade atual, a prática da masturbação em homens casados é bem mais comum que nos tempos de Freud, justamente porque as esposas hodiernas consideram-se com mais direito a declinar da relação sexual quando não se encontram dispostas a ela.

Freud prossegue afirmando ser possível distinguir os efeitos negativos da masturbação entre aqueles que dela advêm de forma direta (os levantados acima), daqueles que advêm de possíveis sentimentos de culpa, resistência ou indignação subsequentes. Chama também a atenção para fenômenos de "masturbação inconsciente": aquela que ocorre durante o sono, durante "estados anormais" ou crises. Nas crises histéricas, a masturbação torna a acontecer de forma disfarçada, enquanto que, na neurose obsessiva, os atos masturbatórios são transformados em repetições aparentemente inocentes. Freud defende ainda como benéfica a possibilidade de uma pessoa, durante seu tratamento analítico, após recuperar as lembranças de sua masturbação na infância, retomar esta atividade por uns tempos, como forma de livrar-se de uma série de sintomas substitutivos desta prática (Freud, 1969, pp. 318-319).

OS SENHORES DOS ANÉIS

Ainda em 1912, em função das dissidências ocorridas no movimento psicanalítico e também do início de problemas de relacionamento com Jung e Stekel,

Freud cria um *Comitê Secreto*, composto apenas dos mais fiéis partidários – a quem distribui um entalhe, por eles transformado em um anel de fidelidade. Deste *Comitê Secreto*, formado com o incentivo de Jones, fazem parte (além do próprio Jones): Abraham, Ferenczi, Rank, Hanns Sachs e Anton von Freund. Em setembro, após passar cinco anos em Toronto, onde lutara pela implantação das idéias freudianas nos Estados Unidos, Jones é acusado novamente por motivos "sexuais", e resolve então voltar a morar em Londres, na Inglaterra (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 122/416).

Em outubro, após ter lido tudo que Freud havia escrito, Andreas-Salomé consegue que ele a admita como membro da *WPV*, e se instala temporariamente em Viena, para estudar psicanálise. Inicia então um romance com Viktor Tausk, psiquiatra e psicanalista austríaco, divorciado e dezoito anos mais jovem que ela, bonito e melancólico. Ele a inicia na prática da psicanálise, pois a seu lado visita hospitais e observa casos de seu interesse. Com Tausk e Freud, Andreas-Salomé reconstitui, nesta época, um triângulo semelhante ao que formara anteriormente com Nietzsche e Rée. Torna-se também amiga da família de Freud, especialmente de sua filha Anna. Posteriormente, Andreas-Salomé instalar-se-ia definitivamente em Göttingen, Alemanha, trabalhando como psicanalista em tempo integral (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 23-24).

Em um incidente ocorrido ainda no ano de 1912, Jung acusa Freud injustamente de não lhe dar a devida importância. Esta discussão arrastar-se-ia penosamente por meses, quando seria então esclarecida por Freud, o que não impediria Jung de continuar a atacá-lo por outros motivos. Em novembro, Jung faz uma conferência sobre psicanálise nos Estados Unidos, onde deixa de lado a sexualidade infantil, a etiologia sexual das neuroses, o complexo de Édipo, e redefine abertamente a libido, incluindo nela uma energia psíquica geral. Posteriormente, comenta com Freud que "sua versão da psicanálise" havia conseguido conquistar pessoas que ficavam desconcertadas com o problema da sexualidade na neurose. Completa dizendo estar em seu direito ao "falar a verdade como a via". Também em novembro, Stekel retira-se da *WPV* (Gay, 1999, pp. 219-222).

Em 1913, após receber inúmeras cartas acusatórias e agressivas de Jung, Freud lhe responde com a sugestão de que fossem encerradas todas as suas relações pessoais.

Em maio, Ferenczi, juntamente com outros membros, cria na Hungria a *Sociedade Psicanalítica de Budapeste*. Jung principia – em agosto – o uso do termo *Psicologia Analítica* para designar o seu trabalho. Contudo, no IV Congresso da *IPA*, em Munique, Alemanha, realizado no mês de setembro, Jung é reeleito presidente da *IPA*, por 52 votos a 22. Em outubro, Jones (com outros membros), funda a *Sociedade Psicanalítica de Londres (LPS)*. Também em 1913, Hermine von Hug-Hellmuth é admitida como membro da *WPV*. Torna-se, depois de Freud – que o havia feito como supervisor – a primeira psicanalista de crianças. Irá desenvolver, para a análise infantil, atividades de jogo e desenho (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 357/806).

Também neste ano, a conselho de Freud, Jones passa dois meses em Budapeste, Hungria, para uma análise didática com Ferenczi (relação que acabaria por trazer para o movimento psicanalítico mais problemas que soluções). Freud então tinha como paciente Loe Kann, a pedido de Jones. Quando Jones inicia seu tratamento com Ferenczi, Kann encontra-se prestes a deixá-lo para se casar com outro homem, mas ele não sabe disso. Jones também não fica sabendo que Freud informa Ferenczi de tudo que ocorre nas sessões com Kann, e que Ferenczi repassa ao mestre o andamento de sua própria análise. Ferenczi descreve Jones a Freud como alguém voltado às intrigas, aos triunfos secretos e à perfídia. Freud apegava-se bastante a Kann, de uma forma paternal e assexuada, e ela viria a tornar-se uma grande amiga de sua filha Anna (Roudinesco & Plon, 1998, p. 416).

SOB QUE MÁSCARA RETORNARÁ O RECALCADO?²⁷

Ainda em 1913, Freud publica um artigo intitulado *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose*. Neste texto, Freud discute os motivos que levam uma pessoa a adoecer de uma neurose específica, e não de outra. Considera haver dois fatores dominantes na "escolha" da neurose: o acidental e o constitucional – lembrando que, na época, a proposição geral é de que as neuroses derivam exclusivamente de uma disposição inata do indivíduo. Afirma que, tanto a função sexual, quanto diversas funções egóicas, precisam passar por um longo e complicado desenvolvimento antes de chegar ao modo de funcionamento característico

²⁷ Da música *A fábrica do poema*, de Adriana Calcanhoto e Waly Salomão.

do adulto "normal". Contudo, a função fixar-se-ia em alguns pontos das fases por que passa o indivíduo na infância, retornando a estes mesmos pontos se ele posteriormente adocece em função de perturbações externas (Freud, 1976e, pp. 399-400).

Freud considera que as "disposições" são inibidoras do desenvolvimento do indivíduo, e que se deve deixar à biologia a tarefa de determinar que fatores podem ocasionar tais inibições – aponta inclusive para a teoria temporal de Fliess como uma possível resposta para o problema. Freud intitula como psicose também a "demência precoce". A ordem de aparecimento das neuroses seria, primeiramente, a histeria, cujas formas de manifestação podem ser encontradas ainda na primeira infância, em seguida, a neurose obsessiva, que apresenta seus primeiros sintomas entre seis e oito anos, por fim, a paranóia e a "demência precoce" (parafrenias) só apareceriam depois da puberdade e durante a vida adulta (Freud, 1976e, pp. 400-401).

Freud salienta que as doenças que por último se manifestam são aquelas que implicam em uma fixação em uma fase libidinal anterior à escolha objetal, ou seja, nas fases auto-erótica e narcisista. Quanto às neuroses de transferência propriamente ditas, a histeria e a neurose obsessiva, a fixação deverá ser encontrada em fases posteriores de desenvolvimento libidinal. Em sua busca do entendimento da neurose obsessiva, Freud conclui que, entre a fase narcisista (que se segue à auto-erótica) e a fase da escolha objetal ligada à genitalidade, haveria uma outra, na qual o objeto é externo ao sujeito, mas como a primazia das zonas genitais ainda não foi estabelecida, trata-se também de uma *organização pré-genital*²⁸. Nesta fase de desenvolvimento dominariam as pulsões anal-eróticas e sádicas (Freud, 1976e, pp. 401-404).

Se desejarmos colocar nossa hipótese em contato com linhas biológicas de pensamento, não devemos esquecer que a antítese entre masculino e feminino, que é introduzida pela função reprodutora, não pode ainda estar presente no estágio da escolha objetal pré-genital. Encontramos, em seu lugar, a antítese entre tendências com objetivo ativo e com objetivo passivo, a qual, posteriormente, se torna firmemente ligada à existente entre os sexos. A atividade é suprimida pelo instinto comum de domínio, que chamamos sadismo quando o encontramos a serviço da função sexual; e, mesmo na vida sexual normal plenamente desenvolvida, ele tem importantes serviços subsidiários a desempenhar. A tendência passiva é alimentada pelo erotismo anal, cuja zona erógena corresponde à antiga e indiferenciada cloaca. Uma acentuação deste erotismo anal no estágio pré-genital de organização deixa

²⁸ Segundo Strachey (1976), esta é a primeira vez que Freud utiliza o termo pré-genital em um texto. Vale lembrar também que este artigo é inaugural na divisão esquemática, por Freud, do desenvolvimento infantil em fases libidinais, embora a idéia já se encontre esboçada em textos anteriores (p. 396).

atrás de si uma predisposição significativa ao homossexualismo, nos homens, quando o estágio seguinte da função sexual, a primazia dos órgãos genitais, é atingido (Freud, 1976e, p. 405).

No parágrafo acima, encontra-se a habitual relação masculino/ativo/sadismo e feminino/passivo/masochismo. A pulsão sádica é vista por Freud como tendo "importantes serviços" a desempenhar na vida sexual de um homem, possivelmente porque, para "vencer a resistência" das mulheres (não só na primeira de suas relações sexuais), o homem teria que utilizar sua agressividade. Resta saber quais seriam tais "importantes serviços" além da obtenção de prazer pelo homem. Pode ser que Freud demonstre uma exagerada preocupação com a preservação da espécie.

Também na citação anterior, Freud afirma que o ânus deve seu erotismo ao fato de ser uma diferenciação da cloaca. Segundo André (1996), esta afirmação estaria baseada na fantasia infantil de que os bebês nascem pelo ânus. Contudo, "a cloaca animal aponta para uma confusão corporal. Na teoria infantil (na versão de Freud), só há confusão na ordem de representações. [...]. É o adulto que chama de 'cloacal' aquilo que, para a criança, parece ser 'claramente' anal" (p. 30).

Freud prossegue afirmando que, na formação do caráter, encontram-se as mesmas forças pulsionais encontradas na constituição das neuroses. Contudo, nesse caso, não ocorre o fracasso do recalque – ele não entra em ação ou alcança facilmente o objetivo de substituir o recalque por formações reativas²⁹ e sublimações. Por este motivo, os processos de formação de caráter seriam mais difíceis de compreender na análise que aqueles da formação da neurose. Mas, na mulher, após a menopausa, pode haver uma regressão³⁰ da sexualidade à fase pré-genital sádico-anal, e o aparecimento de um caráter obsessivo. Nesse caso, não parece haver nenhuma resistência à regressão, como ocorre no caso da neurose. Possivelmente, a fase sádico-

²⁹ Formação reativa: atitude ou sentimento de sentido oposto a um desejo recalqueado, constituído em reação negativa a este desejo (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 200).

³⁰ O termo regressão, no sentido temporal de retorno da libido a fases anteriores de desenvolvimento, aparece neste texto pela primeira vez. Contudo, podem ser encontradas indicações, já nos *Três ensaios...* de uma regressão libidinal a modos anteriores de organização (Laplanche & Pontalis, 2000, pp. 440-441). Obviamente, o fato do termo – com este sentido – só aparecer neste texto, deve-se ao fato de que, como já visto, ser nele também que aparece claramente a separação do desenvolvimento infantil em fases libidinais.

anal seria não apenas a precursora da fase genital³¹, mas também sua sucessora, retornando após os órgãos genitais terem desempenhado sua função (Freud, 1976e, pp. 406-407).

Na seqüência, Freud discute a ignorância em que se encontra, na época, com relação às fases de desenvolvimento do ego. Com base em algumas tentativas teóricas que teriam sido feitas por Ferenczi, Freud, não sem hesitação, afirma que existe uma possibilidade de haver, na disposição à neurose obsessiva, uma ultrapassagem cronológica do desenvolvimento da libido pelo desenvolvimento do ego³². Em função do sadismo presente nesta fase da libido, em que as pulsões sexuais ainda não atingiram sua forma final, poder-se-ia considerar que a origem da moralidade estaria no fato de que, "na ordem de desenvolvimento, o ódio é precursor do amor" (Freud, 1976e, p. 408).

Freud termina este texto com uma rápida discussão da predisposição à histeria. Esta neurose estaria relacionada com a fase final do desenvolvimento da libido, caracterizada pela primazia dos órgãos genitais e pela introdução da função de reprodução. Haveria então um recalçamento dessa aquisição, sem contudo haver uma regressão à fase pré-genital. Porém, nas crianças do sexo feminino, a sexualidade é

dominada e dirigida por um órgão masculino (o clitóris), e amiúde se comporta como a sexualidade dos meninos. Esta sexualidade masculina tem de ser abandonada mediante uma última onda de desenvolvimento, na puberdade, e a vagina, órgão derivado da cloaca, tem de ser elevada a zona erógena dominante. Ora, é muito comum na neurose histérica que esta sexualidade masculina reprimida seja reativada e, então, que a luta defensiva por parte dos instintos egossintônicos seja dirigida contra ela (Freud, 1976e, p. 409).

André (1996) ressalta o fato de que, novamente utilizando como base para suas observações as fantasias sexuais infantis, Freud deixaria de levar em conta que, em sua própria teoria sobre estas fantasias, elas não seriam fruto de uma *confusão* anal/genital, mas da completa *ignorância* da vagina, até mesmo para o inconsciente. Ao deixar de considerar esse fato e afirmar que a vagina é um "órgão derivado da cloaca", Freud

³¹ Como se pode perceber, Freud ainda não utiliza, neste texto, sua noção de fase fálica que, segundo Strachey (1976, p. 397), só irá aparecer em 1923, no artigo intitulado *A organização genital infantil* (ver Freud, 1976i).

³² Nesta parte de seu texto, Freud parece estar se referindo mais ao superego que ao ego. Deve-se considerar o fato de que o uso do termo superego, sob a pena de Freud, segundo Laplanche e Pontalis (2000), só irá ocorrer a partir de 1923, no texto intitulado *O ego e o id* (p. 498).

abria – sem perceber – um flanco para que uma série de discípulos viessem, futuramente, a questionar o desconhecimento da vagina nas meninas (p. 30).

PERTURBANDO O SONO DO MUNDO³³

Em função de seus rompimentos com Adler, Stekel e Jung, em janeiro de 1914 Freud publica *A história do movimento psicanalítico*, onde conta de que forma chegara às suas conclusões preliminares, bases da teoria e técnica psicanalíticas. Afirma que a transferência e a resistência são as descobertas mais importantes da psicanálise e, portanto, seus sustentáculos.

Qualquer linha de investigação que reconheça esses dois fatos e os tome como ponto de partida de seu trabalho tem o direito de chamar-se psicanálise, mesmo que chegue a resultados diferentes dos meus. Mas quem quer que aborde outros aspectos do problema evitando essas duas hipóteses dificilmente poderá escapar à acusação de apropriação indébita por tentativa de imitação, se insistir em chamar-se a si próprio de psicanalista (Freud, 1974a, p. 26).

Prossegue afirmando que outro produto do trabalho psicanalítico é a hipótese da sexualidade infantil. A convicção, tanto da existência, quanto da importância da sexualidade infantil, só pode ser obtida na busca da origem dos sintomas neuróticos. Outro ponto fundamental da psicanálise seria a interpretação dos sonhos. Considera, então que, se suas descobertas no campo psicanalítico são capazes de provocar resistência em seus pacientes, também o farão naquelas pessoas que tiverem um contato aparentemente apenas intelectual com sua teoria. De fato, a justificativa para isso seria emocional, e não intelectual (Freud, 1974a, pp. 27-34).

Freud rebate em seguida as críticas feitas até então à psicanálise e, de alguma forma, agradece o trabalho de seus discípulos mais fiéis, ao ajudá-lo no desenvolvimento e, especialmente, na divulgação da obra psicanalítica. Acompanha o desenvolvimento da teoria e do movimento até a época, e explicita os motivos das separações de Adler e Jung, afirmando que suas revisões da psicanálise significam, na verdade, a criação de outras correntes de pensamento (Freud, 1974a, pp. 36-82).

³³ No texto abaixo citado, Freud afirma que cedo percebera, em sua carreira médica, que passara a fazer parte do grupo daqueles que "perturbam o sono do mundo" (frase de um personagem de uma peça de Hebbel, conforme citado por Freud, 1974a, p. 32).

Em abril de 1914, Jung finalmente renuncia à presidência da *IPA*. Abraham assume então este cargo, a pedido de Freud. Contudo, Freud prosseguiria perturbando também o sono de um de seus discípulos mais fiéis: em junho, sem que Jones saiba, assiste ao casamento de Loe Kann, em Budapeste. Em julho, Anna Freud – então com dezoito anos – que estivera trabalhando num centro de assistência diurna para filhos de operários, e que acabara de prestar seus primeiros exames como professora, viaja para Londres, onde Jones a acolhe e se põe a cortejá-la. Anna comenta tal fato com Loe, que alerta Freud, e o mesmo é bastante duro com a filha, deixando claro não aceitar tal relação, dizendo que Jones não seria um bom marido para ela, e que ele não lhe daria a mesma liberdade que havia dado às suas irmãs mais velhas de escolher seu companheiro. Na verdade, a partir deste dia, Freud começa a desviar de Anna todos os seus pretendentes. Quase quarenta anos depois (em 1953), em uma carta de Jones a Anna, este ainda declararia seu amor por ela e seu ressentimento por Freud, que teria impedido o progresso da relação (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 11/258/416).

Também em 1914, Ferenczi recebe como paciente para análise uma mulher que se tornaria muito importante dentro do movimento psicanalítico: **Melanie Klein**. Ela teria tido contato pela primeira vez com a obra psicanalítica neste mesmo ano, com a leitura do artigo de Freud *Sobre os sonhos*, de 1901. Klein procura a análise no ano da morte de sua mãe e do nascimento de seu terceiro filho. Começa então a participar das atividades da *Sociedade Psicanalítica de Budapeste* (Roudinesco & Plon, 1998, p. 431).

Ironicamente, esta mulher que entrava para o movimento psicanalítico justamente no ano em que Freud barrara o relacionamento entre sua filha e Jones, tornar-se-ia, posteriormente, a maior rival de Anna na psicanálise de crianças. Suas interpretações a respeito da sexualidade infantil também a levariam a discordar de Freud no tocante ao desenvolvimento da menina. Sua permanência e mesmo seu sucesso dentro da psicanálise contarão com o apoio fundamental de Jones. Segundo Sayers (1992), Freud irá considerar esse apoio como uma revanche pelos acontecimentos de 1914 (p. 152).

UM TEMPO QUE REFAZ O QUE DESFEZ – QUE RECOLHE TODO O SENTIMENTO, E BOTA NO CORPO UMA OUTRA VEZ³⁴.

Ainda em 1914, é publicado um artigo de Freud intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Segundo Strachey (1974a), este texto teria sido escrito mais ou menos ao mesmo tempo que *A história do movimento psicanalítico*, e uma das motivações de Freud para escrevê-lo seria (com o conceito de narcisismo) oferecer uma alternativa, tanto para a "libido não sexual" de Jung, quanto para o "protesto masculino" de Adler – ou seja, para as teses que levaram estes autores a distanciarem-se da teoria psicanalítica (p. 86).

Freud inicia seu texto informando que o termo narcisismo fora utilizado anteriormente (1899) por Paul Näcke, para descrever uma perversão na qual o indivíduo trataria seu próprio corpo como objeto sexual, contemplando-o, afagando-o e acariciando-o até atingir a satisfação sexual. Prossegue afirmando que alguns aspectos da atitude narcisista são encontrados também em outras perturbações, o que levaria à conclusão de que, no curso regular do desenvolvimento sexual humano, há um momento de investimento libidinal narcísico ou, em outras palavras, um narcisismo primário, um investimento original no próprio ego que, em parte, seria posteriormente transmitida a objetos (Freud, 1974b, pp. 89-92).

Haveria uma antítese entre "libido de ego" e "libido objetal", pois o maior uso de uma delas implicaria no esvaziamento da outra. No momento em que um indivíduo se encontra apaixonado, por exemplo, desiste de sua própria personalidade em favor do investimento objetal. Por outro lado, a pessoa que padece de um sofrimento físico retira sua libido dos objetos, passando a preocupar-se apenas consigo mesma, ou com seu órgão doente (Freud, 1974b, pp. 92/98).

Como se sabe, as zonas erógenas podem atuar como substitutas dos órgãos genitais. É possível considerar, contudo, que a erogeneidade é uma característica geral de todos os órgãos. Especialmente, se for chamado de erogeneidade o envio – que pode ser feito por qualquer parte do corpo – de mensagens sexualmente excitantes ao psiquismo. Assim, pode-se falar de aumento ou diminuição da erogeneidade em uma

³⁴ Da música *Todo o sentimento*, de Cristóvão Bastos e Chico Buarque.

parte específica do corpo. Cada modificação na erogeneidade dos órgãos corresponderia a uma modificação paralela do investimento libidinal no ego (Freud, 1974b, p. 100).

Reconhecemos nosso aparelho mental [sic] como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos. Sua elaboração na mente [sic] auxilia de forma marcante um escoamento das excitações que são incapazes de descarga direta para fora, ou para as quais tal descarga é, no momento, indesejável. No primeiro caso, contudo, é indiferente que esse processo interno de elaboração seja efetuado em objetos reais ou imaginários. A diferença não surge senão depois – caso a transferência da libido para objetos irreais (introversão) tenha ocasionado seu represamento (Freud, 1974b, pp. 101-102).

Uma forma possível de se abordar o estudo do narcisismo é através da escolha de objeto feita na infância. A criança deriva seus objetos sexuais de suas experiências de satisfação. Sendo as primitivas satisfações auto-eróticas experimentadas em conjunto com as funções de autopreservação, as pulsões sexuais encontram-se, no início, ligadas às pulsões egóicas. Quando estas pulsões se tornam independentes, ainda assim a vinculação original é mantida, pois o primeiro objeto sexual da criança é a pessoa que se preocupa com sua alimentação, cuidados e proteção (a mãe ou alguém que a substitua). Contudo, em pessoas que tenham sofrido alguma perturbação em seu desenvolvimento libidinal (tal como os pervertidos ou os homossexuais), a escolha de objeto recai, não sobre a mãe, mas sobre eles mesmos, o que configura a escolha objetal narcisista (Freud, 1974b, p. 104).

Aqui, o termo "pulsão egóica", sinônimo de narcisismo, abrange o impulso de autopreservação. Segundo Schiller (2000):

Da existência do psiquismo decorre o fato de *o ser humano não ter nenhum instinto*. O instinto é uniforme, invariável, monótono, repetitivo, universal para cada espécie. Impõe necessidades *naturais*. O homem pode caminhar em sentido oposto: pode se deixar morrer de fome; a mãe pode maltratar um filho; existe o suicida, o perverso, o psicopata; e a sexualidade tem infinitas faces (p. 132).

É possível discordar de Schiller, no tocante ao instinto de autopreservação (ou de sobrevivência). Embora o ser humano seja capaz de suicidar das mais variadas formas (incluindo a anorexia), isto prova apenas o predomínio do psiquismo sobre o instinto de preservar a própria vida *se* o indivíduo dispuser de um intervalo mínimo de tempo para pensar. Há pessoas que, estando na fase de planejamento de seu suicídio, passam por alguma situação no trânsito que quase se transforma em acidente, e seu instinto de

autopreservação as leva a desviar o carro, a fazer o possível para evitar a colisão. Terão elas, assim, quem sabe, mais uma semana para elaborar o plano de sua própria morte. Da mesma forma, o lugar mais seguro para um passageiro, em um ônibus ou um carro, será sempre atrás do motorista. Não importa se no veículo há pessoas por cuja vida ele sacrificaria a sua própria. Na iminência de um desastre, na falta de tempo para pensar, fala mais alto o instinto, e o motorista tratará de salvar primeiramente a si próprio. Não é possível, portanto, considerar que o instinto de sobrevivência ou autopreservação (possivelmente o único que nos resta) esteja incluído na pulsão egóica (narcísica) visto ser o narcisismo, muitas vezes, responsável justamente pela autodestruição.

Segundo Freud (1974b), o indivíduo do tipo narcisista pode amar: ele mesmo; o que ele foi; o que ele gostaria de ser; alguém que foi uma vez parte dele mesmo. O indivíduo do tipo "de ligação" pode amar: a mulher que o alimenta; o homem que o protege (p. 107).

Visando a dois objetivos distintos, torna-se necessário recordar que Freud, em seus *Três ensaios...* (1989b, pp. 175-176), afirma que a sensibilização dos órgãos sexuais se faz pelos cuidados higiênicos exercidos sobre o corpo da criança pela mãe. Considerando, além disso, o enunciado acima (de que a escolha da criança pela mãe como objeto amoroso deve-se ao fato de que ela a alimenta), e o fato de, em ambas as asserções, não haver uma diferenciação entre o desenvolvimento de meninos e meninas, pode-se questionar a afirmação, feita por Roudinesco e Plon (1998), de que:

Em sua organização edipiana da sexualidade feminina, Freud (e esse foi seu principal erro) desconsiderou todo o campo das relações arcaicas com a mãe. Sob esse aspecto, o debate referente à sexualidade feminina foi da mesma natureza do que se desenvolveu sobre a psicanálise de crianças (p. 706).

Ora, parece que Freud leva, sim, a relação da criança com a mãe em consideração. E isto em ambos os sexos. Pode-se argumentar que, *em comparação* com outros (as) psicanalistas, ele não confere *tanta* importância à função materna no desenvolvimento infantil. Mas dizer que ele a desconsidera é um erro.

O outro objetivo do resgate da afirmação de Freud em seus *Três ensaios...* é fazer uma contraposição entre ela e a asserção feita neste artigo (de 1914). Em 1905, Freud fala da erogenização dos órgãos sexuais pela mãe. No texto atual, fala que a escolha da mãe como objeto amoroso ocorre em função de ser ela a alimentar

inicialmente a criança. A escolha do pai seria por seu papel protetor. A ser seguido o raciocínio do próprio Freud em *Três ensaios...*, a escolha da mãe como primeiro objeto sexual (tanto dos meninos quanto das meninas) se daria em função da sedução não intencional que ela exerce sobre a criança. A escolha do pai se daria também pela sedução exercida por ele sobre a criança, sendo, neste caso, sempre intencional, embora possa ser inconsciente e não necessariamente concreta, podendo ocorrer de forma muito mais sutil.

Segundo André (1996), se o abandono – por Freud – da teoria da sedução, deve-se a razões metapsicológicas, tais como a ausência de um "índice de realidade" no inconsciente capaz de distinguir entre a fantasia e a sedução real, este abandono deve-se também ao conhecimento que tinha do abuso sexual que seus irmãos sofreram por parte de seu próprio pai. Para esse autor, o pai sempre exercerá alguma forma de sedução, mesmo que seja de forma velada (p. 95).

Contudo, pode haver casos em que a sedução, por parte do pai, realmente não ocorre, sendo a menina então levada a esta escolha objetal devido à percepção da diferença sexual (anatômica ou não). No caso do pai não corresponder de forma alguma à escolha objetal feita pela filha, haveria, na maior parte das vezes, uma regressão para a escolha da mãe como objeto. Mas, ao afirmar que a escolha do pai como objeto amoroso se deve a seu papel protetor, Freud exclui (erroneamente) a possibilidade das meninas investirem sua libido em pais ausentes, agressivos, alcoólatras, fracos, e uma série de outros "tipos de pai" que não oferecem à criança a mínima sensação de segurança.

Freud prossegue seu artigo falando sobre a vida erótica dos adultos, em que é possível perceber diferenças fundamentais entre homens e mulheres quanto ao tipo de escolha objetal – embora não se possa afirmar que essas diferenças sejam universais. O amor objetal do "tipo de ligação" é característico do homem. Ele exhibe, em sua escolha, a acentuada supervalorização sexual que tem origem no narcisismo original da criança. Em outras palavras, o homem faz uma transferência de seu narcisismo para o objeto sexual. Com o empobrecimento da libido de ego em favor do objeto amoroso, o homem atinge o estado peculiar da pessoa apaixonada, que chega a sugerir uma compulsão neurótica (Freud, 1974b, p. 105).

Já com o tipo feminino mais freqüentemente encontrado, provavelmente o mais puro e o mais verdadeiro, o mesmo não ocorre. Com o começo da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, até então em estado de latência, parece ocasionar a intensificação do narcisismo original, e isso é desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual. As mulheres, especialmente se forem belas ao crescerem, desenvolvem certo autocontentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetal. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças [...]. Tais mulheres exercem o maior fascínio sobre os homens, não apenas por motivos estéticos, visto que em geral são as mais belas, mas também por uma combinação de interessantes fatores psicológicos, pois parece muito evidente que o narcisismo de outra pessoa exerce grande atração sobre aqueles que renunciaram a uma parte de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal (Freud, 1974b, pp. 105-106).

No parágrafo acima, Freud parece se referir à mulher de caráter histérico. Ao atender em seu consultório principalmente vítimas de neuroses graves, Freud acaba por priorizar a descrição e diferenciação dos tipos de neurose, em detrimento dos tipos de caráter. Sabe-se, contudo, que caráter e neurose são a mesma coisa, pois não é mais possível falar em indivíduos "normais". Apenas há casos em que a neurose aparece de uma forma mais grave. Assim, ao considerar a mulher narcísica como o "tipo feminino mais verdadeiro", Freud na verdade aponta o fato de que o caráter histérico é o mais comum nas mulheres. Quando afirma que os homens sentem-se atraídos irresistivelmente por mulheres narcisistas, confirma sua idéia original, dos *Três ensaios...* (Freud, 1989b, p. 208), de que a mulher que renega sua sexualidade é aquela que leva a um aumento da libido e ao processo de supervalorização no homem. A mulher que "renega" sua sexualidade é justamente a mulher histérica.

Contudo, mais adiante, neste texto de 1914, Freud afirma que, em uma relação amorosa, o fato de não ser correspondido reduz a auto-estima, sendo o oposto também verdadeiro. O indivíduo que ama priva-se de uma parte de seu narcisismo, que só pode ser compensada pelo amor que receber da pessoa amada (Freud, 1974b, pp. 115-116).

A compreensão da [...] própria incapacidade de amar, em conseqüência de perturbação física ou mental, exerce um efeito extremamente diminuidor sobre a auto-estima. Aqui, em minha opinião, devemos procurar uma das fontes dos sentimentos de inferioridade experimentados por pacientes que sofrem de neuroses de transferência (Freud, 1974b, p. 116).

Estando a histeria entre as neuroses de transferência, possivelmente o que Freud chama de comportamento narcisista "típico da mulher" não passa de um disfarce para seu sentimento de inferioridade. Ao seduzir os homens, ao se sentir amada, ela aumentaria um pouco sua auto-estima. Porém, como se mantém incapaz de amar, sua auto-estima logo se esvazia, e ela precisa sentir-se amada novamente (de preferência por outra pessoa que não a anterior) para recuperar o amor-próprio. A estar correto este raciocínio, a forma de amar "típica da mulher" esconderia uma auto-estima rebaixada, e não um excesso de amor por si mesma.

Freud afirma também que: "o amar em si, na medida em que envolva anelo e privação, reduz a auto estima, ao passo que ser amado, ser correspondido no amor, e possuir o objeto amado, eleva-a mais uma vez" (Freud, 1974b, p. 117).

É preciso retomar também a afirmativa de Freud (1970a) em *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor*, de que o homem supervaloriza as mulheres que identifica com sua mãe, e desvaloriza aquelas que não permitem esta transferência – com as quais irá realizar-se sexualmente (p. 169). Sendo correta a afirmativa de que há uma tendência maior de supervalorização do objeto amoroso nos homens, talvez isto se deva justamente ao fato de que ele busca, como objeto amoroso, a mulher que não lhe corresponde, a que renega a própria sexualidade – como sua mãe, na relação original. Quando conquista o objeto de seu desejo, o retorno que isto produz em sua auto-estima leva a uma conseqüente desvalorização do objeto. Assim, é possível questionar se o processo de supervalorização/depreciação que o homem realiza sobre seus objetos não demonstra justamente uma maior dose de narcisismo em seu psiquismo, em comparação com a mulher.

A pessoa realmente apta a amar seria aquela (não importando seu sexo) capaz de dirigir a um objeto externo parte de sua libido (sem supervalorização), mantendo a relação apenas na medida em que seu amor é correspondido. Pode-se questionar também a existência de "tipos narcisistas" verdadeiros para além da psicose (parafrenia – casos que também são descritos por Freud neste texto). O que parece haver, é uma transferência constante de libido entre a pulsão egóica e a pulsão objetal.

Segundo Freud (1974b), a atitude dos pais afetuosos para com os filhos, e sua compulsão de atribuir a eles todas as perfeições, ocultando e esquecendo todas as suas

deficiências (incluindo as manifestações da sexualidade infantil), seria uma forma de reviverem seu próprio narcisismo. Quanto ao narcisismo original da criança, o principal distúrbio a que se encontra exposto é o complexo de castração, que aparece nos meninos na forma de ansiedade com relação ao pênis e, nas meninas, na forma de inveja do pênis. No período em que ocorre o complexo de castração, tanto a pulsão sexual quanto a pulsão egóica atuam em uníssono, com um interesse narcisista (pp. 107-109).

No adulto, a parte da libido de ego que não é convertida em libido de objeto transforma-se em agente de recalçamento. O "amor-próprio" do ego é que irá evitar que o indivíduo se coloque em conflito com sua cultura e sua ética. Quando o indivíduo fixa em si mesmo um ideal, pelo qual mede seu ego real, o recalçamento passa a atuar. O "ideal de ego"³⁵ torna-se o alvo do amor de si mesmo, vivido na infância pelo ego real. A idealização pode ser realizada, tanto na esfera da libido de ego, quanto na esfera da libido objetal (Freud, 1974b, pp. 110-11).

A formação de um ideal de ego não deve ser, contudo, confundida com a sublimação da pulsão, pois embora exija uma certa dose desta última, não pode fortalecê-la. Nos neuróticos, encontra-se a mais acentuada diferença entre o desenvolvimento do ideal de ego e a sublimação de suas pulsões primitivas. Se a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, sendo o fator mais importante a favor do recalçamento, a sublimação seria uma maneira de atender estas exigências *sem* envolver o recalçamento. Há um "agente psíquico especial", que assegura a satisfação narcísica proveniente do ideal de ego, para isto observando constantemente o ego real, e medindo-o por aquele ideal. Este "agente psíquico" é nossa consciência. A formação do ideal de ego, em nome do qual a consciência atua como vigia, surge da influência crítica dos pais da criança e, posteriormente, do resto da sociedade (Freud, 1974b, pp. 111-113).

O ideal de ego impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu censor, como sendo incompatíveis. Onde não se formou tal ideal, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade, sob a forma de uma perversão. Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não

³⁵ Segundo Strachey (1974a), o termo "ideal de ego" é usado pela primeira vez neste texto, e constitui a base do que posteriormente Freud irá chamar de superego (p. 86), como pode ser observado no parágrafo seguinte.

menos que às outras – isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade (Freud, 1974b, p. 118).

Nesta parte de seu texto, Freud iguala os termos "ideal de ego" e narcisismo ("ser seu próprio ideal"). Na página 111 deste texto, Freud utiliza o termo "ego ideal" (mais condizente com o narcisismo) no lugar de "ideal de ego". Trata-se, contudo, de coisas diferentes. Segundo Laplanche & Pontalis (2000), alguns autores diferenciam o "ego ideal" do "ideal de ego", definindo o primeiro como "um ideal narcísico de onipotência, forjado a partir do modelo do narcisismo infantil" (p. 139). Estando o "ideal de ego" ligado à noção de superego, a necessidade de diferenciação dos termos é perceptível.

AO ESCRITOR, AS BATATAS

Em 1914 a Europa encontra-se sob tensão, devido à expansão da Alemanha, e à corrida armamentista. Em junho de 1914, em Sarajevo, um estudante sérvio assassina o arquiduque herdeiro da Áustria, Francisco Ferdinando, dando início à Primeira Guerra Mundial. Nessa guerra se opõe, inicialmente, a Alemanha, o Império Áustro-Húngaro e a Turquia³⁶, contra a Sérvia, a França, a Rússia, a Bélgica, a Grã-Bretanha e o Japão³⁷ (G. E. Larousse C., 1998, vol. 12, p. 2856).

Com a eclosão da Guerra, Ferenczi, que vinha dedicando toda sua prática profissional à psicanálise desde 1910, perde quase toda sua clientela, sendo que ocorre mais ou menos o mesmo com Freud. Como Ferenczi já passara dos 40 anos, não pode ser convocado a servir no *front*, mas somente na retaguarda. Tendo que se manter de sobreaviso a uma eventual chamada, emprega os meses disponíveis em uma análise com Freud – durante a qual este o teria pressionado a casar-se com Gizzela e renunciar, definitivamente, a sua enteada, Elma. Ferenczi é então convocado e nomeado médico chefe numa pequena cidade do oeste húngaro – a três horas de Viena. Vivendo nesta cidade durante parte de 1914 e todo o ano de 1915, aproveita a maior parte de suas licenças para ir a Viena, e continuar sua análise, sendo que Freud também o visita uma ou duas vezes. Em 1916, Ferenczi é transferido para Budapeste, para servir como

³⁶ Com a posterior adesão da Bulgária.

³⁷ Com a posterior adesão da Itália, da Romênia, de Portugal, dos Estados Unidos, da Grécia, da China, do Brasil e de outros países da América Latina.

neuropsiquiatra num hospital, em tempo parcial, o que lhe permite retomar em parte sua atividade como analista (Balint, 1992, pp. IX-XI e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 233-234/276).

Durante a Primeira Guerra, Abraham dirige a *IPA*. Rank é mobilizado contra a vontade em 1915, e serve como redator em um jornal de Cracóvia (leste do império austro-húngaro). Nesta cidade, conhece Beata Mincer, uma estudante de psicologia polonesa, apelidada Tola. Jones prossegue com suas atividades ligadas ao movimento psicanalítico, e devido a suas muitas publicações no periódico oficial da psicanálise, é acusado pelo *Times* de colaboração com o inimigo. Após um inquérito, será, contudo, oficialmente autorizado a receber, através da Suíça, periódicos em língua alemã – o que lhe permite manter contato com os psicanalistas dos países inimigos da Grã-Bretanha. Em 1916, Jones casa com uma jovem pianista e compositora, que morreria dois anos depois, de apendicite. Com poucos pacientes, Freud dedica-se a escrever um grande número de artigos. A escassez de alimentos é tanta, que ele chega a pedir para ser remunerado com batatas por um deles. Nos anos de guerra, Freud teria se mostrado extremamente pessimista em relação ao futuro da psicanálise (Gay, 1999, p. 325, Roudinesco & Plon, 1998, pp. 2/417/642 e Sayers, 1992, p. 143).

PROCURA-SE UM PÊNIS, DESESPERADAMENTE

Durante o início do período (1914) em que serve como médico em uma pequena cidade húngara durante a guerra, Ferenczi dedica-se a traduzir para sua língua natal o livro *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de Freud. Essa tradução o incentiva a escrever um texto próprio, com o intuito de explicar o processo evolutivo das relações sexuais humanas, que ele considera não estar suficientemente desenvolvido na obra de Freud. Tendo revelado suas idéias a Freud em 1915³⁸, em 1919 as exporia a um certo

³⁸ Embora Freud faça alusão a uma passagem dessa obra de Ferenczi apenas em seu artigo *O tabu da virgindade*, de 1918 (Freud, 1970b, p. 190), parece haver uma influência de Ferenczi em todos os textos freudianos (ao menos nos que serão utilizados neste trabalho) do período da Primeira Guerra. Vale ressaltar que Ferenczi faz, em *Thalassa*, várias referências a termos utilizados por Freud em artigos publicados entre 1914 e 1924. Contudo, com uma única exceção (Ferenczi, 1993, pp. 284-285), essas referências aparecem na forma de notas de rodapé e apostos, dando a impressão da mera utilização do nome que, posteriormente, Freud teria dado a certos conceitos desenvolvidos por Ferenczi. De qualquer forma, a dúvida permanece.

número de amigos analistas³⁹. Contudo, a obra só será publicada em 1924 – dez anos após ser escrita – com o título de *Thalassa, ensaio sobre a teoria da genitalidade* (Ferenczi, 1993, pp. 255-257).

Ferenczi inicia *Thalassa* com uma discussão sobre o erotismo anal e o uretral – esse último com base em algumas asserções de Abraham. Propõe então uma explicação para a sexualidade humana em um deslocamento dos erotismos pré-genitais para o órgão sexual. Nesse sentido, a ejaculação precoce teria relação com a uretralidade (expulsão precipitada), e a incapacidade de ejacular com a analidade (retenção). Lembra então que, segundo a embriologia, o pênis seria uma aquisição tardia, desenvolvido a partir do intestino. Se para Freud, nos *Três ensaios...*, os erotismos pré-genitais permanecem ligados às preliminares do ato sexual, Ferenczi defende a permanência destes erotismo no ato sexual em si, na forma de um deslocamento. Na atividade sexual normal, estes erotismos estariam misturados, sem que um prevalecesse sobre o outro. Ferenczi aponta ainda o deslocamento do erotismo clitoridiano da mulher para a vagina, como ilustração para sua tese (Ferenczi, 1993, pp. 258-265).

Se queremos levar a sério a hipótese de uma pangênese da função genital, devemos considerar o membro viril como um duplo em miniatura do ego inteiro, a encarnação do ego-prazer, e nesse desdobramento do ego vemos a condição fundamental do amor narcísico pelo ego. Para esse pequeno ego reduzido que nos sonhos e nas fantasias simboliza tantas vezes a pessoa inteira, é necessário criar, no momento do coito, condições que lhe assegurem uma satisfação simples e infalível (Ferenczi, 1993, p. 267).

Os atos preparatórios do coito têm como função, entre outras coisas, facilitar a identificação dos parceiros. Isto permitirá ao homem confiar à mulher o mais precioso de seus órgãos. Mesmo sendo uma necessidade premente a libertação da secreção sexual, o homem ainda resistirá a ela, de forma que o fato de confiar em sua parceira, considerando seu corpo como um lugar seguro e apropriado para guardar o seu sêmen, facilitará a ejaculação. Assevera então que toda a evolução da sexualidade humana,

³⁹ Segundo o tradutor francês, na edição alemã de seu livro Ferenczi teria feito – ao referir-se à influência de sua obra no trabalho de outros psicanalistas – uma alusão direta ao nome de Rank. Vale ressaltar que Ferenczi afirma ter desenvolvido a idéia de um "trauma de nascimento" já em um texto publicado em 1913 (*O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*) e que um extrato de *Thalassa* foi apresentado no Congresso da IPA de 1922 (Ferenczi, 1993, pp. 257[nota]/258[nota]/269). Considerando apenas sua data de publicação, Roudinesco e Plon (1998) afirmam que a obra de Ferenczi é "próxima da de Rank, sobre o trauma de nascimento" (p. 234). Na verdade, Ferenczi é que teria tido uma grande influência sobre a obra mais célebre de Rank (de 1923).

desde a sucção do dedo pelo bebê, até o coito propriamente dito, seria objeto de uma tentativa do ego de regressar ao útero materno, onde ainda não havia a ruptura entre o ego e o meio (Ferenczi, 1993, pp. 267-268).

Na fase oral, as pessoas que cuidam da criança mantêm, de alguma forma, a ilusão da situação intra-uterina, evitando que a criança sinta frio, ou seja exposta a uma grande luminosidade, por exemplo. A única tarefa do bebê seria mamar, assim mesmo, o seio é imposto à criança pela mãe, de forma que se desenvolve um "amor objetual passivo". Da mesma forma que se comporta, no ventre, como um parasita, a criança que mama exigirá da mãe sempre mais, com cada vez maior agressividade, de forma que, quando lhe surgem os dentes, precisa ser desmamada de forma a não "mastigar" o seio materno. Esse canibalismo da fase oral subsequente visa também à satisfação da pulsão de voltar para o útero materno, o que seria comprovado pela presença, nos sonhos e sintomas neuróticos, de uma relação pênis/dente (Ferenczi, 1993, pp. 270-271).

O sadismo da fase oral canibalesca prossegue na fase seguinte, na qual a criança resiste à exigência de "entregar" as fezes quando lhe são exigidas. Isto ocorre devido a uma identificação da criança com as fezes. Seria um reinvestimento da libido em si mesmo, através da representação simultânea do papel da mãe (intestino) e do bebê (fezes). No período seguinte, onde surge a masturbação, a relação criança/fezes será substituída pela relação criança/pênis. A concha formada pela própria mão do menino simboliza o corpo materno. No complexo edipiano, a criança retoma a mãe como objeto, mas desta vez com o desejo de penetrá-la com o pênis (Ferenczi, 1993, pp. 271-272).

No ato sexual adulto, o sexo masculino irá conseguir realizar parcialmente a volta para o útero materno. O pênis, com o qual o organismo inteiro se identifica, ao penetrar a mulher faz uma regressão simbólica ao útero; mas é o esperma que "tem o privilégio, enquanto representante do ego e de seu *alter ego* narcísico, o órgão genital, de chegar *realmente* ao interior do corpo materno" (Ferenczi, 1993, p. 268).

A abolição da consciência, a ausência de desejos, e o sono que acompanham o prazer do coito seriam provas da relação entre o ato sexual e o estado de vida intra-uterina. O desenvolvimento da mulher, por outro lado, sofre uma interrupção, no deslocamento da erogeneidade do clitóris (pênis feminino) para a vagina. Não apenas a

vagina pode se tornar erógena, mas outras partes do corpo da mulher também – especialmente os mamilos – e seria possível considerar o aleitamento "uma compensação para o prazer perdido da penetração e ejaculação" (Ferenczi, 1993, p. 273).

Apesar desta interrupção no desenvolvimento da mulher, Ferenczi considera que uma quantidade apreciável de erotismo anal e oral encontram-se na vagina, pois sua musculatura parece imitar os processos de ingestão e retenção. A ênfase do coito recairia na retenção (do pênis, do esperma e do feto). Contudo, a mulher não abandona totalmente o desejo "viril" de retorno ao ventre materno, que se manifestará então na fantasia – o que pode se dar sob a forma de uma identificação imaginária durante o coito com o "homem vitorioso", detentor de um pênis, sob a forma de uma sensação vaginal sugerindo a posse de um pênis (pênis oco) ou de uma identificação com a criança que traz dentro de seu corpo, durante a gravidez. Tudo isso parece "mais ou menos servir à mulher de consolo pela perda de um pênis" (Ferenczi, 1993, p. 273).

A observação atenta do desenvolvimento genital da mulher faz pensar que, no momento do primeiro coito, a genitalidade feminina ainda está, com frequência, totalmente imatura. As primeiras tentativas de coito não passam, a bem dizer, de violações sangrentas. Somente mais tarde é que a mulher aprende a sofrer o ato sexual de maneira passiva, e ainda mais tarde a encontrar nele prazer e até participar nele ativamente (Ferenczi, 1993, p. 274).

Mais adiante, ao falar de sua teoria filogenética, Ferenczi defende a teoria da evolução à partir dos peixes que, com a seca dos oceanos, tiveram que se adaptar à vida terrestre. Isso levaria a um desejo, no ser humano, de um retorno às águas do mar. Afirma também que o ato sexual, bem como a situação da vida intra-uterina, são representados simbolicamente como um peixe nadando (relação pênis/bebê). O corpo da mulher, e mais especificamente o útero materno, são vistos como o oceano. Também nesse desejo de retorno ao mar, sairia o homem vitorioso, pois ao penetrar a vagina úmida da mulher, estaria simbolicamente voltando às águas primordiais. Além disso, Ferenczi sustenta que os primeiros animais eram hermafroditas, e ao surgir a necessidade da procriação sexuada, os mais fortes acabaram conseguindo penetrar os mais fracos, com um pênis que se desenvolve à partir da cloaca, obtendo, desta forma um retorno ao ambiente úmido do mar (Ferenczi, 1993, pp. 287-308).

Em uma nota da página 298 desta obra, Ferenczi (1993) afirma que:

O coito *per cloacam* imposto pelo macho seria, portanto, a causa original do fato de o erotismo feminino, igualmente fálico em sua origem, ter sido substituído pelo erotismo da cavidade cloacal (Jekels, Federn), passando o papel do pênis a ser representado pela criança e o conteúdo intestinal. A impossibilidade de evacuar os excrementos quando o pênis enche a cloaca, depois a liberação assim que o coito se consuma, portanto uma espécie de "tensão anal" e a brusca resolução desta, deviam provocar sensações voluptuosas apropriadas para oferecer à mulher consolo e compensação.

É uma pena não ser possível saber se esta nota foi inserida perto da data da publicação, ou na fase inicial da escrita desse texto como um todo. Há apenas uma indicação que aponta no sentido da primeira hipótese: o uso da palavra "fálico", que anteriormente Ferenczi afirmara ser recente (em relação a 1924) na pena de Freud. Seria de grande interesse saber em que data os autores citados aqui por Ferenczi (Jekels e Federn), referem-se à sensibilidade da vagina como sendo um erotismo cloacal. O próprio fato de Ferenczi citar, neste texto, a derivação cloacal da vagina – muito embora não lhe dê muito destaque – é de suma importância, pois esta idéia parece ser original em outros autores.

Com relação a seu livro como um todo, Ferenczi parece nele confirmar seus preconceitos – já esboçados em 1908 – contra a mulher: ser inferior, castrado, infeliz, e na busca eterna de compensações para o pênis, aqui tido como perdido no momento da separação dos primeiros animais em dois sexos. Mesmo o prazer da amamentação é visto como uma compensação, não como uma maneira da biologia reforçar a perpetuação da espécie. E a idéia de que a mulher sentiria um prazer anal na retirada do pênis da vagina, em virtude da desobstrução do canal retal, chega a ser caricata. Vale ressaltar que, apesar de considerar que a erotização da vagina na vida adulta ocorra em função de um deslocamento do erotismo do clitóris (como Freud), Ferenczi acredita haver também um deslocamento dos erotismos oral e anal neste processo. Vale ressaltar a importância da percepção de Ferenczi de que os primeiros atos sexuais são insatisfatórios para a mulher. Essa percepção parece encaminhá-lo para a solução do problema da genitalidade no sexo feminino, muito embora, em seguida, ele abandone este caminho.

LEVANDO DESTINOS TÃO ILUMINADOS DE SIM...⁴⁰

Em 1915, Freud publica um artigo intitulado *Os instintos e suas vicissitudes*⁴¹, onde afirma que a pulsão pode ser vista como um "estímulo psíquico" que surge de dentro do próprio organismo (Ferenczi?). Trata-se de um impacto constante sobre o psiquismo, do qual não é possível fugir. O estímulo pulsional pode ser definido como uma necessidade, só podendo ser eliminado através da satisfação. Freud exprime então o "princípio da constância", segundo o qual "o sistema nervoso é um aparelho que tem por função livrar-se dos estímulos que lhe chegam, ou reduzi-los ao nível mais baixo possível; ou que, caso isso fosse viável, se manteria numa condição inteiramente não estimulada" (Freud, 1974c, p. 140).

Se, para livrar-se dos estímulos externos, o sistema nervoso precisa apenas comandar movimentos musculares de fuga, não é possível aplicar este mecanismo aos estímulos pulsionais, que se originam de dentro do organismo. Nesse caso, é preciso modificar o mundo externo de forma a obter satisfação. Freud afirma que a pulsão exibe uma "pressão" (quantidade de força), um "alvo", um "objeto" e uma "fonte". O alvo da pulsão é sempre a satisfação, que pode ser obtida através de vários caminhos (alvos intermediários). O objeto é aquilo que permitirá a satisfação, sendo bastante variável, podendo ser parte do corpo do indivíduo, e também modificar-se com o fim de atingir a satisfação. Havendo, contudo, uma ligação muito rígida entre uma pulsão e determinado objeto, isto irá representar uma fixação. A fonte da pulsão é o processo somático que provoca o estímulo (Freud, 1974c, pp. 140-143).

Quanto aos tipos de pulsão, Freud afirma que, embora seja possível usar os conceitos de pulsão lúdica⁴², de pulsão de destruição, de pulsão gregária, etc., trata-se de motivações pulsionais tão especializadas que permitem uma decomposição, de acordo com as suas fontes. Somente as pulsões primordiais, que não podem ser ulteriormente decompostas, é que são importantes. Propõe que se distingam dois grupos de pulsões primordiais: as do ego, ou autopreservativas, e as sexuais. Afirma, contudo, que isso não

⁴⁰ Da música *As minhas meninas*, de Chico Buarque.

⁴¹ O título deste artigo, no original em alemão, é *Triebe und Triebchicksale* que, na tradução para o espanhol, torna-se *Pulsiones y destinos de pulsión* (Freud, 1998b, p. 105). Em português seria, portanto, algo como: "A pulsão e seus destinos" ou "Pulsões e destinos da pulsão".

⁴² Este tipo de pulsão é citado por Ferenczi (1993) em *Thalassa* (p. 285).

é um postulado, mas uma suposição, uma hipótese de trabalho, surgida no tratamento das "neuroses de transferência", que revelam um conflito entre as exigências sexuais e as do ego. Analisando as pulsões pelo foco da biologia, afirma que, na relação sexual, estariam em atividade as duas pulsões, pois a busca de prazer relaciona-se à pulsão sexual e a função de perpetuação da espécie relaciona-se à pulsão do ego (Freud, 1974c, pp. 144-145).

Segundo Strachey (1974b), Freud utiliza, pela primeira vez, a expressão "pulsão egóica", em um artigo de 1910: *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. Nesse texto, identifica a "pulsão do ego" tanto com os impulsos de autopreservação, quanto com a função recaladora. Passa a haver, desde então, sob a pena de Freud, um conflito entre a "pulsão sexual" e a "pulsão do ego". Em *O caso Schreber*, de 1911, Freud diferencia libido de "investimentos do ego" ("interesses em geral"). Ao introduzir, no artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* (de 1914), o conceito de narcisismo, surge uma complicação, pois Freud apresenta a idéia de "libido de ego", em contraste com a "libido objetal". Apenas em *Além do princípio do prazer*, de 1920, Freud irá reconhecer explicitamente que a "libido de ego" é uma manifestação da força da pulsão sexual, devendo ser identificada com a necessidade de autopreservação, mas irá continuar sustentando a existência de pulsões do ego e pulsões objetais não libidinais. Surgirá, então, seu conceito de "pulsão de morte". Somente em *O mal estar na civilização*, de 1930, dispensará especial atenção aos impulsos agressivos e destrutivos, que irá considerar derivados da pulsão de morte pois, antes disto, a agressividade estará ligada a elementos libidinais, como no sadismo e no masoquismo (pp. 133-134).

Tendo sido feita, anteriormente, a discussão sobre a autopreservação como um instinto sem relação com o narcisismo, resta ver a oposição, feita neste texto (de 1915), entre "pulsão egóica" e "pulsão libidinal". A serem levadas em conta as asserções de Strachey, o próprio Freud irá reconhecer, posteriormente, que a "pulsão egóica" é também uma pulsão sexual. Até porque, o termo "libido de ego", deixa claro que se trata de um investimento *sexual* em si mesmo. Vale contudo ressaltar que, já em seus *Três ensaios...* (1989b, p. 176), Freud falava de uma "pulsão de dominação". Se, posteriormente, Freud irá considerar que os impulsos agressivos se encontram em relação com a pulsão de morte, isto demonstra o abandono de uma posição, e não

apenas a introdução de uma nova hipótese. A pulsão de dominação parece ser, contudo, a única a estar realmente desvinculada da sexualidade. Nos animais irracionais, o instinto de dominação aparece em toda a sua conduta, independente do cio, visando especificamente sua predominância sobre os outros membros da espécie. Evidentemente, este instinto pode aparecer *também* ligado ao coito. No ser humano, pode-se chamar este instinto de pulsão, pois os caminhos e objetos possíveis para a obtenção de sua satisfação (tal qual na pulsão sexual) são os mais diversos possíveis.

Segundo Gay (1999), a mudança que Freud realiza, desde seu texto *Sobre o narcisismo...*, da divisão entre "pulsões do ego" e "pulsões sexuais" (explicitada desde 1910) para "libido do ego" e "libido do objeto", provoca uma certa reação nervosa em seus discípulos mais próximos, especialmente em Jones. O nervosismo decorreria do fato de que, a partir dessa modificação, não haveria para Freud nada no ser humano que não tivesse uma base sexual. Ao menos até o desenvolvimento da noção de "pulsão de morte" (pp. 316-317).

Freud prossegue seu texto afirmando que a pulsão pode ter os seguintes destinos: reversão a seu oposto; retorno em direção ao próprio eu; recalçamento; sublimação. Considerando a existência de forças motoras que podem impedir que uma pulsão atinja seu alvo sem modificações, Freud identifica, nos dois primeiros destinos possíveis, formas de defesa contra a pulsão (Freud, 1974c, p. 147).

O DISCRETO INÍCIO DO TUMULTO

Segundo André (1996) em 1916, Andreas-Salomé escreve um artigo intitulado *Anal e sexual* onde, apoiando-se no texto de Freud de 1913, *A disposição à neurose obsessiva* (1976e), irá reexaminar a idéia freudiana de uma derivação da vagina a partir da cloaca:

Não haverá numerosas analogias entre os processos anais e os processos genitais, e não apenas no começo, antes de seu pleno desenvolvimento, mas precisamente no estágio da maturidade sexual? Isso nos permite pensar que as regressões ao erotismo anal beneficiam-se de um importante apoio somático. Não é à toa que o aparelho genital continua vizinho da cloaca (na mulher, ele é quase que apenas alugado desta). Assim como a pressão anal é originalmente incontrolável, a pressão genital apresenta-se como inundando involuntariamente o eu (Andreas-Salomé, conforme citada por André, 1996, pp. 32-33).

Com este artigo, Andreas-Salomé dava início, de uma forma bastante discreta, à discussão desenvolvida posteriormente entre outros psicanalistas e Freud, no tocante à sensibilidade vaginal nas meninas. Contudo, conforme André (1996), é preciso ressaltar que Andreas-Salomé não se reporta, em seu texto, apenas ao período infantil da mulher, mas também à vida adulta. Para essa autora, o erotismo genital – na mulher – estaria indiscutivelmente ligado ao erotismo anal (p. 32).

É preciso destacar a relação feita por Andreas-Salomé entre a "pressão" anal e a genital. Seria esta "pressão anal", em si, erógena? Ou a autora se refere à pressão exercida pelas fezes, e fala de um controle dos esfíncteres? Se a última assertiva está correta, então as duas formas de "pressão" não se relacionam em hipótese alguma. A necessidade de defecar não passa de um processo biológico, produzido pela transformação dos alimentos no aparelho digestivo. Já a "pressão" genital, não existe como algo anatomicamente localizado, ou seja, a pulsão sexual inunda o organismo de excitação, especialmente na região genital, mas não há aqui uma pressão, não da forma que as fezes pressionam o ânus para saírem.

Por outro lado, se a primeira assertiva encontra-se correta – haveria, para a autora, uma "pressão" erógena original no ânus – Andreas-Salomé estaria extrapolando, em muito, a idéia de erotização do ânus na infância para Freud. Este último se remete, em linhas gerais, à uma sensibilização do ânus através da passagem das fezes, que levaria a criança a obter prazer da contenção/expulsão do bolo fecal, e não a um desejo de penetração anal – embora relacione o prazer obtido nesta fase com a homossexualidade masculina na vida adulta.

Mas o que importa ressaltar é que Freud parece não perceber que o artigo de Andreas-Salomé representa um questionamento de sua própria teoria. Tanto que, segundo André (1996), irá citar sua parte principal em várias situações nos anos seguintes, algumas vezes de forma correta, em outras distorcida – de forma a adaptá-la melhor a seus próprios conceitos (pp. 31-32). Conceitos esses que, vale lembrar, encontram-se ainda, por esta época, em desenvolvimento. Resta saber se, com as dúvidas decorrentes das revisões feitas por Ferenczi em *Thalassa*, teria sido realmente Andreas-Salomé a dar início à discussão sobre a insensibilidade vaginal na infância preconizada por Freud.

O QUE SERÁ QUE ME DÁ, QUE ME QUEIMA POR DENTRO?⁴³

Entre 1915 e 1917, Freud realiza uma série de conferências na Universidade de Viena, que seriam posteriormente publicadas, divididas em três partes, com o título de *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Da terceira parte, publicada em 1917, serão destacados aqui, dois artigos. O primeiro deles, a Conferência XX, foi intitulado *A vida sexual dos seres humanos*. Neste artigo, Freud retoma o desenvolvimento sexual infantil, desde a fase oral. Cita o artigo de Andreas-Salomé para explicar alguns pontos da fase anal, como a dificuldade da criança em adaptar-se ao treino de banheiro. Defendendo sua tese de que o aspecto comum das perversões é o abandono da função reprodutiva, retoma também as semelhanças entre estas e a vida sexual infantil. Contudo, afirma que, em relação à criança, não é possível falar em perversão, pois não existe uma função reprodutiva por esta época (Freud, 1974d, pp. 367-369).

Na seqüência, Freud retoma as diferenças no desenvolvimento sexual de meninos e meninas, a partir das investigações sobre a chegada dos bebês. Reafirma que o menino acredita que todas as pessoas possuem um pênis, e que a descoberta de que isto não ocorre desta maneira o leva a desenvolver o complexo de castração, ou seja, o medo de que seu órgão seja também retirado. Quanto à menina pequena, sentir-se-ia em grande desvantagem devido à falta de um "pênis grande", invejaria os meninos pelo fato de o possuírem e desenvolveria o desejo de ser um homem. Este desejo tornaria a emergir posteriormente em todas as neuroses, podendo também surgir no caso de ocorrer alguma adversidade no desempenho de seu "papel feminino". Reafirma também que, na infância, o clitóris assumiria inteiramente o "papel de pênis" (Freud, 1974d, pp. 370-371).

Freud afirma ainda que:

O processo pelo qual uma menina se transforma em mulher depende muitíssimo da possibilidade do clitóris ceder sua sensibilidade ao orifício vaginal, na época oportuna e de forma completa. Nos casos conhecidos como de anestesia sexual das mulheres, o clitóris reteve obstinadamente sua sensibilidade (Freud, 1974d, p. 371).

É possível observar duas questões que aparecem nas argumentações de Freud repetidamente sobre as diferenças de desenvolvimento entre os sexos. Primeiramente, a

⁴³ Da música *O que será (à flor da pele)*, de Chico Buarque.

menina parece sempre conhecer a diferença anatômica, pois Freud coloca a inveja do pênis como universal. Ora, da mesma forma que alguns meninos apenas muito tardiamente descobrem essa diferença, isso pode ocorrer também com as meninas. É claro que, no período em que Freud vive, com a inexistência de contraceptivos mais efetivos, as famílias costumam ser muito grandes, e a convivência de meninos e meninas fica mais ou menos assegurada – mas isto não ocorre nos tempos hodiernos.

Em segundo lugar, Freud defende a passagem da sensibilidade do clitóris para a vagina como condição básica para a realização do prazer genital na mulher. O que se vê, contudo, é que a mulher que *não tem* sensibilidade no clitóris é justamente aquela que não obterá prazer algum da relação sexual com penetração. A relação constante do corpo da mulher com o do homem é responsável por essa dificuldade.

A outra conferência de Freud, publicada em 1917, que será aqui discutida, é a de n.º XXI, intitulada *O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. Neste artigo, ao falar da fase anal de desenvolvimento, Freud argumenta que o que está em primeiro plano nessa fase são pulsões componentes sádicas (ativas/masculinas) e anais (passivas/femininas):

O que se nos apresenta como masculino, nas atividades dessa fase, quando o consideramos do ponto de vista da fase genital, vem a ser a expressão de um instinto [sic] de domínio que facilmente pode transformar-se em crueldade. As tendências que visam a um fim passivo vinculam-se à zona erógena do orifício anal, que é muito importante nesse período (Freud, 1974e, p. 382).

Pode-se aqui retomar dois pontos. O primeiro é o uso, por Freud, novamente, do termo "pulsão de domínio", associada, como bem ressaltou Strachey (1974b), à pulsão sexual (pp. 133-134). Embora tanto a pulsão de dominação (humanos), quanto o instinto de dominação (animais irracionais) sejam mais intensos nos machos, a sua relação com a atividade, que acaba se ligando à idéia de masculino, parece comprometer a – pouca – diferenciação que Freud faz entre homens e mulheres na etapa sexual infantil. O outro ponto é a vinculação de tendências sexuais passivas com o "orifício anal", que representa o fornecimento de mais argumentos para os psicanalistas que irão questionar a inexistência de uma "feminilidade prévia", ou de uma sensibilidade precoce da vagina. Vale ressaltar que, ainda neste artigo (Freud, 1974e), o complexo de Édipo será definido como o núcleo das neuroses (p. 393).

PEQUENOS REIS

Outro artigo de Freud, publicado em 1917, foi intitulado *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*. Neste texto, Freud afirma haver uma relação simbólica entre bebê e pênis (Ferenczi?), perceptível tanto na linguagem dos sonhos, como na vida cotidiana, onde ambos são chamados "o pequeno". Como o discurso simbólico costuma ignorar a diferença de sexo, este termo pode estar relacionado, igualmente, aos "genitais femininos"⁴⁴. Freud retoma a idéia de que na mulher adulta neurótica encontra-se freqüentemente o desejo de possuir um pênis. Isto se daria devido a infortúnios casuais por ela vividos (que seriam, em si, resultados de uma "disposição" bastante masculina), que reativariam a inveja infantil (Freud, 1976f, pp. 160-161).

Em outras mulheres não encontramos esse desejo de um pênis; é substituído pelo desejo de um bebê, cuja frustração, na vida real, pode levar à eclosão de uma neurose. É como se tais mulheres houvessem compreendido (embora isso não possa [sic⁴⁵] ter atuado como motivo) que a natureza dá bebês às mulheres como substitutos para o pênis que lhes negou. Com outras, ainda, aprendemos que ambos os desejos estavam presentes na infância e que um substituiu o outro. De início, haviam desejado um pênis, como os homens; depois, num estágio posterior, embora ainda infantil, surgiu, em lugar deste, o desejo de um bebê. A impressão que se nos impõe é a de que essa variedade em nossas descobertas é causada por fatores acidentais durante a infância (por exemplo, a presença ou ausência de irmãos, ou o nascimento de um novo bebê numa época favorável da vida), de tal modo que o desejo de um pênis e o desejo de um bebê seriam fundamentalmente idênticos (Freud, 1976f, pp. 161-162).

A possível percepção, por Freud, da inveja de alguns meninos da capacidade de gerar bebês que as mulheres possuem parece ser a única justificativa possível para esta idéia de que "a natureza dá bebês às mulheres como substitutos para o pênis que lhes negou". Vale ressaltar que esta teoria já aparece em Ferenczi (*Thalassa*). Seriam os mesmos homens que dão tanto valor ao pênis, os que dão tanto valor à capacidade procriativa. A própria idéia de substituição no simbolismo da criança pode ter sido passada pelos adultos. À menina que descobre muito cedo a diferença sexual anatômica, não é dito que não tem um pênis, mas tem um clitóris e uma vagina. É dito justamente que não tem um pênis, mas vai ter bebês. De resto, como bem explicita Schiller (2000):

⁴⁴ Considerando o uso bastante comum – na pena de Freud – da palavra genital para designar o clitóris, fica difícil, aqui, saber se ele está se referindo a este órgão ou à vagina.

⁴⁵ Parece haver aqui uma inversão de palavras. O correto, provavelmente, seria "possa não ter atuado como motivo".

Inscritas no terreno da cultura desde o nascimento, as crianças fazem observações que são conseqüências de uma montagem. Procuram elaborar a maneira curiosa pela qual nossa civilização representa os dois sexos. A teoria delas, fruto do que lhes foi transmitido, diz que há os que *têm* e há os que *não têm*. Elas não dizem que uns têm pênis e outros têm vagina – caso em que haveria dois sexos verdadeiramente distintos. O que aprendem é que há os homens, os que têm, e sua negativa, os que não têm. É como se houvesse os homens e os não-homens. O sexo feminino se constitui pela ausência, por alguma coisa que não se tem, por alguma coisa que falta (p. 61).

São os homens, e a sociedade que reproduz seus valores, que consideram a maternidade como uma compensação à ausência de pênis. Vale ressaltar a importância, no texto de Freud mais acima, de sua inclusão de fatores acidentais na configuração do desejo da menina, seja de ter um pênis, seja de ter bebês. Mas não há uma justificativa real para a relação pênis/bebê. É preciso, portanto, seguir seu texto:

No caso das mulheres que não se tornam neuróticas, a inveja do pênis infantil transforma-se em desejo por um homem. O homem seria, portanto, um suplemento do pênis, tornando um impulso hostil à "função sexual feminina", em outro que lhe é favorável. Desta forma, essas mulheres se tornariam capazes de uma vida erótica baseada no "tipo masculino" de amor objetal, o qual pode existir paralelamente ao "tipo feminino" – narcísico. Em outros casos, apenas um bebê torna possível a transição do narcisismo para o amor objetal – e também neste aspecto o bebê representa (ou é representado por) um pênis. Tendo ouvido sonhos ocorridos logo após a primeira relação sexual de algumas mulheres, Freud afirma que estes sonhos revelam o desejo da mulher de "guardar para si" o pênis que a penetrou. Haveria, no desejo dessas mulheres, portanto, uma regressão de "homem" para "pênis". O desejo racional por um homem pode ser atribuído ao desejo original de um bebê, tendo em vista que o primeiro representa a única maneira de chegar ao segundo (Freud, 1976f, p. 162).

Contudo, é mais provável que o desejo por um homem nasça independente do desejo por um bebê, e que quando esse desejo desperta – por motivos compreensíveis, que pertencem inteiramente à psicologia do ego – o desejo original de um pênis liga-se a ele, como um reforço libidinal inconsciente. A importância do processo descrito jaz no fato de que uma parte da masculinidade narcísica da jovem mulher transmuta-se, assim, em feminilidade, e desse modo não pode mais operar de maneira prejudicial à função sexual feminina (Freud, 1976f, p. 162).

Então, para Freud, a mulher não neurótica é aquela que ama de forma masculina, aqui definida apenas como a forma objetal, sem considerar os problemas anteriormente

elencados por ele em outros textos, como a supervalorização/depreciação, por exemplo. Em outras palavras, *os homens são o modelo não só sexual, mas também o modelo de saúde*. O desejo das mulheres adultas "normais" por um homem baseia-se na inveja do pênis, ou então em motivos explicáveis pela psicologia do ego. Quais seriam esses motivos? Provavelmente, o fato de uma mulher não ter uma existência digna deste nome na ausência de um marido. E onde vai parar o complexo de Édipo? Onde o desejo pelo pai se transforma no desejo por um outro homem? A não ser que se considere que a menina só entra no complexo de Édipo através da inveja do pênis – e há vários artigos de Freud afirmando o contrário – há outros motivos *sexuais* para uma mulher desejar um homem, que não são baseados na inveja. E a "função sexual feminina" continua sendo, claro, a reprodução. Mas mesmo o desejo de ser mãe não é natural na mulher. É resultado da equação pênis/bebê, e portanto, em sua raiz, um desejo de ser homem.

Na seqüência de seu texto, Freud analisa a relação fezes/bebê (Ferenczi?). Considera que essa relação se explica por serem as fezes a primeira dádiva da criança para seu objeto amoroso, e também por serem algo que se separa do corpo (como o bebê). Haveria também uma relação pênis/fezes: "A massa fecal ou, como um paciente a chamou, o bastão fecal, representa como que o primeiro pênis, e a membrana mucosa do reto, estimulada, representa a da vagina" (Freud, 1976f, p. 164).

Segundo André (1991), neste texto, como se pode observar, Freud irá chegar muito perto de uma gênese precoce da vagina a partir da sexualidade cloacal (p. 12). Mas Freud (1976f) não utiliza a palavra cloaca. Cita, inclusive, parte do texto de Andreas-Salomé, mas afirma que ela observa que a vagina é "arrendada" ao reto – quando a palavra utilizada no texto desta autora é cloaca (p. 166). Vale ainda ressaltar que Freud oferece, como exemplo, as simbolizações feitas por um paciente *do sexo masculino*. De qualquer maneira, essas observações de Freud levarão a que vários psicanalistas, posteriormente, sintam-se autorizados a propalar uma sensibilidade precoce da vagina.

A SUA VIRTUDE ESCARLATE, IGUAL BRASÃO DE TOMATE, ENOBRECENDO O LENÇOL⁴⁶

Ainda em 1917, Freud escreve um artigo que só seria publicado, contudo, em 1918: *O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III)*, onde discute o fato de, em algumas sociedades primitivas (inclusive de seu tempo), a defloração da esposa não ser executada pelo marido. Afirma que, na sociedade civilizada, a exigência de virgindade da mulher no casamento seria uma extensão, para o passado, do "direito" à posse exclusiva da mulher. Além disso, com base na expressão "sujeição sexual" (cunhada por Krafft-Ebing) que descreve o fenômeno de uma pessoa tornar-se dependente de outra, com quem mantém um relacionamento sexual, Freud irá asseverar que o fato de um homem ser o primeiro a manter relações sexuais com uma mulher a tornará sujeita a ele. Isto ocorreria em função de, após vencer todas as resistências criadas na mulher pela educação, o "deflorador" tornar-se o primeiro a satisfazer seus desejos. "Essa experiência cria, na mulher, um estado de sujeição que garante que sua posse permanecerá imperturbada e que a torna capaz de resistir a novas impressões e tentações estranhas" (Freud, 1970b, p. 179).

O fator decisivo para a "sujeição sexual" seria, então, a quantidade de resistência sexual que é vencida na primeira relação – processo que ocorre uma única vez. Por isso, este estado de sujeição será mais freqüente nas mulheres. Quando ocorre nos homens, é resultado do fato de determinada mulher possibilitar-lhe a superação da impotência psíquica. Contudo, como a primeira relação sexual comumente significa apenas desapontamento para a mulher, que requer bastante tempo e repetição do coito para que possa começar a encontrar satisfação no mesmo, ela poderá reagir à defloração de forma agressiva. Isto pode ser associado, para além da dor da defloração, à injúria narcísica decorrente da "destruição de um órgão", e no "conhecimento" de que a perda da virgindade leva uma diminuição do valor da mulher como objeto sexual. Algumas mulheres, inclusive, reagirão com agressividade a cada relação sexual, mesmo que dela obtenham a satisfação e, nesse caso, trata-se da reativação da inveja do pênis, e do subsequente desejo de castrar o homem, que pode aparecer na forma de agressão física. No caso da frigidez persistente da mulher, ela estaria ligada à dificuldade que esta

⁴⁶ Da música *Opereta do casamento*, de Edu Lobo e Chico Buarque.

encontra em desvincular-se de seus objetos amorosos originais (Freud, 1970b, pp. 182-187).

Quando Freud afirma que, para sentir prazer na relação sexual, a mulher precisa da freqüente repetição da mesma, encontra-se, da mesma forma que Ferenczi em seu texto de 1914, no caminho certo para resolver "o enigma da feminilidade". Mas esse caminho parece ser introduzido e abandonado neste mesmo texto. Com relação à "injúria narcísica" que decorre da "destruição de um órgão", vale lembrar que o hímen não é um órgão, mas apenas um pedaço de pele, cuja única função é a proteção da vagina antes da vida sexual adulta. O valor atribuído *pelos homens* a esse pedaço de pele é que irá definir, inclusive, a menor valia da mulher após a primeira relação sexual. Felizmente, neste último ponto, a situação mudará bastante no período subsequente à publicação deste texto por Freud, muito embora o narcisismo ainda vá levar alguns homens à desvalorização das mulheres que conseguem conquistar⁴⁷.

Vale ressaltar que a frigidez, neste texto de Freud, aparece ligada apenas à dificuldade de transferência dos sentimentos incestuosos, e não a uma fixação libidinal no clitóris. Por fim, excetuando-se os casos em que a mulher agride o homem após o coito, *mesmo que dele tenha obtido prazer*, o "desejo de castrá-lo" parece estar ligado, não à inveja do pênis, mas ao possível desconforto que a relação (imposta) lhe causa.

Neste artigo, Freud elenca todos os possíveis motivos para que, em algumas tribos primitivas, a defloração da mulher seja realizada não pelo marido, mas por outra pessoa – às vezes, inclusive, com o uso de um objeto. Esses motivos seriam: o horror ao sangue; a angústia provocada por uma situação nova; o desprezo pelas mulheres (associado ao complexo de castração); e um medo generalizado das mulheres. Este último motivo, presente também nos homens civilizados, foi justificado mais acima pela hostilidade das mulheres. Freud afirma ainda que a hostilidade derivada da inveja do pênis "nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos e [...] está claramente indicada nas lutas e na produção literária das mulheres 'emancipadas'" (Freud, 1970b, p. 190).

Este texto parece ser inaugural, sob a pena de Freud, na tese de que as mulheres "emancipadas" mantêm a inveja do pênis (universal na infância) e utilizam este

⁴⁷ Ver Freud, 1974b, p. 117.

sentimento nas suas produções. A idéia de que a mulher que trabalha, que não se contenta em ser mãe, deseja ser, na verdade, um homem, está bastante vinculada a essa tese.

DEPOIS DO TEMPORAL

Em novembro de 1918, termina a Primeira Guerra Mundial. A situação política e social da Europa, no período que se segue, pode ser avaliada resumidamente se tomarmos em conta apenas três países: França, Alemanha e Áustria. Isto porque – como visto anteriormente – as capitais destes países são o receptáculo de todos os movimentos culturais, políticos e científicos da Europa por esta época. Uma vez terminada a Primeira Guerra, com a derrota dos impérios centrais e a vitória da Europa Ocidental sobre a Europa Central, esses três centros culturais têm sortes bastante distintas (Wagner, 1996, p. 45).

A França, cujo desenvolvimento industrial já era avançado, reforça sua economia com o lucro da guerra. O sistema político francês – republicano – é plenamente confirmado com a vitória bélica. Paris, como representante do lado vencedor, é sede da assinatura do tratado de Versalhes, que impõe à Alemanha derrotada pesadas condições (como entregar parte de seu território, grandes reparações financeiras e a redução drástica de suas Forças Armadas). Além disso, a Alemanha deve entregar seus "prisioneiros de guerra" para julgamento, incluindo o ex-imperador, pois o império alemão, que já se mantinha com dificuldade, rui totalmente, sendo proclamada a República. A tentativa de cumprir com as exigências financeiras estipuladas acarreta uma inflação desenfreada, que impede a recém proclamada República alemã de obter estabilidade política (Wagner, 1996, pp. 45-46).

Com o desmembramento do Império Áustro-Húngaro, e a conseqüente perda da hegemonia mundial de que este dispunha desde 1600, sua capital, Viena, perde toda sua glória. O imperador Francisco José, agora morto (1916), havia sido em grande parte o responsável por manter o anti-semitismo vienense sob controle. A derrota dos impérios centrais na Primeira Guerra modifica também o destino da psicanálise. A *WPV* continua ativa, em função da presença de Freud e do grande afluxo de americanos, mas perde toda sua influência em benefício do grupo berlinense. Muitos analistas austríacos, com

suas finanças arruinadas, emigram para a Alemanha, onde, apesar de todos os problemas econômicos, a retomada de uma situação financeira relativamente digna é mais viável. Embora vencida, a Alemanha não se encontra destruída, podendo pleitear a reconquista do poder intelectual perdido em Viena. Berlim torna-se, então, o centro do movimento psicanalítico (Roudinesco & Plon, 1998, p. 11).

A Hungria, ao conquistar realmente a independência – até então era livre no papel, mas na prática quase uma colônia austríaca – torna-se mais liberal. A legislação sobre o divórcio é modificada, de forma que, quando o marido de Gizzela morre, ela e Ferenczi já estavam de fato livres, podendo enfim se casar. A partir de 1918, de Londres, com o apoio dos berlinenses, Jones dedica-se a estabelecer e impor uma ortodoxia psicanalítica. Após a guerra, Horney finalmente decide retomar seu tratamento, iniciando uma análise didática com Sachs e, ainda em 1918, termina seu casamento com Oskar. Também neste ano, Rank casa-se com Tola. Ela tornar-se-ia psicanalista com o nome de Tola Rank e, juntos, teriam uma filha. Ao fim da guerra, Rank encontra-se morando no centro de Viena e praticando a psicanálise, sendo Freud a lhe enviar a maioria de seus pacientes. Em março, a *WPPV* ganha mais um importante membro do sexo feminino: **Helene Deutsch**, que já conhecia Freud, e que, devido a seu interesse pela psicanálise, vinha freqüentando o seminário de Tausk. Ainda neste ano, Helene Deutsch começa uma análise com Freud (Roazen, 1974, pp. 510-511 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 150/234/355-356/642).

Em setembro, no V Congresso da *IPA* (durante a Guerra os Congressos Internacionais estiveram, evidentemente, suspensos), em Budapeste, sob a presidência de Abraham, Klein conhece Freud, ficando fortemente impressionada. Durante o Congresso é aprovada a proposta de que uma das condições para tornar-se psicanalista seja o candidato ter sido submetido a uma análise. Também neste ano, Freud retoma um projeto – que existia desde o início da *Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras* – de uma psicanálise de massa, capaz de tratar dos mais pobres e despertar as consciências. Incentiva a criação de clínicas gratuitas, para pacientes de baixa renda, dirigidas por médicos psicanalistas (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 11/431/807).

1918 é também o ano em que Freud começa a analisar sua filha, Anna, talvez motivado pela corte que ela vinha sofrendo da parte de Hans Lampl, médico interessado

na psicanálise desde 1916, e que Freud considerava paranóico e, claro, nada adequado (como aliás ninguém era) para casar-se com sua filha mais nova. Anna segue a orientação do pai e acaba tornando-se apenas amiga de Lampl. Outro motivo para o início desta análise, que também levaria outras pessoas a procurarem Freud com esta intenção, é o fato de, como já visto, ter sido decretada a obrigatoriedade da análise pessoal para que o candidato viesse a se tornar psicanalista. Tendo assistido às aulas que Freud ministrava nas noites de sábado, Anna queria estudar medicina, como forma de facilitar seu ingresso no meio psicanalítico, mas será dissuadida pelo pai. Em 1919, Hug-Hellmuth adota o sobrinho, então com treze anos, órfão de sua irmã e rival, que vinha passando por vários lares adotivos, sem contudo conseguir adaptação. Começa então a usá-lo como cobaia de sua "psicanálise selvagem", provocando nele uma revolta cada vez maior, que irá ter como desfecho seu próprio assassinato, cinco anos depois (Roudinesco, & Plon, 1998, pp. 258/357 e Sayers, 1992, p. 144).

Também em 1919, alguns estudantes de medicina da *Universidade de Viena*, encabeçados por Otto Fenichel, organizam um seminário sobre sexologia, com a finalidade de suprir a falta desta disciplina no currículo. Entre estes estudantes encontra-se **Wilhelm Reich**, que inicia, por esta ocasião, suas leituras em psicanálise, possivelmente influenciado por Fenichel, que as vinha estudando desde 1918. No verão deste ano, Reich apresenta no seminário um ensaio intitulado *Conceitos da libido de Forel a Jung*, onde demonstra o contraste entre o uso do termo "libido" pelos autores pré-freudianos, que pareciam identificar o termo com o desejo sexual consciente, e o uso dado à palavra pelo próprio Freud, que a vê como a energia da pulsão sexual. Bastante satisfeitos com as interpretações de Reich – e devido ao fato de Fenichel partir para Berlim – os membros do seminário o elegem coordenador. Nesse mesmo ano, Reich encontra-se com Freud pela primeira vez e inicia a prática psicanalítica privada. Também apaixonou-se por uma colega de faculdade que, embora o provoque, não admite uma relação mais concreta. Reich começa então a questionar o comportamento das mulheres, e a moral sexual vigente (Boadella, 1985, p. 16, Roudinesco & Plon, 1998, p. 651 e Reich, 1996, pp. 84/86/113/133/ 171).

Ainda em 1919, Jones dissolve a *LPS* e funda a *Sociedade Britânica de Psicanálise (BPS)*. Desta fundação participa uma paciente de Jones: **Joan Riviere**, que depois disto vai a Viena, para iniciar outra análise, com Freud – esta com resultados

bastante positivos, apesar de, por ocorrer paralelamente à de Anna, despertar ciúmes na filha do analista. Por ter um perfeito conhecimento da língua alemã, Riviere tornar-se-ia uma excelente tradutora da obra freudiana. Em março deste ano, o novo governo da Hungria oferece a Ferenczi a primeira cátedra de psicanálise em todo o mundo. Em seguida, a atmosfera política mudaria novamente, primeiramente com um golpe de estado comunista, rapidamente sufocado, depois, com a instauração do regime ditatorial Horthy – que governaria o país até a queda da Alemanha na Segunda Guerra – levando muitos psicanalistas húngaros a fugirem para Berlim (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 663/807).

Ainda neste ano, Klein apresenta, diante da *Sociedade Psicanalítica de Budapeste*, seu primeiro estudo de caso: a análise de uma criança de cinco anos – na verdade seu próprio filho. Torna-se então membro oficial da sociedade, mas, em seguida, seu marido muda-se para a Suíça, em função de um emprego, e ela vai morar com os filhos na Tchecoslováquia. Paralelamente, Jones, aos quarenta anos, casa-se com Katherine Jolk, vienense de origem tcheca, com quem viria a ter quatro filhos – sendo que a mais velha morreria de pneumonia aos oito anos (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 417/431 e Sayers, 1992, p. 202).

Com o forte movimento de emancipação feminina que se inicia após a Primeira Guerra, as mulheres começam a se libertar da alienação – religiosa, social, cultural e sexual – em que vivem. Na Alemanha, é concedido o direito de voto às mulheres, e nos Estados Unidos, uma emenda constitucional reconhece o direito de voto para todas as mulheres do país. Essa emenda americana seria, contudo, revogada no ano seguinte. Na Inglaterra, o direito de voto é concedido a todos os homens de mais de 21 anos e a todas as mulheres de mais de 30 – levará mais dez anos para que o limite de idade seja abolido. Vale lembrar que, no período entre-guerras, adota-se novos métodos de produção, como as linhas de montagem e a produção em série, métodos estes que facilitarão cada vez mais a participação das mulheres no mercado de trabalho (Badinter, 1986, p. 180, G. E. Larousse C., 1998, vol. 13, p. 3154 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 705).

A partir de 1919, Rank e Ferenczi voltam seu interesse para as questões técnicas e se empenham na reforma da prática psicanalítica. Ferenczi cria a *técnica ativa*, que

consiste em intervir diretamente no tratamento, proibindo ao paciente atividades das quais ele abstrai prazer, mas que são impeditivas da boa continuidade da análise (como formas larvares de onanismo, por exemplo); ou sugerindo-lhe atividades que lhe são demasiadamente difíceis, também com o intuito de pôr novamente em curso uma análise que se encontrasse "estagnada" (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 234/276-277).

ME BATE QUE EU GAMO!

Também de 1919 é o artigo de Freud intitulado *Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*⁴⁸, onde analisa o masoquismo. Freud afirma ser surpreendente a frequência com que aparecem, em sua clínica, pessoas (histéricas ou obsessivas) que afirmam ter a fantasia que envolve uma outra criança sendo espancada. Este texto teria sido baseado no estudo aprofundado de seis casos, sendo quatro femininos e dois masculinos. A fantasia de espancamento de uma criança causaria sentimentos de prazer, levando a sua repetição na infância e, algumas vezes, também na vida adulta. No clímax da fantasia, o indivíduo buscaria a satisfação masturbatória, de forma voluntária ou obsessiva (Freud, 1976g, pp. 225/229).

Essas fantasias seriam nutridas muito cedo, sempre antes da idade escolar, e no máximo até o sexto ano de vida da criança. A vergonha e a culpa relacionadas a elas seriam muito grandes. Vale ressaltar que os indivíduos que relataram essa fantasia peculiar em análise, dificilmente haviam sido espancados na infância. O sexo da criança criadora das fantasias primitivas, não mantém uma relação constante com o daquela que está sendo espancada – a qual recebe a agressão no traseiro nu. No caso das meninas, o agressor é sempre seu pai. A fantasia é definida pela frase: "O meu pai está batendo na criança que eu odeio!" Em uma segunda fase, o pai continua sendo o agressor, mas a criança espancada é a mesma que produz a fantasia. Há um alto grau de prazer ligado à fantasia. Na terceira fase da fantasia, não é mais o pai o agressor, sendo substituído por um professor, ou por algum outro adulto que o represente. Há agora várias crianças sendo espancadas e, na fantasia das meninas, são meninos que apanham (normalmente, na dos meninos também). A fantasia liga-se a uma grande excitação sexual, proporcionando um meio para a satisfação onanista (Freud, 1976g, pp. 227-233).

⁴⁸ Segundo André (1996), a principal paciente a ser analisada neste artigo é Anna Freud (p. 49).

O amor da menina está fixado no pai que, possivelmente, fez "tudo o que podia" para conquistar sua afeição. Há uma "premonição" dos objetivos sexuais finais, e um desejo de ter um filho com o pai. A primeira fase da fantasia corresponderia ao desejo da menina de que o pai demonstrasse seu amor por ela batendo em uma criança rival (normalmente um irmão ou irmã mais jovem). A fantasia da segunda fase, seria uma expressão do sentimento de culpa desencadeado pela primeira. Dessa forma, a culpa transformaria o sadismo em masoquismo. Na terceira fantasia, as várias crianças representam a menina que a cria, e o fato de serem meninos demonstra seu abandono do papel feminino, após a rejeição sofrida por parte do pai. No caso desta fantasia ocorrer com meninos, o espancador é primeiramente o pai, sendo depois substituído pela mãe. Isso significa que o primeiro objeto de amor do menino que tem essa fantasia seria o pai (Freud, 1976g, pp. 233-239/246-247).

[...] a fantasia da segunda fase [...] é uma expressão direta do sentimento de culpa da menina, ao qual o seu amor pelo pai sucumbiu agora. A fantasia, portanto, tornou-se masoquista. [...] um sentimento de culpa é invariavelmente o fator que converte o sadismo em masoquismo. Certamente, porém, não é este o conteúdo total do masoquismo. O sentimento de culpa não pode ter conquistado o campo sozinho; uma parcela deve ser atribuída ao impulso de amor. Devemo-nos lembrar de que estamos lidando com crianças cujo componente sádico conseguiu [...] desenvolver-se prematura e isoladamente. [...]. Se a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com repressão, a consequência não é apenas a de que toda representação psíquica do amor incestuoso se torna inconsciente, ou permanece inconsciente, mas existe também outro resultado: um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo. "O meu pai me ama" queria expressar um sentido genital; devido à regressão, converte-se em "O meu pai está me batendo (estou sendo espancado pelo meu pai)". Esse "ser espancado" é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia à partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo (Freud, 1976g, pp. 236-237).

Para Freud (1976g), a bissexualidade, inerente aos seres humanos, manifesta-se nessa fantasia. Afirma ainda que a masturbação da puberdade não costuma ocasionar sentimentos de culpa, a não ser que se ligue à masturbação infantil, que é necessariamente acompanhada de fantasias incestuosas. A culpa não estaria relacionada ao ato masturbatório, mas ao desejo por um dos pais. O que é recalcado na sexualidade infantil, e que se transforma em sintomas neuróticos, portanto no complexo nuclear das neuroses, é o complexo de Édipo (247-253).

André (1996) considera este texto de Freud como uma contribuição para o entendimento da sexualidade feminina:

Uma vez que "uma criança é espancada" é uma fantasia propriamente feminina, seja qual for o sexo anatômico do sujeito, Freud foi levado, como que "de passagem", a formular observações gerais sobre a feminilidade, cuja importância está em elas se situarem em completo desequilíbrio em relação à [sua] teoria prevalente. Por certo não é irrelevante que, nesse texto, o ponto de partida tenha sido clínico [...] e a sexualidade feminina tenha sido abordada de maneira incidental, e não de frente. [...] [As] considerações freudianas sobre a feminilidade da "criança espancada" constituem menos fragmentos de hipóteses posteriormente abandonadas do que testemunhos de uma teorização contraditória, que jamais conseguiria se impor (p. 40).

Para esse autor (André, 1996), vale ressaltar o fato de Freud, após mais de vinte anos de abandono da "teoria da sedução", afirmar que o pai da menina "fez tudo o que podia" para conquistá-la. Não se trata, evidentemente, de um pai perverso, que irá satisfazer suas pulsões sexuais com crianças, mas de um pai "típico", sedutor porque desejoso do amor da criança. André considera que o amor que o pai desperta na menina, juntamente com uma "premonição" dos objetivos sexuais e um desejo de ter um filho seu, demonstrariam uma existência da vagina no inconsciente infantil. Contudo, Freud irá negar essa existência em seus textos posteriores – como, de resto, já vinha fazendo anteriormente (pp. 42-43).

PERDAS E GANHOS

Janeiro de 1920 é um mês terrível para Freud: perde, quase ao mesmo tempo, o psicanalista e amigo Anton von Freund, em função de um câncer, e a filha Sophie, grávida, e com apenas 27 anos, de uma gripe devastadora. As durezas da guerra parecem ter endurecido Freud, de tal forma que consegue recuperar-se relativamente bem da perda de Sophie. Uma das últimas recomendações de von Freund – que deixa uma grande soma a Freud, usada na estruturação da editora do movimento psicanalítico – fora de que seu anel fosse entregue a Eitingon. Freud então indica Eitingon para ocupar o lugar do amigo morto no *Comitê Secreto*. Neste ano, Freud interrompe a análise de Anna, que após a morte da irmã, passa a tomar conta de seu filho mais velho, enquanto sua outra filha – Mathilde – se ocupa do mais novo, Heinerle. Também em 1920, Anna Freud abandona o magistério e começa a fazer traduções dos periódicos

psicanalíticos do pai (Roazen, 1974, p. 405, Roudinesco & Plon, 1998, pp. 172/325-326 e Sayers, 1992, p. 144).

Em fevereiro de 1920, com a ajuda de Eitingon, Simmel, e Sachs (que instala-se na Alemanha neste ano), Abraham funda a o *Instituto Psicanalítico de Berlim (BPI)*, que se tornaria um importante centro de análise didática. Sua Policlínica facultaria o tratamento psicanalítico para um grande número de pessoas carentes, como era desejo de Freud, e abriria caminho para a criação de outros institutos. Horney será a primeira mulher a tornar-se professora do *BPI*. Freud termina de redigir *Mais-além do princípio do prazer* em maio – texto onde fala, pela primeira vez, da "pulsão de morte", que se contrapõe à "pulsão de vida" e que tende para a redução completa das tensões (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 407 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 11/261/417/459).

A partir desse ano, Freud reformula sua teoria do inconsciente, definindo sua segunda tópica, centrada na dialética da vida e da morte, que trata da divisão do psiquismo em id, ego e superego. Vale lembrar a pouca importância política da Áustria neste momento, no cenário europeu, que pode ter afetado Freud em sua formulação de uma pulsão de morte (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 505 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 277).

Também em 1920, Reich, levado por Fenichel, tem seu primeiro contato com um grupo de discussão política. Questiona então a possibilidade daquelas pessoas burguesas, que nunca tiveram nenhuma dificuldade financeira na vida, conseguirem resolver os problemas de desigualdade social. É nesta reunião que Reich conhece Annie Pink, judia vienense, então com dezoito anos e terminando o curso ginásial, membro do "Movimento Jovem Vienense", e sente-se bastante atraído por ela. Ainda neste ano, Reich inicia um curso de psicanálise com Sadger, estuda neuro-psiquiatria, apresenta um artigo na *WPV* e é aceito como membro. Annie Pink começa então uma análise com Reich. Ele pergunta a si mesmo se estaria certo alguém tão jovem quanto ele (vinte e quatro anos) tratar de mulheres também jovens (Autor desconhecido em Reich, s.d., p.11 e Reich, 1996, pp. 113-115/159).

QUEM EU AMO EM TI?

Em 1920, Freud publica um artigo intitulado *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. Neste texto, discute a etiologia da homossexualidade, que acredita ter bases tanto físicas (congenitas) quanto psíquicas. No caso em questão, Freud afirma que, embora a paciente não apresentasse nenhum desvio óbvio do tipo físico feminino, suas feições eram agudas, o que poderia ser visto como indicador de "masculinidade física". Sua objetividade e sua acuidade de compreensão também poderiam ser vinculados à masculinidade⁴⁹. Em seu comportamento para com seu objeto amoroso, havia "assumido inteiramente o papel masculino, isto é, apresentava a humildade e a sublimidade⁵⁰ valorização do objeto sexual tão características do amante masculino, a renúncia a toda satisfação narcisista e a preferência de ser o amante e não o amado" (Freud, 1976h, p. 193).

O objeto amoroso escolhido pela paciente de Freud descrita neste artigo, lembrava, de algum modo, seu irmão mais velho. Disso Freud conclui que sua escolha corresponderia não apenas ao ideal feminino, mas também ao masculino, satisfazendo tanto a tendência homo quanto a heterossexual. Como a análise de homossexuais masculinos também revela – em muitos casos – essa característica, Freud assevera a necessidade de ser mantida em mente a bissexualidade universal dos seres humanos (Freud, 1976h, p. 195).

Na descrição da história de sua paciente, Freud conta que:

A mãe, moça ainda, via na filha, que se desenvolvia rapidamente, uma competidora inconveniente; favorecia os filhos em detrimento dela, limitava-lhe a independência tanto quanto possível e mantinha vigilância especialmente estrita contra qualquer relação mais chegada entre a jovem e o pai.

[Além disso,] no exato período em que a jovem experimentava a revivescência de seu complexo de Édipo infantil, na puberdade, sofreu seu grande desapontamento. Tornou-se profundamente cônica do desejo de possuir um filho, um filho homem; seu desejo de ter o filho de seu pai e uma imagem *dele*, na consciência ela não podia conhecer. Que sucedeu depois? Não foi ela quem teve o filho, mas sua rival inconscientemente odiada, a mãe. Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens (Freud, 1976h, p. 196).

⁴⁹ Talvez não seja excessivo ressaltar aqui a relação feita por Freud entre masculinidade e objetividade e inteligência.

⁵⁰ Esta parece ser a primeira vez que Freud considera o processo de supervalorização comum "no amor masculino" como algo "sublime".

Segundo Freud (1976h), como a mãe da paciente ainda dava grande valor às atenções e à admiração dos homens, havia um ganho secundário em sua doença⁵¹: a melhoria de suas relações com a mãe. Sua nova posição libidinal servia também para ferir o pai e vingar-se dele. Sua escolha objetal, que recaía sobre uma mulher de "má reputação", reforça a idéia de que amava de forma masculina, escolhendo um objeto moralmente inferior. A análise mostrou que a paciente havia tido um forte "complexo de masculinidade" na infância. Era cheia de energia, travessa, e não tinha o menor interesse em ser colocada em segundo lugar com relação ao irmão mais velho. Com a descoberta de que ele possuía um pênis, desenvolveu uma inveja acentuada (pp. 197-209). "Era na realidade uma feminista; achava injusto que as meninas não gozassem da mesma liberdade que os rapazes e rebelava-se contra a sorte das mulheres em geral" (p. 209).

Vale ressaltar que, embora Freud continue afirmando, neste texto, a importância da inveja do pênis na infância da mulher, ele levanta um outro motivo para que haja uma revolta da menina com relação à mãe: a obstrução que esta faz a seu relacionamento com o pai. Isto é, a ser seguida a lógica de Freud para a entrada da menina no complexo de Édipo (inveja do pênis / revolta contra a mãe que "não lhe deu" tal órgão / tomar então o pai como objeto / identificar-se com a mãe) há aqui uma inversão de fatores. Se a hostilidade materna – gerada por ciúmes da relação que o pai mantém com a menina – é que leva a uma revolta contra ela, é porque a criança *já havia escolhido o pai como objeto*. Essa escolha objetal só pode então ter sido realizada devido à sedução (normalmente bem distante da violência sexual), exercida pelo pai sobre ela.

Freud prossegue seu artigo discutindo os fatores determinantes da homossexualidade. Afirma haver uma combinação de fatores hereditários, constitucionais (congênitos) e externos. Haveriam três elementos envolvidos, sendo que nem todos necessitam estar presentes ao mesmo tempo: os caracteres sexuais físicos, os caracteres sexuais mentais, e o tipo de escolha de objeto. Contudo, considera não ser tarefa da psicanálise solucionar o "problema" da homossexualidade, mas apenas revelar os mecanismos psíquicos que determinam a escolha de objeto, ligando-os às disposições

⁵¹ Vale ressaltar que, em uma nota de rodapé, na mesma página (197) em que utiliza o termo doença, Freud assegura que sua paciente não era neurótica. A doença seria então a homossexualidade?

pulsionais. O trabalho restante seria da biologia. A psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca do que é "masculino" ou "feminino", pois sua redução leva apenas a relacionar estes termos com "atividade" e "passividade", o que não seria suficientemente esclarecedor (pp. 209-211).

Ao final de seu artigo, citando experiências cirúrgicas⁵² realizadas em homossexuais masculinos visando obter a "conversão" do sujeito em heterossexual, afirma que:

Qualquer tratamento análogo do homossexualismo feminino é, atualmente, bastante obscuro. Se consistisse em remover o que são provavelmente ovários hermafroditas e enxertar outros, que se supõe serem de um único sexo, haveria poucas perspectivas de ser aplicado na prática. Uma mulher que já se sentiu ser um homem e amou à maneira masculina, dificilmente permitirá que a forcem a desempenhar o papel de mulher, quando deve pagar pela transformação, não vantajosa sob todos os aspectos, com a renúncia a toda esperança de maternidade (Freud, 1976h, p. 212).

É possível iniciar uma discussão sobre a parte do texto acima citada questionando o que seriam "ovários hermafroditas" e "ovários de um único sexo". As confusões causadas pelo modelo de sexo único parecem estar ainda bem presentes na época deste artigo, e isso para vários cientistas, não apenas para Freud. Quanto à frase final, vale ressaltar, além da reafirmação de que a forma de amar "masculina" é melhor, a percepção que Freud tem das vantagens sociais de que os homens desfrutam em sua época. Apesar disso, mais acima relaciona a homossexualidade de sua paciente, entre outras coisas, ao fato dela ser uma "feminista", alguém que questiona a situação das mulheres em geral. Isto lembra a relação feita por Schiller (2000), entre a significação social dada às revoltas esboçadas por mulheres oprimidas e a descrição (feita em um jornal *de medicina* do século XIX) de uma "doença" que acometia os negros no sul dos Estados Unidos, e que os levava a fugir – sendo a escravidão a norma, o desejo de insubordinação era tido como uma doença grave (p. 122).

SERÁ QUE É BEM ASSIM?

Apesar de frequentemente desconsiderado pelos biógrafos de Freud na discussão sobre a sexualidade feminina ocorrida no círculo psicanalítico, Abraham é,

⁵² Aparentemente de troca de gônadas.

possivelmente, seu precursor – embora Andreas-Salomé já apontasse nesta direção. Ainda em 1920, Abraham publica um artigo intitulado *Manifestações do complexo de castração na mulher*, onde desenvolve a teoria da "sexualidade cloacal". Este texto, no essencial em conformidade com as opiniões de Freud, é rico em desenvolvimentos originais, em especial sobre a "sexualidade cloacal", ou seja, sobre um possível desenvolvimento da sensibilidade da vagina à partir de sua separação do ânus (André, 1991, p. 7).

Abraham irá repetir a argumentação de Freud de uma interpretação das fezes como um "pênis anal", mas trazendo-lhe precisões notáveis que tocam a originalidade das fantasias femininas: nas meninas, a defecação favoreceria a fantasia de adquirir um pênis (o terror de perdê-lo seria, por sua vez, a fantasia do menino), seja elaborando-o ela mesma, seja recebendo-o como presente, no caso um presente do pai. Essa teoria distingue, sobre o fundo homogêneo do erotismo anal, um duplo desejo na menina: desejo masculino de elaborar um pênis, derivado do sentimento de castração, e desejo propriamente feminino de receber o pênis paterno (André, 1991, pp. 7/12).

No VI Congresso da *IPA*, que ocorre em setembro deste ano, Abraham irá expor as idéias contidas nesse artigo. Na mesma ocasião, Helene Deutsch apresenta um ensaio, baseado em um "caso clínico" (possivelmente ela mesma), sobre a divisão psíquica entre o papel de dona-de-casa e mãe, e as "aspirações masculinas" (Sayers, 1992, pp. 42-43).

Em janeiro de 1921, precisando fugir de Budapeste (devido aos problemas políticos e ao anti-semitismo), e muito bem impressionada com Abraham, Klein irá instalar-se em Berlim. A partir deste ano, Reich começa a questionar a reformulação da teoria de Freud, feita na segunda tópica. Para Reich, a hipótese da "pulsão de morte" seria resultado de uma depressão que Freud vinha sofrendo, provocada pela evolução do movimento psicanalítico após a Primeira Guerra. Em junho, após seis meses e meio de tratamento, Annie Pink abandona a análise com Reich, que então torna-se mais esperançoso de uma ligação amorosa com ela. Os dois tornam-se amigos e, no segundo semestre deste mesmo ano, começam a namorar. Em dezembro deste ano, há uma discussão entre os membros do *Comitê Secreto*, a respeito da admissão de homossexuais nas sociedades psicanalíticas. Freud e Rank defendem que, como em qualquer caso, a

decisão seja tomada apenas em função da competência do candidato. Jones se opõe, por considerar o homossexualismo "um crime repugnante". E Ferenczi afirma considerá-los "demasiado anormais" para fazerem parte das sociedades psicanalíticas. A posição contrária à admissão de homossexuais na *IPA* acaba vencendo, sendo que jamais seria revista (Reich, 1996, pp. 75/184-185 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 651/808-809).

Em março de 1922, apesar de desejarem esperar para oficializar a relação, Reich e Annie Pink se casam, cedendo à pressão dos pais dela. Com Annie, que iria também estudar medicina e tornar-se psicanalista, Reich teria duas filhas. No verão deste ano, Reich forma-se em Medicina, após apenas quatro anos de estudos, ao invés dos seis habituais. Adquirira este direito por ter servido na guerra, mas tivera que estudar muito mais que o normal para conseguir cumprir o prazo. Reich comparece à cerimônia usando um terno leve de verão, num nítido contraste ao traje de gala de seus colegas. Faz isso tanto por não ter uma roupa melhor para vestir, quanto pelo desejo de tornar claro não valorizar muito a solenidade, considerando que já vinha atendendo pacientes há mais de três anos, e que já era membro da *WPV*. Também neste ano, os vienenses, incentivados pela atitude dos psicanalistas de Berlim, abrem a *Policlínica Psicanalítica de Viena*, de cuja direção participa Felix Deutsch e onde Reich torna-se "primeiro assistente" de Freud. É também em 1922 que Klein torna-se membro da *DPG* (Autor desconhecido em Reich, s.d., p.11, Reich, 1996, pp. 75/184-185, e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 432/651-653/809).

MAIS PSICANALISTAS DE SAIAS

Ainda em 1922, Freud conhece duas mulheres que se tornariam importantes em seu círculo. Uma delas é **Ruth Mack (Brunswick)**, que vai a Viena para submeter-se a uma análise com ele. Sofria então de uma grave hipocondria. Sua análise com Freud duraria, com algumas interrupções, até 1938. Em Viena, Ruth encontra-se com Mark Brunswick, primo de sua mãe, que assistira seu casamento e ficara apaixonado por ela. Mark também fazia análise com Freud. Separando-se do marido, Ruth interessa-se por Mark, até porque Freud lhe explica seu caso, como se ela fosse uma discípula em supervisão. Por possuir charme, inteligência, e poucas inibições, e por ser expansiva, cordial, sociável e elegante, além de muito instruída, Ruth (Brunswick) torna-se rapidamente uma das discípulas prediletas de Freud, e uma das poucas mulheres

americanas que ele seria capaz de aceitar em toda sua vida – a liberdade com que as mulheres deste país eram educadas, e as conseqüências em seus comportamentos, chocavam-no sobremaneira. Ela torna-se também amiga da família Freud, especialmente de Mathilde. Ruth (Brunswick) especializa-se no tratamento das psicoses, interessando-se muito pelo estudo das relações pré-edípicas (Roazen, 1974, pp. 467-468 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 481).

A outra mulher que Freud conhece em 1922 é **Jeanne (Lampl) De Groot**, que também vai a Viena para analisar-se com ele. Sua análise duraria três anos, e ela tornar-se-ia também psicanalista e amiga de Freud e sua família. Também neste ano, Anna Freud ingressa oficialmente no movimento psicanalítico, com a apresentação, na *WPV*, de um primeiro trabalho, intitulado *Fantasia e devaneios diurnos de uma criança espancada*⁵³. Seu trabalho reitera a visão freudiana das fantasias de espancamento. Por desejo expresso de Freud, segundo informação de sua esposa, Martha, nenhum de seus filhos deveria seguir sua carreira. Contudo, quando Anna torna-se psicanalista, Freud recebe tal desafio a seus desejos de forma calorosa, e com sua entrada oficial no meio psicanalítico, retoma a análise da filha por mais dois anos. No início, Anna Freud atende adultos, mas rapidamente acaba por optar pela análise exclusiva de crianças (Gay, 1999, p. 160, Jones, 1979b, p. 647, Roudinesco & Plon, 1998, p. 459 e Sayers, 1922, p. 144-145).

Em setembro, no VII Congresso da *IPA*, Jones retoma o debate sobre a questão da sexualidade feminina, iniciado por Abraham dois anos antes. Horney, nesta ocasião, apresenta um trabalho – que seria publicado no ano seguinte – respondendo ao de Abraham. Klein participa dos debates. Esse seria o último Congresso da *IPA* a ter a participação de Freud (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 417/432/809).

APENAS A NUDEZ FEMININA SERÁ CASTIGADA?

O ensaio apresentado por Horney no Congresso supracitado é intitulado *Sobre a gênese do complexo de castração na mulher*. Neste trabalho, Horney assevera que os psicanalistas têm tomado como axioma o fato de que as mulheres se sentem em

⁵³ O que, de certa forma, corrobora a hipótese de André (1996) de que Anna é a paciente central considerada no texto de Freud sobre essas fantasias (p. 49). Essa hipótese também é defendida por Sayers (1922, p. 144-145).

desvantagem devido a seus órgãos sexuais, sem considerar que isto constitua um problema em si, possivelmente devido ao fato de que, para o narcisismo masculino, parecer algo tão evidente que dispensa explicações. Contudo, sendo esse axioma correto, dele derivaria a conclusão de que metade da humanidade não está satisfeita com seu sexo (Horney, 1979, pp. 71-72).

Horney afirma que a forma mais corrente de inveja do pênis é aquela que aparece ligada ao fato dos homens poderem urinar em pé. Poder-se-ia considerar esta inveja como contida no erotismo uretral, pelo fato do jorro de urina ter um caráter sádico, estando ligado a uma forma de onipotência. Mas Horney não dá a esta questão demasiado valor. Considera como muito mais importante o caráter exibicionista e escopofílico da fase fálica, pois quando o menino urina é autorizado a expor seu pênis e olhar para ele, satisfazendo assim uma parcela de sua curiosidade sexual. Para Horney, isto explicaria o fato de que o exibicionismo, nas meninas, e depois nas mulheres, estaria ligado não aos órgãos sexuais, como no sexo masculino, mas sim ao corpo como um todo, visto seus órgãos não serem visíveis com facilidade. Assim, as roupas femininas, que tendem a mostrar muito mais que as masculinas, seriam uma tentativa de compensação exibicionista (Horney, 1979, pp. 71-75).

O terceiro fator da inveja do pênis concentrar-se no fato de não poder urinar em pé estaria relacionado à ligação feita entre poder olhar e tocar com a masturbação. As meninas acreditariam que a licença concedida aos meninos e homens de segurar e ver o seu pênis cada vez que urinam seria uma licença para a masturbação. O fato de que, na maturidade, lhe esteja reservado um papel mais importante que o do homem na reprodução não pode representar compensação alguma para a menina nesta fase, por estar além de suas potencialidades de satisfação direta (Horney, 1979, pp. 75-76).

Em seguida, Horney questiona a relação entre o desejo (sentido por algumas mulheres) de ser um homem com a inveja do pênis. Afirma então que, em sua experiência clínica, quanto maior o desejo de ser homem demonstrado por uma paciente, maior havia sido a fixação inicial no pai. Ou seja, teria havido uma tentativa, por parte da menina, de dominar o complexo de Édipo de maneira normal, a partir de uma identificação com a mãe e, como esta, tomar o pai como objeto amoroso. Na infância, a menina elabora, com base em sua identificação (hostil ou amorosa) com a

mãe, a fantasia de haver sofrido a plena apropriação sexual por parte do pai. Essa fantasia levaria a uma outra, a de ter sido posteriormente traída pelo pai. Em seguida, ambas as fantasias, no contato com a realidade, redundariam em uma sensação de desengano. O que depois levaria a um desejo de ser homem, evitando a identificação com a mãe, seria o sentimento de culpa na raiz da relação: ser igual à mãe / ter relações com o pai. Da mesma forma dar-se-ia o abandono do desejo de ter filhos, visto sua constituição original ser o desejo de um filho do próprio pai (Horney, 1979, pp. 77-82).

A inveja do pênis seria então um substituto (sem culpa para o ego) do desejo pelo pai, pois a castração ter-se-ia dado como punição pela relação concreta com ele. Em todos os casos em que predomina o complexo de castração na mulher, ocorre invariavelmente uma tendência mais ou menos marcante à homossexualidade. Desempenhar o papel do pai conserva sempre o desejo pela mãe, em um sentido ou em outro. Assim, o homem neurótico que se identifica com sua mãe, e a mulher neurótica que se identifica com seu pai, repudiam do mesmo modo seus papéis sexuais respectivos (Horney, 1979, pp. 83/87).

Horney segue afirmando que o medo da castração no homem neurótico – sob o qual se ocultaria um desejo de castração, ao qual, na sua opinião, nunca se presta suficiente atenção – corresponderia exatamente ao desejo do pênis na mulher neurótica. Essa simetria seria muito mais óbvia não fosse o fato da atitude do homem em sua identificação com a mãe ser diametralmente oposta à da mulher em sua identificação com o pai. No homem, o desejo de ser mulher não só é contrário ao seu narcisismo consciente, mas implicaria na realização da castração. Na mulher, a identificação com o pai se vê confirmada por desejos antigos que apontavam na mesma direção, e não leva consigo sentimentos de culpa de nenhuma classe (Horney, 1979, pp. 87-88).

Apesar de suas críticas à idéia de uma inveja do pênis universal entre as meninas, ao menos neste primeiro trabalho Horney parece confirmá-la, desenvolvendo apenas uma discussão sobre seus motivos. Motivos esses que, diga-se de passagem, não se diferenciam muito daqueles apontados por Freud, embora este último possa não ter chegado ao cerne de algumas considerações feitas por esta autora. Parece que o que há de mais original, nesta sua obra inicial, é o fato de desenvolver melhor a relação primária da menina com a mãe, colocando a identificação com esta como sendo anterior

ao desejo pelo pai, que seria dela decorrente. É fato que, como foi anteriormente afirmado, este ensaio representa uma resposta a Abraham⁵⁴ (anteriormente seu analista, por sinal), e não a Freud. É possível também perceber que sua análise da relação da menina com a mãe irá afetar, posteriormente, as teses kleinianas.

RESTA-NOS APENAS O VAZIO⁵⁵

No início de 1923, Freud termina de escrever um artigo no qual faria uma revisão de suas teses sobre o desenvolvimento sexual infantil a partir dos *Três ensaios...* (desde 1905 até sua edição de 1922). Nesse artigo, intitulado *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*⁵⁶, Freud afirma que, em seu texto supracitado de 1905, a ênfase incidia na diferença fundamental entre a vida sexual infantil e adulta. Em seguida, as organizações pré-genitais da libido e o início bifásico do desenvolvimento sexual teriam tomado a maior parte de seu interesse. Por fim, a partir das conclusões a que chega pelas pesquisas sexuais infantis, Freud teria reconhecido a proximidade da vida sexual das crianças, em torno dos cinco anos de idade (desfecho do Édipo), com a vida sexual adulta, em função da escolha única de objeto (Freud, 1976i, pp. 179-180).

Nesta revisão de 1923, contudo, Freud afirma que a aproximação da vida sexual da criança com a do adulto está além da escolha de objeto. Mesmo não havendo, na infância, um primado dos órgão genitais à serviço da reprodução, é possível observar uma "organização genital infantil", na qual a principal característica seria o fato de que, para ambos os sexos, o único órgão genital levado em consideração ser o masculino. O que ocorreria, portanto, seria uma primazia do falo⁵⁷. Afirma então só ser possível descrever como isso afeta a criança do sexo masculino, por desconhecer os processos correspondentes na menina. Freud retoma então a descoberta, pelo menino, de que algumas pessoas não possuem pênis, e sua associação deste fato à ocorrência de uma castração, sendo a mãe o indivíduo que mais terá dificuldade de aceitar como sendo "castrado". Na fase da

⁵⁴ Esta discussão não pôde ser melhor aprofundada pela impossibilidade de acesso ao trabalho de Abraham, excetuando-se as observações feitas por André (1991, p. 7 e 1996, p. 25).

⁵⁵ Do poema *Primavera partida*, de Li Travassos.

⁵⁶ Cujá essência seria acrescentada à edição de 1924 dos *Três ensaios...*

⁵⁷ Vale ressaltar que, em Freud, diferentemente de Lacan, o termo falo tem o significado *exato* de pênis.

organização genital infantil, [...], existe *masculinidade* mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir um órgão genital *masculino* e ser *castrado*. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. A masculinidade combina sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero (Freud, 1976i, p. 184).

É interessante observar que, tendo Freud descrito em vários textos anteriores a importância do pênis na fase edípica das crianças de ambos os sexos, bem como afirmado que a descoberta da diferença sexual levaria a menina ao sentimento de inveja, neste texto ele negue conhecer os processos correspondentes na menina. Estaria ele se sentindo atacado pelos poucos questionamentos que até então haviam surgido, dentro do movimento psicanalítico, sobre o desenvolvimento sexual da menina? Vale ressaltar que na descrição que faz da significação que ganha a vagina para o homem adulto, Freud afirma que este órgão ingressa na "herança do útero", afirmação que pode ser facilmente reportada às teses ferenczianas em *Thalassa*.

UMA PRÓTESE QUE NÃO FALA FRANCÊS⁵⁸

Em fevereiro de 1923, inicia-se um longo tormento na vida de Freud, com a descoberta de um tumor maligno em sua mandíbula. Felix Deutsch, então seu médico, que procede, em abril, à primeira das trinta e três cirurgias que Freud viria a sofrer, esconde do paciente a natureza da doença (atitude que jamais seria perdoada). Em junho, Freud perde o neto favorito, Heinerle, em função de uma tuberculose, o que o leva a uma séria depressão. Após sofrer uma segunda operação, em outubro, na qual grande parte do seu maxilar superior é retirada, Freud precisa usar uma prótese altamente incômoda e desagradável visualmente, que seus discípulos mais próximos não tardam em apelidar de "o monstro". A voz de Freud fica anasalada, ele passa a evitar comer na presença de outras pessoas, e complicações vão levando a dificuldades auditivas em seu ouvido direito (Jones, 1979b, pp. 649-660).

⁵⁸ A prótese que precisou colocar, para substituir uma parte de seu maxilar, retirada em função do câncer, incomodava Freud grandemente, dificultando sua fala. Anos depois da implantação desta prótese (possivelmente em 1926) quando até mesmo seu alemão era difícil de ser compreendido, e o francês impraticável, ele fez uma visita a uma amiga francesa, tendo que pedir ao marido dela que traduzisse suas palavras, para isso se justificando com a frase: "Minha prótese não fala francês" (Freud, conforme citado por Jones, 1979b, p. 664). Tem-se aí uma amostra do humor judeu de Freud, incurável mesmo nos momentos mais difíceis da doença.

Desde o começo de sua doença, Freud só aceita a filha Anna como sua enfermeira, por isso, os planos dela de morar em Hamburgo, para cuidar do outro filho da irmã falecida, e de trabalhar na recém fundada clínica de Eitingon em Berlim, são completamente frustrados, ligando sua história definitivamente à história do pai. A partir daí, ela não só viajaria com ele para a execução de seus tratamentos médicos, como editaria e exporia sua obra, e o representaria nas mais diversas situações (Sayers, 1992, p. 145-146).

Embora tendo que passar um período razoavelmente longo inativo, Freud nem por isso descuidaria "dos seus" em 1923. Ao saber que em função da inflação que assola a Alemanha (e por precisar manter financeiramente os membros de sua família), Andreas-Salomé atende pacientes até dez horas por dia, Freud irrita-se muito. Sugere que ao invés desta atitude, que ele chama de "tentativa de suicídio mal dissimulada", ela aumente o preço das consultas, podendo assim diminuir o número de pacientes. Além disso, embora Andreas-Salomé não lhe peça nada, envia-lhe freqüentemente quantias generosas de dinheiro (Roudinesco & Plon, 1998, p. 24).

Helene Deutsch passa, por esta época, um tempo em Berlim, onde faz uma análise didática com Abraham e, aproveitando a distância do marido, tem um caso com o psicanalista Sandor Rado. Preocupado com esta tentativa de emancipação de Helene, Freud escreve a Abraham, pedindo-lhe para evitar que o tratamento resultasse na separação dos Deutsch, no que é atendido. Durante sua permanência em Berlim, Helene Deutsch escreve seu primeiro trabalho sobre a psicologia da mulher. Também em 1923, Horney, que se sente marginalizada em Berlim, emigra para os Estados Unidos, instalando-se em Chicago, onde um ex-aluno a nomeia diretora assistente do instituto que acabara de fundar. E o marido de Klein junta-se a ela e os filhos na capital da Alemanha (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 151/356 e Sayers, 1992, pp. 44/206).

Ainda em 1923, Ferenczi e Rank publicam uma obra intitulada *Perspectivas da Psicanálise – sobre a interdependência da teoria e da prática*, na qual propõem algumas inovações, o que provoca uma certa reação no grupo mais conservador do meio psicanalítico. Em fins desse ano, Rank publica a obra *O trauma do nascimento*, na qual defende que no momento do parto todo ser humano sofre um trauma, devido à separação biológica da mãe, o que o levaria a desejar inconscientemente a volta ao útero

materno. Essa tese⁵⁹ fugiria da concepção clássica do complexo de Édipo, por conferir uma especificidade ao desenvolvimento sexual da mulher. Em sua obra, onde considera a primeira separação biológica da mãe o protótipo da angústia psíquica, Rank teria feito uma crítica da teoria freudiana clássica, demasiadamente centrada – em sua opinião – no lugar do pai e no falocentrismo. Freud mostra-se, por um lado, bastante interessado na teoria de Rank mas, por outro, preocupado que ela pudesse significar a dissolução de todas as suas teorias sobre as neuroses. Ao receber uma carta de Abraham sobre o assunto, comparando Rank e Ferenczi a Jung, Freud imprudentemente repassa estas dúvidas a Rank que, por sua vez, as repassa a Ferenczi, provocando muita confusão (Jones, 1979b, pp. 620-629 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 642-643).

Em 1924, em função das discussões sobre a pertinência de suas novas teorias, Rank retira-se do *Comitê Secreto*. Freud, injustamente, culpa Abraham por isso. Anna Freud assume, a partir de então, o lugar de Rank no *Comitê*, e seria a única mulher a dele participar, em toda sua duração. Também no início de 1924, após o casamento de sua filha, Melitta, Klein separa-se do marido e inicia a sua segunda análise, desta vez com Abraham, de quem adotaria algumas idéias para desenvolver suas próprias perspectivas sobre a organização do desenvolvimento sexual. No VIII Congresso da *IPA*, Reich expõe seu conceito de "potência orgástica", que não é bem recebido pelos ortodoxos. Helene Deutsch apresenta seu trabalho sobre a psicologia da mulher, escrito em Berlim, que seria publicado no ano seguinte. Ela também assume a direção da *Policlínica Psicanalítica de Viena* neste ano – com Reich sendo nomeado diretor do *Seminário de Psicoterapia* desta instituição – e escreve um livro intitulado *Psicanálise das funções sexuais da mulher* (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 12 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 151/259/432).

Ainda no Congresso da *IPA*, Klein apresenta uma comunicação altamente controvertida sobre a psicanálise de crianças pequenas, na qual questiona alguns aspectos do complexo de Édipo, mostrando a internalização precoce que a criança faz de suas relações com a mãe. Além disto, demonstra a possibilidade de utilizar a técnica analítica em crianças quase sem alterações, do que Anna Freud viria a discordar veementemente. Klein é apoiada por Abraham e também por Jones, que iria tentar

⁵⁹ Baseada, como já visto, em Ferenczi.

convencer Freud a aceitar estas declarações "heréticas". Em setembro, Hermine von Hug-Hellmuth é assassinada por seu sobrinho, o que atingiria a psicanálise de forma bastante negativa. Em novembro, estimulado por esta tragédia, Fenichel cria, na *DPG*, um *Seminário de Crianças*, onde serão abordados tanto os problemas da psicanálise de crianças quanto a ligação entre política e psicanálise. Também neste mês, Rank despede-se de Freud, e parte para os Estados Unidos, onde iniciaria uma carreira bem sucedida (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 259/357/432/643/810).

Em dezembro do mesmo ano, Klein vai à Áustria, para fazer uma comunicação sobre a psicanálise de crianças na *WPV* e, nesta ocasião, confronta-se diretamente com Anna Freud. Estava aberto o debate sobre o que deveria ser a psicanálise de crianças: uma forma aperfeiçoada de pedagogia, levando-se em conta que a criança não busca a análise por seu próprio sofrimento, mas em função do sofrimento que provoca nos outros (Anna Freud), ou a oportunidade de exploração psicanalítica desde o nascimento (Klein). Também é a partir de 1924 que Reich passa a interessar-se mais seriamente pelas obras de Marx e Engels, buscando nelas uma origem social para as doenças psicológicas, e tentando conciliar os conceitos marxistas com os da psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 259/432/651).

O DESTINO DA MULHER

Ainda no primeiros meses de 1924, Freud escreve um artigo intitulado *A dissolução do complexo de Édipo*, possivelmente motivado pela publicação de *O trauma do nascimento*, de Rank. Neste texto, Freud afirma que o complexo de Édipo revela, cada vez mais, sua importância como fenômeno central da vida sexual infantil. Sua dissolução estaria relacionada com os desapontamentos sofridos pela criança, como por exemplo uma punição sofrida, de parte do pai, pela menina, ou o desvio da atenção que o menino recebe da mãe para um irmão recém-chegado. Mesmo que não ocorra nenhum acontecimento especial, a ausência de satisfação, seja da pulsão, seja do desejo de um bebê (que ocorre em ambos os sexos), levará a criança a desistir da relação incestuosa (Freud, 1976j, p. 217).

Por outro lado, por considerar o complexo de Édipo um fenômeno filogenético, Freud avança a possibilidade de sua resolução ocorrer de acordo com um programa

preestabelecido. Portanto, as condições para sua dissolução não seriam muito importantes. Apesar disso, pode ser interessante acompanhar o desenvolvimento das crianças até essa fase. Na fase fálica, contemporânea ao complexo de Édipo, o órgão masculino assume o papel principal – o genital feminino permanece irrevelado. A fase fálica é sucedida pelo período de latência. Na fase fálica, o interesse do menino pelo seu genital é demonstrado pela masturbação. O adulto responsável por sua educação, normalmente uma mulher, irá então ameaça-lo de cortar o pênis fora. Ou então, ameaçará cortar-lhe a mão. Outras vezes, a ameaça de cortar o pênis surge devido à incontinência urinária noturna, relacionada (provavelmente de forma correta) com a masturbação – a enurese noturna corresponde à poluição nos adultos. Freud afirma que, em sua opinião, é a ameaça de castração que ocasiona a dissolução da fase fálica (Freud, 1976j, pp. 218-219).

Freud afirma que, alguns autores deram importância a duas experiências anteriores pelas quais todas as crianças passam, ligando-as à ameaça de castração, por estarem relacionadas à perda. Essas experiências seriam o desmame, e a exigência de que eliminem suas fezes. Contudo, sem uma outra experiência, muito mais importante, os meninos não relacionarão as experiências de perda anteriores à castração. Essa outra experiência é a visão dos órgãos femininos (Freud, 1976j, pp. 219-220).

Durante o complexo de Édipo, "a criança" pode colocar-se no lugar do pai, e desejar ativamente relacionar-se com a mãe, ou pode colocar-se no lugar da mãe, desejando relacionar-se passivamente com o pai. Embora tenha noções muito vagas de como ocorre a relação sexual adulta, pressente que o pênis deve desempenhar uma parte importante nela. Sua aceitação da possibilidade de castração, ao verificar os órgãos sexuais femininos, a leva a desistir tanto da satisfação ativa (que teria como castigo a castração) como da passiva (que teria na castração sua precondição). Ocorre então um conflito entre o narcisismo ligado ao pênis e o investimento libidinal em seu objeto incestuoso, sendo que o primeiro predomina na maior parte das vezes⁶⁰ (Freud, 1976j, pp. 220-221).

⁶⁰ Todas as afirmativas de Freud neste parágrafo parecem ser marcadamente influenciadas pelo artigo anterior de Horney: *Sobre a gênese do complexo de castração na mulher*. Pode haver, contudo, uma resistência de Freud a essas hipóteses, tendo em vista que, ao discorrer sobre a possibilidade de identificação do menino, tanto com o pai, quanto com a mãe, usa todo o tempo a palavra assexuada *criança*.

Então os investimentos objetivos são abandonados, e substituídos por identificações, a autoridade dos genitores é introjetada ao ego, formando o núcleo do superego, perpetuando a proibição do incesto, e evitando o retorno do investimento libidinal. Essas tendências libidinais incestuosas são em parte sublimadas (como possivelmente ocorre sempre que há uma transformação da libido em identificação), e em parte transformadas em pulsões afetivas. Se, por um lado, esse processo preserva o pênis, evitando a castração, por outro lado, paralisa este órgão, ao remover sua função – introduzindo o período de latência. O afastamento do ego do complexo de Édipo pode ser visto como um recalçamento, mas é mais do que isto, pois representa uma destruição do complexo. Isso delimitaria a linha entre o normal e o patológico: quando o complexo edípico é apenas recalçado, ele permanece inconsciente, manifestando mais tarde seus efeitos patológicos (Freud, 1976j, pp. 221-22).

Como se realizaria o desenvolvimento correspondente nas meninas? Nesse ponto, o material torna-se muito mais obscuro e cheio de lacunas. Também no desenvolvimento do sexo feminino são encontrados um complexo de Édipo, um superego e um período de latência. Mas há diferenças no tocante à organização fálica e ao complexo de castração:

Aqui a exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico. "A anatomia é o destino", para variar um dito de Napoleão. O clitóris da menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que "se saiu mal" e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para a inferioridade. [...]. Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como sendo um caráter sexual; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuía um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração. Ela parece não estender essa inferência de si própria para outras mulheres adultas, e sim, inteiramente segundo as linhas da fase fálica, encará-las como possuindo grandes e completos órgãos genitais – isto é, masculinos. Dá-se assim a diferença essencial de que a menina aceita a castração como fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência (Freud, 1976j, pp. 222-223).

Como a menina não teme a castração, deixa de haver um motivo poderoso para o estabelecimento do superego e para a dissolução do Édipo que, para ocorrerem, dependerão então da ameaça de perda de amor. A resolução edípica para menina é muito mais simples que para o menino, pois consiste em assumir o lugar da mãe e adotar uma atitude feminina em relação ao pai. Na tentativa de uma compensação para a

renúncia ao pênis, a menina desliza ao longo da linha de uma equação simbólica, que a leva ao desejo de um bebê. Seu complexo de Édipo culminaria no desejo de receber do pai um bebê como presente – sendo a própria situação edipiana abandonada gradativamente em função da não realização deste desejo. Contudo, esses dois desejos – de possuir um pênis e um filho – permanecerão fortemente investidos no inconsciente da pessoa de sexo feminino, ajudando na preparação de seu papel posterior (Freud, 1976j, pp. 223-224).

Como o sadismo presente em sua pulsão sexual é menor, torna-se mais fácil, no caso da menina, que as tendências sexuais diretas transformem-se em tendências inibidas em seu objetivo, ou seja, tendências de tipo afetivo. Freud admite, então, que sua compreensão do processo de desenvolvimento na menina é "insatisfatório, incompleto e vago". E embora considere que as relações cronológicas descritas neste texto entre o Édipo, a ameaça de castração, o superego e a latência seriam típicas, assevera que podem não ser as únicas possíveis. Termina seu texto afirmando que, desde a publicação de *O trauma do nascimento*, de Rank, não é possível aceitar, sem maiores discussões, a conclusão de que o complexo de Édipo no menino é destruído pelo temor da castração. Mas considera que tais discussões seriam prematuras, e uma crítica da opinião de Rank desaconselhável neste momento (Freud, 1976j, 224).

Considerando todo este artigo de Freud, pode-se perceber algumas afirmativas originais em sua pena. Uma delas é a de que, na pessoa "normal", o complexo de Édipo é completamente destruído. Quando é apenas recalado, irá reaparecer na vida adulta em forma de patologia. Embora Freud já estivesse se encaminhando para essa conclusão em seus textos anteriores, ao colocar paulatinamente o complexo de Édipo no cerne das neuroses, há também afirmativas anteriores de que este complexo nunca é abandonado por completo, sendo o investimento libidinal incestuoso transferido para outros objetos. Por outro lado, se for mantida a linha deste texto de 1924, a afirmativa de que o desejo de um pênis ou de um filho (do pai) é mantido no inconsciente da mulher, parece equivaler a uma impossibilidade de saúde psíquica para o sexo feminino.

Com relação ao texto literal supracitado, Freud inicia dizendo que "a exigência feminista de direitos iguais para os sexos" seria derrubada pelo fato de uma anatomia diferente levar também a diferentes desenvolvimentos psíquicos. Resta perguntar no que

o desenvolvimento psíquico diferenciado de meninos e meninas deve afetar os *direitos* de homens e mulheres adultos. Ao afirmar que anatomia é destino, e que a falta de um pênis é vista pela menina como um fundamento para a inferioridade (que não questiona), Freud parece querer confirmar a visão social sobre os sexos: a mulher é realmente um ser inferior, por isso com menos direitos que os homens. De uma fantasia (de resto, nada universal) das meninas, passa-se para uma declaração do valor de cada indivíduo em função de seu sexo.

Birman (2001, p. 46) considera que a retomada da frase de Napoleão por Freud inscreve a teoria freudiana no modelo de dois sexos. Porém, por não haver em Freud neste momento⁶¹ nenhuma relação direta entre *anatomia e função* (típica do modelo binário de sexualidade), mas sim entre *anatomia e valor*, pode-se continuar afirmando, com Laqueur (2001, p. 8), que o modelo de sexo único é dominante na teoria freudiana. Como argumento, vale ressaltar ainda a afirmativa de Freud de que a menina pensa que as mulheres adultas possuem um "órgão genital completo" – o masculino. Seria então o genital feminino sem valor porque incompleto?

MULHER, VOCÊ NÃO PASSA DE UMA VAGINA...

O ensaio de Helene Deutsch, apresentado no Congresso da *IPA* de 1924, intitula-se *A psicologia da mulher em relação com as funções de reprodução*. Neste artigo, onde retoma as teses de Freud, Helene Deutsch faz uma relação direta entre sadismo/masculino e masoquismo/feminino. Afirma que, na passagem para a vida sexual adulta, o homem alcançaria a etapa final de seu desenvolvimento ao descobrir a vagina no mundo externo e dela tomar posse de forma sádica. Já a mulher precisaria descobrir a vagina em seu próprio corpo, e este descobrimento se daria pela submissão masoquista ao pênis. O pênis tornar-se-ia, desta forma, o guia que conduziria a mulher a esta nova forma de prazer. A fase final, que permitiria alcançar definitivamente uma atitude feminina, não consistiria em uma gratificação do desejo infantil da posse de um pênis, mas de uma plena realização da vagina como órgão de prazer. A vagina deveria então, tornar-se para a mulher o mesmo que o pênis (segundo afirmara Ferenczi em

⁶¹ E haverá em outro, a não ser na defesa do orgasmo vaginal?

Thalassa) é para o homem: um "eu em miniatura", um "duplo do eu" (Deutsch, 1979, pp. 43-44).

Embora a afirmativa de que o pênis do homem é que levaria ao "descobrimento" da mulher de sua vagina (o que equivale a dizer que é neste contato que se dá a erotização do genital feminino), seja de suma importância na construção de um entendimento deste processo, ao afirmar que a mulher *se submete ao pênis de forma masoquista*, Deutsch estaria inaugurando sua concepção inabalável de que está é a única forma de prazer para o sexo feminino. Além disso, quando assevera que a vagina deveria então tornar-se um *alter ego* para a mulher, da mesma forma que o pênis (segundo Ferenczi em *Thalassa*) é para os homens, parece ambicionar para o sexo feminino uma fixação narcísica doentia, pois, em sendo feita realmente esta relação do homem com seu pênis, é disto que se trata. Identificar-se com o corpo, sentir-se ligado a ele, é uma coisa (esta será a proposta, inclusive, das psicoterapias corporais). Mas identificar-se exclusivamente com o órgão genital, é outra bem diferente, pois significa reduzir-se – seja biologicamente, seja psiquicamente – ao sexo.

Helene Deutsch retoma então as fases de desenvolvimento propostas por Freud. Afirma que o desmame representa uma ferida narcísica, pois a criança consideraria o seio materno como uma parte de seu próprio corpo, investido por sua libido narcísica (da mesma forma que o menino fará, posteriormente, com seu pênis). Em seguida, a criança perceberia a mãe como algo separado, e ela tornar-se-ia seu primeiro objeto de amor. Já nesta fase, a menina agregaria a figura do pai como objeto de amor, e desejaria sugar seu pênis como se fosse um seio⁶². Na fase sádico-anal, o pênis perderia seu significado de órgão de sucção, passando a ser tido como um órgão de poder. O coito é concebido como um ato sádico, no qual a mãe desempenha o papel masoquista. Nesta fase, o alvo ativo seria alcançado com a passagem do bolo fecal pelo ânus. Helene Deutsch retoma então o desenvolvimento embrionário, com a origem "cloacal" do ânus e da vagina, afirmando que, contudo, a menina não irá passar do erotismo anal para o vaginal, por ser dificultada pela irrupção da libido clitoridiana na fase fálica. Reafirma então as idéias de Freud, de que o clitóris "masculino" só "abandona sua libido" em

⁶² Esta teoria é tida por muitos como sendo original em Klein. Resta saber quanto de suas teses ela já havia exposto quando Helene Deutsch apresenta seu ensaio no Congresso. Vale ressaltar que Deutsch cita a obra *Thalassa*, de Ferenczi, incontáveis vezes em seu artigo.

favor da vagina depois de grande luta, assim mesmo não decisiva (Deutsch, 1979, pp. 43-44).

Embora na parte de seu artigo citada mais acima Deutsch tenha afirmado que a relação sexual adulta é responsável pela erotização da vagina, parece contudo acreditar na ligação deste erotismo com o oral e o anal, talvez sob a influência de Ferenczi. Ao afirmar que a libido clitoridiana dificulta essa transferência, fica-se em dúvida se ela defende ou não sensações precoces na vagina.

Deutsch segue afirmando que o clitóris é um substituto muito insuficiente do pênis, pois, mesmo na atividade masturbatória mais intensa, não pode concentrar a mesma quantidade de energia. Além disso, toda tentativa de aplacar a inveja do pênis, dizendo à menina que ela também tem algo, estaria condenada ao fracasso, pois a posse de algo que não se vê nem sente não pode ser satisfatória. Helene Deutsch afirma também que a mulher, pelo fato de o clitóris exercer uma menor tirania que o pênis, pode seguir por toda a vida sendo mais "perversa polimorfa", mais infantil, tendo o corpo inteiro como um órgão sexual. A libido descolada do clitóris, *provavelmente pelas eclosões hormonais*, refluiria então pelo corpo todo. Assim (como diria Ferenczi em *Thalassa*), a mulher estaria apegada a uma existência uterina nas questões sexuais. Na puberdade e na adolescência, a libido deve convergir para a vagina, vinda de todo o corpo mas especialmente do clitóris, que teria conservado um certo grau de investimento. Contudo, além da dificuldade do clitóris abandonar seu papel, a menarca reavivaria na menina a "ferida da castração". Posteriormente, toda menstruação estaria associada à decepção de uma gravidez frustrada, apesar de também exercer uma influência erotizante preparatória sobre a vagina (Deutsch, 1979, pp. 43-47).

No texto supracitado, pode-se questionar de onde Deutsch tira a afirmação de que a intensidade do orgasmo clitoridiano não corresponde à do peniano. Se for preciso apelar para as pesquisas de sexólogos, o que eles afirmam é exatamente o contrário. Talvez Deutsch tenha comparado o orgasmo de um homem adulto com aqueles que sentia quando criança, através da masturbação. Ora, sabe-se que, na criança de ambos os sexos, a descarga sexual é totalmente incompleta. Seguindo seu raciocínio, pode-se perguntar quando é que se tenta dizer à menina que, no lugar do pênis, ela tem uma vagina – o que se diz é que ela poderá ter filhos. Prosseguindo, a libido da mulher não

precisa "descolar-se do clitóris" para passar para todo o corpo (como na situação uterina), para depois ser concentrada novamente na vagina. É justamente a genitalidade (sensibilidade vaginal) que leva a mulher a um orgasmo que se expande mais pelo corpo todo.

E vale ressaltar sua tentativa de considerar que a libido seria retirada do clitóris em função de uma influência dos hormônios⁶³. E considerar que a menarca reaviva as fantasias de castração – quando para algumas meninas é recebida como uma marca de sua entrada na vida adulta – e que os posteriores sangramentos menstruais são recebidos com a decepção de uma gravidez – quando algumas mulheres (especialmente nesta época) ficarão muito felizes em saber que passaram mais um mês sem engravidar – parece ser analisar todas as ocorrências corporais femininas em relação a seus próprios sentimentos, tendo em vista suas dificuldades em engravidar, e seus abortos sucessivos. Por fim, acreditar que *qualquer coisa* que passe pela vagina (como o sangue menstrual) tenha o poder de erogeniza-la, é ir um pouco longe demais.

Deutsch prossegue afirmando que a principal influência erotizante sobre a vagina seria o pênis, primeiramente tirando a libido de todo o corpo, da mesma forma que, após o parto, teria feito o seio materno. A vagina, na equação pênis/seio, assume então o papel da boca que suga, papel para o qual estaria preparada por toda sua estrutura anatômica. Em segundo lugar, o pênis retiraria a concentração libidinal do clitóris, que renunciaria a sua função "masculina" em função do pênis que "aborda o corpo a partir do exterior". A atividade orgástica da vagina seria completamente análoga à do pênis, considerando o processo de secreção e contração. Assim, as funções vaginais são criadas por uma identificação com o pênis que seria reconhecido como pertencendo ao próprio corpo da mulher, ajudando-a a superar o "trauma" da castração (Deutsch, 1979, pp. 47-48).

A capacidade do pênis, descrita acima por Deutsch, de "retirar a libido daqui", "colocá-la então ali", parece investi-lo de qualidades mágicas. Já a renúncia de erotismo do clitóris em função do pênis remete (ainda de forma mágica), a uma antropomorfismo dos órgãos sexuais: como chegou alguém mais forte, é melhor eu ceder meu lugar. E,

⁶³ O que, possivelmente, seria a explicação de Freud, já que este relaciona a passagem do erotismo clitoridiano para o vaginal à entrada da menina na puberdade.

novamente, vale perguntar de onde Deutsch tira a idéia de que o orgasmo vaginal corresponde ao peniano. A ter que apelar novamente aos sexólogos, o orgasmo vaginal é tido como muito mais intenso – justamente por propagar-se por todo o corpo. E se as "funções vaginais" (sensibilidade, decerto) fossem criadas por uma identificação introjetiva com o pênis, então Freud estaria completamente equivocado ao afirmar que o orgasmo vaginal é mais saudável que o clitoridiano, pois sem dúvida tratar-se-ia de uma regressão patológica. Vale também lembrar que não há um "trauma" de castração, mas apenas (e isto *quando* ocorre), um complexo.

Para Deutsch, a mulher, no coito, identificar-se-ia com o bebê (relação pênis/seio) e também com a mãe, ao viver masoquisticamente o ato sexual. Estas duas identificações encontrariam prorrogação na gravidez, onde a mulher é, realmente, a mãe e o bebê ao mesmo tempo. Considerando que a única função do orgasmo é a gravidez, na mulher esta função só estaria concluída com o parto. Assim, o orgasmo da mulher no coito só ocorreria por ser o prenúncio do "prazer" do parto. E, como Freud teria afirmado que a pulsão de morte só atinge sua plena força quando as pulsões sexuais deixam de atuar, e que a libido diminui com a sua gratificação, então, os temores de morte que precedem o parto – que seria para a mulher "uma orgia de prazer masoquista" – não passariam de uma premonição da liberação da pulsão de morte. Para a mulher, o parto significa o fim do ato sexual, que o coito só inaugura, pois no parto se daria a gratificação última da pulsão erótica que é a separação de soma e germe (nova referência a *Thalassa*, de Ferenczi). Deutsch relaciona também toda a sintomatologia normal da gravidez a uma regressão da mulher às fases do desenvolvimento infantil (Deutsch, 1979, pp. 48-53).

Deutsch afirma também que, se o homem controla seu ideal de ego por suas múltiplas sublimações, a mulher tem no filho sua única forma de sublimação, pois ele representaria seu ideal de ego, passando a ser o suporte de toda a perfeição que anteriormente a mulher imaginava em seu pai. Por outro lado, na amamentação, a mulher superaria o trauma do próprio desmame. As contrações uterinas que podem ocorrer na mulher que amamenta, seriam a demonstração que o útero teria posto fim a suas funções, em favor do seio. Termina afirmando que, sem a existência do clitóris com suas tendências viris, a vida da mulher seria muito mais serena e simples (Deutsch, 1979, pp. 49/53-54/58).

Segundo Birman (2001),

nessa interpretação Deutsch reenvia a figura da mulher para o pólo do masoquismo, no qual esta fora alocada na tradição ética do cristianismo [...]. Portanto, a figura da mulher foi redesenhada por Deutsch no mesmo lugar que sempre ocupou na tradição ocidental (p. 212).

Para além disso, considerando o número de mulheres que morrem ao parir (especialmente nesta época), relacionar o medo do parto à uma antevisão da "orgia de prazer masoquista" que ocorreria neste ato, em função de uma associação entre prazer e pulsão de morte, é extrapolar, em muito, as considerações freudianas. Sua afirmativa de que a única forma de sublimação possível à mulher é a maternidade, leva a questionar como isso pode ser dito por uma mulher que trabalha, estuda, escreve. E vale ressaltar que a maternidade *não constitui* absolutamente uma forma de sublimação. A sublimação é tida por Freud como toda atividade *eminente humana* que persegue outro objetivo que não a satisfação sexual, levando a uma forma de descarga libidinal substitutiva. Deutsch também desconsidera todos os processos hormonais envolvidos na gravidez, no parto e na amamentação, substituindo-os por processos psíquicos. E quanto a sua afirmativa de que o clitóris apenas atrapalha a felicidade da mulher, parece ser uma defesa da circuncisão feminina⁶⁴.

NÃO SEI NADA SOBRE ESTE ASSUNTO QUE TRAZES À TONA⁶⁵

Em dezembro de 1924, Abraham e Freud trocam quatro cartas voltadas, principalmente, ao desenvolvimento sexual da menina. A liberdade de tom própria da correspondência, faz desta breve permuta um momento privilegiado, por alcançar as questões do conflito teórico-clínico. Em sua carta de 3 de dezembro de 1924, Abraham

⁶⁴ A circuncisão de meninas (que ocorre na África do Sul, por exemplo), embora tenha sido proibida pela ONU, é praticada até hoje. Uma mulher sem nenhum treinamento médico, portando muitas vezes uma lâmina de barbear enferrujada, retira (com a anuência dos pais da menina, que consideram este "ritual" necessário para sua "purificação") os grandes lábios, o clitóris, e depois costura a vagina deixando apenas um orifício mínimo para a passagem do sangue menstrual (e tornando a primeira relação sexual obviamente mais dolorosa do que já costuma ser). Contudo, se a circuncisão feminina na África é um assunto bastante discutido nos dias que se seguem, sua prática em outras sociedades, como em tribos peruanas, por exemplo, são bem menos conhecidas. Os motivos apontados pelos praticantes para a manutenção do rito variam desde situações que seriam evitadas ou provocadas na mulher pela circuncisão – "tirar o mau cheiro", "engordar", "evitar que se torne ociosa", "evitar que cresça um pênis ali" – até a explicação tautológica de que "a verdadeira mulher não tem clitóris", "sem isso ela seria discriminada" e, enfim, que "este é o costume" (Labate, 2002).

⁶⁵ Da música *Não me pergunte a hora*, de Ney Lisboa e Augusto Licks.

teria feito um elogio ambíguo a Freud ao dizer que sua concepção da mudança das zonas diretrizes na mulher, na puberdade, revelam-se exatas na prática. Ao usar o termo "zonas diretrizes", Abraham já introduz um questionamento: qual a zona subordinada que, na infância, submete-se assim à dominação clitoridiana? De que natureza seria essa subordinação, de uma zona que permanece inominada, ao clitóris diretor? Abraham prosseguiria dizendo ter, contudo, questionado se não há, já na primeira infância da mulher, uma eclosão da libido vaginal, que seria destinada ao recalçamento, devido à predominância do clitóris como expressão da fase fálica. Sendo esta concepção justa, ela traria a vantagem da compreensão do complexo de Édipo da menina à partir de uma reação vaginal primitiva ao pênis do pai, sob a forma de contrações espontâneas, por exemplo, e a mudança das zonas diretrizes no momento da puberdade seria a renovação da situação original (André, 1991, pp. 7-8).

A hipótese de Abraham de uma erogeneidade precoce da vagina não consiste apenas em ajuntar um pólo de excitação às zonas existentes, mas leva a uma reviravolta da gênese infantil da sexualidade na mulher: a direção clitoridiana (na fase fálica), apareceria como secundária, não mais como primária. Neste caso, o desconhecimento da vagina na infância deve ser considerado como fruto de um recalçamento. Abraham teria se esforçado em minimizar para Freud o alcance de sua hipótese, dizendo não se tratar senão de um pequeno complemento que, longe de se opor, encaixa-se muito bem à teoria dele. Na verdade, é toda uma outra teoria: a idéia de uma reação vaginal primitiva ao pênis do pai remete a uma proximidade tão grande quanto possível entre a sexualidade adulta e a infantil: as contrações vaginais espontâneas são, para a menina, o mesmo que as primeiras ereções do pênis para o menino. O que se coloca, portanto, entre Freud e Abraham, não é a questão de uma simples alternativa entre precocidade e maturidade (André, 1991, pp. 7-9).

Freud responderia a Abraham em 8 de dezembro de 1924, demonstrando interesse pela sua teoria e afirmando ser para ele próprio um assunto extremamente obscuro a questão feminina, por *não saber absolutamente nada* a respeito do papel da vagina na sexualidade infantil. Teria acrescentado que, se Abraham pretendia fazer de suas idéias um artigo, ele gostaria de conhecê-las antes, mas que podia esperar. Segundo seu julgamento, seria preciso deslocar a participação vaginal para as manifestações anais. A vagina seria, com efeito, uma aquisição tardia da separação com a cloaca.

Encorajado por Freud, Abraham teria precisado suas interrogações na carta seguinte, de 26 de dezembro. Colocaria claramente suas dúvidas a respeito da possibilidade da transmissão da sensibilidade do clitóris para a vagina, na puberdade, poder ocorrer sem que tenha acontecido antes no sentido inverso. A fase anterior (fálica), diria Abraham, presume ter como alvo a recepção do pênis (antecipação do alvo definitivo). A abertura que está destinada a isso parece ter também um caráter cloacal, devendo-se supor, continuaria Abraham, que as sensações e contrações da vagina estão relacionadas às sensações e contrações anais (André, 1991, pp. 9-11).

Na realidade, Abraham aproveita a colocação de Freud de que a vagina é uma aquisição tardia da cloaca, e ultrapassa aí, largamente, a idéia freudiana, para quem, na verdade, a cloaca é principalmente uma teoria, uma fantasia sexual infantil para explicar a saída do bebê do ventre da mãe. Mas nesta teoria infantil, não há confusão, a não ser na ordem das representações, e ainda é o adulto que nomeia cloacal aquilo que, para a criança, parece ser, claramente, anal. Seguindo bem a teoria freudiana, a teoria infantil não demonstra uma confusão entre anal e genital, mas uma ignorância da vagina, sua inexistência, inclusive para o inconsciente. O ponto de vista dominante em Freud, da ignorância/inexistência da vagina até a puberdade, não é negado por haver, em um ou outro texto seu, material de onde se possa levantar a possibilidade de uma derivação libidinal da vagina à partir da cloaca. Quando Freud menciona explicitamente as sensações vaginais precoces é para negá-las (André, 1991⁶⁶, pp. 11-12).

PEDRAS QUE ROLAM

Em 1925, Klein faz amizade, em Berlim, com Alix Strachey, também analisanda de Abraham. Com a ajuda do marido, que então se encontra em Londres, e com o apoio de Jones, Strachey introduz Klein na *BPS*, na qual, em meados do ano, ela faz uma série de conferências. Este tempo na Inglaterra a encanta, despertando nela o desejo de ali se estabelecer. Também neste ano, Anna Freud cria, juntamente com outros importantes discípulos vienenses, um *Seminário de Crianças*, com o intuito de garantir a formação de analistas capazes de aplicar os princípios da psicanálise à educação de crianças – já

⁶⁶ Embora tenha sido utilizado, aqui, o texto de André de 1991, toda essa discussão encontra-se também em seu livro publicado no Brasil em 1996, entre as páginas 25 e 31.

que este é seu conceito da análise infantil. Nesse mesmo ano, Anna conhece Dorothy Burlingham, que abandonara o marido em Nova York, sua cidade natal. Essa mulher, quatro anos mais velha, torna-se a melhor amiga de Anna, que através de seus filhos, pode realizar seu desejo de maternidade (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 97/258/432).

Em junho desse ano, Abraham apresenta sintomas visíveis de bronquite. O que será diagnosticado como um pedaço de espinha de peixe que, engolido, se instalara nos brônquios é, mais provavelmente, um câncer de pulmão. Abraham melhora o suficiente para, em julho, passar as férias na Suíça e, em setembro, participar do Congresso da *IPA* no interior da Alemanha. O esforço dessa viagem seria demais para a constituição enfraquecida de Abraham, que piora da doença, voltando a sentir-se bem em meados de outubro. Encontra-se então sob os cuidados de Fliess, o que desagradava a Freud. No Congresso desse ano, inicia-se a burocratização da *IPA* (Gay, 1999, pp. 438-439 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 811). Nesse Congresso, Anna Freud apresenta um artigo do pai, referente à questão da diferença sexual. **Josine Müller**⁶⁷ também contribui com um ensaio a esse respeito – que, contudo, só seria publicado em 1932.

Também nessa época, Freud conhece pessoalmente **Marie Bonaparte**, que lhe havia escrito pedindo para ser analisada por ele, encontrando-se, então, à beira do suicídio. Devido ao fato de Bonaparte ter se submetido a uma cirurgia para o deslocamento do clitóris, Freud lhe teria dado para ler *Neger Eros*, de Felix Bryk. Nesta obra, o autor argumenta que as tribos Nandi, na África, extirpam o clitóris de meninas núbéis para encorajá-las a transferir a sensibilidade orgástica para a vagina, como Bonaparte supunha, e não para suprimir seu prazer. Freud teria incentivado Bonaparte a investigar esta hipótese. Suas investigações não são conclusivas, mas ela desenvolve uma formulação teórica da transferência da sensibilidade erótica que se encaixa (embora de maneira crítica) na teoria freudiana sobre a sexualidade da mulher, pois defende a idéia de que as mutilações impostas às mulheres africanas constituem a contrapartida física das intimidações psíquicas impostas na infância às meninas européias. Os povos "civilizados" reforçariam o investimento por meios menos violentos. Essa observação é

⁶⁷ Não foi possível encontrar nenhum dado biográfico sobre essa autora, sequer sua data de entrada na psicanálise. Sabe-se apenas que é formada em medicina. Por isso, apesar de sua contribuição para a discussão da sexualidade feminina, seu nome e dados pessoais não constam no Apêndice ao final deste trabalho.

irônica, considerando-se a cirurgia que ela própria sofreu e o fato de ter coletado casos de extirpação ocorridos também na Europa (Laqueur, 2001, pp. 286-287 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 81-82).

Paralelamente, Abraham piora de seus sintomas outra vez. No começo de dezembro, Freud se encontra visivelmente angustiado com a doença do amigo, principalmente por não se encontrar, então, em condições físicas de ir a Berlim, devido a sua própria doença. Em 25 de dezembro de 1925, morre Karl Abraham, aos 48 anos. Sua morte é tida como uma grande perda para o movimento psicanalítico, e em especial para Freud, que faz questão de comparecer à sessão da *WPV* em homenagem àquele que chamava de "rocha de bronze" (Gay, 1999, pp. 438-439).

Ainda em 1925, ocorre o casamento entre Hans Lampl e Jeanne De Groot – que passa a se chamar Jeanne Lampl-de Groot. O casal instala-se em Viena, e a admiração de Jeanne por Freud provocaria muitos ciúmes em Hans. E, neste mesmo ano, morre também Josef Breuer. Freud dirige a seu filho uma carta de condolências, a qual é respondida com a garantia de que Breuer mostrara interesse, por toda a vida, pela obra de Freud. A resposta de Freud demonstra alívio e alegria por poder, mesmo que depois de sua morte, resgatar a relação com esse homem que havia sido tão importante no início de sua carreira (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 94/459).

ELE É O HOMEM, E EU SOU APENAS UMA MULHER...⁶⁸

O artigo de Freud apresentado por Anna no Congresso de 1925, e publicado no mesmo ano, é intitulado *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*. Nesse texto, Freud afirma que, em sua entrada no complexo de Édipo, o menino retém o mesmo objeto em que havia investido sua libido no período precedente: a mãe. Porém, pode acontecer também do menino adotar a posição feminina, desejando então tomar o lugar da mãe como objeto de amor do pai. Mas então Freud acrescenta um dado que faz com que sua última colocação torne-se incompreensível: o de que a identificação⁶⁹ do menino com o pai precede o complexo de Édipo, e encontra-se então livre de qualquer sentimento de rivalidade. Quanto à atividade masturbatória desta fase,

⁶⁸ Da música *Esse cara*, de Caetano Veloso.

⁶⁹ Em textos anteriores, já é possível perceber uma certa confusão, na pena de Freud, entre escolha de objeto e identificação. Parece que ambos se sobrepõem.

Freud assevera não poder afirmar se ela é decorrência direta dos impulsos incestuosos, ou se aparece espontaneamente, para então ser vinculada ao Édipo – embora seu posicionamento tenda para a segunda opção. Quando o menino descobre a diferença sexual, pode inicialmente demonstrar desinteresse, rejeitar o que viu, ou tentar colocar o fato de acordo com suas expectativas. Somente mais tarde, sob a ameaça de castração, é que a diferença se torna importante, pois passa a acreditar na possibilidade de ser castrado. Diante disso, há duas possibilidades de reação (permanente) com relação ao sexo oposto: horror ou desprezo (Freud, 1976k, pp. 310-311/313-314).

Nas meninas, o complexo de Édipo levantaria um problema a mais. Sendo a mãe, em ambos os sexos, o objeto original, a menina necessitará trocar de objeto na fase edípica. Essa troca será facilitada pelo processo anterior à entrada da menina no Édipo, onde ela descobre a diferença sexual, enchendo-se de inveja do pênis, por ser um órgão maior e mais visível que o clitóris. Freud afirma acreditar então que, no caso da menina, a curiosidade sexual é despertada pela descoberta das diferenças anatômicas, e não – como defendera em textos anteriores – pela origem dos bebês. A inveja do pênis levaria a um desejo de possuí-lo, desejo este que pode persistir até uma idade tardia. Ou então, a menina pode recusar o fato de ser castrada, acreditar que realmente possui um pênis, e comportar-se como homem (Freud, 1976k, pp. 312-315).

As conseqüências psíquicas da inveja do pênis, na medida em que não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, são várias e de longo alcance. Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida de seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade. Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual, é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto⁷⁰ e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser com um homem (Freud, 1976k, p. 315).

A inveja do pênis é facilmente deslocada para o ciúme, que embora seja comum a ambos os sexos, desempenha um papel bem maior na vida psíquica das mulheres que na dos homens, em função do reforço desse deslocamento. Uma outra conseqüência da inveja do pênis seria o enfraquecimento da relação da menina com a mãe, a quem ela consideraria culpada por sua falta deste órgão. Com freqüência, isso encontra-se ligado

⁷⁰ É interessante perceber que, nesta citação, Freud coloca o desprezo dos homens pelas mulheres (anteriormente visto como uma *possibilidade*) quase como universal. E o justifica, afinal a mulher é inferior em um aspecto muito importante.

ao fato da menina, logo após a descoberta de que seus órgãos "são insatisfatórios" demonstrar ciúmes de outra criança, da qual sente que a mãe gosta mais. Retomando a fantasia "uma criança é espancada", Freud afirma que, na primeira forma de manifestação, a criança que é espancada (ou acariciada) pode ser o próprio clitóris, de forma que a fantasia pode ser uma confissão de masturbação, associada ao ciúme sentido em relação ao irmão ou (irmã) predileto (Freud, 1976k, pp. 316-317).

A descoberta da "inferioridade do clitóris" (e a conseqüente inveja do pênis), levaria também as mulheres a tolerarem menos a masturbação, lutando mais freqüentemente contra ela.

A experiência sem dúvida trará à tona inumeráveis exceções a essa afirmativa se tentarmos transformá-la em regra. As reações de indivíduos humanos de ambos os sexos naturalmente se constituem de traços masculinos e femininos. Não obstante, pareceu-me que a masturbação está mais afastada da natureza das mulheres que da dos homens e a solução do problema poderia ser auxiliada pela reflexão de que a masturbação, pelo menos do clitóris, é uma atividade masculina, e que a eliminação da sexualidade clitoridiana constitui condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. Análises do período fálico remoto ensinaram-me [...] que nas meninas, logo após os primeiros sinais de inveja do pênis, manifesta-se uma intensa corrente de sentimento contra a masturbação [...]. Esse impulso é claramente um precursor da onda de repressão que, na puberdade, extinguirá grande quantidade da sexualidade masculina na menina, a fim de dar espaço ao desenvolvimento de sua feminilidade. Pode ser que essa primeira oposição à atividade auto-erótica não logre atingir seu fim. E com efeito, esse foi o caso nos exemplos que analisei. [...] a oposição [...] levantada pelas meninas à masturbação fálica [deve-se a] seu sentimento narcísico de humilhação ligado à inveja do pênis (Freud, 1976k, pp. 317-318).

Vale ressaltar vários pontos no texto supracitado. Primeiramente, ao afirmar que a tese de que as mulheres resistem mais à masturbação tem várias exceções, Freud complementa seu pensamento retomando a constituição bissexual dos seres humanos. Ou seja, homens mais femininos resistiriam mais à masturbação, mulheres masculinas, menos. Ora, isso equivale a dizer que é uma característica feminina o repúdio à masturbação. Mesmo que essa feminilidade se encontre nos homens. Fica-se no mesmo lugar, portanto. Em seguida, Freud retoma sua idéia recorrente da masturbação do clitóris ser uma atividade masculina. Um pouco adiante, afirma que, nos casos que analisou, o repúdio à masturbação na fase fálica não havia logrado êxito. A ser considerado o número de mulheres que até então Freud teria analisado, parece que o

máximo que se poderia deduzir de suas afirmativas é que as mulheres tentam "vencer" a masturbação com maior veemência, mas não que ela seja menos comum nas mulheres.

Em textos anteriores, Freud justifica a tentativa de abandono da masturbação, na infância, por sua ligação com fantasias incestuosas, não tendo a inveja do pênis nenhuma relação com este fato. E, em especial em *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* (1976h), a rivalidade da menina com a mãe ocorre em função da luta pelo pai como objeto amoroso, e não (novamente) da inveja do pênis. Parece que, a partir do presente artigo, *a inveja do pênis tornar-se-á a panacéia para explicar todo o desenvolvimento sexual da mulher*.

Freud afirma também, neste texto, que posteriormente a menina abandona o desejo por um pênis e passa a desejar um filho. Com este alvo, sua libido será investida no pai, que se torna então seu objeto. Aponta então para *um* caso clínico em que a paciente afirmava ter sentido, por essa época, sensações vaginais. Assim, enquanto o complexo de castração leva o menino à dissolução do Édipo, na menina ele o precede. O complexo de castração sempre inibe a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença no desenvolvimento entre os sexos se deve, portanto, à diferença entre a ameaça de castração, e sua execução (Freud, 1976k, pp. 318-319).

Freud prossegue afirmando que, no menino, o complexo de Édipo não é reprimido, mas dissolvido. O investimento libidinal incestuoso é abandonado, em parte sublimado, e seus objetos incorporados, de forma a constituir o núcleo do superego. Idealmente, o Édipo deixa de existir, mesmo para o inconsciente, tornando-se o superego seu herdeiro. A neurose seria uma luta do ego contra as pulsões sexuais. Nas meninas, não haveria motivos para a dissolução do complexo de Édipo. A castração já teve como efeito forçar a entrada no complexo, que será então lentamente abandonado, ou recalçado, ou continuará exercendo seus efeitos no psiquismo (Freud, 1976k, pp. 318-319).

Não posso fugir à noção (embora hesite em lhe dar expressão) de que, para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens. Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam

amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego [...]. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual [...] combinam em si características tanto masculinas quanto femininas (Freud, 1976k, pp. 319-320).

Freud termina seu texto dizendo que, embora tenha recebido influência dos últimos artigos de Abraham, Horney e Helene Deutsch, nenhum destes artigos coincidiria totalmente com suas opiniões atuais, no que se sente, então, justificado na publicação de seu artigo.

Este parece ser o artigo de Freud onde ele apresentaria a postura mais misógina. Como afirma Gay (1999) "Freud declarou-se hesitante em afirmar todas essas coisas, mas mesmo assim afirmou-as como uma espécie de bravata, [... pois] nunca se preocupou em ser ofensivo" (p. 468). Talvez o problema maior não seja o fato de Freud ser ofensivo neste texto, mas sim que, a partir dele, a inveja do pênis será seu argumento quase que exclusivo na descrição das diferenças encontradas no desenvolvimento sexual. Para que isso funcione, Freud terá, contudo, que abandonar uma série de considerações anteriores que pareciam conduzi-lo a um caminho muito mais esclarecedor. Ao tornar a mulher um ser castrado (o que ela, evidentemente, não é) Freud praticamente retoma os argumentos de Aristóteles de que o indivíduo do sexo feminino é o resultado de um erro genético, uma deformação, um monstro.

Uma das percepções anteriores que Freud abandona com este artigo é de que há, nos homens, uma tendência à supervalorização/desvalorização de seus objetos amorosos. Justificando esta tese pela permanência de pulsões edípicas, ao afirmar que no homem o Édipo é totalmente dissolvido, ele acaba por dissolvê-la também. Além disso, quando explica que o homem sublima parte de suas pulsões edípicas, Freud enfraquece sua própria hipótese de uma "destruição total do Édipo masculino" – afinal, para que uma parte da libido seja sublimada, necessita estar presente. E se a neurose se baseia na luta do ego contra a libido, especialmente a libido incestuosa, então parece que Freud propõe, com este artigo, que apenas as mulheres podem tornar-se neuróticas, os homens não. E se o superego é o "herdeiro do Édipo", sua maior rigidez nos homens não estaria justamente relacionada a ter que combater impulsos também muito fortes?

Por fim, se o Édipo masculino desaparece até mesmo do inconsciente, isto constituiria um processo de forclusão⁷¹. Sendo assim, e a ser seguida a tese de Freud, a dedução é que, enquanto apenas as mulheres podem tornar-se neuróticas, todos os homens são psicóticos.

Ao usar a "força" do superego para "explicar" todos os defeitos das mulheres, Freud acrescenta, como sempre, que não é possível esquecer da constituição bissexual do sujeito. Mas aqui, mais do que em qualquer texto anterior, Freud relaciona tudo que há de bom no ser humano a características masculinas, e tudo que há de desprezível, a características femininas. E, não se trata mais de direitos: não serão os feministas a convencê-lo de que homens e mulheres têm o mesmo *valor*.

MENINAS, EU VI

O ensaio apresentado por Müller no Congresso de 1925 é intitulado *Contribuição ao problema do desenvolvimento libidinal da fase genital na mulher*. Encontra-se um resumo do mesmo em Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975). Segundo este resumo, Müller afirma que a vagina é investida muito cedo, sendo para a menina a zona erógena mais importante. Para justificar sua hipótese, a autora utiliza a observação da prática masturbatória vaginal em crianças. Posteriormente, esse investimento precoce na vagina seria recalçado "em proveito" do clitóris, podendo surgir então um forte complexo de castração. Disso resultaria uma ferida narcísica – que aumentaria a inveja do pênis – visto a auto-estima estar baseada na satisfação das pulsões "inerentes ao sexo do indivíduo". As mulheres cuja libido permanece ligada ao clitóris tornam-se frígidas, e sofrem de um intenso complexo de castração, enquanto as que conseguem investir libidinalmente sua vagina terão uma maior auto-estima e sua inveja do pênis tende a desaparecer (pp. 40-41).

Pode-se perceber, por este resumo do artigo de Müller, que diferentemente de Andreas-Salomé e de Abraham, esta autora não propõe um "início" de sensibilização da vagina da infância, mas seu desenvolvimento completo. Também diferentemente destes autores, que defendem a erotização da vagina a partir do ânus, Müller não explica de

⁷¹ Forclusão: "mecanismo específico que estaria na origem do fato psicótico; consistiria numa rejeição primordial de um 'significante' fundamental. [...] Os significantes forcluídos não são integrados no inconsciente do sujeito" (Laplanche & Pontalis, 2000, p. 194-195).

que forma a vagina se torna uma zona erógena na infância. As práticas masturbatórias serviriam de prova deste fato e ponto final. Não há também nenhuma explicação da "passagem" da libido para o clitóris e, menos ainda, de seu possível "retorno" para a vagina na vida adulta. Fala-se de investimento libidinal como se o psiquismo estivesse desvinculado do corpo, como se as próprias partes do corpo fossem seres autônomos.

Vale ainda ressaltar que, se sua tese é uma proposta de se desviar do falocentrismo de Freud, a mera afirmação da existência de sensações vaginais na infância não soluciona o problema, especialmente se a autora mantém a concepção de que o investimento libidinal do clitóris não é inerente ao sexo feminino. Para se abandonar o falocentrismo de Freud, o clitóris tem que necessariamente deixar de ser visto como um "pequeno pênis" e, considerando que os homens não possuem clitóris, o investimento libidinal nesta parte do corpo deve ser visto como algo eminentemente feminino. E a inveja do pênis necessita deixar de ser considerada universal.

DESLOCAMENTOS DESLOCADOS

Rank publica, em 1926, um artigo intitulado *Sobre a gênese da genitalidade*, do qual um resumo é apresentado por Reich (s.d.). Neste artigo, partindo do problema levantado por Freud em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, qual seja, o da necessidade, na menina, de uma mudança de objeto na fase fálica, teria afirmado que a dificuldade maior encontra-se, neste período, no processo vivido pelo menino, não pela menina. Estando os dois sexos inicialmente ligados à mãe, através da oralidade, a menina irá substituir o toque no mamilo da mãe pelo clitóris na masturbação, o seio pelo sugar do dedo, e depois pelo pênis do homem. Haveria aí um deslocamento global da libido oral para a esfera genital: o pênis assumiria o papel do seio, e a vagina o da boca (p. 190).

No menino, a masturbação exigiria a colocação da palma da mão no lugar do dedo que se chupa (por sua vez, em lugar do mamilo). A mão passaria, portanto, a substituir o interior da boca – sendo este processo bem mais complicado que as substituições feitas pela menina. Na puberdade, o esperma apareceria como substituto do leite, de forma a poder ser feita uma relação entre a masturbação tardia – na vida adulta – e o ato de mamar. Essas diferenças ajudariam a atingir o objetivo final do

desenvolvimento normal: o filho faria uma "apropriação genital" da mãe, enquanto a filha identificar-se-ia com ela devido a um investimento de sua libido narcísica em seu próprio seio (Reich, s.d., pp. 190-191).

O nosso interesse... não é tanto dirigido para a forma como a violação sádico-oral primitiva da mãe, por parte da lactente, entra na vida sexual normal ou perversa de um indivíduo, mas antes para a forma como a fase genital se apropria do [seu] resto (Rank, conforme citado por Reich, s.d., p. 191).

Em suas críticas ao artigo de Rank, Reich (s.d.) afirma que aquilo que o autor propõe como sendo um processo normal costuma resultar, na verdade, em casos muito neuróticos. Assevera que seus próprios estudos da neurastenia crônica levaram-no à conclusão de que as mais graves manifestações de impotência aparecem justamente em homens para quem o pênis passa a ser um substituto do seio, e o esperma do leite materno. Quanto às mulheres cujo seio está investido de libido narcísica, tendem a renegar os homens, por darem ao próprio seio, em suas fantasias inconscientes, o "valor"⁷² de pênis. A evolução de muitas neuroses e perversões ocorreria justamente pela apropriação genital de um excesso de libido oral – sádica ou não. Reich assevera então que, enquanto Rank questiona de que forma a genitalidade emerge do erotismo pré-genital, ele se pergunta de que forma é possível evitar que a libido genital seja perturbada pelas influências pré-genitais (Reich, s.d., pp. 191-192).

Sem dúvida, os deslocamentos propostos por Rank parecem carecer de fundamento. Ele não explora os motivos psíquicos que levariam a menina ou o menino a realizarem as "substituições" que propõe. Além disso, o mero deslocamento de erotismo, sem o desligamento da fase anterior (no caso, a oral) parece não se coadunar realmente com a possibilidade de investimento nos órgãos sexuais propriamente ditos. Vale ressaltar ainda que Rank ignora por completo a fase anal.

⁷² Embora esta não seja uma citação literal, foi mantida a palavra "valor", encontrada no texto, devido justamente à dúvida quanto a sua propriedade. A estar correta a tradução, a palavra utilizada não teria a força necessária para justificar a crítica de Reich: valor remete a importância, não havendo nada de patológico no fato das mulheres valorizarem as diversas zonas erógenas de seu corpo tanto ou mais do que valorizam as do homem. A frase só se justificaria se a palavra utilizada fosse *sentido*: a mulher já teria um pênis, não havendo então razão para buscá-lo fora de si, na relação heterossexual. Resta saber como isso poderia levá-la à satisfação de sua pulsão sexual.

Uma questão que poderia ter sido melhor levantada por Rank, em sua assertiva de que o ingresso do menino no complexo de Édipo é mais complicado que o da menina, é justamente a de sua necessidade de romper a identidade com a mãe, originária da fase oral. Segundo Badinter (1986), para o menino, a tarefa de diferenciar-se da mãe, após a descoberta da diferença sexual, seria uma das mais árduas de seu desenvolvimento (p. 155).

PSICANÁLISE VERSUS PSICANÁLISE

No mesmo ano da publicação de seu artigo, Rank é levado a romper com Freud, em função das pressões que vinha recebendo por parte de Abraham e Jones. Freud escreve então uma carta para Ferenczi, onde afirma:

Nós lhe demos muita coisa, e ele também fez muito por nós. Assim, estamos quites. Quando de sua última visita, não tive a ocasião de lhe expressar a afeição particular que sinto por ele. Fui honesto e duro. Assim, podemos tirá-lo de nossa vida. Abraham tinha razão (Freud, conforme citado por Roudinesco & Plon, 1998, p. 643).

Ainda em 1926, Jones ajuda Klein a instalar-se definitivamente em Londres, dando assim uma sólida base à *BPS* e à psicanálise de crianças, o que irritaria profundamente Freud e Anna Freud. A chegada de Klein a Londres marca efetivamente o início da rivalidade entre "escola inglesa" e "escola vienense", oposição ligada tanto à questão da análise de crianças, como também à sexualidade feminina. Jones se esforça para convencer Freud de que as teses kleinianas não contradizem a lógica das dele mas, desejando apoiar a filha Anna, este mostra para com essas teses um descontentamento cada vez maior. A esposa de Jones, bem como seus dois filhos mais velhos, seriam analisados por Klein. Nesse mesmo ano, Horney defende a tese de que os homens têm inveja da maternidade, sendo esta inveja recalcada pela sociedade masculina. Sustenta também⁷³, que a pretensa ignorância da vagina na infância é fruto de um recalçamento. Esse também é o ano da criação do *Instituto de Psicanálise de Viena*, a ser dirigido por Anna Freud (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 258/417/432/706).

Em novembro de 1926 é criada a primeira associação psicanalítica na França, a *Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP)*, composta de doze membros, entre eles

⁷³ Provavelmente baseada em Müller.

Bonaparte (que teria financiado o movimento). Criada tardiamente, justamente no momento da burocratização da *IPA*, esta associação não tardaria a dividir-se em duas facções distintas. De um lado, os internacionalistas, cuja formação psicanalítica havia ocorrido fora da França, e que por isso ansiavam em adaptar-se às regras da internacional (como Bonaparte). De outro, os nacionalistas, ligados à raiz psiquiátrica francesa, partidários de uma identidade francesa do movimento, pretendendo "afrancesar" o vocabulário e os conceitos psicanalíticos (Roudinesco & Plon, 1998, p. 251).

Em setembro de 1927, no Congresso da *IPA*, onde acontece um grande debate sobre a questão da sexualidade da mulher, Jones apresenta um artigo onde critica a teoria monista de Freud, e defende a tese de uma natureza feminina. Klein apresenta, por sua vez, uma comunicação em que rebate as teses de Anna Freud, mas atinge também a teoria freudiana, por imprimir uma importância muito maior ao relacionamento da menina com a mãe. Também neste congresso, o *Comitê Secreto* se dissolve, formando-se então um comitê administrativo (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 706/811).

PELO CORDÃO PERDIDO, TE RECOLHER PRA SEMPRE À ESCURIDÃO DO VENTRE, DE ONDE NÃO DEVERIAS NUNCA TER SAÍDO⁷⁴

O ensaio que Klein apresenta no Congresso de 1927, e que será publicado no ano seguinte, é intitulado *Os estádios precoces do conflito edipiano*⁷⁵. Neste texto, Klein considera que a menina toma o pênis do pai como objeto de gratificação em função da frustração oral que sofre da parte da mãe. Ela tem fantasias de que a mãe introduz o pênis do pai em seu corpo, e introduz, por sua vez, o seio na boca do pai. Essas fantasias formam o núcleo das primeiras teorias sexuais, que levariam a sentimentos de inveja e ódio por ambos os genitores. Nesta fase de desenvolvimento, as crianças de ambos os sexos consideram o corpo da mãe o receptáculo de tudo o que é desejável, em especial do pênis paterno. Essa teoria sexual seria responsável por um aumento do ódio decorrente da frustração do desmame, contribuindo para fantasias

⁷⁴ Da música *Uma canção desnaturada*, de Chico Buarque.

⁷⁵ Não foi possível encontrar este artigo de Klein. Por isso, será utilizado aqui um resumo que a própria autora apresenta deste texto em seu livro *Psicanálise da Criança*, de 1932 (Klein, 1969a).

sádicas em que a criança ataca e destrói o interior da mãe, privando-o de seu conteúdo. A menina então projetaria sua hostilidade e seus desejos de retaliação na mãe, disto derivando uma grande angústia (Klein, 1969a).

Vale ressaltar que Klein atende em seu consultório crianças na fase edípica, seriamente comprometidas do ponto de vista psíquico, e que, em suas fantasias, misturam as fixações no erotismo oral ao anal e ao fálico, de onde Klein conclui o desejo precoce de felação. Klein desconsidera o fato de que a criança já está na fase edípica, *podendo então* ter uma noção mais clara da diferença sexual, o que seria quase impossível na época do desmame, a não ser que este ocorresse de forma exageradamente tardia. E qual seria o motivo, nessa fase (do desmame), da valorização do pênis⁷⁶ paterno?

NUNCA MAIS...!

O ensaio apresentado por Jones no Congresso de 1927 é intitulado *A fase precoce do desenvolvimento da sexualidade feminina*. O artigo é baseado em cinco casos clínicos de homossexualidade feminina manifesta. Jones afirma haver percebido a presença, em todos eles, de uma forte fixação infantil na mãe, ligada à fase oral, seguida *sempre* por uma fixação no pai, podendo esta última ser permanente ou transitória. No sexo masculino, pelo fato do pênis assumir um papel extremamente importante em sua vida sexual – desde a infância – seria estabelecida uma equivalência entre a castração e a abolição total da sexualidade. O erro dessa equivalência estaria evidenciado no fato de alguns homens desejarem ser castrados, o que provaria que a sexualidade não desaparece com a extração do pênis. Nas mulheres, para quem a idéia do pênis é parcial por natureza, isso deveria ser ainda mais evidente. Ou seja, o importante papel desempenhado pelo medo da castração nos homens leva à dúvida, em ambos os casos, se a castração não é apenas uma ameaça parcial, por muito importante que seja, com relação à atitude e ao prazer sexual em sua totalidade. Para significar a retirada total da sexualidade de um indivíduo, Jones propõe o uso da palavra de origem grega *afanise*⁷⁷ (Jones, 1979a, pp. 25-27).

⁷⁶ Lacan (1999) perguntará algo semelhante em seu seminário *A menina e o falo*, de 1958, embora utilizando esta pergunta como base para o desenvolvimento de sua própria teoria (p. 294).

⁷⁷ *Aphanisis*: supressão.

A atitude conscientemente confessada pela maioria dos adultos a respeito das crianças é completamente intransigente: não se deve permitir a elas *nenhuma* gratificação sexual. Como, para a criança, a idéia de um prazo indefinido está muito próxima de uma negação permanente, e como o inconsciente é concreto por natureza, o que mais se aproxima (na clínica analítica) da idéia de afanise é a idéia de castração (além da idéia de morte). O temor do homem de ser castrado pode ter ou não um equivalente preciso na mulher, porém, o que é preciso compreender é que este temor é apenas um caso particular e que, em última instância, os dois sexos temem exatamente o mesmo: a afanise. O mecanismo em questão apresenta diferenças importantes entre os sexos, baseadas na maior atividade do homem (ou menino) e na maior passividade da mulher (ou menina) (Jones, 1979a, pp. 27-28).

A grande diferença entre o homem e a mulher, contudo, na busca do prazer aloerótico, reside no fato de que a mulher depende muito mais da concordância de seu parceiro, para obter gratificação, do que o homem. Essa diferença biológica explicaria a dessemelhança de comportamento na busca do prazer para os dois sexos, pois a dependência (não confundir com desejo) da mulher em relação à aprovação moral de seu parceiro é maior. No homem, o medo da afanise recairia com mais freqüência em outro homem, que desempenhe para ele o papel de autoridade. Se nos homens o temor da afanise aparece mais ligado ao medo da castração, nas mulheres aparece relacionado ao medo da separação. O medo das mulheres de serem abandonadas pode estar ligado ao fato de que, para a menina, a interdição ao incesto pode vir tanto da mãe rival, quanto do próprio pai (Jones, 1979a, pp. 28-29).

Jones segue comparando a teoria de Freud, de um desenvolvimento tardio da sensação vaginal, calcado na inveja do pênis, com a de Klein, em que o desejo pelo pênis inicia como um desejo oral⁷⁸. Expõe então sua idéia do que seria o desenvolvimento "normal" da sexualidade da menina, ou aquele que levaria à heterossexualidade. Nesse desenvolvimento a fase sádica (?) instalar-se-ia tardiamente, por isso, nem a fase oral nem a clitoridiana sofreriam um investimento sádico importante. Desta forma, o clitóris não ficaria associado a uma atitude masculina

⁷⁸ Deve-se sempre considerar, ao mencionar as teses de Klein, que ela foi analisada inicialmente por Ferenczi, o qual parece ter tido uma grande influência sobre sua teoria. Os termos fase oral canibalesca, fase sádica-oral, etc., já aparecem em *Thalassa*, escrito em 1914.

particularmente ativa (tentar sobressair, etc.), nem a fantasia sádica oral de seccionar o pênis de uma mordida encontrar-se-ia demasiado desenvolvida. A atitude oral seria, sobretudo, a da sucção – onde já apareceria o desejo de chupar o pênis – e passaria por uma transição bem conhecida à fase anal de desenvolvimento. Os dois orifícios alimentícios constituiriam, assim, o órgão feminino receptivo (Jones, 1979a, pp. 29-31)

À princípio, o ânus seria evidentemente identificado com a vagina, sendo a diferenciação dos dois um processo extremamente obscuro, talvez mais do que qualquer outro, a respeito do desenvolvimento feminino, podendo-se supor que ocorre mais cedo do que geralmente se crê. Uma quantidade variável de sadismo acompanharia sempre a fase anal, e se revelaria em fantasias familiares de violação anal, que podem ou não transformar-se em fantasias de violência. A relação edípica estaria então em plena atividade, e as fantasias anais já seriam um compromisso entre as tendências da libido e as tendências de autopunição. Esta etapa boca/ânus/vagina, representaria, então, uma identificação com a mãe (Jones, 1979a, pp. 31-32).

Pelo fato da menina ver frustradas suas intenções de compartilhar o pênis do pai no coito, assim como as de obter do pai um bebê, é que se desenvolveria o desejo de possuir um pênis próprio. A proibição do incesto, com o medo conseqüente da afanise, levaria então ao sentimento de culpa, e à elaboração do superego como sendo a primeira defesa contra esta privação insuportável. Como esta solução seria por demais negativa – afinal a libido deve poder também expressar-se – há então duas soluções possíveis para a menina: ou ela abdica do pai, ou da sua feminilidade (vagina). Se abdica do pai em prol da mãe com quem se identifica, então poderá buscar outros objetos semelhantes ao pai, tendo uma atitude vaginal positiva com relação ao coito, que culminaria na gravidez e no parto. Se a menina não abdica do pai, então esta relação de objeto transforma-se em identificação, ou seja, na idéia de que possuem, elas próprias, um pênis, o que serviria para evitar a concretização do incesto, e com ela a afanise. Assim, esta segunda solução levaria ao homossexualismo, ocorrendo algo muito semelhante nos meninos que se tornam homossexuais posteriormente. Jones prossegue seu artigo explicitando o desenvolvimento de vários tipos de homossexualidade nas mulheres (Jones, 1979, pp. 32-35).

Vale ressaltar que, quando Jones introduz a noção de afanise no desenvolvimento infantil (relacionando este medo com o sentimento de culpa que leva a criança à abandonar a posição edipiana) e recupera a idéia de que a interdição do incesto, para a menina, pode vir tanto da mãe, quanto do pai, bem como quando justifica uma maior passividade na mulher, em função de sua também maior dependência do parceiro para a obtenção da satisfação sexual, abre caminho para uma compreensão do desenvolvimento infantil até então inédita. Parasse por aí, e Jones explicaria o que há de diferente no desenvolvimento de meninos e meninas, sem que nenhum julgamento de valor estivesse envolvido. Mas Jones insiste na universalidade da inveja do pênis, mesmo que afirme que essa inveja precoce possa não ter nenhuma relação com a que aparece em pacientes adultas (p. 32). Talvez, nesse sentido, Jones tenha sido influenciado demais pelas teses kleinianas, onde as fases de desenvolvimento na verdade se embaralham, de forma a aparecer um desejo precoce de felação. Resta lembrar que a idéia de uma derivação da sensibilidade da vagina a partir da analidade é, pelo que se sabe, original em Abraham.

UMA POSIÇÃO "FEMININA" PRIMITIVA

Também de 1927 é um artigo de Lampl-de Groot, intitulado *A evolução do complexo de Édipo nas mulheres*. Esse artigo foi resumido por Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975). Neste texto, Lampl-de Groot teria afirmado que a menina se conduz, até a fase fálica, exatamente como o menino. Ao entrar no complexo de Édipo, dirige primeiramente sua libido para a mãe, desejando livrar-se do pai, que considera um rival. Se descobre o pênis no menino nesta fase, sente-se inferior. Pensa que possuía um pênis, do qual foi privada pelo desejo que sente pela mãe. O complexo de castração teria, portanto, o mesmo efeito na menina que no menino: a dissolução do Édipo. Só que, para o sexo feminino, representa apenas a dissolução do Édipo negativo (mãe como objeto) (p. 24).

A ligação com a mãe será então substituída por uma identificação, o que leva a menina a tomar o pai como objeto, com o intuito de substituir o pênis "perdido" por um filho, desta forma reparando seu narcisismo, já que a procriação só é possível às mulheres. A menina abandonaria, de uma só vez, a masturbação clitoridiana e o caráter ativo na busca do objeto. Contudo, a menina pode permanecer ligada à mãe, negando a

castração, especialmente se sentir-se rejeitada pelo pai. Em casos extremos, isto levaria à homossexualidade. Com mais frequência, a mulher procurará compensar sua "inferioridade" corporal através de uma atividade profissional que a coloque em competição com o homem, e irá renunciar à sexualidade. Em outros casos, embora tenha um relacionamento heterossexual, permanecerá frígida, mantendo a mãe como objeto (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 24-25).

Pode-se perceber em Lampl-de Groot os mesmos preconceitos já desenvolvidos por outros psicanalistas em relação às mulheres: ser castrado, inferior, que irá buscar no trabalho apenas uma compensação desta inferioridade. O que ela acrescenta de novo é a idéia de um Édipo negativo, em tudo igual ao do menino, cujo abandono implicaria também no abandono da masturbação clitoridiana. O que se pode observar, contudo, é que, justamente na fase em que a menina toma o pai como objeto de amor, é que o onanismo clitoridiano está mais presente.

POTÊNCIA ORGÁSTICA E UM TANTO DE RADICALISMO

Ainda em 1927, Reich ingressa no Partido Comunista Austríaco e publica um livro inicialmente chamado *A função do orgasmo – Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. Posteriormente, o título *A função do orgasmo* seria usado em outro livro, ficando este primeiro, de 1927, com o subtítulo como título principal. Dedicou esta obra ao seu "mestre, o professor Sigmund Freud, como prova de profundo respeito" (Reich, s.d., p. 23).

Em *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*, Reich reafirma várias das proposições freudianas, principalmente aquelas que relacionam a existência de conflitos sexuais na base de todas as neuroses. Também reafirma algumas proposições de Ferenczi, e cita bastante Stekel, defendendo algumas posições deste último, e discutindo outras (notadamente as que discordam dos pressupostos freudianos). Reich utiliza, neste livro, como material clínico, os 338 casos que foram atendidos na *Policlínica Psicanalítica de Viena* de novembro de 1923 a novembro de 1924 (Reich, s.d., pp. 25-36).

Nesta obra, Reich desenvolve seu conceito de "potência orgástica", como sendo a capacidade de atingir frequentemente a satisfação sexual, sem ser afetado por

"perturbações da genitalidade". Define "impotência orgástica" como a inaptidão interna para atingir uma satisfação sexual de acordo com as reivindicações e a disposição libidinal do momento, mesmo quando as condições externas são as mais favoráveis. Ressalta a diferença entre pessoas com problemas de potência orgástica, daquelas que, possivelmente por uma dificuldade de transferência de suas fantasias para o parceiro real, demonstram incapacidade de realizar o ato sexual (impotência no homem) ou de realizá-lo sem um desconforto absoluto (frigidez ou dispareunia na mulher). Descreve, do ponto de vista fenomenológico, o ato sexual "satisfatório". Reich não leva em conta as preliminares do ato sexual, por considerar que estas são determinadas pelas necessidades de cada indivíduo (Reich, s.d., pp. 41-47).

Ato sexual satisfatório segundo Reich (s.d., pp. 47-59):

1 – Fase do controle voluntário da subida da excitação.

1.1 Homem: a ereção é agradável, não dolorosa, e surge sem a necessidade de uma estimulação exagerada do genital. Há uma necessidade psicomotora de penetração.

Mulher: a vagina torna-se hiperêmica (confluência de sangue para a região), e lubrificada. Durante a penetração, o clitóris pode ser a zona principal de excitação, mas transmite imediatamente a excitação à mucosa da vagina, sem competir com esta.

1.2 Homem: é agressivo de modo terno, sem manifestações de sadismo.

Mulher: é mais passiva que o homem, sem ser contudo inativa.

1.3 Homem: o prazer aumenta bruscamente no momento da penetração; impressão de "ser absorvido".

Mulher: o prazer aumenta bruscamente no momento da penetração; impressão de "aspirar" o pênis.

1.4 Homem: a necessidade de penetrar profundamente aumenta, sem manifestações de sadismo. Através da fricção, a excitação concentra-se na superfície do pênis e da glândula. A sensação característica que antecede e acompanha a ejaculação está totalmente ausente.

Mulher: através da fricção, a excitação concentra-se na parte posterior da mucosa vaginal.

Em ambos os casos: maior concentração da excitação nos genitais que no resto do corpo; de acordo com as experiências anteriores de cada indivíduo, há um processo quase automático (embora ainda comandado pelo ego) de ajustamento da posição, do

ritmo da fricção, etc., visando maior obtenção de prazer, o que pressupõe uma grande capacidade de identificação entre os parceiros; com exceção de algumas palavras ternas, não há verbalização nem risos (que indicam perturbação na capacidade de abandono) durante o ato sexual.

1.5 Em ambos os casos: a interrupção da fricção não exige nenhum esforço psíquico especial, sendo acompanhada por sensações de prazer próprias do repouso, com decréscimo da excitação que, ao reiniciar a fricção, volta a subir progressivamente, atingindo um nível acima do precedente e alastrando-se aos poucos para o corpo inteiro, ao passo que a excitação dos genitais permanece mais ou menos constante. A instalação da segunda fase ocorrerá após uma subida, geralmente brusca, da excitação genital.

2 – Fase das contrações musculares involuntárias.

2.1 Em ambos os casos: não é possível controlar o aumento da excitação, que se apodera de todo o indivíduo (embora ainda concentre-se mais nos genitais) e provoca uma aceleração das pulsações e da respiração. A excitação leva a contrações reflexas do conjunto da musculatura dos genitais, e da superfície pélvica, que surgem por vagas (as cristas das vagas coincidindo com a penetração completa, e a diminuição com o recuo do pênis). Nesta fase, a interrupção do ato, já então comandado pelo *sistema nervoso vegetativo*, provoca um desprazer absoluto, levando, no homem, a contrações espasmódicas na ejaculação (com possível dor na região pélvica e nos rins), e na mulher à contração dos músculos lisos da vagina, também desagradável.

2.2 Em ambos os casos: as contrações musculares tornam-se mais rápidas e freqüentes, fazendo que a excitação aumente de forma rápida e abrupta, até o clímax, que no homem coincide com a primeira contração muscular ejaculatória.

2.3 Em ambos os casos: a consciência se anuvia.

Homem: logo após o ponto mais alto do clímax, há uma necessidade de penetrar mais profundamente a cada contração dos músculos ejaculatórios.

Mulher: há a necessidade de ser penetrada mais profundamente, acompanhando as contrações musculares da vagina.

Em ambos os casos: a respiração fica retida no momento do clímax, escapando depois em violentas expirações, que na mulher, geralmente, transformam-se em gritos.

2.4 Em ambos os casos: há um refluxo da excitação em todo o corpo, provocando uma descarga motora, com a liberação da tensão acumulada no organismo.

2.5 Em ambos os casos: a excitação diminui devagar e é imediatamente substituída por uma agradável descontração física e mental, geralmente seguida pelo desejo de dormir. Subsiste uma atitude de ternura em relação ao parceiro.

Neste texto, Reich irá discutir, como Ferenczi já fizera em 1908, a questão da diferença de tempo para obtenção de orgasmo no homem e na mulher. Excluindo os casos em que a "responsabilidade" seria do homem, ou seja, casos de ejaculação precoce, ou casos em que, embora o homem não possa ser qualificado como tendo este problema, ainda assim ejacula muito rápido, sobrariam ainda problemas específicos das mulheres:

Por um lado, a moral sexual dúplice impõe mais fortemente à mulher do que ao homem a recusa da sexualidade; por outro lado, o desejo na mulher de ser homem, pode certamente ter uma influência perturbadora no desenrolar contínuo da excitação sem chegar necessariamente a entrar totalmente a plenitude da satisfação. Uma vez suprimidas estas inibições, a evolução da excitação feminina não difere do desenrolar da masculina (Reich, s.d., p. 53).

Reich (s.d., p. 59) supõe quatro motivos fundamentais para perturbações da potência orgástica:

1 – O orgasmo não corresponde às exigências da libido, subsistindo estases (estagnações) somáticas e psíquicas – onanismo, coito onanista (em que o parceiro não corresponde aos desejos internos).

2 – Fragmentação do orgasmo devida a perturbações do período de excitação – neurastenia aguda.

3 – Incapacidade absoluta de atingir o orgasmo, devido a insensibilidade vaginal parcial ou total (no caso das mulheres) ou a astenia (falta de energia) genital.

4 – Incapacidade de satisfação – ninfomania, satiríase.

No estado crônico, esta inadaptação para a satisfação final verifica-se primeiro que tudo em indivíduos que por razões internas, não lograram conseguir um objeto sexual apropriado: onanistas inveterados, indivíduos sexualmente cínicos, homossexuais latentes, solteirões, introvertidos esquizóides cujas relações objetais são pobres. Encontra-se também em homens que vivem a genitalidade sob a forma de uma clivagem permanente entre as suas componentes sentimentais e sensuais, ou ainda nos que tem o hábito de freqüentar prostitutas, apesar de essas não corresponderem especificamente ao objeto primitivo. A diminuição da potência orgástica que se instala ao fim de um certo tempo nos onanistas é o único aspecto que apresenta interesse clínico (Reich, s.d. pp. 59-60).

Reich questiona a relação direta (proposta por Freud) entre onanismo e neurastenia, relacionando esta última mais com o sentimento de culpa que advém da prática masturbatória que ao ato em si. Afirma que o primeiro a propor esta hipótese teria sido Federn, que percebeu que a masturbação está mais associada à perturbações neurastênicas quanto menos satisfação oferece ao onanista, estando a satisfação, por sua vez, diretamente relacionada à presença ou ausência de culpabilidade. Reich sublinha, porém, a necessidade de diferenciar o sentimento de culpa que surge *depois* da prática masturbatória, daquele que surge, na forma de inibições, *durante* ela. O sentimento de culpa que aparece durante a prática, o faz na forma de inibições, perturbando assim a evolução da excitação, gerando um resto de excitação somática não liquidada, que resulta em tensão muscular. Faz em seguida uma referência ao caso específico do onanismo nas mulheres:

[Nas] mulheres que se dedicam ao onanismo clitoridiano e são vaginalmente insensíveis [...] o papel sexual feminino foi recusado e reprimido, mas a feminilidade física (falta de pênis, menstruação) contradiz os desejos de masculinidade conscientes e inconscientes. Consequentemente, a libido psíquica experimenta muita dificuldade em encontrar satisfação, apesar de alguns orgasmos relativamente intensos poderem resolver tensões somáticas. Ao cabo de um longa prática onanista, os sentimentos de culpabilidade têm forçosamente que se declarar: assim aparecem perturbações da evolução da excitação (Reich, s.d. pp. 72-73).

Como se pode ver, Reich também condena, como Freud, a prática da masturbação, reputando a ela uma diminuição de potência. E demonstra supor que o não encontro do objeto adequado é *sempre* provocado por motivos internos, devido à dificuldade de transferência bem sucedida das fantasias para o parceiro. Mas, consegue até aventar a hipótese de que a masturbação, *no caso dos homens*, possa servir à resolução da tensão, por meio da liberação da energia libidinal acumulada. Contudo, nas mulheres, Reich não vê esta possibilidade.

Ao insistir no caráter excludente das sensações vaginais e clitoridianas, Reich considera que a masturbação envolvendo o clitóris é uma manifestação da inveja do pênis, o que, por si só, levará *necessariamente* ao sentimento de culpabilidade. Porém, o que se vê é que a masturbação vaginal é que parece representar uma negação do desejo pelo homem, pelo uso de um objeto, de algo separado do corpo, que represente o pênis – um "pênis de mão". Reich fornece, inclusive, um ótimo exemplo disso, com um caso

bastante neurótico: uma paciente que se masturbava com o cabo de uma faca, só atingindo algum tipo de satisfação se conseguia ferir a vagina (pp. 85-93).

Os motivos elencados por Reich (s.d., pp. 74-94) para a frigidez são:

- A falta de potência completa no parceiro, pois a mulher "perde a excitação da vagina", assim que o homem ejacula. Isso seria devido ao fato de identificar-se com o homem durante o coito, e ter a fantasia de apropriar-se de seu pênis. Quando o pênis amolece, sente-se castrada.
- O medo do orgasmo. Medo de perder o controle. Nas mulheres que tem um erotismo anal ou uretral muito acentuado, muitas vezes esse medo está associado ao de defecar ou urinar durante o orgasmo.
- A angústia de castração – medo de ser punida por sentir prazer, o que leva a buscar a autopunição.

Chega a ser quase inacreditável a falta de compreensão que alguns psicanalistas homens (e *médicos*) demonstram do funcionamento sexual da mulher. O primeiro motivo para a frigidez elencado por Reich justifica-se em si mesmo: o coito não demora o tempo suficiente para que a mulher chegue ao orgasmo, ela perde a excitação quando o homem ejacula e o pênis amolece, pelo simples fato de que *sua vagina deixa de ser estimulada*. É claro que isso não nega a *possibilidade* de *algumas* mulheres terem a fantasia descrita por Reich. *Parece que a idéia de inveja do pênis universal está na base da impossibilidade da psicanálise resolver o "enigma feminino"*.

EU JÁ NÃO SEI SE SEI DE NADA, OU QUASE NADA⁷⁹

Em 1928, Freud diria a seu discípulo Ernest Jones que "tudo que sabemos do desenvolvimento inicial feminino parece-me insatisfatório e incerto". A "vida sexual da mulher adulta" tem algo de "um continente negro". No mesmo ano, diria a Bonaparte que, apesar de estar pesquisando a "alma feminina" há trinta anos, tinha obtido resultados escassos. Faria então sua famosa pergunta: "Afinal, o que quer a mulher"? (Freud, conforme citado por Gay, 1999, p 455).

⁷⁹ Da música *O patrão nosso de cada dia*, de João Ricardo.

Também em 1928, Reich é nomeado subdiretor da *Policlínica Psicanalítica de Viena*, cargo que será mantido até 1930. Funda, em Viena, a *Sociedade Socialista de Informação e Investigação Sexuais*, que cria e mantém em funcionamento numerosos dispensários de higiene psíquica. Torna-se membro do Partido Comunista Austríaco. Neste ano, morre Wilhelm Fliess. Também neste ano, Ruth Mack casa-se finalmente com Mark Brunswick, passando a chamar-se Ruth Mack-Brunswick. Após o casamento, os Brunswick passam um ano nos Estados Unidos, onde têm uma filha. Ao voltar a Viena, retomam suas análises com Freud. Mack-Brunswick sofre de distúrbios digestivos e, para eliminar a dor, passa a utilizar-se de morfina, da qual começa a depender. Também depende bastante de Freud, com quem estabelece uma relação transferencial complicada, devido ao fato do mestre e analista ser também, por esta época, seu paciente no tratamento do câncer. Contudo, em 1929, Max Schur torna-se médico particular de Freud, por indicação de Bonaparte. Neste mesmo ano, Reich publica, em uma revista moscovita, o manifesto fundador do freudo-marxismo: *Materialismo dialético e psicanálise* (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 13 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 239/481/812).

VENDO NA ANATOMIA O DESTINO

Ainda em 1929, Ferenczi publica uma obra intitulada *Masculino e Feminino*, onde reafirma todas as idéias desenvolvidas em *Thalassa*, tendo contudo o cuidado de tentar justificar suas colocações sobre a superioridade masculina. Este texto se inicia por uma defesa da importância da função dos órgãos genitais na definição das características psíquicas pertinentes à masculinidade e à feminilidade, em concordância direta com o biologismo da época. Na seqüência, lança uma série de elogios dúbios às mulheres, seguidos das respectivas críticas:

Já afirmei que considero o organismo feminino mais finamente diferenciado; poderia acrescentar: mais altamente evoluído. A mulher é, de maneira inata, mais atilada e melhor do que o homem; este deve conter sua brutalidade por um desenvolvimento mais vigoroso da inteligência e do superego moral. A mulher tem mais delicadeza em seus sentimentos (morais) e mais sensibilidade (estética), e mais "bom senso" – mas o homem criou, talvez a título de medida de proteção contra o maior primitivismo que lhe é próprio, as leis severas da lógica, da ética e da estética, das quais a mulher faz pouco caso, confiante em seu valor íntimo. Mas penso que a adaptação orgânica da mulher não merece menos admiração do que a adaptação psicológica do homem.

Esta descrição não exclui, em absoluto, a existência de casos em que a inteligência da mulher supera largamente os desempenhos médios do homem num domínio análogo. Entretanto, a tendência de numerosas mulheres para o exercício de atividades "masculinas" revela, com freqüência, estar condicionada por uma neurose. O chamado *complexo de virilidade* é, segundo recentes pesquisas de Freud, o complexo nuclear da maioria das neuroses nas mulheres, e a causa principal da frigidez. [...]. Numerosas mulheres neuróticas não podem renunciar a seus sintomas enquanto não aceitarem o fato de não terem nascido homens (inveja do pênis) (Ferenczi, 1992a, pp. 44-45).

A verificar o número de mulheres que hoje desenvolvem sua capacidade intelectual e profissional, fica difícil continuar considerando-as como exceções, especialmente exceções patológicas. E ao afirmar que o superego é mais rígido nos homens para que possa conter seu maior primitivismo, Ferenczi não deixa de manter as mulheres na condição de menos éticas – além de equiparar o *respeito às leis à* inteligência. Ferenczi demonstra em toda sua obra uma contradição interna entre um desejo de liberalidade (incentivado na própria família) e uma visão de mulher baseada nos preconceitos da época.

DE FININHO...

Neste mesmo ano, Riviere publica um artigo intitulado *A feminilidade como máscara*, baseado em um "caso clínico" que, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 663), na verdade é ela mesma. Riviere inicia seu artigo citando o de Jones, de 1927. Afirma então que, segundo a psicanálise, os traços homossexuais que podem ser percebidos na forma de manifestações sexuais não são senão resultado de uma interação de conflitos e não a prova forçosa de uma tendência inata e fundamental. Cita um texto de Ferenczi onde este afirma que os homens homossexuais podem exagerar sua heterossexualidade como "defesa" contra suas tendências. Da mesma forma, segundo Riviere, as mulheres que aspiram a uma certa masculinidade podem adotar a máscara da feminilidade para livrar-se de sua angústia e evitar a vingança que temem da parte dos homens (Riviere, 1979, p. 11).

Como então diferenciar a "feminilidade verdadeira" e o disfarce? Riviere afirma não sustentar que tal diferença exista. A única forma de feminilidade essencial seria aquela baseada na etapa de sucção oral. E a única gratificação de ordem primária que a mulher poderia obter, seria a de receber do pai o pênis e o filho. Tudo o mais se apoiaria

em formações reativas. A aceitação da própria castração, e da admiração recebida dos homens, provém, sobretudo, da renúncia aos desejos de castrar o homem (que derivam da fase sádico-oral). Independente de sua orientação sexual, a mulher deseja o pênis paterno e se rebela com a frustração. A diferença essencial repousa na intensidade do sadismo, e também no poder de manejar, tanto o sadismo, quanto a angústia que provoca (Riviere, 1979, pp. 16/23-24).

O que se pode concluir, deste artigo de Riviere, é que a feminilidade não existe – a não ser *durante* a fase oral de sucção. Como o desejo realmente feminino não é nunca satisfeito (a menina, mesmo que fosse vítima de abuso sexual, jamais poderia engravidar do pai na fase oral), então todo o resto da vida da mulher torna-se uma tentativa de conseguir afirmar-se como homem – disfarçada, contudo, de mulher. Riviere não acredita apenas que a menina se comporta como o menino. Vai mais longe: a mulher é um homem disfarçado.

DECIDA-SE!

Freud escreve, em 1929, *O mal estar na civilização*, que seria publicado no ano seguinte. Apesar de Freud tratar, neste texto, de diversos assuntos importantes, será aqui ressaltada apenas uma passagem, que parece inclusive ter ligação com sua pergunta a Bonaparte no ano anterior ("Afinal, o que quer a mulher?"). Freud (1974f) afirma que as mulheres são responsáveis pelo início da civilização pois, em sua necessidade de amor, teriam levado os homens a constituírem famílias. Contudo, como as mulheres são pouco capazes de sublimar, o trabalho de civilização torna-se, cada vez mais, um trabalho masculino. E já que a quantidade de energia no homem não é infinita, ele tem que realizar uma distribuição conveniente de sua libido, entre as finalidades culturais e a vida sexual e familiar. Dessa forma, as mesmas mulheres que estabeleceram os fundamentos da civilização, sentindo-se colocadas em segundo plano em função da atividade social do marido, terminam por adotar uma atitude hostil para com ela (p. 124).

Sabe-se que, embora a mulher realmente tenha dado início à civilização, isto não ocorreu em função dos motivos apontados por Freud. Além disso, são os homens que colocam (ou colocavam) as mulheres na posição de não poder sublimar sua libido, por

lhes barrar o acesso ao estudo e ao trabalho remunerado. É evidente que uma mulher que não tem mais o que fazer a não ser cuidar da família, desejará que esta família se encontre por perto o maior tempo possível. Ao sugerir, neste texto, que as mulheres não deixam saída para os homens, Freud é que parece não deixar saída para as mulheres: se trabalham, são movidas pela inveja do pênis; se não, é porque não são capazes de sublimar.

NEM TODAS AS MULHERES GOSTAM DE APANHAR – APENAS AS NORMAIS⁸⁰

Em 1930, Helene Deutsch publica um artigo intitulado *A significação do masoquismo na vida mental feminina*. Esse artigo encontra-se resumido em Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975). Deutsch teria inicialmente retomado as teses de Freud quanto ao complexo de castração, a necessidade de desinvestir o clitóris, e a ignorância da vagina até a puberdade. Trocando a inveja do pênis pelo desejo de um filho do pai, a menina entraria no complexo de Édipo. Os impulsos eróticos sádico-ativos investidos no clitóris seriam modificados para o masoquismo, de forma que ao desejo masculino de possuir um pênis segue-se o desejo de ser castrada pelo pai, em uma violação que levaria à concepção. A vida da mulher seria dominada pela tríade masoquista castração /estupro/parto. Os temores despertados pelas tendências masoquistas reforçariam o narcisismo feminino. No caso de haver uma identificação com o pai, ela serviria como proteção contra a identificação masoquista com a mãe. Em certos casos, estando a satisfação sexual subordinada a fixações masoquistas irredutíveis, a análise deveria encorajar o abandono da busca de gratificação sexual, permitindo à paciente seguir o caminho masculino. E, no caso de pacientes cujos sentimentos de inferioridade ligam-se à inveja do pênis, o melhor tratamento seria converter a inveja no desejo de ter um filho (pp. 30-31).

Quando uma paciente frígida não apresenta sintomas neuróticos, tendo buscado a análise por insistência do marido, o sucesso do tratamento está ameaçado, pois ela renunciou à satisfação sexual em troca do masoquismo. Segundo a autora, há mulheres que, apesar de não alcançarem o orgasmo nas relações sexuais, gozam de saúde psíquica

⁸⁰ Frase de Nelson Rodrigues.

perfeita. Este tipo de mulher relaciona-se muito bem com as pessoas de seu círculo e, no coito, sente-se feliz de satisfazer o parceiro, pois pensa que o sexo só tem importância para o homem. Sua felicidade se encontra em se dar de forma terna e maternal. A sexualidade feminina está estreitamente ligada à maternidade, pois a mulher vê um filho tanto no pai, quanto no parceiro sexual. No instante em que surgem suas tendências masoquistas, a menina torna-se psiquicamente mãe e mulher ao mesmo tempo. O masoquismo da mulher estaria ligado à preservação da espécie, sendo uma forma de sublimação. Mas esse tipo de mulher encontrar-se-ia em vias de extinção: a mulher "moderna", quando é frígida, torna-se neurótica, em função de uma tendência maior para "a masculinidade". "As mulheres jamais teriam suportado [...] serem afastadas [...] das possibilidades de sublimação, e [...] das satisfações sexuais, caso não tivessem encontrado na função reprodutiva a gratificação magnífica dessas duas exigências" (Deutsch, conforme citada por Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, p. 31).

Em seu artigo anterior, Deutsch relacionava prazer e masoquismo. Aqui, relaciona o masoquismo à frigidez. Porém, o masoquismo seria a única forma real de feminilidade. Sempre vale lembrar que a maternidade *não* é uma forma de sublimação. As fêmeas irracionais também são mães e não sublimam nada. Deutsch não relaciona o fato da mulher moderna estar buscando o trabalho e a satisfação sexual com as transformações sociais. Fala apenas em um "aumento de masculinidade". Deutsch parece ser um caso de "inveja do útero", com sua hipervalorização da maternidade estando diretamente ligada a suas dificuldades em ser mãe.

PARTIDAS

1930 marca outra morte: a da mãe de Freud, aos 95 anos. Essa perda, no entanto, traria a Freud, aparentemente, mais alívio que tristeza. O fato de estar gravemente doente e de ter a mãe ainda viva, dava-lhe a sensação de que não poderia morrer quando necessário. Morrer antes dela seria uma traição. Freud não comparece aos serviços fúnebres, fazendo-se representar pela filha Anna. Vale ressaltar que, entre as muitas mulheres importantes na vida de Freud, sua mãe teria sido a de maior impacto. Fortemente ligado a ela por desejos incestuosos, Freud evitaria, contudo, explorar com profundidade estes sentimentos em sua auto-análise. Amália Freud era uma mulher impaciente, inteligente, competente, voluntariosa, vaidosa e egoísta. Tinha um forte

"senso de humor judeu"⁸¹", não reclamava de nada, e adorava Freud. Mas a força de seu caráter beirava a tirania (Gay, 1999, pp. 457-458 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 256).

Ainda em 1930, Rank é excluído da sociedade americana a que pertencia e, conseqüentemente, da *IPA*. Após sua expulsão, os psicanalistas formados por ele são obrigados a fazer uma nova análise didática. Rank continua seu trabalho de analista de forma independente, sem nunca tornar-se antifreudiano. Muda-se em seguida para Paris (com a esposa e a filha), onde conhece Anaïs Nin (também casada), que se torna sua amante. Posteriormente, Rank volta aos Estados Unidos, e após uma grave depressão, pede a Anaïs que vá viver com ele. Separado de Tola, Rank percebe que a amante jamais iria deixar o marido. Ela volta então a viver em Paris. Também nesta época a relação de Freud com Ferenczi mostra-se meio estremecida, devido a alguns desvios teórico-técnicos deste último. Neste ano, Freud recebe o *Prêmio Goethe*, o que lhe traz grande satisfação (Jones, 1979b, pp. 707-709 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 643-644).

Também em 1930, Reich se estabelece em Berlim, abandonando portanto os cargos de diretor do *Seminário de Psicoterapia da Policlínica Psicanalítica de Viena* e de subdiretor desta instituição. Passa a integrar, junto com sua esposa, o *Seminário de Crianças* de Fenichel, grupo este que, cada vez mais, seria constituído pela esquerda freudiana. Pronuncia conferências na *Clínica Psicanalítica* e na *Universidade Operária*, ligada ao Partido Comunista Alemão – ao qual se filia. Submete-se a uma análise didática com Rado e integra-se à *DPG*. Em 1931, Reich funda a *SEXPOL (Associação para uma Política Sexual Proletária)* em Berlim, a qual se expande rapidamente para toda a Alemanha, até contar vinte mil membros (cifra que será duplicada um ano depois). Na *SEXPOL* Reich integraria todas as suas preocupações: conciliar as descobertas iniciais de Freud com a prática marxista, de forma a incentivar o proletariado a lutar pela sua emancipação econômica, política e sexual ao mesmo tempo. O êxito da *SEXPOL* é tão grande que causa alarme no Comitê Central do Partido Comunista Alemão. As atividades de Reich incomodam, por esta época, tanto os psicanalistas quanto os comunistas stalinistas (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 14 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 652).

⁸¹ Capacidade de rir de si mesmo e das próprias tragédias.

MAIS, SOBRE AQUILO DE QUE "NADA" SE SABE

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 356), em 1931 Horney defende a tese de que a psicanálise, por ser uma criação masculina, não pode resolver a questão da mulher. Em um artigo publicado neste ano, intitulado *Sexualidade Feminina*, Freud reconhece que as mulheres psicanalistas podem compreender melhor essa questão, especialmente no que se refere à ligação da menina com a mãe. Tal facilidade derivaria de que, na transferência, elas servem melhor como mães substitutas do que jamais um homem seria capaz (Freud, 1974g, p. 261).

Neste artigo, Freud faz uma revisão dos conceitos psicanalíticos desenvolvidos até então, tanto por ele mesmo, como por outros autores. Retoma as dificuldades encontradas pela menina em seu desenvolvimento, relacionadas tanto à mudança de objeto quanto à mudança de zona erógena. Afirma então que há mulheres fortemente ligadas ao pai, sem serem, contudo, neuróticas, e que, da observação destas mulheres, teria percebido que esta ligação intensa fora precedida por outra, tão forte quanto, com a mãe. Essa ligação com a mãe poderia durar até em torno dos quatro anos, adquirindo então uma grande importância na vida sexual das mulheres. Importância essa que ele próprio não costumava lhe atribuir. Seria então necessário ampliar o conteúdo do complexo de Édipo de modo a incluir todas as relações da criança com ambos os genitores. Tendo em vista que isso comportaria todas as fixações e recalcamientos que podem ser relacionadas à origem das neuroses, seria preciso, talvez, abandonar a tese de que o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses (Freud, 1974g, pp. 259-261).

No período em que a menina tem a mãe como objeto (Édipo negativo), seu pai

não é para ela muito mais que um rival causador de problemas, embora sua hostilidade para com ele jamais alcance a intensidade característica dos meninos. Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino (Freud, 1974g, p. 260).

Freud levanta então a suspeita de que essa fase de ligação da menina com a mãe estaria na base da histeria. Nessa dependência em relação à mãe estaria também o germe da paranóia nas mulheres, relacionado ao temor de ser devorada pela figura materna⁸². Pode-se presumir que esse temor corresponde à hostilidade da criança em relação à mãe

⁸² Freud reporta essa teoria a Deutsch.

(em função das restrições impostas por esta no decorrer do treinamento e dos cuidados corporais), que é então projetado (Freud, 1974g, p. 261).

Afirma então não haver dúvida de que a bissexualidade vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres que nos homens. Isto porque os homens possuem apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas:

a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Acreditamos que estamos justificados em supor que, por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade. É verdade que recentemente um crescente número de observadores têm comunicado que os impulsos vaginais estão presentes mesmo nesses primeiros anos. Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. [...]. Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida (Freud, 1974g, p. 262).

Como se pode ver, Freud parece fazer uma concessão à questão da sensibilidade vaginal nas meninas, em função da pressão de outros psicanalistas. Contudo, continua afirmando a importância maior do clitóris na infância. Discutirá também, neste texto, a função do clitóris na vida adulta, afirmando, contrariamente a seus textos anteriores, que sua sensibilidade se mantém. Esta também é a primeira vez que afirma ser a bissexualidade mais evidente nas mulheres. Resta saber, quando afirma ter abandonado *há muito tempo* a expectativa de um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual dos dois sexos, de que período, de que artigos está falando. Também neste texto há, possivelmente pela primeira vez, uma separação nítida entre órgão sexual e órgão genital – "a vagina, o órgão genital propriamente dito". Porém, apesar de afirmar não acreditar em um paralelismo nítido entre o desenvolvimento de meninos e meninas, Freud continua pensando em termos de sexo único, para começar, por afirmar que o clitóris é análogo ao pênis.

Freud prossegue seu texto desenvolvendo a questão da diferença, entre meninos e meninas, relacionada com o encontro do objeto. A menina também tem na mãe seu primeiro objeto, que deve ser substituído, ao final de seu desenvolvimento, pelo pai. À "mudança em seu próprio sexo" deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto.

Afirma então que a situação proposta por ele como constituindo o complexo de Édipo serve apenas para o sexo masculino. Apenas nos meninos seria encontrada a combinação entre amor por um dos pais e ódio simultâneo ao outro, visto como rival. A ameaça de castração levaria à transformação do Édipo e ao desenvolvimento do superego, iniciando os processos que se destinam a levar o indivíduo a encontrar seu lugar na comunidade cultural. Um dos remanescentes do Édipo nos homens será um certo desprezo pela mulher, por considerá-la castrada (Freud, 1974g, p. 263).

Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma revulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade incrivelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo [...] não é destruído, mas criado pela influência da castração; [...] com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também, nela as conseqüências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença [...] que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais (Freud, 1974g, p. 264).

Ao final do parágrafo supracitado, Freud acrescenta uma nota de rodapé, onde afirma o seguinte:

É de prever que analistas masculinos com opiniões feministas, bem como nossas analistas femininas, discordem do que afirmei aqui. Dificilmente deixarão de objetar que tais noções se originam do "complexo de masculinidade" do macho e se destinam a justificar, com fundamentos teóricos, sua inclinação inata a desprezar e oprimir as mulheres. [...]. Por sua vez, os opositores daqueles que argumentam dessa maneira pensarão ser inteiramente natural que o sexo feminino se recuse a aceitar um ponto de vista que parece contradizer sua igualdade cobiçada com os homens (Freud, 1974g, pp. 264-265).

Embora inicie a nota falando de analistas homens feministas, a argumentação final é com relação às mulheres. Por que então alguns homens fariam essa crítica às teses freudianas? Voltando mais acima no texto de Freud, quando afirma que à "mudança em seu próprio sexo" deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto,

parece levar às últimas conseqüências a idéia de que o clitóris é, realmente, um pênis. A menina não muda de sexo, apenas de zona erógena e, a ser seguida a própria linha de pensamento de Freud, não muda neste momento, mas apenas na vida adulta. E dizer que a situação proposta por ele como constituindo o complexo de Édipo serve apenas para o sexo masculino, porque apenas nos meninos seria encontrada a combinação entre amor por um dos pais e ódio simultâneo ao outro, visto como rival, também é questionável, basta ver sua afirmação, neste mesmo texto, de que a menina, em seu Édipo negativo, tem a mãe com objeto e o pai como rival. Ora, o mesmo sucede no Édipo "secundário", pois nele a menina tem o pai como objeto e a mãe como rival (mesmo que ela tenha sido anteriormente seu objeto de amor).

É perceptível, na pena de Freud, a partir do artigo intitulado *A dissolução do complexo de Édipo*, uma alteração que leva de afirmações baseadas no modelo de sexo único e no falocentrismo, para afirmações acrescidas de juízo de valor. No texto aqui em questão, temos, por exemplo, não que a menina *considera* o clitóris inferior ao pênis, mas que *reconhece* sua inferioridade, *reconhece* a superioridade masculina. Ao ligar o Édipo ao superego, e considerar que a menina não tem no primeiro a mesma resolução que o menino – em função do complexo de castração – Freud "encontra" a justificativa que faltava para considerar a mulher socialmente inferior. Pode ser até que a maioria das mulheres fosse de fato socialmente inferior por essa época, mas apenas por não ter as mesmas facilidades que os homens para adquirir o conhecimento necessário ao exercício de uma profissão e a um maior traquejo social. Na seqüência de seu artigo, Freud utilizará termos como "inferioridade orgânica" (p. 266), "deficiência" (p. 267), não ter recebido um "pênis apropriado" (p. 268), etc., para referir-se ao corpo feminino. A mulher seria um ser atrofiado, que deve conformar-se com sua inferioridade física, e também com a psíquica – que dela deriva.

Para Freud, os motivos que levam a menina a fazer a mudança de escolha objetal estariam baseados em uma hostilidade para com a mãe. Esta hostilidade poderia ocorrer em função de alguns fatores, como por exemplo: o nascimento de outra criança, que provocaria ciúmes (que pode estar ligado com a idéia de que a mãe não lhe deu leite o bastante); o complexo de castração, no qual a menina culparia a mãe por não possuir um pênis; a descoberta de que a mãe também não possui um pênis, sendo também inferior; a proibição da masturbação, já que a menina considera (acertadamente) que foi a mãe a

iniciá-la nesta atividade (com os contatos provocados pela higiene corporal) (Freud, 1974g, pp. 267-269).

Vale ressaltar que, neste texto, para além da sedução indireta ocorrida nos cuidados corporais, Freud recupera parte de sua "teoria da sedução":

A sedução real também é bastante comum; é iniciada quer por outras crianças, quer por alguém encarregado da criança que deseja acalmá-la, pô-la para dormir, ou torná-la dependente dele. Onde intervém, a sedução invariavelmente perturba o curso natural dos processos de desenvolvimento e com frequência deixa atrás de si conseqüências amplas e duradouras (Freud, 1974g, p. 267).

Ao final de seu texto, Freud retoma criticamente vários artigos de outros psicanalistas. Quanto ao artigo de Abraham de 1920 (publicado em 1921), afirma que, embora a descrição feita por esse autor do complexo de castração na mulher ainda não esteja ultrapassado, teria sido oportuno que ela incluísse o fator da ligação original exclusiva da menina com a mãe. Quanto ao artigo de Lampl-de Groot de 1927, afirma concordar com a identidade entre meninos e meninas na fase pré-edipiana, mas perceber que a autora não faz uma relação entre a hostilidade da menina pela mãe, e sua mudança de objeto. A essa hostilidade, justiça plena teria sido feita no artigo de Deutsch de 1930, onde ela reconheceria a intensidade da relação da menina com a mãe, além da existência de tendências passivas que a fariam voltar-se para o pai. Para Freud, em seu texto anterior, de 1925, Deutsch, em sua ânsia de aplicar o modelo edipiano à fase pré-edipiana, teria interpretado erroneamente a atividade fálica da menina como sendo uma identificação com o pai (Freud, 1974g, pp. 276-277).

Segundo Freud, no artigo de Horney de 1926⁸³, a autora considera de pouca importância as pulsões iniciais da criança, sendo apenas indicadoras de caminhos, e a intensidade a elas relacionadas seria devida a regressões e formações reativas posteriores. Nessa direção, Horney consideraria a inveja do pênis como uma formação secundária, utilizada para desviar as pulsões femininas em direção ao pai. Freud discorda de Horney, por considerar que a força das primeiras pulsões libidinais é incomensurável, e superior a qualquer outra que surja depois. Freud aplica uma objeção semelhante ao artigo de Jones de 1927, onde o autor afirma que a fase fálica nas meninas é uma formação secundária. Isto não corresponderia nem à posição dinâmica,

⁸³ Não foi possível encontrar este texto.

nem à posição cronológica do desenvolvimento. Quanto ao texto de Klein de 1928, a autora situaria o complexo de Édipo já no começo do segundo ano de vida, o que não corresponderia ao que pode ser percebido pela análise de adultos, sendo incompatível com as descobertas de Freud quanto à longa duração da ligação pré-edípica da menina com a mãe (Freud, 1974g, pp. 277-279).

TRÊS DESTINOS

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 82), após a publicação, em 1931, do artigo de Freud *Sexualidade Feminina*, Bonaparte irá transformar a doutrina psicanalítica em uma tipologia das pulsões biológicas, distinguindo três categorias de mulheres:

- as que reivindicam e procuram apropriar-se do pênis do homem;
- as que aceitam e se adaptam à sua realidade;
- as que se afastam da sexualidade.

Essa teoria de Bonaparte não parece, contudo, muito original. Embora Freud considere a inveja do pênis comum a todas as meninas, também leva em conta várias possibilidades de funcionamento sexual na mulher adulta, dependendo da resolução edípica, que muito se assemelham às desta autora (segundo a descrição de Roudinesco e Plon), apontando claramente estas possibilidades justamente em seu artigo de 1931.

QUEM TEM MEDO DE KAREN HORNEY?

O artigo de Freud de 1931 parece ter despertado reações diversas no meio psicanalítico. Em 1932, Horney publica um artigo intitulado *O medo da mulher*. Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975) fornecem um resumo desta sua obra. Horney teria afirmado que a explicação de Freud para o medo que os homens sentem da mulher (reação ao desejo feminino inconsciente de castrar o homem) explicitado em *O tabu da virgindade*, seria incompleta. Considera que o temor que o homem sente da mulher tem raízes mais profundas, e está associado à sua relação com a mãe. Tendo sido a mãe o objeto dos desejos agressivos do menino, sua função de educadora levaram-no a sentir-se dominado e frustrado (p. 41).

O menino adivinharia a existência, na mãe, de um órgão sexual complementar ao seu, em função de suas pulsões, que o impelem à penetração em um órgão côncavo.

Mas sente-se humilhado, pequeno, impotente e fraco diante da mãe, o que resulta em um sofrimento narcísico, com fortes sentimentos de inferioridade e desejos agressivos de vingança. Paralelamente, o fato de projetar sua hostilidade na mãe e sua vagina, desperta seu medo, desviando então sua libido da vagina. O menino faz uma retirada falo-narcisista, reprimindo o próprio conhecimento da vagina. A organização fálica, com a exclusão da vagina, é portanto secundária. Para compensar seu fracasso primário junto à mãe e anular seus temores, o homem tanto irá idealizar o objeto amoroso como rebaixá-lo; ou procurará triunfar sobre um grande número de mulheres; ou fará uma escolha de objeto homossexual; ou, por fim, estenderá seu desprezo ao sexo feminino em geral (pp. 41-42).

Possivelmente Freud criticaria a idéia do recalçamento da vagina na fase fálica do menino. E com razão: os sentimentos de posse sobre a mãe nunca se encontram mais exacerbados do que na fase fálica. Todo o resto da argumentação de Horney parece estar correta – o medo que o homem sente da mulher seria a conseqüência de um medo original da mãe – mas (por que não?), também de um desconhecimento primário da vagina.

MUITO É MUITO POUCO⁸⁴

Em seu livro *Psicanálise da criança*, também de 1932, Klein coloca que as tendências edípicas da menina se iniciam com seu desejo oral pelo pênis do pai. Estes desejos já estariam acompanhados de impulsos genitais.

Esta tese difere em alguns aspectos da teoria aceita em psicanálise. Freud chegou à conclusão de que é o complexo de castração que introduz o complexo de Édipo na menina e que, o que a faz afastar-se da mãe é o rancor por não haver recebido um pênis para ela. Todavia, a divergência entre o ponto de vista de Freud e o meu, torna-se menor quando refletimos que eles concordam em dois pontos essenciais, a saber: o desejo da menina de ter um pênis e seu ódio à mãe que lho recusa. Porém, a meu ver, o que a menina deseja acima de tudo não é possuir um pênis para si como atributo de masculinidade, mas sim incorporar o pênis paterno como objeto de gratificação oral. Ademais, creio que esse desejo não é um produto de seu complexo de castração, mas a expressão mais fundamental de suas tendências edípicas; ela é trazida para o domínio de seus impulsos edípicos não indiretamente, através de suas tendências masculinas e de sua inveja ao pênis, mas diretamente, como resultado de seus componentes instintivos femininos dominantes (Klein, 1969, pp. 260-261).

⁸⁴ Da música *Muito*, de Caetano Veloso.

Klein prossegue seu texto afirmando que há diversos fatores determinantes da mudança de objeto do seio da mãe para o pênis do pai⁸⁵. As exigências das pulsões orais de sucção, estimuladas pela frustração sofrida com o seio materno, criam para a menina⁸⁶ um quadro imaginário do pênis paterno como sendo um órgão que pode proporcionar uma gratificação infinita. As pulsões sádicas da fase uretral reforçam essa fantasia, em função das crianças atribuírem maiores capacidades uretrais ao pênis, além de formularem uma relação entre todas as substâncias do corpo. A frustração oral sofrida com a mãe estimula todas as zonas erógenas da menina, despertando suas tendências genitais e seus desejos referentes ao pênis do pai. O pênis paterno converte-se então em objeto de seus impulsos orais, uretrais, anais e genitais, tudo ao mesmo tempo. Por fim, outro fator que ajudaria a intensificar esses desejos seria a teoria sexual inconsciente de que a mãe incorporou o pênis paterno, e a conseqüente inveja que a menina sente da mãe (Klein, 1969a, p. 262).

Se a menina mantém sua posição feminina, esse desejo pelo pênis do pai a levará a assumir uma atitude humilde e submissa em face do sexo masculino. Por outro lado, pode desenvolver intensos sentimentos de ódio por lhe haverem negado o objeto tão ansiado. Mas se ela assume uma posição masculina, esta pode dar origem a todo tipo de manifestação da inveja do pênis. Se o que predomina é o medo do pênis (pênis mau), em função do deslocamento de sua angústia diante da mãe, que tem o pênis do pai como apêndice, então haverá uma atitude distorcida diante do sexo (Klein, 1969a, p. 262).

O caráter das fantasias que prevalecem (pênis bom ou pênis mau), é de importância fundamental para a formação do superego e para o desenvolvimento da vida sexual tanto dos menino quanto das meninas. A maior submissão da menina ao pai introjetado faz com que ela se torne também mais submissa que o menino a seu superego. Klein acredita, portanto, contrariamente a Freud, que o superego da menina é mais potente que o do menino. A angústia e a culpabilidade da menina diante da mãe, contribuem para aumentar a divisão de seus sentimentos em relação ao pênis do pai. As

⁸⁵ Nesta parte de sua obra, Klein faz referência ao artigo de Helene Deutsch, de 1925. Como Deutsch faz, por sua vez, em todo seu artigo, referências a Ferenczi, fica comprovada a cadeia de pensamentos. O que há de original na pena de Klein, é sua colocação da relação seio/pênis em uma fase muito mais remota que os autores supracitados. Entre as páginas 270 e 272 de *Thalassa* (Ferenczi, 1993), pode ser encontrada a terminologia e algumas idéias utilizadas por Klein.

⁸⁶ Porque apenas para a menina?

atividades sexuais da vida adulta, quer ocorram em forma de felação, de sexo anal, ou de coito normal, ajudam a menina a verificar se os seus temores relacionados ao pênis são fundados ou não (Klein, 1969a, pp. 264-265).

Para Klein, a menina teria um conhecimento inconsciente da vagina, mas como em suas fantasias transforma a vagina da mãe em instrumento de destruição, sua angústia encontra-se relacionada com o interior de seu corpo. Assim, a vagina acaba sendo eclipsada pela atividade do clitóris. Muitas vezes, a menina possui também um conhecimento consciente da vagina, seja por ter sido vítima de abuso sexual, seja em função de investigações sexuais realizadas juntamente com outras crianças. Mas há um grande número de evidências de que a vagina não assume sua função completa enquanto não tiver sido praticado o ato sexual (Klein, 1969a, p277-278).

Os textos de Klein são extremamente confusos. Raramente apresentam referências adequadas, e suas idéias carecem de um encadeamento lógico, deixando várias perguntas em aberto. Aqui serão ressaltadas algumas em relação à parte de seu livro supracitada. Sendo o pênis do pai visto como tão satisfatório para ambos os sexos, o menino também o deseja e introjeta? De que depende a menina manter uma posição feminina ou masculina após tomar como objeto o pênis do pai? Porque a menina é mais submissa ao pai introjetado? Porque a angústia da menina em relação à mãe é maior que a do menino? Em termos psíquicos, tanto faz se as relações sexuais ocorrem em forma de sexo oral, anal, ou vaginal? A mulher manteria a sensibilidade de todas essas áreas, sendo então perversa polimorfa? Ou algumas mulheres teriam ficado fixadas na fase oral, outras na fase anal, e assim por diante?

FASE FÁLICA COMO NEUROSE

Em uma resposta declarada ao artigo de Freud de 1931, Jones publica, em 1932, um artigo intitulado *A fase fálica*. Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975) oferecem um resumo do mesmo. Jones iniciaria seu artigo afirmando ter constatado a existência de profundas divergências de opiniões no meio psicanalítico, quanto à sexualidade infantil, nos últimos dez anos. Propõe-se então a tornar claras as oposições. Inicia retomando seu artigo de 1927, no qual sugere que a fase fálica na menina é de natureza defensiva e secundária, tese rebatida por Freud em seu artigo de 1931. Afirma então,

baseado no artigo de Horney supracitado (*O medo da mulher*, também de 1932), que é possível pensar que a fase fálica no menino é igualmente secundária (pp. 49-50).

Jones então subdivide a fase fálica, descrita por Freud, em duas. A primeira, que o autor chama de protofálica, caracterizar-se-ia pela concepção unicista do órgão sexual, com a exclusão da vagina, ou seja, os meninos acreditam que todos têm um pênis, as meninas acreditam que todos têm um clitóris. Não haveria nenhum conflito nessa fase. Mas Jones defende um conhecimento inconsciente da vagina, presente, no menino, nas fantasias de penetração. Na segunda fase, que Jones denomina dêutero-fálica, iniciada pela visão dos órgãos sexuais do sexo oposto, tanto o menino quanto a menina dividem o mundo em "fálico" e "castrado". Nessa fase, o menino superestima seu pênis, fazendo uma retirada parcial das relações objetais em benefício de seu narcisismo, demonstrando um comportamento de fuga – não uma fase normal do desenvolvimento. O menino não se interessa pelo sexo oposto, dedicando toda sua curiosidade sexual à comparações de seu pênis com o de outros meninos. No momento em que toda a atenção do menino dirige-se para seu órgão o desejo de penetração está ausente. Isso ficaria mais claro com a persistência da fase fálica no adulto, manifesta na forma de angústias profundas quanto ao tamanho do pênis e de um exagero de supercompensações narcisistas (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 50-51).

Jones afirma que nas fantasias infantis, relacionadas ao coito, um dos parceiros é castrado. Essa relação entre coito e castração teria sido estabelecida em função dos desejos femininos do menino em relação ao pai. O horror do menino face aos genitais femininos deve ser compreendido como um horror do local onde os desejos femininos foram satisfeitos. Os desejos femininos seriam as pulsões destrutivas por incorporação oral (castrar pela mordida), ou anal (castração do pênis em uma relação homossexual). O fato da vagina da mãe estar relacionada à satisfação dessas pulsões, relaciona-se com a fantasia infantil – descoberta por Klein – de que a mãe é a detentora do pênis do pai. Assim, entrar na vagina da mãe é ir de encontro ao pênis do pai tornado ameaçador em virtude de uma projeção dos desejos sádicos femininos do menino – castrar o pai (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, p. 51).

Haveriam, segundo Jones, dois conceitos de feminilidade na psicanálise. Um deles presumiria que a menina é um homenzinho que se precipita na feminilidade pelo

fracasso de sua masculinidade. O outro a conceberia como feminina desde o início, sendo precipitada numa atitude masculina defensiva pelo fracasso de seus desejos femininos. Jones prossegue afirmando que Freud (em seu artigo de 1931), em sua crítica a Horney, teria utilizado sua própria terminologia para explicitar as teses da autora, ao afirmar que essas teses consideram que as primeiras pulsões só se intensificam devido a *regressões* e formações reativas. Jones assevera que o uso do termo regressão deve-se à profunda convicção de Freud da identidade entre o clitóris e o pênis. Para quem não faz essa correlação (como Horney), não se trataria de uma regressão, mas de uma "neoformação neurótica". Jones nega a identidade entre os dois órgãos por levar em consideração o fato de que *o clitóris é uma parte dos órgãos sexuais femininos*. Afirma ainda que a masturbação clitoridiana pode estar associada a fantasias bastante femininas, e que a clínica mostra a precocidade dos desejos vaginais, associados a uma angústia bem mais profunda que aquela atribuída por Freud ao funcionamento clitoridiano (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 52-53).

Até o ponto em que a teoria de Jones se encontra com a de Klein ela mostra-se lógica e coerente. Klein parece ter sobre Jones a mesma influência que Fliess sobre Freud: a de confundir, mais que esclarecer. Ao se aferrar às teses de Klein, Jones parece estar defendendo outra coisa que não sua linha de pensamento. E é preciso destacar que, neste artigo, Jones inaugura uma crítica extremamente necessária ao modelo de sexo único presente na psicanálise: *o clitóris faz parte dos órgãos sexuais da mulher*. Homens não tem clitóris, por isso, a masturbação do clitóris não tem nada de masculina – basta ver as diferenças na maneira como o onanismo é praticado pelos dois sexos, em função do formato diferenciado dos órgãos.

Jones assevera que, para Freud, a decepção da criança seria decorrência do fato de seus desejos serem destituídos de finalidade, mas seria possível afirmar o contrário. A criança tem finalidades bem definidas e sua decepção vem da impossibilidade de atingi-las. As finalidades das meninas são muito próximas às da mulher adulta. O desejo de um filho é primário e objetal, a menina deseja incorporar um pênis e fazer um filho. O desejo pelo filho *não* vem substituir o desejo impossível de ter um pênis com fins narcisistas. Jones também se opõe à afirmação de Freud de que apenas no menino é encontrada a conjunção do amor por um dos pais e o ódio pelo outro como rival. Pensa que, quando a menina percebe que o pênis desejado do pai é retido em poder da mãe,

esta torna-se sua rival. A menina, tal qual o menino, temeria ser mutilada pelo genitor do mesmo sexo (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 53-54).

VENDO O ARGUEIRO NO OLHO DO OUTRO

Possivelmente influenciado pelo texto de Jones, e apesar de também referir-se ao clitóris como um "pequeno pênis", segundo Roudinesco e Plon (1998), Ferenczi irá assinalar, em seu *Diário Clínico*, em 1932, que a relação feita por Freud entre o clitóris e o pênis é uma espécie de "masculinização" da mulher, explicável pela relação de Freud com sua mãe, que tinha uma personalidade muito forte (pp. 706-707).

No Congresso da *IPA* deste ano, Ferenczi apresenta um ensaio, inicialmente intitulado *As paixões dos adultos e sua influência sobre o desenvolvimento do caráter e da sexualidade da criança*. Publicado no mesmo ano, seu nome foi mudado para *Confusão de línguas entre os adultos e as crianças*. Neste artigo, Ferenczi reabre o debate sobre a teoria da sedução, possivelmente incentivado pelas observações de Freud a este respeito em seu artigo do ano anterior⁸⁷. Ferenczi afirma que o fator traumático tem sido injustamente negligenciado na etiogênese das neuroses nos últimos anos. Sem aprofundar suficientemente a possível origem exterior do trauma, alguns analistas considerariam existir uma pré-disposição constitucional para a formação de fantasias a este respeito (Ferenczi, 1992b, p. 97).

Para chegar à questão do trauma, Ferenczi discute primeiramente a transferência. Afirma que, em seu consultório, o mesmo paciente que em um dia lhe cobra agressivamente ajuda para sua angústia, no outro é capaz de apresentar-se da forma mais submissa, corroborando todas as suas afirmações. Disso Ferenczi conclui que os pacientes percebem claramente os desejos, humores e simpatias do analista, até mesmo quando o último não tem consciência deles. No lugar de contradizer o analista ou de acusá-lo de fracasso, os pacientes identificam-se com ele. Apenas em estado de excitação histeróide, beirando a inconsciência, é que o paciente consegue protestar, mas normalmente sequer pensa em criticar o analista, a não ser que tenha recebido deste o encorajamento para fazê-lo (Ferenczi, 1992b, pp. 98-99).

⁸⁷ Apesar disso, Freud não iria receber bem este texto, bem como Jones – que parece só ser ortodoxo com os outros (Roudinesco & Plon, 1998, p. 324). Vale ressaltar que, possivelmente, o que mais teria incomodado Freud e Jones foram as críticas à técnica analítica expressas por Ferenczi neste artigo.

Mas, para que o analista possa suportar a manifestação da transferência negativa, é preciso que vença suas próprias resistências e aprofunde sua análise, evitando assim que em breve seus pacientes estejam melhor analisados que ele próprio. Uma das críticas mais comuns que o paciente teria a fazer refere-se à hipocrisia profissional: apesar de acolher todo e qualquer paciente polidamente, prometendo-lhe atenção irrestrita em sua hora de análise, muitas vezes o profissional não o suporta, ou sente-se entediado e fica pensando em outras coisas. Ferenczi afirma que, após ter descoberto e resolvido esse problema técnico, encorajando os pacientes a expressarem a transferência negativa, teve acesso a um material escondido: a hipocrisia profissional, que o paciente percebe, não difere em essência da situação vivida por ele na infância, especialmente no caso de vítimas de abuso sexual (Ferenczi, 1992b, pp. 99-101).

Ferenczi afirma ter confirmado a existência do abuso infantil para além das fantasias, pelo fato de receber relatos não só de pacientes que diziam disto ter sido vítimas, mas também de um número considerável de pacientes que assumiam ter abusado de crianças. Descreve então a forma como mais comumente ocorreria a situação de abuso infantil: existe o sentimento amoroso entre a criança e o adulto; a criança tem fantasias lúdicas; o adulto (com tendências psicopatológicas ou usuário de algum tipo de droga) confunde as brincadeiras infantis com o desejo real, e concretiza o ato sexual, que pode ser: o coito de um homem com uma menina ou um menino, felação, relação de uma mulher com um adolescente, etc. (Ferenczi, 1992b, pp. 102-103).

A reação de ódio e recusa da criança é inibida por um medo intenso. Ela sente-se física e moralmente sem defesa. Quando o medo atinge seu ponto culminante, a criança submete-se automaticamente à vontade do agressor, adivinha seus desejos, e identifica-se totalmente com ele. A criança introjeta o adulto, juntamente com sua culpa. No geral, as relações com uma segunda pessoa de confiança (a mãe, por exemplo), não são suficientemente íntimas para que a criança possa encontrar uma ajuda junto dela – algumas tentativas neste sentido podem ser repelidas pela mãe como tolices. A criança que sofre o abuso transforma-se em um ser que obedece mecanicamente, ou que se fixa numa atitude obstinada. Sua vida sexual não se desenvolve ou assume formas perversas (além da possibilidade do surgimento de uma psicose). A personalidade é estruturada apenas com o funcionamento do id e do superego, não havendo possibilidade de

afirmação em caso de desprazer. Se uma menina brinca de colocar-se no lugar da mãe, tornando-se a esposa do pai, ela não deseja dispensar a ternura materna. Os adultos deveriam reconhecer, por trás da submissão das crianças (e os analistas, por trás da transferência amorosa dos pacientes), o desejo de libertação desse amor opressivo (Ferenczi, 1992b, pp. 102-104).

CALA A BOCA, REICH...

Também em 1932, aumenta a tensão entre Reich e os dirigentes do Partido Comunista Alemão. Em janeiro, Reich publica, na revista dirigida por Freud, um artigo questionando a interpretação freudiana do masoquismo: *O caráter masoquista* (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 14).

Freud desejava publicar um parágrafo introdutório ao artigo, no qual faria as seguintes ressalvas:

No âmbito da psicanálise, esta revista concede, a todo autor que lhe dirige um texto para publicação, plena liberdade para sua opinião; em contrapartida, a revista deixa aos autores a responsabilidade das opiniões que expõem. No caso do doutor Reich, o leitor deve ser informado que o autor é membro do partido bolchevista. Ora, sabemos que o bolchevismo impõe, assim como as organizações eclesiais, limites para a pesquisa [...]. O editor teria feito o mesmo comentário, se lhe apresentassem um texto redigido por um membro da SJ (Societas Jesu) (Freud, conforme citado por Roudinesco & Plon, 1998, p. 652).

Contudo, apesar de o próprio Reich concordar com o prefácio, Eitingon, bem como outros psicanalistas consultados por Freud, são contrários a tal atitude, com medo de que os comunistas a considerem uma declaração de guerra⁸⁸. Ao fim, publica-se o trabalho, seguido por um artigo de 30 páginas de Siegfried Bernfeld, intitulado *A discussão comunista da psicanálise e a "refutação de Reich da teoria da pulsão de morte"*. Em março de 1932, Reich funda sua própria editora. Em outubro, o *Diário das juventudes comunistas* proíbe a difusão de seus textos, em especial dois deles, voltados para a educação sexual (um para crianças, outro para pais), publicados neste mesmo ano. Mesmo com a proibição, esses textos alcançam grande sucesso junto às bases do

⁸⁸ É interessante notar que Jones (1979), ao citar este incidente, refere-se ao artigo como tendo como tema *A fusão do marxismo com a psicanálise*, e não *O masoquismo e a pulsão de morte* – na verdade, todo o artigo se baseia em um caso clínico atendido por Reich a partir de 1928. Roudinesco e Plon (1998), por outro lado, afirmam que o prefácio de Freud foi realmente publicado, contrariamente às outras biografias.

Partido (Autor desconhecido em Reich, s.d., pp. 14-15, Boadella, 1985, p. 88, Jones, 1979b, p. 722 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 652).

Em 1933, Hitler é feito chanceler, levando o Nacional-Socialismo ao poder, e iniciando declaradamente a perseguição aos judeus. Em fevereiro, Eitingon e Freud defendem a continuidade do *BPI*. Reich propõe, inutilmente, a dissolução da *DPG*, e o confronto direto com os nazistas. Em fevereiro, Reich vai a Copenhague, Dinamarca, convidado por uma organização estudantil para falar sobre "Reforma sexual e crise social". Pronuncia também, numa reunião de trabalhadores, uma conferência sobre "Fascismo na Alemanha". Retorna a Berlim ao final do mês e nesta mesma noite o edifício da Câmara Legislativa alemã é incendiado, e os nazistas atribuem a responsabilidade por tal ato aos comunistas, aumentando os pretextos para usar de represálias contra eles. Na manhã seguinte, 1500 intelectuais e oficiais de esquerda são presos. Muitos dos amigos de Reich são ocultados, presos ou baleados. Annie muda-se com amigos, e manda suas filhas para a casa dos avós, em Viena – sua relação com Reich chegava ao fim (Boadella, 1985, p. 87 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 653/813).

Em Berlim, a pena de morte é instituída para todos os que estejam de posse de armas, ou mesmo folhetos. A casa de Reich fica sob observação e ele precisa registrar-se em um hotel, com nome falso; mas, como sua prisão era iminente (a imprensa nazista publica um artigo atacando seu livro *O combate sexual da juventude*), acaba fugindo para Viena, em março, disfarçado de turista. Ali permanece por menos de dois meses, sem receber atenção, pois seus colegas consideram que a política nada tem a ver com a ciência. Embora sua entrada na Universidade não seja impedida, os alunos são aconselhados a não assistir suas aulas. Neste período, tem um encontro desagradável com o responsável pela editora oficial da psicanálise, que em janeiro havia feito um contrato para a publicação daquele que se tornaria um dos mais importantes livros de Reich: *Análise do caráter*. Contudo, neste momento, "devido à situação política", o diretor declina da publicação. Assim, este livro acaba sendo publicado de forma privada e com dinheiro emprestado (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 15 e Boadella, 1985, pp. 87-88).

Em seu livro *Análise do caráter*, Reich retoma algumas críticas de Ferenczi à técnica psicanalítica, afirma que a psicanálise tem se debruçado muito mais sobre a

teoria que sobre os problemas técnicos, e conclui haver quase tantas técnicas quanto psicanalistas – cada um fazendo as coisas do seu jeito. Afirma que Freud, ao descobrir que o paciente resiste às interpretações, passara a evitar a interpretação direta, tentando eliminar paulatinamente as resistências contra os elementos reprimidos. Assevera que seu livro é uma tentativa de aplicar a técnica desenvolvida por Freud – da análise da resistência – à "análise do caráter". Isso porque percebera em seu trabalho clínico que os anos de doença, aliados a experiências negativas com médicos, levam o paciente a não ter condições de observar a regra básica da psicanálise, especialmente no começo de seu tratamento. A eliminação dessa resistência inicial à análise seria muito simples, não fossem as peculiaridades de cada paciente, ou seja, por seu tipo de caráter. Assim, Reich considera necessário interpretar, desde o começo, as resistências do paciente, para ir esclarecendo *de que forma* ele resiste. Em outras palavras, ir mostrando ao paciente que a maneira como aparecem suas resistências está diretamente relacionada a seu comportamento neurótico em qualquer outra situação (Reich, 1972, pp. 31-37/55-56/71-73).

Em abril de 1933, numa reunião do *Comitê Executivo de Viena da IPA*, Reich faz uma tentativa de que a organização esclareça se ainda o deseja como membro, mas não é tomada uma posição clara, embora Anna Freud afirme que os poderes existentes estão contra Reich. Ainda em abril, a terminologia psicanalítica começa a ser banida do vocabulário médico e psicológico da Alemanha. Embora Freud duvide da possibilidade de vir a ter problemas concretos com os nazistas, seus livros são queimados, em maio, em Berlim. Dois de seus filhos, que então ali viviam, fogem para a Inglaterra (Ernest) e para a França (Oliver). Também em maio, Reich decide abandonar Viena, e vai para Copenhague (transferindo sua editora para lá), a convite de um psicanalista – entre vários outros – que deseja ser treinado por ele na análise do caráter (Boadella, 1985, pp. 88-89 e Jones, 1979b, pp. 732-733).

Ainda em maio, em meio a todo o tumulto, morre Sandor Ferenczi⁸⁹, de uma anemia perniciosa. Freud, ao lhe prestar homenagem, teria comentado a importância que o ato de curar assumira para Ferenczi. Em setembro, após a ordem de não haver judeus nos conselhos científicos, Jones assume a presidência da *IPA* e Felix Boehm,

⁸⁹ A obra de Ferenczi seria particularmente apreciada na França e na Suíça.

simpatizante nazista, membro também do *BPI*, assume o cargo de Eitingon na presidência da *DPG*. Freud, em uma visita particular que Boehm lhe faz, sem perceber o que o nazismo poderia fazer com as instituições psicanalíticas, só lhe teria dado duas recomendações: a de que o psicanalista Harald Schultz-Hencke jamais fosse eleito para o comitê diretor da *DPG* (por ser adleriano) e que o livrassem de Wilhelm Reich (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 12/234).

Inicia então a emigração maciça de psicanalistas alemães – principalmente para a Argentina, a Inglaterra e os Estados Unidos. Os austríacos e os húngaros logo os seguirão. Da Dinamarca, Reich viaja para Londres, depois vai a Paris, volta para a Áustria, vai à Tchecoslováquia e à Polônia, de onde retorna a Copenhague. Toma então conhecimento de que fora expulso do Partido Comunista Alemão, em função de suas críticas à postura do mesmo diante do nazismo. Ao final de 1933, é obrigado a abandonar a Dinamarca acusado de "agente provocador" pelo comitê do Partido Comunista e de "indesejável revolucionário" pelas forças da direita (Boadella, 1985, pp. 88-89).

Enquanto isso, Andreas-Salomé assiste horrorizada à instauração do regime nazista. Sabe do ódio que lhe consagra a irmã de Nietzsche, que se tornara hitlerista fervorosa. Sabe que os burgueses a chamam "a feiticeira". Mas, apesar disto tudo, decide não sair da Alemanha. Também por esta época, Mack-Brunswick começa a depender, realmente, da morfina. Parece então ter um problema de vesícula, e sofrer de neurite, mas talvez seus problemas sejam apenas de cunho psicológico (Roazen, 1974, p. 476 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 24).

MAIS VAGINA NA INFÂNCIA

Na continuação de seu artigo de 1932 (*O medo da mulher*, onde expunha sua opinião sobre o desconhecimento do menino sobre a vagina da mãe), Horney publica, em 1933, outro artigo, intitulado *A negação da vagina*, onde prossegue sua discussão, agora voltada para o sexo feminino. Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975) fornecem um resumo desta obra. Horney teria elencado as conseqüências das opiniões de Freud referentes à fase fálica: mesmo a mulher normal teria tendências masculinas a sobrepujar a cada etapa de sua feminilidade (menarca, sexo, gravidez, etc.); a

homossexualidade feminina seria muito mais freqüente que a masculina; a própria maternidade seria considerada um substituto; a vida inteira da mulher caracterizar-se-ia pelo ressentimento (p. 42).

Apontaria, neste artigo, o fato de haver um correspondente à inveja do pênis para a menina: o desejo do menino de ter um filho, assim como outros atributos femininos, o que não constituiria uma discordância de seu próprio sexo. Defende a necessidade de diferenciar entre o que são desejos expressos muito cedo de modo lúdico, e os desejos de mesma ordem que surgem no período de latência. Horney afirmaria então que a criança do sexo feminino torna-se mulher muito cedo, e não apenas (como Freud imagina) na puberdade, pois teria obtido, devido a seu trabalho junto a pediatras, a certeza de que a masturbação vaginal é muito precoce e freqüente. Além disso, as fantasias onanistas e os sonhos das meninas mostram que possuem conhecimento da vagina. Considera a frigidez não como resultado de um problema com a passagem das excitações do clitóris para a vagina, mas do recalçamento das excitações vaginais (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 42-43).

Esse recalçamento seria devido ao desejo da menina de castrar o pai (ligado à frustração edipiana), com o conseqüente temor da retaliação. A retaliação é temida de forma semelhante ao que ocorre com os meninos, mas haveriam alguns temores mais específicos do sexo feminino. Em função da desproporção entre o órgão sexual do pai e o seu, a menina tem medo de ser destruída no coito edipiano. As menstruações, o parto, o defloramento, o aborto, confirmariam seus temores íntimos, sendo que a dificuldade de visualizar o seu órgão genital a impediria de certificar-se de que seus temores são infundados. Com o temor que sente em relação a danos no interior de seu corpo, a menina então recalca suas pulsões vaginais, transferindo-as para seu órgão externo, o clitóris (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, p. 43).

ESPERANDO DEITADA

Ainda com base no artigo de Freud de 1931 (Feminilidade), Lampl-de Groot também publica um artigo em 1933, intitulado *Contribuição ao problema da feminilidade*, cujo resumo pode ser encontrado em Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975). Neste artigo, Lampl-de Groot teria afirmado que a diferença fundamental entre

o homem e a mulher reside na relação entre atividade e passividade. No sexo, é ativo aquele que "ataca" e conquista seu objeto sexual, e passivo aquele que se dá a seu parceiro. No amor, encontrar-se-ia a mesma oposição entre ativo e passivo: o homem ama e a mulher se deixa amar – o homem sobrepuja as ofensas a seu narcisismo e o complexo de castração para poder alcançar relações objetais autênticas. Sua agressividade é utilizada na conquista da mulher, sendo o restante sublimado, e suas tendências passivas são subordinadas a tendências ativas (p. 25).

Já a sexualidade da mulher normal exigiria passividade. Dessa forma, seus impulsos agressivos seriam internalizados sob a forma de masoquismo, até porque como já observara Helene Deutsch, os acontecimentos da vida feminina (como a defloração e o parto) comportam a dor. Considerando haver apenas uma libido, porque a conduta da mulher é passiva, e a do homem ativa? No primeiro período de sua vida, a menina seria tão ativa quanto o menino, tendo como objeto a mãe. O que a levaria a renunciar a sua atividade, tomando o pai como objeto, seriam as decepções e as ofensas a seu narcisismo devido ao complexo de castração (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 25-26).

Que pode nos fornecer a psicanálise para explicar o fato biológico de que a vida sexual masculina se cumpre com a ajuda das tendências ativas e a vida sexual feminina com a ajuda das tendências passivas? Concordamos [...] em atribuir à conduta ativa e passiva o mesmo significado tanto em relação à vida quanto à sexualidade; o indivíduo pode deixar que as impressões e as excitações vindas do exterior ajam sobre si, e neste caso é passivo; quando reage ao mundo exterior através de uma tentativa de domínio e de conquista, é ativo. As primeiras sensações sexuais são recebidas pela criança de *um modo passivo*; a criança reage aceitando as excitações agradáveis e procurando repeti-las; o eu estabelece uma relação objetual libidinal com a mãe. Tal vivência comporta uma reação ativa, o objeto é investido pela libido (ativa por definição) com a ajuda de impulsos agressivos (Lampl-de Groot, conforme citada por Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, p. 26).

Em uma conduta puramente feminina da mulher em relação ao homem, não há lugar para a atividade. O amor feminino é passivo, a mulher não ama, deixa-se amar de forma narcisista. Já o amor que as mulheres utilizam em sua função materna é ativo, ligado, portanto, à masculinidade. As boas mães são mulheres frígidas. A mulher passiva, feminina, não tem superego, pois o desenvolvimento deste se dá pela introjeção do objeto – um processo agressivo e ativo. O menino introjeta o objeto paterno odiado, seu Édipo entra em declínio, e o objeto introjetado transforma-se em superego. No caso

da menina, não sendo a mãe uma rival⁹⁰, não há como destruí-la e introjetá-la. Ela permanece no mundo externo na forma de um objeto amado ternamente (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, p. 27).

Vale ressaltar que, em seu livro, Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975) utilizam sempre o nome completo dos autores. Não é o caso de Lampl-de Groot. Seu prenome aparece representado apenas pela inicial. Com relação a seu texto de 1927, Lampl-de Groot é chamada de "ela" (p. 24). Mas o resumo do artigo de 1933 deve ter sido feito por uma pessoa diferente⁹¹, pois, na página 26 desse livro, ao referir-se a Lampl-de Groot, é utilizado por duas vezes o termo *o autor*. Nada mais natural – sem saber nada a respeito dessa psicanalista, nem mesmo seu sexo, da leitura de seus artigos fica impossível concluir que se trata de uma mulher, tal o machismo de sua obra.

"FALANDO" PARA LEIGOS ?

Ainda em 1933, é publicado um artigo de Freud intitulado *Feminilidade*, componente das *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Contudo, se as *Conferências introdutórias* foram realmente apresentadas, na Universidade de Viena, para estudantes de psicanálise, as *Novas...* não. Trata-se de artigos que Freud teria escrito usando o artifício de imaginar-se diante de uma platéia (para não perder o contato com o leitor). Mais: uma platéia de pessoas leigas. Considerando, contudo, as discussões acirradas que ocorriam no movimento psicanalítico com relação à questão do desenvolvimento sexual da mulher, ao menos nesta conferência (de número XXXIII) Freud parece estar se dirigindo, acima de tudo, a seu "público" de sempre: os outros psicanalistas.

Neste artigo, em que retoma os pontos desenvolvidos em *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) e em *Feminilidade* (1931), Freud irá realizar uma importante discussão sobre os significados das palavras "masculino" e "feminino". Irá questionar qual o domínio onde se encontra aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade. Segundo Freud, há quem o relacione com a psicologia, empregando "masculino", "feminino" e "bissexual" como

⁹⁰ Por que não?

⁹¹ Ou pode ser que se trate de um erro de tradução mas, mesmo assim, a observação continua válida.

qualidades psíquicas. Mas ele questiona o fato de que com "masculino" se quer dizer "ativo" e, com "feminino" se quer dizer "passivo"⁹², e quanto mais distante da esfera sexual se for, mais torna-se inadequada esta analogia (Freud, 1976l, pp. 141-142).

As mulheres também demonstram grande atividade, em diversos sentidos. E para que o homem possa viver em sociedade precisa desenvolver uma grande dose de adaptabilidade passiva.

Se agora os senhores me disserem que esses fatos provam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais, no sentido psicológico, concluirei que decidiram, na sua mente, a fazer coincidir "ativo" com "masculino" e "passivo" com "feminino". Mas advirto-os de que não o façam. Parece-me que não serve a nenhum propósito útil e nada acrescenta a nossos conhecimentos (Freud, 1976l, p. 143).

A parte do texto de Freud supracitada é bastante inovadora. Ele próprio sempre fez esta relação, e sempre considerou que a explicação para a atividade nas mulheres e a passividade nos homens fosse a bissexualidade própria aos seres humanos.

Freud prossegue seu texto afirmando que se poderia considerar como uma característica psicológica feminina a escolha, preferencialmente, por fins passivos; mas, para chegar a eles, pode ser necessária muita atividade. A preferência das mulheres por comportamentos e fins passivos pode derivar de uma relação de outros comportamentos com o comportamento sexual, que serviria de modelo. Mas é preciso não subestimar a influência dos costumes sociais que compelem as mulheres à passividade. Há também uma relação entre vida pulsional e feminilidade. E a supressão da agressividade nas mulheres, tanto por motivos constitucionais quanto por imposição social, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas. Poder-se-ia, então, considerar o masoquismo como verdadeiramente feminino. Mas como se justificaria então a ocorrência de masoquismo nos homens? (Freud, 1976l, pp. 143-144).

Esta parte do texto de Freud é absolutamente revolucionária em sua pena. A afirmativa de que as mulheres são mais passivas devido à influência do social, e não por sua constituição, talvez remeta aos questionamentos que Freud vinha sofrendo em sua teoria. Freud conclui sua discussão inicial sobre masculino/feminino afirmando:

⁹² Embora o próprio Freud sempre tenha seguido mais ou menos esta tendência, isto parece uma resposta ao artigo de Lampl-de Groot deste mesmo ano.

Os senhores, agora, já estão preparados para saber que também a psicologia é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade. Sem dúvida, a explicação deve provir de outras fontes e só pode vir quando houvermos aprendido de que modo, em geral, se efetuou a diferenciação dos organismos vivos em dois sexos. Disto nada sabemos [...]. De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir – mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual. Em épocas recentes, começamos a aprender um pouco acerca dessas coisas, graças à circunstância de várias de nossas excelentes colegas de análise terem começado a trabalhar a questão. A discussão desse aspecto adquiriu atração especial, a partir da distinção entre os sexos. Pois essas senhoras, sempre que alguma comparação parecia mostrar-se desfavorável a seu próprio sexo, conseguiram expressar suspeitas de que nós, analistas homens, não tínhamos conseguido superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra aquilo que era feminino, e que esse fato estava sendo responsável pela parcialidade de nossas pesquisas. Nós, por nossa vez, com base na bissexualidade, não tínhamos dificuldade em evitar a indelicadeza. Apenas tínhamos de dizer: "Isso não se aplica às *senhoras*. As senhoras são a exceção; neste ponto, são mais masculinas do que femininas" (Freud, 1976l, p. 144).

Pelo parágrafo acima, pode ser percebido que Freud não abandona totalmente a idéia de bissexualidade. Embora deixe, surpreendentemente, de fazer a relação entre masculino/ativo, feminino/passivo, continua considerando a criança dotada de uma disposição bissexual. Com relação à última frase citada acima, vale considerar que, após abandonar a relação supracitada, Freud pode assinalar a condescendência de sua atitude anterior diante da cobrança recebida das mulheres do movimento. O que parece deixar de perceber é que nenhuma mulher heterossexual considera um elogio ser chamada de "masculina", com relação ao que quer que seja. Para além disso, considerar como masculino o que é bom, e como feminino o que é ruim, já é a demonstração justamente dos preconceitos que as analistas lhe computavam.

Com relação aos erotismos vaginal e clitoridiano, Freud reafirma, neste artigo, que a atividade masturbatória da menina concentra-se no clitóris:

É verdade que há [...] alguns relatos isolados de sensações vaginais precoces, mas não poderia ser fácil distinguí-las de sensações no ânus ou no vestíbulo; de qualquer maneira, não podem ter muita importância. Estamos autorizados a manter nossa opinião segundo a qual, na fase fálica das meninas, o clitóris é a principal zona erógena. Mas, naturalmente, não vai permanecer assim. Com a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina (Freud, 1976l p. 146).

Como pode ser visto, Freud mantém sua tese da inexistência de sensações vaginais na infância, firmando também a possibilidade do clitóris continuar sendo uma

zona erógena na vida adulta (note-se a palavra *parcialmente*). Mais adiante em seu texto (p. 149), reforça também o abandono da "teoria da sedução", especialmente com relação a traumas produzidos pelo pai. A mãe seduziria a criança de forma inevitável. Vale ressaltar que ao retomar as teses propostas em textos anteriores, Freud volta a considerar a menos-valia como um *sentimento* expresso pela menina, sem contudo confirmá-lo.

DIÁSPORA

A partir de 1934, com o afastamento inevitável de Freud devido à doença, Jones passaria a controlar, quase que totalmente, os destinos da IPA. No início deste ano, há uma revolta socialista em Viena, da qual Martin Deutsch (filho de Helene e Félix) participa. Reich se estabelece em Malmöe, na Suécia, neste ano, mas em junho é obrigado a abandonar o país, indo então morar em Oslo, Noruega (onde viveria por cinco anos, a princípio sob pseudônimo). Em agosto, comparece ao XIII Congresso da IPA onde apresenta um artigo sobre *Contato psíquico e corrente vegetativa*. Neste Congresso é expulso da IPA⁹³, apesar da oposição do grupo norueguês, e com Fenichel votando a favor de sua exclusão. Embora ambos visassem salvar tanto a psicanálise quanto o marxismo, Reich sempre foi a favor do combate declarado contra os nazistas, enquanto Fenichel defendia a luta clandestina. Durante algum tempo, Fenichel aceitaria a política de "salvamento" da psicanálise na Alemanha, proposta por Jones. Nesta época, 24 dos 36 membros do BPI já haviam abandonado o país. A língua inglesa começa a dominar nos Congressos (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 16 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 231/652-653/813-814).

Ainda em 1934, Horney inicia um romance com Fromm, e torna-se professora da *Sociedade Psicanalítica de Washington-Baltimore*. Horney, Fromm, e outros psicanalistas, estariam na verdade criando uma outra linha de pensamento: o *culturalismo*, que acabaria por afastar-se cada vez mais da psicanálise, em função de seu rompimento paulatino com a questão da sexualidade. E isto apesar de boa parte dos textos subseqüentes de Horney e Fromm serem baseados nas teorias de Reich, defensor

⁹³ A expulsão de Reich da IPA foi descrita por Jones (1979) como uma decisão pessoal: "Foi por esta ocasião que Wilhelm Reich se exonerou da associação. Freud o tinha em alta conta no começo de sua carreira, mas o fanatismo político de Reich conduziu tanto ao rompimento pessoal quanto ao científico" (p. 736).

ainda mais ardoroso que Freud da importância da sexualidade nas neuroses. Após sua dupla expulsão da *IPA* e do Partido Comunista, Reich é terrivelmente perseguido. Inicia então um relacionamento que duraria alguns anos com Elsa Lindenberg, uma bailarina que conheceu em Berlim (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 356/653).

Também em 1934, Hitler, com a importância exagerada que assume a idéia do "capital humano" no processo de arianização, inicia a utilização das mulheres alemãs, no sentido de seus corpos serem colocados à disposição da renovação da raça ariana. Heinrich Himmler – então *aluno de agronomia* – irá transferir sua experiência na *avicultura* para a reprodução humana. É criado um verdadeiro haras, onde as esposas, noivas e companheiras dos nazistas são recebidas e tratadas no sentido de se reproduzirem o mais rápido possível. As mulheres mais prolíficas são "premiadas" com futilidades, como lugares gratuitos nos espetáculos, prioridade nos centros de férias, medalhas, etc. As mulheres que não apresentam as qualidades genéticas desejadas são esterilizadas, e é reintroduzida a pena de prisão para qualquer ajuda ao aborto. No ano seguinte, o dia das mães seria transformado em festa nacional (Badinter, 1986, p. 162).

Em 1935, percebendo o perigo nazista e à revelia de Freud, Deutsch abandona Viena e vai morar nos Estados Unidos com o marido e o filho. Continua vivendo sua relação conjugal insatisfatória e passa a fazer parte da *BoPS*, da qual viria a se tornar uma das mais brilhantes participantes. Horney instala-se em Nova York e, apesar da oposição declarada de Rado, é aceita como membro da *NYPS*. Em dezembro, há uma sessão da *DPG*, sobre a presidência de Jones, o qual defende uma "política de salvamento da psicanálise" na Alemanha. Ou seja, para que se possa manter as instituições psicanalíticas alemãs em funcionamento, os membros judeus (havia então apenas nove, devido ao exílio voluntário dos outros) são obrigados a pedir demissão. Apenas um membro não-judeu também se retira, em solidariedade. Fenichel arrepende-se então de seu apoio anterior a esta política, que classificaria de estúpida. Neste ano, Reich inicia estudos sobre o efeito produzido no potencial elétrico da pele e das mucosas quando submetidas a excitações específicas, o que o levaria à biofísica, e posteriormente à física pura (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 17 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 151/231/356/814).

Também em 1935, com o intuito de iniciar um intercâmbio de palestras entre Londres e Viena, sobre a questão da sexualidade feminina, Jones faz uma conferência na *WPV*, intitulada *A sexualidade feminina precoce*. Reafirma a posição dos londrinos de uma sensibilidade vaginal na infância, discute a bissexualidade, e concorda parcialmente com as posições freudianas a respeito da relação inicial da menina com a mãe. Chama a atenção para o fato de que Deutsch, tendo comprovado a natureza oral das sensações vaginais, continua afirmando que a erotização da vagina não ocorre antes da puberdade (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 54-57).

Em 1936, o ministro da Educação da Áustria publica uma declaração formal onde diz que, a partir daquele momento, a ciência deveria trabalhar em uníssono com a visão do mundo "cristão-germânico". A *DPG* é convertida em um instituto "arianizado", o que também ocorre com o *BPI*. No XIV Congresso da *IPA*, sob a presidência de Jones, ocorrem violentos conflitos entre os vienenses (annafreudianos) e os membros da *BPS* (kleinianos). Há conflitos também entre Klein e sua filha, Melitta Schimberg. No discurso de presidente, Jones descreve a Tchecoslováquia (onde ocorria o congresso), como "uma ilha de liberdade cercada de Estados totalitários por todos os lados", o que lhe vale ser colocado na lista negra dos nazistas. Também neste ano, Charles Fliess, filho de Wilhelm, vende a um comerciante as cartas que Freud havia escrito a seu pai, e que ele conservara até a morte. Bonaparte então compra e guarda essas cartas, apesar do desejo de Freud de que sejam destruídas – como ele havia feito com as cartas de Fliess para ele – por não desejar que sejam publicadas. Reich desenvolve a vegetoterapia, posteriormente chamada de orgonoterapia, ligando o tratamento pela palavra à intervenção corporal (Jones, 1979b, p. 748 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 240/653/814).

Andreas-Salomé morre em fevereiro de 1937, permanecendo leal a Freud até o fim. Após sua morte, sua biblioteca é confiscada pela Gestapo, e jogada nos porões da prefeitura. A justificativa para o confisco estava no fato de Andreas-Salomé ter sido psicanalista, praticando aquilo que os nazistas classificam como ciência judaica, além de ter sido colaboradora e amiga íntima de Freud, e de sua biblioteca estar apinhada de autores judeus. Também neste ano, depois de anos de conflitos e dramas, Ruth e Mark Brunswick decidem divorciar-se, mas voltam a se casar em seguida. Por esta época, Mack-Brunswick está completamente viciada e, a conselho de Freud, é hospitalizada

para tentar vencer o vício, mas o tratamento não se mostra eficaz (Roazen, 1974, p. 363 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 24/481).

TÉRMINO

Ainda em 1937, é publicado um artigo de Freud, intitulado *Análise terminável e interminável*. Neste texto, Freud discute a técnica psicanalítica, a função da análise, e a possibilidade de um tratamento ser concluído, ou não, com sucesso total (Freud, 1975).

Ao final desse artigo, Freud assevera que os maiores entraves para o sucesso da análise são, no caso da mulher, a persistência da inveja do pênis e, no caso do homem, a luta contra a passividade (angústia de castração). No caso da mulher, a fixação na inveja viria acompanhada do desejo de obter um pênis, ocorrendo uma decepção com a análise quando ela percebe que não receberá ajuda neste sentido. No caso do homem, a luta contra a passividade o impediria de se sujeitar a outro homem, submetendo-se ao analista – que é um substituto paterno (Freud, 1975, pp. 285-287).

NO ÚLTIMO PAU DE ARARA⁹⁴

Depois de Hitler anexar a Áustria à Alemanha, ela é invadida pelos nazistas, em março de 1938. Em maio, a *WPV* é desativada, com o intuito de seus membros reunirem-se novamente em torno de Freud, onde quer que ele viesse a se instalar. Ainda em março, Jones vai a Viena tentar convencer Freud a abandonar o país. Ao chegar na casa de Freud, Jones encontra agentes nazistas. Martha entrega-lhes o dinheiro das compras e Anna os leva até o cofre, para que retirem o dinheiro que lá está – enfim, elas os tratam como ladrões. Então Freud aparece. Diante de sua figura de olhar ameaçador, os agentes se retiram, avisando que podem voltar. Voltam, com efeito, uma semana depois e, com a desculpa de procurar documentos anti-nazistas, reviram cada cômodo da casa, com exceção do quarto de Freud. Saem levando Anna com eles, e só a libertam no final do dia, deixando Freud desesperado por isso. Jones se põe então a convencer Freud a partir e, apesar da dificuldade deste intento, acaba por lograr êxito (Jones, 1979b, pp. 753-755).

⁹⁴ Da música *O último pau de arara*, de Venâncio Corumbá e José Venâncio.

Os outros países não aceitam receber imigrantes judeus – com exceção da França, onde são contudo proibidos de trabalhar. Jones consegue abrir uma exceção para Freud na Inglaterra. Para que Freud saia da Áustria, entretanto, é preciso a autorização dos nazistas. O embaixador americano na França, simpatizante de Freud e amigo do presidente dos Estados Unidos (Roosevelt), solicita sua intervenção no caso, o que acaba por ter resultados positivos. Os alemães se apropriam da biblioteca da *WPV*. Quando Bonaparte chega de Paris, Jones vai para a Inglaterra, arranjar permissão para o ingresso de Freud. Lá, consegue permissão de residência e de manter atividade remunerada, não apenas para Freud, mas para sua família, seus empregados, seus médicos pessoais e certo número de discípulos com suas famílias. A licença dos nazistas para a saída de Viena, contudo, demora quase três meses (Jones, 1979b, pp. 755-758).

Bonaparte e Anna Freud fazem uma revisão nos papéis e na correspondência de Freud, queimando o que acham que não deve sair da Áustria. Freud consegue salvar as atas da *WPV*. As autoridades nazistas exigem grandes somas de dinheiro que Freud tem dificuldade para conseguir, pois sua conta fora do país era secreta, justamente para não ser liquidada por eles, então Bonaparte lhe adianta o dinheiro necessário. A conta bancária de Freud em Viena é confiscada. A primeira a viajar é Minna. Em seguida Mathilde, acompanhada do marido, e Martin, cuja mulher e filha já se achavam em Paris e cujo filho partira de Viena para a Austrália. Finalmente, em junho, no Expresso do Oriente, Freud, acompanhado de Martha e Anna, deixa a cidade onde vivera por 79 anos. Schur, médico de Freud, não pode acompanhá-lo, por estar sendo vítima de uma apendicite, mas uma médica amiga de Anna o substitui na viagem. Os Freud são excepcionalmente bem recebidos pelas autoridades inglesas. Apenas neste momento, com o exílio de Freud em Londres, a análise de Bonaparte chega ao termo, pois, ao contrário dos outros discípulos, seu tratamento foi feito de forma a ser interminável (Jones, 1979b, pp. 758-764 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 81-82).

Como a maioria dos psicanalistas londrinos são kleinianos, a presença de Anna Freud na *BPS* não é bem aceita:

Os kleinianos sentiram este desembarque da "legitimidade freudiana" como uma verdadeira intrusão. Há muito tempo a [...] *BPS* estava dominada pelas teses kleinianas, que haviam transformado radicalmente o freudismo clássico. Não só os psicanalistas ingleses tinham-se afastado de seus colegas do continente, mas também sua prática, sua mentalidade, suas orientações clínicas, até seus conflitos

[...] não tinham mais nada a ver com as querelas do mundo germanófono (Roudinesco & Plon, 1998, p. 259).

Mack-Brunswick acompanha Freud em seu exílio, porém a relação de ambos encontra-se então bastante prejudicada. Fosse pela dependência dela da morfina, fosse pela dependência que tinha em relação ao próprio Freud, ele tinha dificuldades em conviver com ela. Contudo, esse esfriamento na relação não seria percebido por quase ninguém, possivelmente por ela precisar, logo após o exílio, voltar aos Estados Unidos, devido ao fato de seu pai encontrava-se gravemente doente. Também Lampl-de Groot abandona Viena em 1938, instalando-se com seu marido em Haia, Holanda, onde vivia sua mãe (Roazen, 1974, pp. 477-481 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 459-460).

E DO MOMENTO IMÓVEL FEZ-SE O DRAMA⁹⁵

Em fevereiro de 1939, é descoberta uma área de câncer inatingível para a cirurgia no maxilar de Freud. A partir de então o tratamento torna-se apenas paliativo. Freud continua em seu trabalho analítico até o fim de julho. Em 21 de setembro, Freud pede a Schur que acabe com seu sofrimento. Com o consentimento relutante de Anna, Schur lhe injeta, no dia 22, três doses de morfina. No dia 23 de setembro de 1939 – ano e mês em que Hitler invade a Polônia, desencadeando a Segunda Guerra Mundial – morre Sigmund Freud. Seu corpo é cremado na manhã do dia 26, na presença de um grande número de pessoas. Suas cinzas são guardadas em uma urna egípcia que ele havia recebido de presente de Bonaparte – tendo reclamado, na época, não poder levá-la consigo após a morte, tal foi o encantamento que esta peça nele produziu – e repousam no crematório de Golders Green (Jones, 1979b, pp. 772/778-779 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 279).

Algumas semanas após a morte de Freud, Otto Rank também falece, de septicemia, nos Estados Unidos. – onde estava bem instalado e vivendo em harmonia um segundo casamento. Após a morte de Freud, Mack-Brunswick instala-se em Nova York, onde acaba por ter uma pequena influência no movimento psicanalítico americano. Contudo, seu marido começa a beber demais. Reich teria, neste ano, descoberto o orgônio atmosférico e, também neste ano, abandona definitivamente a

⁹⁵ Do *Soneto da Separação*, de Vinícius de Moraes.

Europa, instalando-se nos Estados Unidos com sua nova companheira, Ilse Ollendorf, com quem viria a casar e ter um filho. Elsa Lindenberg permaneceria em Oslo (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 18 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 482/644/653).

Em janeiro de 1940 os pacientes psiquiátricos da Alemanha começam a ser exterminados com gás, em Berlim, pelos assim intitulados médicos "especialistas em eutanásia". Este ano também marca o início das "Grandes Controvérsias": episódio durante o qual se opõe, através de longas discussões, os psicanalistas de todas as tendências reunidos na *BPS*. Por um lado, os annafreudianos pretendem ser os porta-vozes de um freudismo clássico, centrado na primazia do patriarcado, no Édipo, e nas defesas egóicas na neurose. Por outro, os kleinianos defendem uma clínica moderna das relações de objeto, centrada nas psicoses e nos distúrbios narcísicos, na regressão, na primazia materna e na exploração da fase pré-ediapiana (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 13/314).

HOMENAGEM PÓSTUMA?

Ainda em 1940, Mack-Brunswick publica um artigo intitulado *A fase pré-ediapiana do desenvolvimento libidinal*. Neste texto, segundo Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975) a autora retoma vários posicionamentos de Freud, assim como questiona outros (mas sempre de maneira sutil). Reafirma a idéia da entrada da menina no Édipo em função da descoberta da diferença sexual, e do conseqüente complexo de castração. Retoma os termos que Freud propusera abandonar em 1933, afirmando que a infância é dominada pelos pares antitéticos "ativo/passivo" e "fálico/castrado", enquanto na adolescência predomina a oposição "masculino/feminino" (pp. 33-35).

Nesse artigo, Mack-Brunswick teria questionado também algumas teses de Klein, como a especificidade dada por esta autora à relação da menina com a mãe. Afirma que, na fantasia da cena primordial, a criança desconhece a diferença sexual, contrariamente ao que Klein defende. Contudo, diz que *parece* existir uma sensibilidade precoce da vagina, de origem anal. Também discorda de Freud ao afirmar que o desejo por um filho precede a inveja do pênis. A inveja estaria relacionada com o apego da menina à mãe, de forma objetal (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 35-37).

JUNTANDO OS CACOS

Em 1941 há uma cisão na *NYPS* em torno de Horney, com a fundação, por ela, de uma nova sociedade: a *Associação para o Avanço da Psicanálise (AAP)*, Também em 1941, o FBI (*Federal Bureau of Investigations*) considera as pesquisas de Reich sobre o orgônio uma atividade de espionagem (alemã ou russa), e coloca-o sob custódia – como estrangeiro inimigo, acusado de atividades subversivas. Em 1942, Reich adquire um terreno em Nova York, onde constrói um laboratório para suas pesquisas, o *Orgone Institute*. Para captar o orgônio atmosférico, constrói acumuladores, máquinas simples, destinadas a captar esta forma de energia. Neste ano, publica *A função do orgasmo*, um de seus livros mais importantes, onde reafirma sua idéia de que a vagina é a zona erógena predominante nas mulheres (Autor desconhecido em Reich, s.d., pp. 18-19, Roudinesco & Plon, 1998, pp. 653/816).

Em 1943, Lampl-de Groot instala-se em Amsterdã, formando um grupo de psicanálise bastante ortodoxo. Deutsch escreve, em 1944, seu livro mais importante: *Psicologia da mulher*. A posição de Deutsch sobre a sexualidade feminina, inspirada na tese da libido única e do falicismo, inscreve-se perfeitamente na teoria freudiana. E Reich lança no mercado seus "acumuladores de orgônio", que teriam função auxiliar no diagnóstico e tratamento das biopatias, incluindo o câncer (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 19 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 151/460).

Ao final da Segunda Guerra, é descoberta a penicilina, que acabaria com o pesadelo das doenças venéreas – ao menos até o surgimento da AIDS. Em 1945, inicia a reconstituição da *WPIV*. Neste mesmo ano, tendo perdido pouco tempo antes sua mãe e seu pai, Mack-Brunswick fica ainda mais abalada pelo pedido de divórcio que recebe do marido. Começa então outra análise. Quando parece finalmente estar melhorando, Ruth Mack-Brunswick é encontrada morta no banheiro de sua casa, em janeiro de 1946. Em junho, têm fim as "Grandes Controvérsias", com a divisão da *BPS* em três grupos: annafreudianos, kleinianos e independentes (Birman, 2001, p. 73 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 481-482/817).

1949 é o ano em que, depois de participar da reintegração na *IPA* dos psicanalistas alemães colaboracionistas, Jones se aposenta e, apesar de vítima de uma trombose coronariana, começa a escrever a primeira biografia de Sigmund Freud. Para

realizar esta obra, Jones consultaria todos os livros publicados, além de cerca de cinco mil cartas da correspondência de Freud. Em 1950, com a ajuda de Ernest Kris (genro de Fliess) e de Anna Freud, Bonaparte publica uma parte das cartas de Freud a Fliess, sob o título *O nascimento da psicanálise* (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 240/417).

MAIS PRAZER

O ano de 1950 é também o da "descoberta", por um obstetra e pesquisador alemão, chamado Ernest Grafenberg, de uma pequena área de muitos terminais nervosos, localizada mais ou menos três centímetros acima do osso púbico, no interior da vagina. O termo recebe o nome de ponto G, devido a seu sobrenome começar com esta letra (documento eletrônico n.º 3).

A partir deste momento, a descoberta inicial de Freud de que as mulheres têm (ou podem ter) prazer na penetração em sua vida adulta estaria confirmada. Embora havendo contestações e afirmativas no sentido de que, na verdade, o ponto G não passa do prolongamento interno do clitóris (que irá coincidir com esta parte da vagina), a presença de terminais nervosos neste local retira a afirmativa de Freud da região do delírio. Faltaria ainda explicar porque as meninas não têm sensações vaginais.

A CASTRAÇÃO, POR QUEM A CONHECE

Em 1951, Bonaparte publica um artigo intitulado *A sexualidade da mulher*. Segundo Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975) nesse artigo Bonaparte concentra-se nas origens biológicas da frigidez, considerando a bissexualidade o centro do problema. O complexo de masculinidade seria primário, pois a mulher poderia ser considerada um homem detido em seu desenvolvimento. Bonaparte considera que, embora a vagina desenvolva sua sensibilidade apenas na puberdade, o erotismo cloacal passivo constituiria seu protótipo (p. 38).

Neste artigo, Bonaparte teria também retomado a questão do superego como formação secundária ao Édipo. Na menina, o resultado da dissolução do Édipo seria o masoquismo, pois, por sua relação original com a mãe, ela não consegue projetar sobre esta seus impulsos destrutivos, como o menino faz com o pai. Assim, ao introjetar esses

impulsos, eles voltar-se-iam contra ela mesma (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, p. 40).

ROMPIMENTOS, MORTES, E OS ÚLTIMOS ARTIGOS

Martha Freud morre em novembro de 1951. Sua relação com a filha Anna – de cujo relacionamento com Freud Martha se ressentia, sempre fora de crítica – fosse quanto ao seu trabalho, fosse quanto às roupas que vestia. Em 1952, morre Karen Horney, de câncer, nos Estados Unidos (Sayers, 1992, p. 167 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 356).

Em 1952, Kurt Eissler, psicanalista ortodoxo representante dos *Arquivos Sigmund Freud*, realiza uma entrevista com Reich, que seria publicada apenas em 1967, sob o título *Reich fala de Freud*. Contudo, Ernest Freud nega a Mary Higgins, responsável pela publicação, o acesso às cartas de Freud a Reich. Essas cartas possivelmente esclareceriam a relação profissional entre esses dois homens, para além das especulações posteriores – que tentam distorcer os fatos, alegando que Reich foi afastado da psicanálise não por motivos políticos, mas por questões de teoria e técnica (quando sua técnica só iria ser modificada, em relação à psicanálise ortodoxa, após seu afastamento do meio psicanalítico). O próprio Eissler, parece mostrar-se arrependido pelo empreendimento, pois tenta impedir a publicação da entrevista, e seu nome não aparece no livro (Wagner, 1996, pp. 77-79).

Em 1953, Reich contesta, em seu *Diário*, a posição freudiana segundo a qual, para que a sensibilidade da mulher "desloque-se" do clitóris para a vagina, é necessário que a sexualidade seja colocada a serviço da procriação:

Para evitar confusão, devemos manter bem em mente: Freud descobriu a sexualidade pré-genital no bebê e na criança até à primeira puberdade. Ele abordou a genitalidade apenas na sua forma fálica tanto nos homens como nas mulheres. (clitoridiana). Para Freud, o funcionamento genital estava 'ao serviço da procriação' ou então sublimado. Não se falava de satisfação genital ou mesmo orgástica na primeira e segunda puberdades, pontos de ligação no desenvolvimento para a atividade amorosa do adulto. [...] a genitalidade clitoridiana é um *substituto* neurótico para uma excitação vaginal bloqueada, [...] o orgasmo total [...] inclui, além do acme, os movimentos convulsivos que lhe sucedem. [...] o orgasmo é idêntico à convulsão involuntária total do organismo que se inicia com o acme (crista) do orgasmo e termina com relaxação completa. A função do orgasmo [...] remonta muito para além das espécies e dos gêneros. É mais antiga que o

desenvolvimento dos nervos. O seu ritmo [...] caracteriza a divisão celular e o movimento pulsatório de uma cefaléia ou a peristalse de um verme ou de um intestino. [...]. Contudo, [...] podemos considerar se uma excitabilidade vaginal desenvolvida existe em todo o reino animal, incluindo a fêmea da espécie humana, ou se estamos a progredir na fêmea do homem para um *funcionamento orgonótico vaginal universal* como mais um passo na filogênese. Então a genitalidade clitoridiana representaria apenas um primeiro avanço do genital feminino em relação à *supressão social da genitalidade* ou a um estado primitivo de evolução (Reich, conforme citado por Higgins & Raphael, 1979, pp. 245-246).

Vale ressaltar, no texto supracitado, o uso da expressão "genitalidade clitoridiana". Ora, se o próprio Reich usa a palavra "genitalidade" para se referir à capacidade orgástica relacionada ao coito pênis/vagina, fica difícil entender. E se Reich contesta Freud por colocar a importância do coito pênis/vagina na reprodução, sua própria apologia da genitalidade não deixa de ser a mesmíssima coisa – afinal, genitais são os órgãos envolvidos na reprodução.

Em 1954, a FDA (*Federal Food and Drug Administration*), instituição americana que regulamenta a venda de alimentos, medicamentos e objetos terapêuticos, abre um processo contra Reich, de cunho evidentemente político, pela venda dos "acumuladores de orgônio". Reich recusa-se a comparecer ao julgamento, alegando que não será julgado em questões de ciências por juizes, mas apenas por cientistas. Envia um memorando ao juiz do Maine, e é condenado a cessar todas suas atividades médicas, sendo que todos os seus livros são proibidos. A imprensa americana lança, paralelamente, uma dura campanha contra Reich, tratado, por esta época, como charlatão pelos psiquiatras e como esquizofrênico pelos psicanalistas americanos (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 21 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 653).

Em 1955, Klein apresenta no Congresso da *IPA* um ensaio intitulado *Um estudo sobre inveja e gratidão*, no qual articula a inveja com a pulsão de morte, à qual fornece um fundamento constitucional. Esse artigo seria publicado em 1957 (Roudinesco & Plon, 1998, p. 433).

Nesse mesmo ano (1955), Klein publica um artigo intitulado *A técnica psicanalítica através do brinquedo: sua história e significado*. Segundo Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975), neste texto Klein aprofunda suas discussões sobre a psicose infantil. Passa a considerar que os temores da criança, quando associados a ataques ao corpo da mãe, ou a objetos (tanto internos quanto externos), sugerem um

comprometimento psicótico (p. 42). Assim, a teoria de Klein é revista. Aquilo que ela considerava normal e comum em todas as crianças, passa a ser percebido como sintoma psicótico.

Em março de 1957, Reich é preso na penitenciária federal da Pensilvânia, nos Estados Unidos – trabalharia em sua biblioteca. Em novembro de 1957, Wilhelm Reich morre na prisão, e sua morte é divulgada como tendo sido provocada por um enfarte (mas há controvérsias). Em 1958, morre Ernest Jones. Suas cinzas são guardadas próximas às de Freud, no crematório de Golders Green. 1958 também assiste à publicação, na íntegra, das cartas a Fliess escritas por Freud, que este último tanto desejava que fossem destruídas. Este é também o ano da morte do marido de Lampl-de Groot (que em seguida se aproximaria bastante de Anna Freud). E, em 1960, morre Melanie Klein, de câncer do cólon, sem jamais ter se reconciliado com sua filha Melitta (Autor desconhecido em Reich, s.d., p. 21 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 240/417/434/459/653).

Em 1960, Helene Deutsch participa de um simpósio sobre frigidez, onde, segundo Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975), afirma que o clitóris é o órgão sexual, e a vagina o órgão da reprodução. O orgasmo seria masculino, portanto a mulher feminina é frigida (pp. 32-33). Onde foram parar as opiniões da autora a respeito da excelência do orgasmo vaginal sobre o clitoridiano?

Em 1962, Marie Bonaparte morre de leucemia. Tradutora incansável da obra freudiana, organizadora do movimento francês (financiado em parte com seu dinheiro), Bonaparte deixa uma obra escrita que, apesar de sua grande extensão, é considerada de pouca importância. Suas teses sobre a sexualidade da mulher não teriam repercussão na França, onde a condução do debate esteve primeiramente ao cargo de Simone de Beauvoir e, depois, dos alunos de Jacques Lacan e Françoise Dolto⁹⁶. Na *SPP*, vigorariam as teses de Klein. Este ano também assiste à morte de Joan Riviere (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 81-83/663).

⁹⁶ Segundo Roudinesco & Plon (1998), Dolto articula a sexualidade da mulher com pontos de referência anatômicos, na tentativa de demonstrar que a aceitação, pela menina, da especificidade do seu sexo, é o que possibilita o vir-a-ser mulher. A menina poderia aceitar sua identidade sexual, desde que tivesse certeza de ter sido desejada pelo pai à imagem da mãe (pp. 158-159). Por ter sido impossível saber mais das teses de Dolto sobre a sexualidade feminina; e por serem essas uma resposta voltada mais a Klein do que a Freud, além desta autora fazer parte da terceira geração de psicanalistas (cujas opiniões sobre o assunto extrapolam a proposta deste trabalho) elas não foram aqui aprofundadas.

Em 1982, Helene Deutsch morre nos Estados Unidos, aos 98 anos. Tida como a grande dama de um freudismo sem concessões, chamada por alguns de "a filha querida de Freud", Deutsch foi reconhecida e celebrada na América. Também neste ano, a psicanálise perde sua "Miss Freud": Anna morre em Londres, coberta de honras, deixando um enorme legado sobre a análise com crianças – que derivou, acima de tudo, de sua experiência pessoal nos cuidados infantis. Suas teses sobre o papel materno no desenvolvimento infantil, afetam – embora de forma indireta – a discussão sobre o desenvolvimento sexual das meninas. E em 1987, Jeanne Lampl-de Groot morre em Amsterdã, aos 92 anos. Sua obra é composta de 47 artigos, a maioria sobre a sexualidade da mulher (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 151/260/460 e Sayers, 1992, p. 191).

EM NOME DO PAU, DO FALO, OU DO ESPÍRITO SÁDICO?

Em 1901, nasce Jacques Lacan em Paris, em uma família pertencente à média burguesia católica, filho de um homem fraco, submisso ao próprio pai, e de uma mãe intelectual, inteiramente voltada para a religião. Em torno dos dezesseis anos, Lacan começa a romper com o catolicismo. Posteriormente, torna-se residente no *Hospital Sainte-Anne*, onde seria aluno de Henri Claude – um dos principais representantes da tradição psiquiátrica francesa da primeira metade do século, discípulo de Charcot e protetor oficial do freudismo. Em 1932, Lacan inicia sua análise didática, publicando, no mesmo ano, sua tese de psiquiatria, da qual envia uma cópia a Freud. Recebe o título de psicanalista em 1938, ano em que, como se sabe, Freud já se encontra totalmente afastado do meio psicanalítico, em virtude de sua doença (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 119/445-446).

Tendo feito um balanço sombrio das violências psíquicas promovidas pela família burguesa, e considerando a psicanálise como fruto do declínio do patriarcado, Lacan apela, ainda em 1938 (em um verbete da Enciclopédia Francesa), para a revalorização da função simbólica do patriarcado, no mundo ameaçado pelo fascismo. A partir de 1950, Lacan inicia seu retorno aos textos de Freud. "Lacan não tinha absolutamente como objetivo reinventar a psicanálise. Pelo contrário, situou o começo de seu ensino sob o signo de um 'retorno a Freud'; apenas perguntou, a respeito da

psicanálise: sob que condição ela é possível?" (Miller, conforme citado por Roudinesco & Plon, 1998, p. 448).

Lacan recebe influência da filosofia heideggeriana, da qual adota o questionamento sobre o estatuto da verdade; dos trabalhos de lingüística de Ferdinand de Saussure, dos quais extrai sua concepção de significante e de um inconsciente organizado como linguagem; e do pensamento de Lévi-Strauss, do qual deduz sua noção de simbólico, bem como uma leitura universalista da interdição do incesto e do complexo de Édipo. Ao reintroduzir na obra freudiana o pensamento filosófico alemão (do qual Freud se afastara voluntariamente), Lacan consegue tirá-la de seu embasamento biológico, reinterpretando quase todos os conceitos freudianos, sem contudo cair no espiritualismo – como fazem alguns dissidentes (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 446-448).

Porém, o lacanismo constituiu-se como um sistema de pensamento, pois, ao fazer um "retorno a Freud", Lacan na verdade modificou inteiramente a teoria e a clínica freudianas, forjando inclusive novos conceitos, como por exemplo a noção de inconsciente centrado num modelo lingüístico – e não darwinista, como na pena freudiana⁹⁷ (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 450-453).

Os principais textos de Lacan, a respeito da sexualidade da mulher, são: *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina*, escrito em 1958, *A significação do falo*, artigo que resulta de uma conferência, publicado neste mesmo ano⁹⁸, e todo o livro 5 de seu *Seminário*, mais especialmente *Os três tempos do Édipo*, também de 1958, e *A menina e o falo*, ainda do mesmo ano (ver Lacan, 1999, pp. 185/280).

Em seu seminário *Os três tempos do Édipo*, Lacan faz uma releitura do complexo edípico em Freud. Segundo este autor, o sujeito se forma na relação com o outro, mais especificamente, com o outro que lhe transmite uma linguagem, com a qual o sujeito precisa explicitar suas demandas, antes (quanto mais não fosse no útero materno) adivinhadas. De tal importância este outro, que passa a ser tido como o grande

⁹⁷ Jacques Lacan morre em 1981, após a retirada de um tumor no cólon, vítima de distúrbios cerebrais e de uma afasia parcial (Roudinesco & Plon, 1998, p. 448).

⁹⁸ Ver Bibliografia Sugerida.

Outro, como o próprio representante da fala, e portanto, da falta, que a ela levaria. Há, contudo, na relação simbólica primordial entre a criança e mãe, a substituição pelo pai como significante (Lacan, 1999, p. 186).

[...] a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de nada mais. Através dessa simbolização, a criança desvincula sua dependência afetiva do desejo materno da pura e simples vivência dessa dependência e alguma coisa se institui, sendo subjetivada num nível primário ou primitivo. Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode ou não estar presente. No desejo da criança, em seu desejo próprio, esse ser é essencial. O que deseja o sujeito? Não se trata da simples apetência das atenções, do contato ou da presença da mãe, mas da apetência de seu desejo. [...] seu desejo é o desejo do desejo da mãe. Em vista disso abre-se uma dimensão pela qual se inscreve virtualmente o que a mãe deseja em termos objetivos como ser que vive no mundo do símbolo, num mundo em que o símbolo está presente, num mundo falante. [...] essa simbolização primordial abre para a criança [...] a dimensão do que a mãe pode desejar de diferente, como se diz, no plano imaginário. [...]. É assim que o desejo de Outra coisa [...] faz sua entrada, de maneira confusa e inteiramente virtual. [...]. Há nela [mãe] o desejo de Outra coisa que não o satisfazer meu próprio desejo (Lacan, 1999, p. 188).

Essa Outra coisa que a mãe deseja, no lugar da criança, chama-se falo. E esse objeto se faz necessário nesse lugar por ser privilegiado na ordem simbólica – em algumas etapas de seu desenvolvimento a criança se identifica com ele. Mas o desejo do Outro, que é o desejo da mãe, comporta um para-além que, para ser atingido, necessita de uma mediação, a qual é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica (Lacan, 1999, p. 190).

Em *A menina e o falo*, Lacan afirma que o falo só é concebível se implicado como sendo o significante da falta, da distância entre demanda e desejo:

Para que se chegue a esse desejo, é sempre preciso fazer uma certa dedução da entrada necessária no ciclo significante. Se a mulher tem de passar por esse significante, por mais paradoxal que ele seja, é porque não se trata, para ela, de realizar uma posição feminina primitivamente dada, mas de entrar numa determinada dialética de troca⁹⁹. Enquanto o homem, o varão, é afastado em virtude da existência significante de todas as proibições que constituem a relação do Édipo, ela tem que se inscrever no ciclo das trocas da aliança e do parentesco, a título de ela mesma se tornar aí um objeto de troca. [...] o fato de, como o homem, aliás, ela ter que se inscrever no mundo do significante é pontuado, nela, por esse desejo, que, como significado, deverá permanecer sempre a uma certa distância, a uma margem, seja lá do que for que possa relacionar-se com uma necessidade natural. De fato, a introdução nessa dialética exige que alguma coisa da relação natural seja amputada, sacrificada, e com que finalidade? Precisamente para que

⁹⁹ Pode-se perceber, neste texto, a influência marcante de Lévi-Strauss.

isso se torne o próprio elemento significativo da introdução na demanda (Lacan, 1999, pp. 296-297).

Sem pretender aprofundar a leitura de Lacan, tendo em vista que se trata de uma reinterpretação de Freud, situada no campo eminentemente simbólico (portanto, para além do debate realizado entre Freud e seus discípulos), vale ressaltar que sua visão da sexualidade infantil da mulher recebe tanto defesas quanto críticas acirradas. Segundo Brennan (1997), essas posições contrárias muitas vezes acabam chegando a um impasse, porque, de um dos lados, é ignorado o contexto político da questão e, de outro, o que se ignora é a própria psicanálise.

Naturalmente, qualquer conceito de oposição entre psicanálise e política deve ser qualificado: a psicanálise é uma entidade inteiramente política. A questão aqui é de conceito e de ênfase. Se os processos psíquicos forem enfatizados, conforme o são no contexto de uma teoria lacaniana do simbólico, essa ênfase contextual necessita ser levada em consideração, antes que uma crítica política possa ser elaborada plenamente [...] levando em conta as questões psíquicas, em vez de fechar os olhos a elas (p. 9).

A teoria de Lacan contempla não só a ordem patriarcal da língua, mas também a organização psíquica. Considera o simbólico como condição de sanidade. Tendo isso como verdadeiro, o que resta saber é se, fora do patriarcado, o simbólico é ainda possível. Em Lacan, a figura paterna (geralmente um homem) ocupa a posição de um terceiro (que permitiria à criança diferenciar-se de seu objeto primário), em uma relação em que a mulher é a cuidadora primária dos filhos. E em um contexto social em que os homens são mais valorizados. Há ainda uma outra âncora para o simbólico patriarcal em Lacan: o falo, ou melhor, a ligação entre a diferença sexual e a predominância fálica (Brennan, 1997, pp. 11-13).

O falo representa a falta, a diferença. Particularmente, a diferença sexual. Refere-se ao fato de que o sujeito não é completo em si mesmo. É aqui que o "pai" e o falo se conectam, um rompendo a ilusão da unidade, e o outro representando esta ruptura. O reconhecimento da diferença seria a condição da lógica e da linguagem. Em outras palavras, para que se possa pensar, a diferença precisa existir. Para que se possa falar – e portanto pensar – é necessário o reconhecimento visual da diferença sexual (Brennan, 1997, p. 13).

O reconhecimento visual da diferença sexual é um canal que liga a experiência heterogênea do corpo sensível, sensorial, a algo alheio a ele: a estrutura diferencial

da linguagem; em compensação, essa linguagem lhe permite nomear a diferença. É neste ponto que o argumento se desvirtua. Pelo fato de parecer mais visível, e porque pode representar a falta, o pênis ocupa o lugar do falo potencialmente neutro. Em outras palavras, num plano não-visual, o falo não deveria ser senão um sinalizador neutro: um significante que nada represente, ou nada mais represente do que aquela falta que nos impele a falar, e, ao falar, nós nos diferenciamos. Entretanto, ao ligar o corpo a esse processo de reflexão, nós confiamos na representação visual da diferença sexual. Daí que o falo idealmente neutro é representado de um modo masculino unilateral. E não é só isso: a posição feminina, como oposta à posição fálica masculina, é considerada desprovida de conteúdo, nada mais do que a diferença em relação ao masculino. As feministas influenciadas por Lacan enfatizaram que ambos os sexos podem ocupar o lugar masculino e o feminino; estes se alteram e se deslocam – nenhum deles contém o falo. No entanto, o vínculo entre o falo e o pênis existe, e persiste (Brennan, 1997, pp. 13-14).

Para Dimen (2000), se a teoria lacaniana sobre a questão da falta se dá pela via da fala, da lingüística estrutural, colocando o sexo como um lugar na linguagem, e sendo que a linguagem é uma questão da lei e da cultura, ela poderia resgatar a questão do feminino na psicanálise de seu lugar apolítico. Contudo, ao manter o falo como seu significante principal, isso acaba não ocorrendo:

[...] o falo [é] um símbolo obstinadamente masculino, que obscurece o desejo feminino. Decerto, a teoria do falo como o (bem denominado) significante-mestre do desejo, da sanidade, do sentido e da cultura descreve quão esplendidamente funciona o patriarcado ou, pelo menos, como ele se diz funcionar. Entretanto, até hoje, ninguém explicou adequadamente por que o falo tem que ser o símbolo humano fundamental. [...]. O falo não é um universal, mas sim a ideologia, a teoria e a prática do patriarcado (Dimen, 2000, p. 194).

Brennan (1997) afirma existir uma importante questão na divisão entre defensores e críticos da teoria lacaniana sobre a diferença sexual: o essencialismo. As teorias essencialistas seriam aquelas que defendem a existência de algum aspecto inato, biológico, na "natureza humana". O essencialismo nega, portanto, a possibilidade da mudança. A partir do início da década de 1980, algumas feministas endossam a teoria lacaniana como não essencialista, porque considera a feminilidade como uma construção, não como algo dado biologicamente, tornando a posição feminina disponível a ambos os sexos – embora de forma qualificada. Mas se a feminilidade em Lacan não é biológica, tampouco é histórica. E os críticos de sua teoria assinalam que ela ainda implica em uma *base biológica*: "o pênis essencialista e totalmente natural presta-se à representação do falo" (p. 18).

A descrição não essencialista da teoria lacaniana, ao apresentar tais posições como compatíveis, deixa latente o conflito entre psicanálise e política. Desloca a preocupação com a mudança, contida na crítica original ao essencialismo. A teoria da diferença sexual, em Lacan, não seria uma teoria da mutabilidade histórica, mas uma teoria "culturalmente essencialista". A essência do feminino ou do masculino é retirada da cultura e posta dentro do ser de forma imutável, como se ali tivesse nascido. Porém, se o pressuposto de uma relação direta entre social e psíquico está posto em dúvida, isso não significa a inexistência de uma relação, mas apenas que os termos do projeto devem ser repensados (Brennan, 1997, p. 13).

Nesse repensar, há que se levar em conta, principalmente, as mudanças sociais que já ocorreram, entre o início da "queda do patriarcado" no Ocidente – ainda o período em que Lacan desenvolve sua teoria – e sua supressão quase total nos tempos hodiernos. Entre essas mudanças, é preciso considerar: o valor que as mulheres estão adquirindo para elas mesmas (muitas vezes decorrente de uma crítica aos homens); a diversidade existente na constituição das "novas famílias"; a extrema amplitude de papéis sociais desempenhados pela mulher atual, e a valorização dos mesmos.

AINDA QUE TARDE...

Em 1960, ocorre aquele que talvez seja o fator mais importante no processo de libertação da mulher. Freud afirmava desejar que isto acontecesse, mas talvez não apreciasse em nada suas conseqüências. Badinter (1986), irá nominar esta ocorrência de "o golpe de misericórdia" no patriarcado (p. 187): nesse ano, finalmente, a pílula anticoncepcional começa a ser comercializada. O poder de evitar a concepção passa das mãos (ou do pênis) dos homens, com seus preservativos e coito interrompido, para as mãos (e o desejo) das mulheres. A partir de então, a maternidade torna-se uma opção, como nunca ocorrera antes.

A mulher conquista o direito ao sexo, sem que isto tenha nenhuma outra função em sua vida, a não ser a de lhe dar prazer. A liberdade sexual que se seguirá, com base nesta garantia, será incomparável a qualquer outro momento da história humana. E isto por um simples fato: ela agora atingirá os dois sexos igualmente. Tendo as mulheres se libertado da relação obrigatória entre sexo e concepção, elas passam a buscar saídas

para outros problemas, principalmente para a ausência de prazer orgástico. Esse processo acaba por levar à instalação de uma apologia do prazer clitoridiano¹⁰⁰, e por conseqüência, à negação, como um todo, dos conceitos freudianos sobre sexualidade feminina. O mais interessante é que a revolta feminista contra Freud, por esta época, encontra-se mais centrada na questão do orgasmo (clitoridiano/vaginal) do que em sua teoria sobre a diferença sexual, que tem na inveja do pênis um fato universal no desenvolvimento das meninas.

Na esteira da liberdade sexual recém adquirida, surge o movimento de contracultura. Estando esse movimento inicialmente atrelado, nos Estados Unidos, a um pacifismo contrário à guerra no Vietnã, suas palavras de ordem serão: "Faça amor, não faça a guerra". Esse mote em breve descambaria em variações nada sutis, embora não verbalizadas: "Faça amor, não trabalhe"; "Faça amor, não estude"; "Faça amor, não tome banho"; etc. Tudo isso regado a drogas e "*rock and roll*". O prazer sem limites, a ausência de um princípio de realidade – manifesto inclusive na não utilização de contraceptivos – tornava-se a marca de uma geração que, na contestação da ordem vigente, esquecia seu próprio papel na história. Em outras palavras, essa geração ignorava o fato de que a própria vadiagem pressupõe a existência do trabalhador para lhe dar respaldo.

Segundo Wagner (1996), Reich é estranhamente associado ao movimento de contracultura: "É muito freqüente, ainda hoje, encontrar pessoas que associam Reich ao amor livre, libertinagem, niilismo, movimento *hippie*, [...] e outros termos, que se transmutaram em adjetivações de tonalidades francamente pejorativas" (p.27).

O que há de estranho nesta associação, é o fato de Reich, em sua crítica da família compulsória¹⁰¹ propor como opção a relação sexual duradoura, onde sentimentos de ternura são dominantes, criticando a predominância de relações sexuais passageiras em adultos, como sendo *forçosamente* neurótica. E que um dos motivos para sua crítica à família compulsória seja justamente a constatação de que leva os homens a uma poligamia disfarçada, além de incitar a prostituição (Reich, s.d., em Reich & Alzon).

¹⁰⁰ Com base, inclusive, na posição de alguns sexólogos, que negam a existência do orgasmo vaginal.

¹⁰¹ Que significa a obrigatoriedade do casamento para que as pessoas possam manter relações sexuais, sendo, ainda por cima, este casamento considerado indissolúvel.

De que forma essa espécie de "revolução sexual" difere daquela pela qual Reich lutou? [...]. A revolução permissiva em questão é mais um fenômeno quantitativo do que qualitativo. Ao lado de muitas coisas boas no cenário considerado, e que Reich teria aprovado, há outras que eram a antítese do que ele entendia por liberação genuína. A ênfase corriqueira na pornografia, no senso de glorificação de muitos dos elementos perversos, infantis e destrutivos da sexualidade "reprimida mas não liberada", corre o risco de abafar a tomada de consciência [...] de atitudes mais [...] saudáveis. [...]. Reich demonstrou [...] que o moralismo e a pornografia eram dois lados da mesma moeda, um o inverso do outro, ambos surgindo como formas de caos sexual no terreno da estrutura de caráter dominada pela culpa ou pela negação da mesma (Boadella, 1985, pp. 95-96).

A associação – que também ocorre – do nome de Reich a movimentos homossexuais soa talvez ainda mais estranha, pois embora ele seja um defensor implacável dos "direitos humanos" é ainda mais implacável – mais que Freud, inclusive – na defesa da genitalidade como única forma saudável de relacionamento sexual. E o que causa ainda maior estranhamento da relação de Reich (ele próprio um trabalhador compulsivo) com os movimentos que propõe a busca do prazer sem limites, desprezando as obrigações sociais, é o fato da seguinte frase ser um de seus lemas: "Conhecimento, trabalho e amor natural são as fontes de nossa vida. Deveriam também governá-la¹⁰²" (Reich, 1975, p. 5).

Da mesma forma que – nesta época – as teorias freudianas são negadas em bloco por um certo número de pessoas que, em sua maioria, as desconhecem quase que totalmente, as de Reich são acolhidas por indivíduos na mesma situação. No caso de Reich, muitas vezes o único contato que seus "defensores" tiveram com sua obra foi através de trabalhos artísticos que as deturparam completamente. Será apenas posteriormente que, tendo um conhecimento mais ou menos profundo das obras de Freud, Reich, Lacan e – em certa medida – Horney, Klein e Jones (este último mais como um apêndice de Klein), alguns grupos feministas irão se posicionar a favor ou contra a teoria destes autores. Quanto aos outros psicanalistas que escreveram sobre a questão da diferença sexual, costumam ser sumariamente ignorados pela maioria dos teóricos contemporâneos.

¹⁰² É interessante notar que, em algumas publicações de livros reichianos, esta frase é colocada invertida na primeira página, desta maneira: "Amor, trabalho e conhecimento são as fontes de nossa vida. Deveriam também governá-la" (ver, por exemplo, Reich, 1975). Parece que, mesmo aqueles que defendem a teoria reichiana a ponto de publicá-la, a conhecem apenas de forma superficial.

Ao final da década de 1960, a teoria social – baseada no marxismo – passa a influenciar profundamente o movimento feminista, fornecendo então outros argumentos para a oposição à teoria psicanalítica das diferenças sexuais. Esses argumentos estariam pautados na idéia de que a questão da mulher está inserida em um contexto histórico. As diferenças entre os sexos passam a ser vistas como um fenômeno cultural, e não natural – como uma questão de poder (Dimen, 2000, pp. 189-190).

Contudo, ao final dos anos 1970, surge uma doença que obrigaria a humanidade a dar dois passos atrás em sua liberdade sexual recém conquistada: a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS ou SIDA). Tendo como causa um vírus possivelmente mutante, a AIDS será transmitida em especial pelo sangue e pelo sêmen. Se inicialmente os homossexuais masculinos e os usuários de drogas injetáveis são considerados os grupos de maior risco, na virada do século XX para o XXI, encontra-se, entre as mulheres casadas, um número de vítimas assombroso.

Letal – por isto pior que a gonorréia e a sífilis – a AIDS obriga as pessoas a voltarem a utilizar o velho método de proteção contra doenças sexualmente transmissíveis, que por tanto tempo foi também o único contraceptivo disponível: o preservativo masculino. Para além disso, o número de parceiros sexuais deixa de ser apenas uma questão de moral, para tornar-se uma preocupação com a saúde. Os homens que iniciaram sua vida sexual no período após a criação da pílula e antes da "descoberta" da AIDS, resistirão muito em usar preservativos, em alguns casos reinstalando o antigo comportamento sexual entre os sexos: ele quer, ela não. O fato das mulheres casadas estarem se tornando talvez o maior grupo de risco dessa doença, demonstra que a tão decantada liberdade sexual não era grande o suficiente para permitir às pessoas um relacionamento honesto e de acordo com possíveis compromissos monogâmicos assumidos em comum: os homens continuam dividindo as mulheres entre "esposas" e "amantes".

ANATOMIA É DESTINO?

Sendo um dos objetivos do método de releitura, proposto por Garcia-Roza (1994, p. 19) a identificação das questões colocadas pelo texto, é preciso ressaltar aqui,

quais as questões percebidas como fundamentais nos textos de Freud sobre a sexualidade da mulher:

- O desenvolvimento sexual da menina se pauta no do menino. As diferenças aparecem "com relação ao menino", e não "entre os sexos". O modelo de sexo único continua, portanto, vigente na pena de Freud.

- A vagina e o clitóris são vistos (por ambos os sexos) como sendo o resultado de uma castração. Disto decorre a inveja do pênis, universal entre as meninas e, na maior parte dos textos, responsável por sua entrada na relação edípica.

- Também é a inveja do pênis a responsável pela busca de realização das mulheres através do trabalho "viril".

- Considerando que "anatomia é destino", Freud retira do modelo de dois sexos justamente o argumento para a permanência da mulher em sua "função" de procriadora: apenas o orgasmo vaginal representa a verdadeira "feminilidade".

- Mesmo o desejo de ser mãe é visto como resultado da inveja do pênis, por haver uma correlação entre este e o bebê.

- A vagina não é sensível na infância, sendo o clitóris (substituto do pênis) a zona erógena dominante na fase edípica.

- O desenvolvimento sexual da mulher parece estar sempre em aberto, Freud abandona e retoma alguns argumentos, ao longo de sua obra.

Considerando que, na virada para o século XXI, a situação das mulheres no mundo ocidental se encontra muito diferenciada daquela do ano de 1905, quando Freud começa a lançar suas teses sobre a feminilidade, é preciso repensar a validade destas teses. Se Freud introduz a importância das vivências pessoais em uma medicina (e conseqüentemente, uma psicologia) totalmente crédula na exclusividade do fator hereditário, resta a seus leitores, talvez, simplesmente questionar qualquer influência deste último na delimitação dos processos psíquicos. O que não significa, contudo, negar o corpo nos processos sexuais.

No capítulo seguinte serão retomadas, de modo mais sistemático e analítico, as teses sobre o desenvolvimento da mulher, desenvolvidas por psicanalistas da primeira e

segunda gerações¹⁰³, em contraponto com as de Freud. Essas teses serão analisadas, ao mesmo tempo, sob o foco da biologia – no que dela dependem, pois não há como negar a anatomia – e sob o foco da historicidade – pois talvez se possa negar o destino, especialmente quando este é uma imposição social, e não o resultado de um conflito psíquico.

¹⁰³ Há outros analistas nestas condições, além daqueles que foram estudados neste trabalho, porém não foi possível ter acesso a seus artigos.

Capítulo 3 – AFINAL, O QUE QUER A MULHER?

Vivo como quem transborda, mas não se esgota nunca.
 Porque conhece profundamente a fonte. E quero mais.
 Quero muito. Eu, que nunca sequer pareci ser modesta.
 Eu tenho tantos vales e poços que já e reto nunca.
 Eu que – mulher – absorvo, absolvo e entrego.
 Li Travassos

DE QUE MULHER SE FALA?

O processo civilizatório, visando evitar que pessoas incapazes de se manterem sozinhas procriassem, passou a controlar a sexualidade das crianças e adolescentes e, em especial, do sexo feminino, por ser aquele que gesta. A repressão sexual maciça sobre as mulheres, a necessidade de mantê-las "protegidas dentro de casa", toldou-lhes também outros horizontes, como o estudo e o trabalho.

Nos animais irracionais, o sexo visa apenas a procriação, e a conseqüente perpetuação da espécie, e sua associação com o prazer serve apenas como garantia desta. Nos seres humanos, por motivos que já foram explicitados, a função de prazer e a função de reprodução terminaram por se separar. Homens e mulheres, inseridos na cultura, foram percebendo paulatinamente a necessidade de conquistar o sexo oposto, para que a satisfação sexual fosse garantida. O trabalho, o conhecimento, foram deixando de significar apenas o domínio dos mais fracos – o que afinal não distanciava muito o ser humano dos outros animais – para passar a significar, também, argumentos de conquista. E estando cada vez mais distante o prazer da procriação, o objeto de satisfação amorosa deixa de ser, necessariamente, alguém de outro sexo, ou como bem aponta Freud, em alguns casos deixa de ser, até mesmo, uma pessoa. Por isso, o que leva um indivíduo a buscar satisfação sexual não pode mais ser chamado de instinto, passando então a ser chamado, como visto, de pulsão, algo próprio do ser humano.

A descoberta paulatina de contraceptivos efetivos, visando inicialmente melhorar a vida sexual do homem, veio permitir que a mulher, desde sempre fadada ao papel de mãe, que lhe consumia tanto suas forças como seu tempo, pudesse a partir de então ter na maternidade apenas uma escolha, dentre muitas outras, de seu papel no mundo – e isto sem ter que renunciar, paralelamente, a sua sexualidade. Assim, a

libertação das mulheres passa, necessariamente, pelo rompimento da equação obrigatória entre sexo e concepção. A mulher enfrentaria inicialmente uma resistência acirrada da parte do homem, que via em seu desejo de desenvolvimento pessoal apenas um desejo de imitá-lo, de copiá-lo, de apropriar-se de seus direitos, enfim, um desejo de ser homem.

A psicanálise surge justamente no momento em que a mulher apenas inicia seu processo de assenhoreamento do trabalho remunerado e do conhecimento. Além disso, tendo passado muito pouco tempo entre o consenso de que homem e mulher são apenas um sexo, disposto hierarquicamente, e a visão de que são dois sexos distintos, Freud irá considerar o próprio corpo da mulher ainda como uma cópia mal-acabada do corpo do homem. Bem assim, as pulsões da mulher, seus desejos, suas metas, não seriam naturalmente humanos, mas naturalmente masculinos.

Tendo a mulher, especialmente no Ocidente, utilizado os dois últimos séculos para apropriar-se de sua condição humana, talvez tenha chegado a hora dela apropriar-se também de sua condição de fêmea da espécie a que pertence. Em outras palavras, talvez seja o momento de serem levadas em consideração, não só no estudo dos corpos (como a medicina vem tentando fazer desde o século XIX), mas também no estudo do psiquismo, as diferenças existentes entre os dois sexos desta mesma espécie, sem considerar que todas as "igualdades" são originárias do macho.

AFINAL, O QUE QUEREM OS PSICANALISTAS QUE AS MULHERES QUEIRAM?

Como já visto no capítulo anterior, embora Freud, em seus textos a partir da década de 1930, tenha aberto a possibilidade teórica de uma sensibilidade primária da vagina (e isto apenas em função da insistência de seus discípulos), para o criador da psicanálise, em termos psíquicos, esta sensibilidade não teria realmente como existir. Se, conforme a afirmação de Laqueur (2001, p. 279), Freud foi o primeiro médico a afirmar (após a "descoberta" do clitóris, em 1559) a existência de um orgasmo vaginal, e sua relação com a feminilidade adulta "normal", seus discípulos serão ainda mais radicais: se a vagina da mulher adulta demonstra sensibilidade suficiente para que sua estimulação leve a um orgasmo, então ela *necessariamente* precisa ter esta sensibilidade

desenvolvida já quando criança. Só isto manteria a lógica da teoria psicanalítica, que pressupõe que a vida sexual adulta é delimitada desde a primeira infância, através da sensibilização prévia das várias zonas erógenas.

Pelo conhecimento disponível das formulações sobre a existência ou não de sensações vaginais na infância, entre os psicanalistas contemporâneos de Freud, em apenas *um* caso foi encontrada a concordância absoluta com a tese freudiana. Esse caso é o de Lampl-de Groot – o que fica claro em seus artigos de 1927 e de 1933. Por outro lado, parece que Lampl-de Groot acrescenta muito pouco à teoria freudiana sobre a sexualidade feminina (Chasseguet-Smirgel & cols., 1975, pp. 24-27).

Há outros dois casos de concordância com Freud, com relação à insensibilidade da vagina na infância, mas estes psicanalistas consideram que, na vida adulta, a erotização vaginal irá se dar por um deslocamento de erotismos, seja este erotismo oral, anal, ou clitoridiano (e não apenas este último, como na tese freudiana). Este é o caso de Ferenczi – como se pode perceber em *Thalassa*, de 1914-1924 que considera haver um deslocamento tanto do erotismo clitoridiano, como do oral e anal para a vagina na vida adulta, e de Bonaparte, para quem, embora a erotização do genital feminino só ocorra na puberdade, o erotismo cloacal passivo constituiria seu protótipo – ver seu artigo de 1951 (Chasseguet-Smirgel & cols., 1975, p. 38 e Ferenczi, 1993, p. 273).

Entre os teóricos que afirmam haver uma sensibilidade vaginal primitiva, alguns deles seguirão a linha de raciocínio de Freud de que a erotização de uma parte do corpo decorre de sua estimulação. Para justificar então a sensibilidade precoce da vagina, sugerem que ela decorre da sensibilidade do ânus – derivado, no embrião, juntamente com o genital feminino, da "cloaca". Se Andreas-Salomé não questiona diretamente a inexistência de sensações vaginais na infância, ela faz (em 1916), como já visto, uma relação tão estreita entre anal e genital, mesmo na vida adulta, que isto só pode ser compreendido como um questionamento – embora muito sutil. Os outros autores são Abraham – como mostram seu artigo de 1920 e suas cartas a Freud de 1924 – e Mack-

Brunswick – que discorda de maneira discreta, em seu artigo de 1940¹ (André, 1996, pp. 25-33 e Chasseguet-Smirgel & cols., 1975, p. 36).

Para outros autores, discordar de Freud no tocante à sensibilidade da vagina na infância é o mesmo que contestar seu falocentrismo. Mas esses autores parecem não ver nenhuma necessidade de explicação fisiológica para a existência desta sensibilidade. Consideram que as meninas "provam" ter uma sensibilidade vaginal, ao masturbar-se nesta região. São eles Müller (conforme seu artigo de 1932), Horney (ver seus textos de 1932 e 1933) e Reich (como visto em seu diário de 1953, em *Reich fala de Freud*, de 1967) (Chasseguet-Smirgel & cols., 1975, pp. 40-43 e Reich, conforme citado por Higgins & Raphael, 1979, pp. 245-246).

Outros autores ainda, ao questionar a inexistência de sensações vaginais na infância, justificam a existência desta sensibilidade precoce não na mesma linha de Freud, da estimulação corporal, mas sim, baseados em processos meramente psíquicos. No processo de erotização, o que conta são as fantasias da criança, não sua relação com o mundo externo. Klein (que seria a precursora desta forma de pensamento) e seus seguidores, ao valorizar, mais do que Freud, a relação original da menina com a mãe – que seria seu primeiro objeto de amor – consideram que a sensibilidade vaginal precoce decorre de uma associação entre o seio materno e o pênis do pai. O desejo da mulher de ser penetrada (vagina) derivaria do desejo oral de receber o pênis (que faria parte do corpo da mãe). Klein defende essa hipótese em seu livro de 1932 (*Psicanálise da criança*) e em seu artigo de 1955. Os seguidores da tese kleiniana são Jones, (como visto em seus artigos de 1927, 1932 e 1935), e Riviere – conforme seu texto de 1929 (Chasseguet-Smirgel e cols., 1975, pp. 49-57, Jones, 1979a, pp. 25-41, Klein, 1969a, pp. 182-183, Klein, 1969b, pp. 25-48 e Riviere, 1979, pp. 11-24).

Para Rank (como visto em seu artigo de 1926), haveria na menina um deslocamento global da libido oral para a esfera genital, e isto de uma forma muito mais

¹ Alguns teóricos fazem uma divisão entre aqueles psicanalistas que concordam com as teses freudianas na questão da sensibilidade vaginal, e aqueles que não concordam, mais calcada no que isto representou em termos de relacionamento pessoal Freud/discípulo, que em termos teóricos. Assim, em Roudinesco e Plon (1998, p. 706), Mack-Brunswick, Bonaparte e Deutsch aparecem como em concordância total com Freud, da mesma forma que Lampl-de Groot. O mesmo ocorre em Chasseguet-Smirgel e colaboradores (1975, p. 5), embora neste último caso seja afirmado apenas que as opiniões das teóricas acima são *próximas* da de Freud.

radical que aquela proposta pelos kleinianos (Rank, conforme citado por Reich, s.d., pp. 190-191).

Deutsch teria a posição, talvez, mais confusa: defende a relação boca/vagina e aceita a diferenciação da vagina a partir da cloaca. Mas afirma que a existência do clitóris atrapalha todo o processo, e que a erotização da vagina se dá, não no início da puberdade, mas apenas pelo contato com o pênis do homem – como visto em seu artigo de 1925 (Deutsch, 1979).

UMA VOLTA – NECESSÁRIA – DO PSÍQUICO AO BIOLÓGICO

Ao estudar a sexualidade em seus componentes psíquicos, não se pode esquecer que o ser sexual é, antes de tudo, um corpo. Se alguns autores afirmam a existência de sensações vaginais na infância apenas em função de processos psíquicos, parece necessário entender melhor como a sensibilidade corporal se desenvolve.

Segundo Montagu (1988), a pele é o mais extenso órgão do corpo relacionado aos sentidos, no caso, o tato. O sistema tátil é o primeiro a tornar-se funcional, não só em humanos mas em outros animais, incluindo as aves. Um embrião com menos de seis semanas de vida já apresenta reações ao toque. A sensibilidade da pele humana já se desenvolve, portanto, dentro do útero materno, em contato com o líquido amniótico. Em outros animais, aparentemente a sensibilidade epidérmica desenvolve-se mais completamente durante a vida pré-natal – o que deve estar relacionado ao fato de que, nos humanos, muito mais tempo após o nascimento será necessário para que o indivíduo se torne adulto (pp. 22-24).

Com base em várias pesquisas com animais, Montagu (1988) percebeu que o fato de *todas* as fêmeas mamíferas (com exceção da humana) lamberem os filhotes não tem a função exclusiva (se é que tem esta função) de manter a cria limpa. A função real da lambida materna seria a estimulação da pele e dos órgãos, incluindo os internos, especialmente aqueles que não se encontram em funcionamento na vida intra-uterina, ou seja: os órgãos excretores e os sexuais (que nesses outros mamíferos serão utilizados dentro de bem pouco tempo). A idéia que se faz de que as fêmeas lambem os filhotes para limpá-los – engolindo inclusive suas excreções, até um certo período – cai por terra ao se perceber que as lambidas *antecedem* a defecação e a micção dos filhotes. O

funcionamento de outros órgãos deve ser, da mesma forma, estimulado, pois as fêmeas lambem também a região em torno da boca, a barriga, as costas e os lados dos filhotes, embora gastem nisto muito menos tempo que na região genitourinária e gastrointestinal (pp. 39-41).

Nos seres humanos, cujo nascimento deve ocorrer bem antes do cérebro estar totalmente formado (o que só ocorreria em torno dos vinte anos, embora com três anos já tenha atingido 90% de seu desenvolvimento), a primeira forma de ativar a sensibilidade da pele da criança, bem como o funcionamento de seus órgãos internos, é o parto prolongado. Crianças nascidas de cesarianas apresentariam muito mais disfunções gastrointestinais, urinárias e respiratórias, que as crianças nascidas de parto normal. Além disso, a relação entre a mortalidade infantil e a ausência de contato corporal nos primeiros meses de vida demonstra que o toque sobre o corpo do bebê substitui as lambidas dos outros animais, tendo a importante função de estimulação dos órgãos. Esta relação foi obtida na observação de crianças criadas em orfanatos, bem como em crianças americanas de classe alta, estas últimas educadas em um modelo que abolira o contato corporal em troca da disciplina e regularidade – final do século XIX, início do século XX (Montagu, 1988, pp. 68/73/104-106).

Assim, pode-se dar razão absoluta a Freud em suas conclusões sobre o fato de que, no processo de higienizar a criança, a mãe (ou quem estiver realizando esta tarefa), irá paulatinamente desenvolvendo a sensibilidade da região sexual do filho, da mesma forma que a sensibilização da boca se inicia com a introdução do seio.

Em torno da década de 1950, o neurocirurgião americano Wilder Graves Penfield, estabeleceu uma distribuição topográfica detalhada das áreas sensoriais e motoras do cérebro. Através desta distribuição, pode-se entender mais facilmente porque uma lesão cerebral leva por vezes à paralisia e/ou anestesia, definitivas ou temporárias, de determinadas partes do corpo. De acordo com o modelo de Penfield, as partes do corpo mais movimentadas são aquelas onde os músculos melhor se desenvolvem, por isso a atrofia muscular que ocorre em uma perna engessada por muito tempo, por exemplo. Da mesma forma, as partes do corpo mais estimuladas, as que entram mais vezes em contato com o meio, são aquelas que desenvolvem maior sensibilidade (G. E. Larousse C., 1998, vol. 18, p. 4528 e Montagu, 1988, p. 32).

Se houvesse, portanto, uma parte do corpo humano que pudesse não ser tocada em nenhum momento em suas relações com o meio, ela não iria desenvolver sensibilidade alguma. Para as mulheres, essa parte do corpo existe. É a vagina, somente estimulada na infância, pelos adultos, em duas situações por si só absolutamente dispensáveis para a psique da criança: a existência de uma doença na região ou o abuso sexual. Nos outros animais, como a estimulação do corpo dos filhotes é feita com a língua, pode-se pensar se o interior da vagina não é, de alguma forma, alcançado.

Embora o detalhamento de Penfield, bem como as pesquisas e observações de animais e humanos que comprovam a necessidade de estimulação de determinadas partes do corpo para que elas se tornem "reativas" sejam posteriores à morte de Freud, ele parecia ter uma percepção clara destes fatos, ao formular suas teses sobre a erotização de determinadas partes do corpo como sendo paralela às fases de desenvolvimento infantil em que estas partes são, de alguma forma, estimuladas. A primeira vez em que Freud titubeia com relação à existência de uma sensibilidade original na vagina é em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Isso ocorre quando afirma que a região genital pode ser estimulada por "certas excitações acidentais (como as migrações de vermes intestinais nas meninas)²" (Freud, 1989b, pp. 175-176).

Apesar de Freud afirmar, ainda nos *Três ensaios ...* que a puberdade traz uma onda de recalçamento na mulher, recalçamento este dirigido para o "clitóris masculino", ele afirma também que, ao iniciar a vida sexual adulta da mulher, o clitóris deve ser estimulado, para que "transmita" sua sensibilidade à vagina. Seguindo esta linha de pensamento em todos os seus textos subseqüentes, Freud não explica como a sensibilidade pode ser "transmitida" de um órgão para o outro. Possivelmente pela especificidade da vagina – única parte do corpo que pode chegar intocada à vida adulta – Freud não percebe que, ao fazer a afirmativa da "transmissão de sensibilidade" de um órgão para o outro, rompe com sua própria lógica, que pressupõe a necessidade do órgão ser diretamente estimulado para tornar-se erógeno. Quanto a Deutsch, embora não deixe muito claro se acredita em uma sensibilidade vaginal desenvolvida na infância,

² Porém, na mesma obra, afirma com todas as letras que o clitóris é a zona erógena dominante na infância, para o sexo feminino.

que seria recalcada com a erotização do clitóris, irá afirmar que o pênis do homem será responsável por "fixar a libido na vagina" (Chasseguet-Smirgel & cols., 1975, p. 28, Deutsch, 1979, pp. 43-44 e Freud, 1989b, pp. 207-208).

Se as considerações neuro-biológicas supracitadas forem levadas em conta, pode-se deduzir que a vagina realmente só se erotiza no contato direto com o pênis, nas primeiras relações sexuais. O tempo que a vagina leva para desenvolver sua sensibilidade é extremamente variável de uma mulher para outra, com certeza em função de questões psíquicas, mas também da paciência, gentileza e potência de seu(s) parceiro(s).

Na mulher cuja sensibilidade vaginal é plenamente desenvolvida, o clitóris não deixa de "funcionar" normalmente, como zona erógena, em nenhum momento. O que pode ocorrer é que nem a mulher, nem seu(s) parceiro(s) toquem nessa região, o que levaria, é claro, à impossibilidade do prazer clitoridiano. Além disso, na mulher adulta, todo e qualquer orgasmo manifesta-se por contrações na região final da vagina e na cérvix. Estas contrações são ainda mais violentas no orgasmo clitoridiano – tendo em vista que o orgasmo vaginal provoca uma reação maior de derretimento, de ondulações que se espalham por todo o corpo³.

Com isso, pode-se afirmar que a masturbação do clitóris pós puberdade – que é o momento onde as descargas de excitação sexual começam a ser realmente efetivas – não atrapalharia em nada o "surgimento" da sensibilidade vaginal, muito pelo contrário, posto que os orgasmos assim obtidos ajudariam a desenvolver a musculatura da vagina e, conseqüentemente, a sensação nesta região. O que levaria a mulher a desejar a penetração, sendo que *de início* ela não lhe causa prazer, seriam motivações tanto psíquicas quanto sociais, que serão discutidas mais adiante.

O fato de algumas meninas praticarem a masturbação introduzindo o dedo ou algum objeto na vagina, prova apenas uma de duas coisas: ou elas sabiam teoricamente da existência deste órgão, e a partir deste conhecimento passam a explorar a região, ou através de sua curiosidade (mais facilmente da curiosidade de outra criança) elas descobrem a existência deste orifício, passando então a explorá-lo. É apenas *possível*

³ Para uma melhor descrição dos tipos de orgasmo na mulher, ver Hite, 1979.

que estas crianças apresentem uma facilidade maior na erotização da vagina em sua vida adulta. Até porque parece haver a necessidade de determinados hormônios estarem em funcionamento para que ocorra a erotização da vagina, hormônios estes que só começariam a atuar na puberdade.

A colocação de objetos na vagina, se feita pela própria menina, talvez esteja ligada *apenas* ao processo exploratório do corpo, em função do qual tantas crianças enfiam objetos no nariz ou nos ouvidos, sem que obtenham destes atos, *nenhum prazer corporal*. Se realmente se trata de um processo exploratório, e se, possivelmente, não leva a nenhum prazer, não é de estranhar que as meninas abandonem esta atitude, voltando a esfregar o clitóris, este sim, já suficientemente erotizado. Imaginar que a sensibilidade da vagina possa *preceder* a do clitóris é negar totalmente a influência dos cuidados maternos na erotização infantil.

Resta ainda saber se a auto-estimulação da vagina na infância não poderia levar a um medo das primeiras penetrações na vida adulta, maior ainda que o apresentado pelas mulheres em que isto não ocorreu. Afinal, a existência do hímen faz com que a primeira penetração seja sempre mais ou menos dolorosa e, dependendo do tamanho do objeto inserido pela criança na vagina, este pedaço de pele pode romper-se, provocando um trauma muito maior do que poderia ocorrer na vida adulta. Por outro lado, se o objeto não for grande o suficiente, não estimulará a região inervada da vagina, não ajudando em nada na sensibilização deste órgão.

Vale ressaltar que as mulheres são provavelmente as únicas fêmeas onde o clitóris situa-se externamente. Isto se deve, provavelmente, também ao fato do desenvolvimento das crianças estar muito incompleto na hora do parto, e a vida adulta muito distante. Nas cachorras, nas gatas, e possivelmente em todas as fêmeas mamíferas, o clitóris – uma pequena região saliente altamente inervada – também existe, mas fica situado dentro da vagina. Ao juntar este fato com a existência do hímen, que serve justamente para evitar a entrada de sujeira na vagina, no período em que ela ainda não exhibe sua função genital (reprodutora), resta a conclusão de que a estimulação do clitóris, primeiro pela mãe, depois pela menina, constitui algo *biologicamente* determinado.

A função biológica da descarga sexual (mesmo que incompleta, como ocorre na infância), seria, como propõe Reich (1975, p. 94), a libertação do excedente de tensão no organismo, muito mais que a reprodução. Evidentemente, a erotização dos órgãos sexuais na infância estaria preparando o indivíduo para a vida sexual adulta, mesmo na mulher, onde ocorre a mudança de localização. Para que o sujeito adulto, com toda a carga de repressão que recebeu, possa desejar algum tipo de sexo, terá que ter tido algum tipo de prazer anterior.

Quanto à derivação da sensibilidade da vagina a partir da boca, André (1996) associa a fase oral a uma fase de "feminilidade" infantil, independentemente do sexo do sujeito em questão. Aqui a palavra feminilidade está, como é bastante comum ocorrer nos textos psicanalíticos, associada à *passividade*. A criança, objeto de uma espécie de efração, de um arrombamento, seria "submetida" ao seio da mãe. Juntamente com o seio, a criança seria também submetida ao inconsciente da mãe, com as possíveis associações que a amamentação despertaria neste ser adulto (pp. 98-99).

[O] encadeamento seio-pênis, do lado da criança, é precedido por um encadeamento pênis-seio do lado da mulher, e [...] *a felação só sucede à mamada na fantasia por precedê-la no inconsciente do adulto cuidador/sedutor*. A primazia do outro contorna a lógica do desenvolvimento e "introduz" representações genitais (em um pano de fundo oral) muito antes que se produzam os processos fisiológicos pubertários (André, 1996, p. 102).

Com estes argumentos, André (1996) critica as teorias de Klein e de Jones com relação às origens da sexualidade feminina. No esquema de ambos, haveria uma espécie de descontentamento com o seio, que levaria, em função de um "esquema inato", à busca de um objeto mais adequado. Esse objeto seria parcial, não se tratando de um amor ao pai, mas da crença de que este objeto pertence ao corpo da mãe, sendo o pai apenas a fonte de onde a mãe o obteve – por meio da felação. André afirma que, considerando que a criança não teria a capacidade de compreender essas relações, sendo elas impostas à partir da psique do adulto, não é possível considerá-las hereditárias ou pulsionais (pp. 101-102).

Pode-se ir um pouco além na análise da oralidade. Nesta fase, a criança não se mostraria tão passiva como pressupõe André – e antes dele outros psicanalistas. Vale lembrar que, a despeito de a pessoa que vai amamentar ter leite em profusão, existem

crianças que "não pegam o seio". Ou seja, a amamentação no seio só ocorre se a mulher tiver leite e a criança se dispuser a chupar este seio. O que levaria a criança, mesmo esfaimada, a não fazer isto? Possivelmente sua resistência à *atividade*. Pois é disto que se trata: a criança abandonou o "paraíso" do útero, onde todas as suas necessidades eram atendidas de uma tal forma que ela nem lhes conhecia a existência. Foi colocada em um mundo em que, não só passa a perceber dolorosamente que tem necessidades, como precisa agir para satisfazê-las. No caso da amamentação, a criança precisa aprender a chupar o seio.

Segundo Montagu (1988), a criança suga a mamadeira (onde o orifício é suficientemente grande para que o leite jorre), mas ela precisa chupar o seio, ou seja, exercer sobre ele uma pressão, com toda a sua boca, para que o leite possa sair (p. 91). Isto parece óbvio ao se imaginar que uma mamadeira virada para baixo irá vaziar inevitavelmente, enquanto que os seios da mulher só vazam algumas vezes – normalmente quando, após o horário das mamadas ter se tornado regular, ela se encontra longe da criança na hora do aleitamento. Portanto, a criança não pode colocar-se em uma posição completamente passiva na amamentação pelo seio.

Em segundo lugar, o sistema uro-intestinal da criança começa a funcionar (já foi visto que isto depende de uma estimulação externa), e isto lhe causa cólicas, além de produzir sensações internas desconhecidas, devido ao movimento da urina e das fezes através de seu corpo. É o corpo da criança tornando-se ativo. Por fim, para que a criança receba alimento, para que tenha suas fraldas trocadas, sua barriga acariciada quando tem cólicas, para que qualquer destas necessidades sejam atendidas, ela tem que aprender a expressar seu descontentamento. Se os primeiros choros são de desconforto, os subseqüentes já são uma atividade, visando obter uma satisfação. Desta forma, não é possível falar de passividade absoluta na fase oral. A única situação em que os animais mamíferos são totalmente passivos é dentro do útero. Fora dele, cada vez mais lhes será exigido que vão em busca da satisfação de suas necessidades.

Além disso, sem negar a importância que assume na vida da menina sua relação inicial com a mãe, vale lembrar que o momento em que a criança passa a considerar a figura materna como *objeto amoroso* é um momento posterior à fase oral. Que alguma menina possa ter, na fase fálica, uma fantasia de apropriação do pênis do pai pela boca,

quando a zona erógena que deveria estar em questão neste momento de sua vida é o clitóris, mostra apenas uma fixação, então já muito visível, na fase oral de desenvolvimento. Mas o principal problema das teorias kleinianas é que elas não explicam como, *corporalmente*, o erotismo passaria da boca para a vagina.

POIS É DANDO QUE SE RECEBE⁴

Como foi visto, há outros autores que postulam a sensibilidade vaginal na infância como sendo uma derivação cloacal. Freud aproxima-se desta idéia – mesmo considerando que isto irá ocorrer *apenas na puberdade* – muito poucas vezes⁵. Mas, basicamente, para Freud a idéia da sexualidade cloacal restringe-se a uma fantasia infantil.

Um dos argumentos apresentados pelos que defendem esta derivação cloacal da vagina é o da proximidade entre esta e o ânus, e sua mesma origem embrionária. É preciso retomar aqui a significação da fase anal no desenvolvimento infantil. A sensação corporal da passagem das fezes pelo reto desenvolve-se, não na fase anal mas, sim, na fase oral. É nela que, pela primeira vez, a criança irá produzir excrementos, atividade corporal não necessária na vida intra-uterina. A saída da fase oral inicia pela perda do seio. Como Freud afirma diversas vezes, mesmo a crianças desmamadas tardiamente consideram isto como uma agressão, pois seriam insaciáveis no desejo pelo seio. Evidentemente, a perda do seio não representa a perda do leite materno, mas sim, a perda tanto de um contato corporal específico com a mãe, como também a perda da satisfação de suas necessidades, ainda sem grande atividade de sua parte. É como se, após todos seus esforços para adaptar-se a uma maior exigência de atividade na satisfação de suas necessidades, lhe fosse dito que ainda não está bom, que é preciso, doravante, um esforço ainda maior.

O que a criança aprende na fase anal não é a sensação que as fezes provocam na passagem por seu corpo, mas o controle dos esfínteres, e o que isto pode representar em termos da satisfação *do adulto que lho exige*. Adulto este de quem a criança

⁴ Da Oração de São Francisco de Assis.

⁵ Uma delas em carta a Abraham, em 1924 (André, 1996, pp. 27-28). Uma outra em *A disposição à neurose obsessiva...* (Freud, 1976e, p. 409).

depende, em última instância, para a satisfação de suas próprias necessidades. A entrada na fase anal, supostamente não como uma consequência natural do desenvolvimento, mas sim como uma imposição cultural, já que se dá pela iniciação ao treino do banheiro, significa a exigência de uma maior atividade por parte da criança. Se, na passagem do útero ao seio, a criança precisou sair da passividade absoluta para uma boa dose de atividade, provavelmente ela então já estaria acostumada a ser atendida em suas necessidades, sempre que demonstrasse a emergência destas.

Algumas mães só deixam de amamentar a criança com a chegada do filho seguinte, e então iniciam também o treino de banheiro com o mais velho. Muitas vezes, nestes casos, a amamentação está sendo interrompida tardiamente. Pode também ocorrer que o treino de banheiro é que esteja sendo iniciado precocemente. De qualquer forma, se o desmame provoca grande frustração, o treino de banheiro causará uma frustração ainda maior, não porque a criança tenha algum prazer em sujar as fraldas. Se há algum prazer em ficar envolta nas fezes ou na urina, este prazer se daria muito no início da vida da criança, pelo fato do líquido quente ser associado ao amniótico. Mas basta que os líquidos excrementícios esfriem em contato com a pele da criança, para que ela exiba uma reação violenta, que visa a ser limpa e aquecida.

O que a criança perde com o treino de banheiro é, portanto, não o contato *desagradável* dos excrementos com o corpo, mas o toque erotizante da mãe, na tarefa de limpá-la. A cada nova fase de desenvolvimento, é exigida da criança uma maior quantidade de atividade para a realização de suas necessidades. Não é à toa que, assim que consegue resolver satisfatoriamente a tarefa de que foi imbuída (de controlar os esfíncteres), a criança inicie a atividade masturbatória propriamente dita. Trata-se apenas de executar, por conta própria, aquilo que a mãe fazia anteriormente, e que lhe dava tanto prazer.

Há quem afirme que, nos meninos, a resistência ao treino de banheiro é maior, o que provaria sua também maior agressividade (palavra usada como sinônimo de atividade). Ora, se para as meninas, todos os cuidados de limpeza anteriores são substituídos por uma passada rápida de um pedaço de papel higiênico, para os meninos, mesmo isto ficará restrito ao momento da defecação. O pênis, tão estimado na fase seguinte, inclusive pela possibilidade de urinar em pé, seria, na fase anal, o motivo de

um rompimento muito mais radical do toque da mãe com a parte do corpo que mais interessa ao menino. Feita esta relação, a conclusão é de que, na fase anal, *o menino apresenta uma resistência maior ao aumento de atividade em busca da satisfação* – mas pelo simples fato de que uma atividade maior lhe é exigida.

Nas famílias em que o treino de banheiro é realizado com maior violência, a criança custará ainda mais a entender porque não só lhe é retirada uma fonte de satisfação mas, ainda por cima, lhe são impostos castigos. As duras penas, a criança aprende que para obter algum afeto da mãe, mesmo que não seja um afeto manifesto em forma de carícias, é preciso que faça o que ela lhe ordena. Ao deixar seus excrementos no penico, ela obtém, minimamente, a supressão do castigo e, em alguns casos, a franca aprovação.

O prazer que algumas pessoas obtêm, primeiramente na retenção das fezes, e depois em sua expulsão, não é um prazer anal, no sentido de o reto constituir-se numa zona erógena propriamente dita. Fosse isto e este prazer estaria ligado à fase anterior, onde se desenvolve realmente a sensibilidade da região, sensibilidade esta que está muito longe de ser minimamente comparável àquela da boca ou dos órgãos sexuais (genitais e clitoris). Se o que a criança aprende na fase anal é a contenção das fezes, para que sejam eliminadas *quando o adulto quer*, mesmo que posteriormente isto passe a representar o controle *pessoal* da defecação, o prazer de conter as fezes é um prazer sádico, de não dar aquilo que o outro quer. É o prazer de fazer alguma coisa apenas quando se deseja.

Este prazer seria, portanto, de todo, um prazer psíquico, não corporal. Basta observar que as pessoas que apresentam constipação intestinal normalmente defecam com muita dor, desenvolvendo, não raro, hemorróidas. Tanto é apenas psíquico o prazer da retenção das fezes, que esta retenção é facilmente substituível pela atitude de colecionar objetos ou de impedir que os outros desfrutem do dinheiro que a pessoa adquiriu. A relação fezes/dinheiro é feita pelo *desejo do outro*, não pelo valor que o próprio indivíduo lhes confere.

A fantasia infantil de nascimento do bebê pelo ânus, decorre, como já visto em Freud (1976c, pp. 222-223), do desconhecimento pela criança da existência da vagina, mesmo após ela ter percebido que o bebê se encontra, primeiramente, dentro da mãe. O

ânus é o único orifício que a criança conhece por onde sai alguma coisa; alguma coisa concreta, de um tamanho razoável (não como a urina, que é líquida). Como já visto, as fezes só adquirem importância para a criança a partir da importância que lhes confere o adulto. Ao perceber a importância que tem o bebê para os pais, a criança pode fazer esta associação ainda mais facilmente. Daí a imaginar que a sensibilidade da vagina deriva da "sensibilidade" do ânus, apenas porque ambos tem a mesma origem embrionária, é um passo grande demais.

Embora a região mais inervada da vagina⁶ encontre-se extremamente próxima – internamente – do reto⁷, e mesmo que fosse possível acreditar que a sensibilidade do ânus corresponde, nessa fase, a uma sensibilidade realmente erótica, ainda assim, resta lembrar que o "ponto G" não passa da parte do clitóris que fica internalizada, estendendo-se, de sua localização externa, até aquela região. Se há alguma erotização prévia da vagina, ela se daria a partir do clitóris, de fora para dentro, e não de "uma parede" (do ânus) "para outra" (vagina). Mas é bem mais provável que a erotização da região vaginal só possa ocorrer realmente após a puberdade, considerando a necessidade dos hormônios envolvidos no processo, e das primeiras penetrações.

O fato de algumas (raríssimas) mulheres adultas conseguirem atingir o orgasmo com a penetração anal é que poderia estar mais associado ao fato das paredes do ânus e da vagina se encontrarem justamente onde esta última é mais inervada – ou seja, o ânus é que estaria "aproveitando" a sensibilidade da vagina, e não o contrário. O que ocorre mais facilmente, quando alguma mulher permite ser penetrada desta forma, é que o homem lhe propicie, paralelamente, um orgasmo por estimulação clitoridiana. Mas, não sendo o ânus propício à recepção do pênis, devido a sua menor capacidade de dilatação, a penetração desta maneira provoca inevitavelmente dores muito maiores que a da primeira penetração vaginal. Assim, só resta concluir que a mulher que aceita ser penetrada no ânus está aceitando dar prazer para o outro e não para si, a não ser que esta seja a única maneira de obter do parceiro a estimulação do clitóris, e que o resultado desta estimulação seja a única forma de prazer que consegue obter.

⁶ O "ponto G".

⁷ O restante não se encontra, devido ao fato da vagina dirigir-se mais para a frente do corpo, no formato exato para receber o pênis ereto.

Quanto aos orgasmos obtidos pela penetração anal em homens homossexuais, resta lembrar que a próstata, situada perto da "parede" do ânus, está ligada diretamente ao pênis. Não raramente, o prazer que o homem assim obtêm é o prazer peniano, ou seja, o prazer em seu único órgão realmente sexual. São raros os casos em que o homem que se deixa penetrar analmente exibe uma completa impotência eretiva em qualquer situação. Nestes casos, possivelmente de impotência física, e não psíquica, resta saber se lhes advêm algum prazer corporal efetivo de qualquer atividade sexual que desenvolvam. Talvez só lhes reste ser o objeto do prazer de alguém, como forma de obter a gratificação psíquica do interlúdio amoroso.

Na verdade, os autores que defendem a tese de uma sexualidade vaginal derivada da cloaca, tentam buscar uma "feminilidade primária", como forma de negar o falocentrismo de Freud, e sua tentativa de explicar a passagem da sensibilidade do clitóris para a vagina. Com isso, contudo, estes autores negam justamente o que há de mais específico na sexualidade da fêmea humana: a existência de uma região corporal voltada *exclusivamente* para o prazer. Como visto acima, o clitóris não apenas diferencia a mulher do homem mas, por sua posição, a diferencia também de todas as outras fêmeas animais.

INVEJA DO PÊNIS COMO MÁSCARA?

Se há uma grande discordância de Freud, com relação à inexistência de sensações vaginais na infância, há uma concordância quase absoluta de que qualquer mulher, tenha sido seu desenvolvimento libidinal como for, terá sentido, em algum momento, inveja do pênis. Para justificar a tese da inveja do pênis, os autores utilizam vários exemplos obtidos em seus consultórios.

Se for retomado o modelo de sexo único que é, afinal, o modelo utilizado por Freud, o útero foi considerado o pênis da mulher, a vagina foi considerada o pênis da mulher e, por fim, o clitóris foi considerado o pênis da mulher. Para a função de micção, poderia ser acrescentado o orifício da uretra. Dentro da teoria psicanalítica, além disso, o seio, ou melhor, os dois seios, são também considerados como pênis femininos. Decorre disto que, a manter a focalização na teoria do sexo único, a mulher teria em torno de seis pênis, não tendo então de que reclamar, certo?

Sendo esta a principal questão entre o movimento feminista e a psicanálise, é preciso considerar que a teoria falocêntrica de Freud está inscrita dentro de um contexto sociocultural extremamente propício a seu surgimento:

Para a maior parte do movimento feminista, Freud foi e permanece sendo o inimigo. Admite-se geralmente que, para a Psicanálise, as mulheres são seres inferiores que não podem atingir a verdadeira feminilidade senão como esposas e como mães. A Psicanálise é vista como uma justificação do *status quo* burguês e patriarcal, e a própria pessoa de Freud é vista encarnando todos estes adjetivos. [...] mas [...] a despeito de como tenha sido usada, a Psicanálise não é uma prescrição para uma sociedade patriarcal, mas uma análise *de* uma sociedade patriarcal. Se estamos interessados em compreender e recusar a opressão da mulher, não podemos nos dar ao luxo de negligenciá-la (Mitchell, 1979, p. 17).

Assim, é necessário retomar o fato de que, na época do surgimento da psicanálise, as mulheres mal começavam a dar os primeiros passos em direção ao estudo de nível superior e ao mercado de trabalho. A tarefa objetiva da mulher é então a procriação e os cuidados com os filhos, tarefa esta que não a diferencia, em nada, das outras fêmeas animais, mesmo considerando a transmissão da cultura para as crianças, pois isto não passa de uma consequência do período maior que, nesta espécie, o indivíduo leva para tornar-se adulto.

Estas mulheres pioneiras, que buscavam realizar-se em um trabalho transcendente, não questionavam em momento algum sua obrigatoriedade de continuar a manter a casa em ordem, as crianças educadas e o marido satisfeito. Especialmente para as mulheres da burguesia, o trabalho não era tido como uma necessidade (afinal seus maridos tinham como sustentar a família sozinhos), mas sim como um direito a ser conquistado. O direito de transcender os outros animais, de realizar uma tarefa que a postasse na espécie humana.

Com o valor então muito maior que é dado aos homens, e com o enorme valor que os homens dão a seu próprio pênis, o desejo da mulher de participar do mercado de trabalho, de exercer no mundo uma tarefa transcendente, foi visto por alguns psicanalistas (inclusive mulheres) como sendo decorrente da inveja do pênis. O desejo da mulher de tornar-se um ser humano completo foi então confundido com o desejo de ser homem.

Vale também ressaltar que, considerando apenas seus atos, e não sua teoria, o próprio Freud demonstra freqüentemente uma ambivalência em relação à postura que

considera desejável em uma mulher. Freud irá criticar Stuart Mill e casar-se com Martha – uma mulher, sem dúvida, perfeitamente contida em seu papel de dona-de-casa e mãe. Mas também gastaria longas horas em conversas com Mina (mais intelectual), lutaria pelo direito das mulheres fazerem parte das fileiras da psicanálise, desenvolveria uma paixão platônica por Andreas-Salomé, teria com Bonaparte uma de suas mais fortes amizades e, embora desejasse que nenhum de seus filhos seguisse seus passos, aceitaria com orgulho quando a filha caçula decide fazê-lo (embora isto fosse, principalmente, sua forma de compensá-la por tê-la impedido de envolver-se com um homem).

O caso que mais chama a atenção, na confusão entre o desejo da mulher de trabalhar e o desejo de ser homem, é o de Riviere, que foi capaz de criar um personagem fictício, baseado em sua própria vida, para exemplificar a inveja do pênis (ver Roudinesco & Plon, 1998, p. 663). No texto em que fala deste "caso clínico", Riviere (1979) não poupa a si mesma de nenhuma crítica e não sugere à mulher nenhuma outra saída além de uma "feminilidade oral". Para esta autora, toda e qualquer atividade realizada pela mulher, que não seja a maternidade, está calcada na inveja do pênis, ou mesmo na crença de o possuir. A mulher que busca um trabalho transcendente ou, em suas palavras, uma "atividade masculina", para evitar a vingança dos homens sobre si (castração?), usaria o artifício de "disfarçar-se de mulher", usaria a feminilidade como máscara.

Deutsch, que lutara para conseguir iniciar uma carreira, ao mesmo tempo em que enfrentava uma dificuldade enorme de gerar um filho, irá afirmar em seu livro de 1944, *Psicologia da mulher*, que a mulher intelectual sofre de um complexo de virilidade, sendo estéril, bajuladora, e destituída de originalidade (Badinter, 1986, p. 142). Novamente aparece a idéia, quando Deutsch afirma que este tipo de mulher (do qual ela mesma faz parte) é bajuladora, de que ela faz algo para amenizar a ira masculina.

De quem proviria esta ira? Não se trata aqui de uma criança, a temer a ira do pai propriamente dito. Trata-se de mulheres adultas, que conquistaram, sem dúvida a duras penas (em função da época), o direito de pensar, de trabalhar, de produzir. Sendo Riviere extremamente dependente de aprovação (ver Roudinesco & Plon, 1998, p. 663) e Deutsch extremamente dependente da aprovação de Freud em específico (ver Roudinesco & Plon, 1998, p. 151), pode-se muito bem imaginar quem é o tão temido

pai, cuja ira precisa ser aplacada. Se Freud facilitou o ingresso das mulheres nas fileiras psicanalíticas, não poderiam elas, então, questionar sua teoria da inveja do pênis.

Ao reafirmar a existência da inveja do pênis em suas próprias vidas, estas mulheres estariam garantindo a aprovação de Freud, a aceitação, por parte dele, em seu círculo íntimo. Evidentemente, outros psicanalistas apoiam a tese de uma inveja do pênis não em casos de mulheres adultas, que buscam o trabalho como realização, mas sim, com base nos relatos de pacientes neuróticas, ou homossexuais, que lhes falavam de uma inveja sentida concretamente na infância, inveja esta que, muitas vezes, permanecia consciente até então. Até mesmo Horney, que tentou de forma mais veemente depor a inveja do pênis de seu altar na compreensão da sexualidade feminina, não irá deixar, em seu texto de 1922, de fazer uma série de relatos de casos onde ela aparece claramente (Horney, 1979).

O mesmo acontece com Jones, em seu texto de 1927. Após desenvolver uma teoria bastante original que se contrapõe às teses clássicas do complexo de castração, ele termina por fornecer inúmeros casos de mulheres que demonstram a decantada inveja do pênis na vida adulta. Mulheres homossexuais, que fique claro (Jones, 1979). Mesmo Klein, que justifica o desejo da mulher pelo pênis como sendo o desejo pelos objetos internos da mãe, enquanto o pênis do pai é tido como parte destes objetos, irá falar de uma inveja. Apenas no caso de Rank, pode-se *pressupor* a inexistência da inveja do pênis em sua teoria⁸. Resta continuar analisando o desenvolvimento infantil, para ver *se e quando* essa inveja aparece.

PRENDAM SUAS CABRITAS QUE MEUS BODES ESTÃO SOLTOS!

Seguindo a linha de que espera-se da criança cada vez mais atividade na consecução de seus objetivos (obter prazer), após a fase anal ela inicia, ou intensifica, o processo de masturbação, para obter de seus órgãos sexuais (pênis/clitóris) o prazer que antes lhe era conferido pelos cuidados maternos. Mas isto não significa que esteja conformada com a necessidade de auto-estimulação. Ela deseja, ardentemente, que a mãe, ou o adulto que lhe dirigiu os primeiros cuidados, volte a fazer isto.

⁸ Mas talvez isto se deva à dificuldade de acesso a seus artigos originais.

No menino, pelo fato de urinar em pé, sem que a urina o suje a ponto de ser limpo, o contato da mãe com o órgão sexual da criança acaba se reduzindo ao banho, no qual também espera-se que a criança se torne cada vez mais independente. Pelo fato deste órgão sexual ser absolutamente externo, o menino iniciará um processo de exibição do mesmo, que visa, unicamente, voltar a receber sobre ele os carinhos maternos.

Freud afirma em alguns textos que o exibicionismo visa sempre o prazer escopofílico. A pessoa que exhibe seu órgão sexual teria a esperança de que então o outro lhe exibisse o seu (ver, por exemplo, Freud, 1989b, p. 147). É possível discordar disto. A criança exhibe inicialmente seu órgão sexual como forma de atrair o toque sobre ele. É uma tentativa de sedução, mas não de uma sedução adulta, onde um indivíduo deve complementar o outro. Seria mais algo como: "Se ela vir como ele é bonitinho, talvez ponha a mão aqui de novo". Isto deve ser ainda mais forte naquelas crianças cuja mãe, a cada troca de fraldas, tocava o pênis e dizia algo como: "Veja que coisa mais linda você tem aqui! Não é mesmo uma jóia isto que Deus lhe deu?". É claro que, considerando-se a curiosidade sexual da criança, olhar para o próprio órgão, ou olhar o corpo dos outros, faz parte de seu aprendizado. Mas, possivelmente, a curiosidade sexual só inicia no momento em que a frustração por não ser tocada faz com que a criança tente entender "o que há entre papai e mamãe".

A lição de que "é dando que se recebe" foi ainda mal aprendida. A criança pode pensar que, por estar usando o penico ou o banheiro de forma adequada, tem todo o direito a sua "recompensa". Nas meninas, ocorreria mais ou menos o mesmo. Embora tenham direito a uma passada de mão com papel higiênico a cada vez que urinam, se a mãe faz isto da maneira correta para evitar a transmissão de bactérias do ânus para a vagina, ou seja, de frente para trás, seu clitóris só será tocado com muita sorte, e assim mesmo, de modo muito rápido e brusco – bastante diferente do algodão umedecido que lhe era esfregado com maior delicadeza e demora cada vez que eram trocadas as fraldas.

Mas, no momento de exhibir seu órgão sexual para tentar seduzir a mãe a tocá-lo, a menina encontra uma grande dificuldade. Esta dificuldade nada tem a ver com o tamanho do clitóris, mas sim com sua localização. Na contraposição vagina/interno, clitóris/externo, é esquecido o fato de que este último encontra-se escondido dentro dos

grandes lábios. Ficasse o clitóris realmente em uma posição externa e frontal no corpo da menina, não teria ela que substituir a exibição do órgão sexual pela exibição do corpo todo.

Aí começa uma nova e crucial diferenciação no tratamento que as crianças recebem na fase exibicionista. Enquanto com o menino muitas vezes a exibição do pênis é incentivada, seja com risos, seja com frases do tipo "Mostre seus documentos" – numa cruel recordação de que apenas os homens são cidadãos – na menina, o ato de tirar a roupa e exhibir-se é francamente censurado. E isto por dois motivos: a repressão da sexualidade sempre foi maior sobre as meninas, em função de serem elas que engravidam, tendo como consequência que se este fato ocorrer antes da época apropriada, os pais da garota terão muito mais problemas a enfrentar do que os do rapaz. O outro motivo é o de que as meninas e mulheres podem ser violentadas, e a nudez é vista como uma provocação para esta ocorrência. Basta ver que, especialmente quando não havia delegacias especializadas para o atendimento de mulheres, muitas daquelas que sofreram abusos sexuais foram acusadas de tê-los provocado, com frases como: "Também, ao sair na rua com esta saia curtíssima, o quê você queria?".

Paralelamente à repressão do exibicionismo, inicia também a repressão da masturbação. Surge então a indignação infantil apontada por Freud em seus casos clínicos: "Mas se foi ela (a mãe) mesma que me levou a isso, como é que agora o quer proibir?" (ver Freud, 1974g e 1976l). A mãe é acusada de sedução, de abandono e, ao mesmo tempo, de proibir à criança a auto-satisfação (que ela já busca como última solução para o abandono anterior).

Se a menina possui irmãos, não raro irá se sentir duplamente injustiçada. Primeiramente, por não poder exhibir seu órgão sexual com tanta facilidade. Em segundo lugar, e quase que em decorrência disto, por não poder associar os atos de urinar e de segurar/olhar seu órgão sexual, como bem explica Horney (1979).

Contudo, se na época em que os psicanalistas selecionados para este trabalho realizaram seus estudos para o desenvolvimento da teoria sexual, a maioria das famílias parecia ser formada por uma grande quantidade de crianças, e ver um menino urinando era algo facilímo de ocorrer para qualquer menina, além de, possivelmente, os cuidados com a privacidade serem menores, de forma que ver o pai urinando também não era

difícil, isto tudo não serve para as famílias atuais. Após a criação da pílula, muitas famílias são constituídas apenas de filhas, ou mesmo de uma única filha. Esta forma de inveja do pênis, nas meninas, embora inegável, dependeria, portanto, de circunstâncias externas favoráveis para seu aparecimento.

Como a criança não consegue, mesmo através do exibicionismo, seduzir a mãe a tocá-la, e estes toques são percebidos como estando disponíveis para os irmãos mais novos, ou para o pai, iniciam seus questionamentos a respeito do que significa estar casado, de onde vêm os bebês, etc. Mesmo que não haja um irmão recebendo os cuidados que "lhe são devidos", a criança simplesmente deixará de recebê-los, e começará a perceber que o pai, de alguma maneira, recebe uma atenção diferenciada da mãe. Isto ocorreria para ambos os sexos.

O menino, que possivelmente já viu o pênis do pai, considera – mesmo que este possa ser o órgão menos avantajado na comparação com o de outros adultos – que ele é "gigantesco", pois o compara com o seu próprio. Passa a perceber que a mãe não tem porque perder tempo com a "ninharia" que ele tem, e deseja ter um pênis igualmente grande. Aí inicia a verdadeiramente *inevitável* inveja do pênis: a inveja, *pelo menino*, do pênis do pai. A partir disso, o tamanho do membro terá uma influência enorme no psiquismo masculino. Como já foi suficientemente explicado, se observa então uma menina sem roupa, irá imaginar que este órgão lhe foi cortado, especialmente se recebe ameaças frequentes de que isto será feito com o seu.

O desejo do menino, de qualquer maneira, seria o de tirar o pai rival do caminho, para que a mãe pudesse contentar-se com seu "membro minúsculo". Vale lembrar que, possivelmente, não há aqui ainda uma idéia de penetração, apenas de manipulação manual. Mas o menino já aprendeu – na fase anal – que não adianta lutar contra alguém maior que ele. Assim, "desiste" da mãe, e vai *tentar ser igual o pai*, para ver se conquista então seus direitos.

Na menina, o desejo de preservar o toque da mãe no clitóris levará a considerar como rivais, da mesma forma que o menino, tanto os irmãos mais novos, como o pai (*a posteriori*). Se a menina tem como rival um irmão mais novo do sexo masculino, poderá imaginar que a mãe lhe dirige os cuidados "que eram dela por direito" porque ele possui

um órgão sexual mais externalizado. Daí pode surgir também a decantada inveja do pênis nas meninas.

Não é possível, portanto, imaginar na inveja do pênis, e em seu conseqüente sentimento de derrota, o motivo para que a menina deixe de querer as carícias maternas, e passe a desejar as carícias do pai – porque se trata exatamente disto: não há aqui, nenhum desejo de penetração. André (1996) irá considerar que a passagem que a menina faz do objeto amoroso mãe para o objeto amoroso pai, dependeria necessariamente da sedução deste último exercida sobre a criança, seja esta sedução sutil ou não. Contudo, os exemplos inúmeros de homossexualismo feminino que são fornecidos pelos psicanalistas contemporâneos de Freud, fazem com que esta teoria torne-se questionável, se não de todo descartável.

Parece haver *sempre*, a considerar os relatos acima citados, uma tentativa da menina em substituir a mãe pelo pai. Nos casos que redundam em homossexualismo, muitas vezes o pai não demonstrará *interesse algum* pela criança do sexo feminino, seja por um homossexualismo latente, seja por uma valorização absoluta das "qualidades viris", em seu apego narcísico aos filhos homens. Nesses casos, o desejo de possuir um pênis surgiria na menina como um *desejo de contentar e seduzir o pai*.

Portanto, nas meninas, parece haver uma identificação primária com a mãe, que levaria ao entendimento de "estar batendo na porta errada", ou seja, de estar procurando a satisfação de suas necessidades sexuais (ser acariciada no clitóris) no objeto amoroso errado. Mas se o menino pode entrar na elaboração edípica mesmo sem conhecer as diferenças sexuais⁹ e acreditando que todas as pessoas possuem pênis, bastando para isso saber que o do pai é muito maior que o seu, como faria a menina para atingir esta fase? Como seria possível, para a menina, compreender a diferença entre a mãe e o pai, sem saber da existência do pênis?

A menina simplesmente mantém com a mãe a identificação original. Ou seja, se na fase oral a criança não distingue o seu corpo do corpo da mãe, se o próprio seio é tido como um objeto parcial, e se esta separação só começa a ocorrer quando se dá,

⁹ Há casos em que a constatação de que as mulheres – incluindo a mãe – não tem pênis, realmente ocorre de forma muito tardia, em torno dos sete ou oito anos, quando o menino já resolveu, de forma mais ou menos satisfatória seu complexo edípico. O que facilita esta descoberta tardia é ausência de irmãs, e a tendência das mulheres de evitarem que seus filhos as vejam sem roupas.

primeiramente o desmame e, posteriormente, o treino de banheiro, a separação da menina da mãe não implica em uma real diferenciação em termos psíquicos. Para o menino, a tarefa de diferenciar-se da mãe, após a descoberta da diferença sexual, seria muito árdua.

Assim, para o menino, não é necessária uma identificação com o pai para a entrada e saída do complexo de Édipo. O que há necessariamente é uma contraposição entre adulto e criança. Estando do "lado errado" para conseguir a satisfação de suas necessidades, só resta ao menino esperar crescer, quem sabe com fantasias de então superar o pai. Para a menina, sua identificação originária com a mãe pode levá-la muito mais cedo a uma percepção de diferenças entre esta (mãe) e o pai. Diferenças que não se baseiam, necessariamente, no conhecimento da existência do pênis, podendo estar ligadas à quantidade de pêlos, à presença de barba, à uma maior altura, mãos maiores, etc.

Em alguns casos, as características corporais do pai, utilizadas pela menina na identificação da diferença sexual entre ele e a mãe, podem tornar-se uma espécie de fetiche para a mulher adulta, só que aqui isto será chamado de "condição fálica". É como se estas características passassem a simbolizar o pênis do homem, e aquele que não as possui não pode ser escolhido como objeto amoroso. Bastaria observar a existência da "condição fálica" na escolha de objeto amoroso de apenas algumas mulheres, enquanto para outras, o objeto eleito – mesmo que em uma transferência da figura paterna – pode sequer se parecer com o pai fisicamente, bastando que tenha algumas de suas características de personalidade, para a compreensão de que há meninas que entram no Édipo sem o conhecimento prévio da existência do pênis.

O ciúme que a menina sente, então, da relação entre o pai e a mãe (e é preciso diferenciar ciúme de inveja), vai levá-la a aventar a possibilidade de estar buscando satisfação (*estimulação manual*) no lugar errado. Mantendo sua identificação com a mãe, a menina começa então a tentar seduzir o pai, que pode demonstrar maior ou menor aceitação por seu exibicionismo.

Evidentemente, para as meninas que conhecem anteriormente a diferença sexual, a relação entre o pai e a mãe será vista como decorrência da presença do pênis no pai, podendo ela então passar do ciúme para a inveja, antes de que o pai venha a tornar-se

seu objeto amoroso. Porém, é muito difícil imaginar que uma menina que sabe que o pai tem um pênis não saiba também que a mãe não o tem. Os adultos tomam muito mais cuidados na exibição de seus órgãos sexuais com os filhos de sexo oposto, do que com os filhos do mesmo sexo. Assim, a menina não precisaria, após "invejar o pênis do pai como um instrumento para conseguir a atenção da mãe", passar a odiar a mãe porque não lhe deu um pênis, para então mudar de objeto amoroso. Bastaria para isso manter sua identificação original com ela, e ir buscar a satisfação de suas necessidades em outro lugar.

Vale sempre lembrar: o que a criança busca é a satisfação de suas próprias necessidades, e não as do outro. Todo o processo de desenvolvimento da criança vai levando, cada vez mais, à compreensão de que é preciso satisfazer as outras pessoas *para* que obtenha o que deseja, mas isto não significa que esta seja sua pulsão inicial.

Isto posto, há que se concluir que a inveja do pênis não é, em absoluto, *necessária* para que se inicie o complexo de Édipo nas meninas. Talvez seja, contudo, indispensável para seu início nos meninos, quer seja chamada de inveja do pênis, quer de inveja do falo (que é o pênis capaz de seduzir a mãe), ou o nome que se queira lhe dar. Como a elaboração de que a inveja do pênis é necessária para o início da fase edípica nas meninas foi feita primeiramente por Freud, sendo ele um homem, esta confusão parece ter sido inevitável – não necessariamente por uma postura misógina, mas por pura transferência.

Porém, quanto à formação do superego, Freud parece realmente incluir juízos de valor em relação aos sexos. O triângulo edípico é constituído da mesma maneira para meninos e meninas, ou seja: o desejo por um dos genitores leva a criança a considerar o outro como rival. O que levaria a uma suposta resolução do Édipo seria justamente a ameaça feita pelo rival (seja esta ameaça real, ou resultado de projeção). Para além disso, pode-se pensar se o superego não começa a ser constituído muito antes, por vezes até mesmo na fase oral, e quase com certeza na anal – onde a carga de sentimentos destrutivos na criança é muito grande.

Sem dúvida as teorias falocêntricas de Freud e seus seguidores ainda estão presas ao modelo de sexo único, o que as torna, inevitavelmente, preconceituosas. Mas não há como negar que o momento do desenvolvimento dessas teorias foi extremamente

propício ao seu aparecimento. Resta saber porque, mesmo com todas as alterações ocorridas, desde então, na situação das mulheres no mundo, tão poucos psicanalistas questionem estes preconceitos, e os que o fazem não consigam, por vezes, aprofundar este questionamento.

MAS SERÁ QUE NEM DISTO VOCÊ É CAPAZ?

A masturbação, nos adultos, é combatida pelo superego não apenas por uma possível associação entre sexo e algo ruim, sujo, feio, senão ninguém mais faria sexo. Isso também não ocorre apenas pelo fato das fantasias (que acompanham a masturbação) possuírem um caráter incestuoso, pois se isto permanece na vida adulta, a pessoa terá dificuldades muito sérias também em sua vida sexual objetal. O que o superego combate é a constatação de que não há mais ninguém para satisfazer as necessidades sexuais da pessoa além dela própria, a idéia de que não se foi capaz de seduzir ninguém para isso.

Nos homens, a idéia de que cresceram e mesmo assim não conseguiram se igualar ao pai, que pelo menos tinha uma mulher "para satisfazer suas necessidades" pode ser aterradora (angústia de castração). O sexo, entre adultos, nada mais é que a repetição do desejo de que o outro nos dê prazer, somado à consciência de que é preciso, então, fazer algo por ele também. Esta consciência é rechaçada no homem que procura uma prostituta, e é totalmente negada naquele que força uma mulher ao sexo (mesmo que esta seja sua esposa).

Freud afirma várias vezes em seus textos que a "tendência ao recalçamento" sexual é maior nas mulheres, que as meninas preferem formas disfarçadas de masturbação, enfim, que as mulheres são mais passivas sexualmente. Parece esquecer que a *repressão sexual* sobre as mulheres é que é maior. E isto desde a primeira infância.

Por outro lado, sendo a satisfação sexual infantil bastante incompleta, as atividades masturbatórias veladas, quando ocorrem em crianças (como apertar uma coxa na outra, por exemplo), talvez sejam tão satisfatórias quanto a manipulação direta. Vale lembrar que, se para o menino é necessária a mão inteira para envolver o pênis e com isso obter satisfação, nas meninas isto pode ser conseguido esfregando qualquer coisa

no clitóris, ou o clitóris em qualquer coisa. O clitóris *não é* o pênis da mulher e, portanto, não precisa ser estimulado da mesma maneira¹⁰.

As críticas psicanalíticas recaem, sobretudo, sobre a masturbação clitoridiana nas mulheres. Resta questionar se, no caso de uma mulher que se encontra sem um parceiro sexual, seria mais saudável que utilizasse um vibrador, que não passa de "um pênis para se guardar na gaveta do criado mudo", do que buscar a satisfação orgástica naquele órgão que está, em seu corpo, disponível exatamente para este fim.

Esta crítica direcionada, mais especificamente, à masturbação clitoridiana, será encontrada com frequência em Reich. Mitchell (1979), irá considerar Reich um pioneiro da política sexual, cujas contribuições nesta área seriam fundamentais, entre outras coisas, "para o movimento de libertação das mulheres" (p. 212). No parágrafo seguinte se encontram, segundo opinião de Mitchell, as contribuições mais importantes de Reich para a questão da sexualidade feminina:

Reich sublinha constantemente a importância da sexualidade da mulher. Ele considerava a natureza passiva da mulher como um produto patológico de uma sociedade totalmente dedicada a reprimi-la. Embora consciente dos limites do *slogan*, ele advogava "o controle do próprio corpo" como um direito elementar da mulher, colocando-o lado a lado com a independência econômica. Pois a mulher e a criança são dependentes do homem não só econômica, mas também sexualmente: a fidelidade coerciva internalizada pela mulher e a interdição paterna das experiências sexuais para a criança. Suas teorias concernentes aos meios de satisfação sexual das mulheres são interessantes à luz dos debates atuais. Naquela época, como hoje, nos debates sobre as reações sexuais da mulher se discutia calorosamente o orgasmo clitoridiano. Reich, o partidário da revolução sexual, considerava esta sugestão como um argumento conservador usado para limitar a sexualidade feminina, reduzi-la a uma pálida imitação daquela do homem. Por outro lado, ele qualificava também de reacionária a noção freudiana de uma sexualidade feminina em duas etapas [...] mas ele criticou mais vigorosamente ainda aqueles que sustentavam que o único prazer era o prazer clitoridiano, e que a vagina era uma região relativamente insensível. Um tal argumento, para Reich, era contrário à libertação das mulheres, porque subestimava o prazer sexual potencial delas [...]. Isto entra em profunda contradição com a principal tendência atual do movimento feminista americano (mas não com o grupo francês *Psychanalyse et Politique*, que também acentua a primazia da vagina) (Mitchell, 1979, pp. 214-215).

¹⁰ Para as mulheres com a sensibilidade vaginal plenamente desenvolvida, um homem que queira estimular seu clitóris está não apenas privando-a daquilo que apenas ele pode lhe dar (afinal, a estimulação clitoridiana ela pode fazer sozinha) como, ainda por cima, muitas vezes ele o fará (apesar da enorme boa vontade) de um jeito extremamente doloroso. Possivelmente pelo simples fato de usar, no clitóris da parceira, a mesma quantidade de força que usaria para estimular o próprio pênis.

Contudo, ao insistir na consideração de que o prazer clitoridiano é sempre um prazer neurótico, Reich reduz completamente o orgasmo feminino ao coito com o homem. Não faz o mesmo com seu próprio sexo, mesmo que defenda radicalmente a relação pênis/vagina como sendo a única capaz de provocar a descarga completa das tensões acumuladas no organismo. Tudo isto remete a uma outra ordem de questionamentos.

VOCÊ DESÁGUA EM MIM, EU OCEANO¹¹

Se mesmo os psicanalistas mais preocupados com a igualdade de direitos entre homens e mulheres consideram que o clitóris não deveria ter nenhuma função na vida adulta, a idéia original de Freud, em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905 (1989b, p. 208), de que o clitóris deve ser manipulado pelo homem, no início da vida sexual adulta da mulher, como forma de "transferir" a sua sensibilidade para a vagina, ainda provoca protestos:

A definição freudiana do clitóris como nada além de um instrumento a ser manipulado (literalmente), para fazer funcionar a vagina, organizava a sexualidade das mulheres para o prazer dos homens: afinal, o pênis quer a vagina, e não o clitóris (Dimen, 2000, p. 186).

Talvez a afirmação acima possa ser questionada. Em primeiro lugar, porque o "pênis" (mantendo a posição antropomórfica do membro) nem sempre quer a vagina. O pênis muitas vezes quer apenas um buraco. Levando-se em conta o medo que muitos homens têm da vagina em si (seja pela associação com a castração, seja pelo sangue que dela escorre na menstruação, seja pelo que for), muitas vezes preferirão, ao penetrar uma mulher, fazê-lo em outros orifícios: o oral, ou o anal. No caso do primeiro, isto possivelmente estaria associado a uma relação pênis/seio, e na felação o homem assumiria o papel da mãe. No caso do segundo, isto estaria, sem dúvida, relacionado à necessidade de subjugar a mulher, como uma vingança contra o pai, de quem o homem, quando criança, temia esta forma de retaliação. Essas preferências teriam, portanto, componentes homossexuais.

¹¹ Da música *Oceano*, de Djavan.

Em segundo lugar, se a vagina "quer alguma coisa", normalmente será o pênis. O uso de dedos para a estimulação vaginal (comum em algumas mulheres homossexuais) definitivamente não possibilita uma real descarga sexual. Quanto ao uso de vibradores, ou de objetos a princípio estranhos a este fim, só se pode considerá-los, como já discutido acima, mais neuróticos que a estimulação do clitóris.

Contudo, o orgasmo vaginal da mulher adulta é fonte de um prazer muito diferente, capaz de permitir uma fusão maior com o parceiro possivelmente semelhante ao estado de completude só encontrado no útero. Ferenczi afirma em *Thalassa* (1993) que a busca, no ato sexual, da sensação da vida intra-uterina, relacionada com a vida no mar primordial, só pode ser atingida pelos homens, pois estes, representados por seu *alter ego*, o pênis, são os únicos a poderem penetrar a vagina úmida, na fantasia, tanto um caminho de volta para o útero, quanto o próprio mar (p. 268). Ferenczi parece não perceber que a mulher é o depositário destas fantasias por um ótimo motivo. A mulher pode sentir-se o próprio mar, porque desejaria ser, então, o peixe? O próprio Ferenczi, nessa mesma obra, afirma que, na mulher, o prazer está mais espalhado por todo o corpo. Ora, não seria essa a sensação da vida intra-uterina?

Ainda em *Thalassa*, Ferenczi (1993) afirma que o prazer que a mulher sente nos seios é uma compensação para sua falta de pênis. O autor parece esquecer que o corpo humano está biologicamente preparado para lutar, não só por sua própria sobrevivência, mas também pela perpetuação da espécie. A sensibilidade da mulher nos seios tem como função estimular a amamentação, e a subsequente sobrevivência dos seus filhos.

O fato dos homens serem tão atraídos por esta parte do corpo da mulher é que pode ser visto, em primeiro lugar, como um fetiche, em segundo lugar, como uma regressão oral. Não que as mulheres estejam reclamando: a estimulação dos seios de uma mulher adulta pode levar a um orgasmo muito próximo do clitoridiano (com contrações no final da vagina e na cérvix, apenas um pouco menos intensas).

Enfim, talvez a mulher adulta sexualmente saudável seja, de acordo com a concepção de Freud, necessariamente "perversa polimorfa", pois três tipos de descarga orgástica se encontram a sua disposição. A questão é se alguma dessas formas de prazer pode ser considerada perversa, pois trata-se do resultado da estimulação justamente de órgãos sexuais, ou voltados para a procriação (seios). Vale dizer que, sem uma fixação

bastante razoável da libido na fase oral, a mulher não sente *prazer físico algum* com a feição e, neste caso, quando concorda com esta forma de penetração, o faz exclusivamente para dar prazer ao homem, tendo o prazer psíquico que daí decorre. No adulto, saber que o outro sente prazer na relação sexual é quase tão importante quanto o prazer pessoal. Quanto ao sexo anal, como já foi analisado anteriormente, a maioria esmagadora das mulheres o rejeita, pois não tendo com isso nenhuma satisfação física, parecem perceber que o prazer que dão ao homem desta maneira é o simples prazer de humilhá-las.

QUANDO NÃO SE DIZ NADA FORA DA PALAVRA¹²

Se a psicanálise pressupõe o uso exclusivo da palavra como caminho para que se possa atingir o inconsciente, se a palavra é, portanto, a única forma de passar pelo corpo, então, há que se tomar muito cuidado com as palavras. Por isso, foi evitado em todo este texto, sempre que possível¹³, o uso da palavra feminino, ou feminilidade, já que o próprio Freud fala do indefinível do termo. Também a palavra passividade – em sua acepção de feminilidade – foi evitada. Foi usada, sempre que possível, a palavra *mulher*, para definir este ser humano. Este que, diferentemente do homem, possui uma vagina, um útero, dois ovários, dois seios, um clitóris, uma uretra. Assim, no positivo.

¹² Da música *A terceira margem do rio*, de Milton Nascimento e Caetano Veloso – baseada em conto homônimo de Guimarães Rosa.

¹³ A não ser, é claro, ao falar das asserções dos autores elencados.

APÊNDICE

RECORTE DA HISTÓRIA PESSOAL DOS PSICANALISTAS QUE PARTICIPARAM DA DISCUSSÃO SOBRE A SEXUALIDADE FEMININA¹

1. Otto Rank:

Nasceu Otto Rosenfeld, em Leopoldstadt (Áustria), arredores de Viena, em 1884. Terceiro e último filho de uma família pobre judia, teve que abandonar a escola regular aos 14 anos, e preparar-se para ser mecânico. Seu pai era alcoólatra e violento, e Otto foi vítima de uma tentativa de abuso sexual em sua infância, embora não se possa ter certeza se de parte do pai. Tudo isso, associado ao fato de ter uma aparência bastante desagradável para os padrões sociais, e de sofrer desde cedo de um reumatismo articular agudo, levou Otto a desenvolver uma fobia que o impedia de tocar qualquer coisa sem luvas, por medo de micróbios. Trabalhando como torneiro, continuou a estudar sozinho. Em 1903 adotou o pseudônimo de Rank, como forma de renegar o pai odiado. Seu interesse pela psicanálise foi despertado pela leitura de *Sexo e caráter*, de Otto Weininger (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 641-642).

2. Karl Abraham:

Nasceu em Bremen, na Alemanha, em 1877, filho de comerciantes judeus. Seu pai, professor de religião, era um homem de mente aberta, capaz de aceitar com tranquilidade a decisão do filho, que declarou, quando estava prestes a se definir como psiquiatra, que não mais iria observar as práticas religiosas judaicas. Abraham era um homem afável, criativo e poliglota (falava oito línguas). Em 1906, casou-se com Hedwig Bürgner, com a qual teve dois filhos (Gay, 1999, p. 176 e Roudinesco & Plon, 1998, pp. 1-2).

¹ Como será possível verificar, a quantidade de informações varia muito de um autor para outro. Isso se deve à disponibilidade de dados encontrados na bibliografia utilizada.

3. Sándor Ferenczi:

Nasceu em Miskolc, pequena cidade de província da Hungria, em 1873, filho de judeus poloneses imigrantes. Seu pai se tornou livreiro e editor militante, após participar ativamente da revolução de 1848. Sándor, oitavo entre onze filhos, quinto entre os homens, era o predileto, tendo recebido uma educação que cultuava a liberdade e o gosto pela literatura e a filosofia. Contudo, como seu pai morreu cedo, e sua mãe ficou duplamente asoberbada com a loja e a grande prole, ele viria a sentir-se duramente privado de afeto (Gay, 1999, p. 183 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 232).

Estudou medicina em Viena (Áustria), no começo dos anos 1890. Após se formar, instalou-se em Budapeste (Hungria), como clínico geral e neuropsiquiatra, e trabalhou no Hospital Saint Roch, onde se mostrou adepto da medicina social. Em 1906, tomou a defesa dos homossexuais em um texto apresentado à *Associação Médica de Budapeste*, onde atacava os preconceitos da classe dominante, que considerava os homossexuais como os responsáveis pela desordem social. Trabalhou também como perito psiquiátrico junto aos tribunais, cargo que só abandonou após o final da Primeira Guerra (1918). Colaborador de uma das principais revistas médicas da Hungria, foi solicitado a redigir uma nota sobre *A interpretação dos sonhos*, mas recusou após folhear rapidamente o livro, pois achou que ele não valia a pena. Anos mais tarde, ao ouvir falar das experiências psicanalíticas com associação de palavras, cujo tempo de resposta era medido por um cronômetro, e que fora desenvolvido por Jung e seus colegas, interessou-se vivamente pelo método, comprou um cronômetro e se pôs a pesquisar. Leu de ponta a ponta toda a literatura psicanalítica disponível na época, incluindo *A interpretação dos sonhos*, de que gostou muito desta vez (Balint, 1991, p. IX, Gay, 1999, p. 183 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 232).

4. Ernest Jones:

Nasceu em Gowertown, País de Gales, Grã-Bretanha, em 1879. Filho único, seu pai era um engenheiro de minas, autoritário e tirânico, e sua mãe era uma mulher conservadora, muito ligada à cultura galesa. Na aldeia onde foi criado, as práticas sexuais entre as crianças eram comuns, e Jones afirmou tê-las experimentado todas, para depois abandoná-las e só retomar uma vida sexual ativa após os vinte quatro anos. Jones

orientou-se para a medicina depois de estudar na Universidade de Cardiff. Instalou-se em Londres, onde tomou contato com a obra de Freud e começou a estudar alemão para ler *A interpretação dos sonhos* (Roudinesco & Plon, 1998, p. 415).

Em 1903, começou a trabalhar no *North Eastern Hospital*, sendo contudo demitido apenas seis meses depois, acusado de insubordinação, e de ser um "indivíduo problemático", rótulo que iria dificultar enormemente seu ingresso em outros hospitais. Devido a seu interesse pela hipnose, pela neurologia e pelas doenças mentais, começou a praticar espontaneamente a psicanálise em 1906, o que o levou a ter problemas com a polícia, chegando a passar uma noite na prisão, pois foi acusado de "provocar o divórcio" de uma de suas pacientes, e de ter "falado de maneira indecente" com crianças pequenas que submetia a um teste. Apesar de ter sido inocentado pela justiça e pela imprensa londrinas, Jones mudou-se para o Canadá em 1907, com sua companheira Loe Kann, que ele fazia passar por sua esposa. Ainda em 1907, foi a um congresso em Amsterdã, onde conheceu Jung, que o introduziu ainda mais no conhecimento da psicanálise (Roudinesco & Plon, 1998, p. 415).

5. Lou Andreas-Salomé:

Nasceu, com o nome Lelia von Salomé, em São Petersburgo (posteriormente chamada de Petrogrado e de Leningrado), na Rússia, em 1861. Era filha de um aristocrata alemão, evangélico, general do exército dos Romanov. Aos 17 anos, após despertar a paixão do pastor que a iniciou na leitura dos grandes filósofos, recusou-se a casar-se com ele e deixou a Rússia, instando-se com a mãe em Zurique (Suíça). Ali conheceu o escritor Paul Rée, que lhe apresentou ao filósofo Friedrich Nietzsche. Ambos acabaram apaixonando-se por ela. Recusou o pedido de casamento de Nietzsche, e propôs que os dois homens formassem com ela uma trindade intelectual. Em 1887, casou-se com Friedrich-Carl Andreas, um orientalista de Göttingen, Alemanha. Mas seu casamento não foi consumado. Tornou-se então amante de Georg Ledebourg, fundador do Partido Social-Democrata Alemão. Posteriormente, teve um caso com Friedrich Pineles, médico vienense, que terminou com um aborto e com a renúncia pela maternidade. Andreas-Salomé instalou-se então em Munique, onde conheceu o poeta Rainer Maria Rilke, com quem teve seu romance mais importante (Roudinesco & Plon, 1998, pp. 22-23).

6. Karen Horney:

Nasceu Karen Danielsen, em 1885, em Eibeck, cidade próxima de Hamburgo, na Alemanha. De família protestante, seu pai era capitão da marinha e sua mãe tinha vinte anos a menos que ele, tendo casado sem amor. Seu avô materno era arquiteto, e sua mãe sentia-se socialmente superior a seu pai, além de reprovar sua ortodoxia religiosa e seu conservadorismo. Segunda de um casal de filhos em sua família, seu pai já tinha contudo quatro filhos quase adultos do primeiro casamento quando ela nasceu. Quando pequena, Karen acompanhava o pai em suas viagens marítimas, mas a partir da adolescência, tornou-se muito ligada à mãe, rejeitando o pai, que não queria que ela estudasse, e sim se dedicasse aos trabalhos domésticos. Aos treze anos, já havia decidido tornar-se médica. Para isso, precisou deixar a escola religiosa local, e ir estudar em Hamburgo (Roudinesco & Plon, 1998, p. 355 e Sayers, 1992, p. 87).

Seus pais acabaram por separar-se, em 1904, e a mãe instalou-se com Karen e seu irmão em Hamburgo. Revoltada com o desentendimento dos pais, e tentando escapar ao destino reservado às mulheres de sua época, teve muitos relacionamentos amorosos. Começou então a questionar a mãe, pois achava que ela tinha sentimentos anti-semitas (um de seus namorados era judeu) e que seu carinho e preocupação para com ela eram sufocantes. Com o apoio da mãe, pois as duas viviam do que conseguiam arrecadar de seu trabalho (a mãe como senhoria, e ela como preceptora), conseguiu matricular-se na faculdade de medicina de Freiberg (Morávia, posteriormente Tchecoslováquia), em 1906. Logo a mãe iria morar com ela. Foi lá que conheceu Oskar Horney. Em 1908, Karen foi aprovada em seus exames, mudando-se para Göttingen (Alemanha), para dar início a sua formação clínica e, como sempre, a mãe logo a seguiu. Em 1909, Oskar foi promovido e transferido para Berlim (Alemanha), e Karen o acompanhou, casando-se com ele em seguida. Oskar, de formação política claramente de direita, tornar-se-ia rapidamente um rico industrial (Roudinesco & Plon, 1998, p. 355 e Sayers, 1992, pp. 88-89).

Neste ínterim, Karen Horney estudava medicina na Universidade de Berlim, e em sua Clínica Neuropsiquiátrica, onde conheceu Abraham, com quem entrou em análise, devido à depressão e à dificuldades sexuais. De uma maneira um tanto inábil, ele rapidamente atribuiu sua depressão à atração que ela sentia pelos homens fortes e,

portanto, a uma admiração recalcada por seu pai, aplicando-lhe assim, a tese clássica da "inveja do pênis". Essa interpretação levou Horney a abandonar a análise, e a defender o princípio da auto-análise, fazendo isto justamente quando estava grávida de sua primeira filha, e seu pai faleceu (em 1910), o que a levou a uma depressão acentuada. Horney ficou dividida, durante toda a gravidez, entre o prazer que sentia em estar grávida, e o fato de a gravidez lhe tirar a beleza e impedi-la de ter relações amorosas (Roudinesco & Plon, 1998, p. 355 e Sayers, 1992, p. 90).

Estava também cansada das exigências afetivas da mãe, e quando esta morreu, no início de 1911, quando Horney estava no último mês de gravidez, ficou dividida entre a culpa e o alívio. Chegou a pensar em retomar um tratamento com outro analista, mas acabou preferindo refugiar-se na auto-análise. Ao final deste ano, Horney formou-se, e passou a trabalhar. A vida social em Berlim nesta época era intensa, e havia uma grande permissividade sexual, da qual Horney e o marido pareciam aproveitar-se com tranquilidade (Roudinesco & Plon, 1998, p. 355 e Sayers, 1992, p. 91).

7. Melanie Klein:

Nasceu Melanie Reizes, em 1882, em Viena, na Áustria, quarta filha de pai judeu polonês (que se tornou clínico geral graças a uma ruptura com pais tradicionalistas), e de mãe judia eslovaca (de família erudita e dominada pelas mulheres). O casamento de seus pais não era harmonioso, e Melanie não foi uma filha desejada. Sua relação com a mãe era muito difícil. A infância e a juventude de Melanie foram marcadas por uma série de lutos, e por uma razoável quantidade de culpa. Tinha quatro anos quando sua irmã de oito morreu de tuberculose, dezoito quando o pai abandonou a família, e vinte quando seu irmão (a quem estava ligada fortemente, talvez com conotações incestuosas) morreu devido a doença, drogas e desespero. As dificuldades econômicas parecem ter sido a causa tanto de sua renúncia aos estudos de medicina, quanto de seu casamento com Arthur Klein, em 1903. Em 1910, por insistência de Melanie (cronicamente deprimida), os Klein fixaram-se em Budapeste (Hungria). Possivelmente foi esta a maneira que ela encontrou de fugir à influência negativa de sua mãe sobre seu casamento (Roudinesco & Plon, 1998, p. 431).

8. Helene Deutsch:

Nasceu Helene Rosenbach, em 1884, em Przemysl, na Galícia polonesa (então parte do império austro-húngaro), em uma família judia assimilada. Seu pai, um jurista brilhante, tinha por ela, filha caçula (duas irmãs e um irmão), uma predileção declarada. Sua mãe era uma mulher autoritária e conformista, que a espancava apenas para aliviar sua raiva, especialmente por Helene não ter nascido menino. Helene teria tido nove babás diferentes, além de ter sido maternalizada pela irmã mais velha, que contudo se casou quando a menina tinha apenas dez anos. A hostilidade da mãe em relação a ela, somada a uma tentativa de estupro por parte de seu irmão quando apenas começava a andar (tentativa esta que repetir-se-ia durante toda a sua infância), fizeram com que se tornasse uma adolescente deprimida. Questionava o absoluto domínio da mãe sobre o pai, que colocava-se inclusive contra a filha predileta, no afã de defender a esposa (Roudinesco & Plon, 1998, p. 150, e Sayers, 1992, pp. 33-35).

Aos quatorze anos, Helene começou a escrever para um jornal da cidade, fugiu de casa, e só voltou sob a condição de seus pais garantirem ajudá-la a conseguir, posteriormente, uma vaga na Universidade. Foi então estudar em Zurique, onde ingressou na política de esquerda, mais para contrariar a mãe burguesa, do que por algum ideal verdadeiramente revolucionário. Aos dezesseis anos, para grande escândalo da família, a belíssima Helene tornou-se amante de um homem casado: Herman Lieberman, eminente dirigente socialista, bem mais velho que ela, com quem teria uma relação violenta e tumultuada. Helene instalou-se em Viena com Lieberman, em 1907, e tornou-se uma das primeiras mulheres estudantes de medicina da Universidade de Viena (Roudinesco & Plon, 1998, p. 150, e Sayers, 1992, p. 36)

Em torno de 1911, Helene abandonou Lieberman, de quem esperava um filho, e foi estudar em Munique, onde faria um aborto. Ali, leu *A Interpretação dos Sonhos*, de Freud. Na mesma época, conheceu Felix Deutsch, médico atraído pelas idéias freudianas, com quem se casaria em 1912. Em 1913, Helene terminou a faculdade, indo trabalhar em um hospital para crianças com deficiência mental, onde ficaria muito pouco tempo, indo então trabalhar na clínica psiquiátrica da Universidade de Viena. Em 1914, passou alguns meses estudando em Munique. Ao voltar para Viena, devido à ausência de psiquiatras do sexo masculino (I Guerra), tornou-se responsável pelo setor

feminino da clínica psiquiátrica da Universidade, realizando, de alguma maneira, seu sonho de montar uma clínica deste tipo. O casamento dos Deutsch não foi feliz, e depois de vários abortos, Helene teve um filho, Martin, em 1917, cuja paternidade é duvidosa. Por não conseguir amamentar o filho, alimentá-lo-ia com o leite de duas cabras conseguidas pelo marido. As dificuldades da maternalização, tanto por parte da mãe, quanto por parte da criança, seriam um assunto bastante freqüente nas elaborações psicanalíticas de Helene (Roudinesco & Plon, 1998, p. 150, e Sayers, 1992, pp. 37-38).

9. Wilhelm Reich:

Nasceu em 1897, em Dobrzynica, na Galícia (hoje Ucrânia), então de posse do império austro-húngaro, numa família de judeus alemães não ortodoxos. Seu pai era um rico e austero fazendeiro, sócio do tio da esposa. Um ano após seu nascimento seus pais tiveram uma menina, que, contudo, morreu logo depois, e dois anos mais tarde nasceu seu irmão, Robert, de um parto difícil. Criado mais pelos empregados que pelos pais em seus primeiros anos, com pouco mais de quatro anos Reich já demonstrava interesse e satisfação em interlúdios sexuais com a babá. Física e psicologicamente parecido com a família materna, Reich era o predileto da mãe, enquanto seu irmão era o predileto do pai. Estritamente proibido de brincar com os filhos dos camponeses e dos criados, até os doze anos seu único amigo era o irmão. Quando tinha cerca de oito anos, um menino de sua idade, filho de um camponês, lhe causou um ferimento leve. Seu pai mandou chamar a criança e seu pai, e aplicou uma surra violenta no camponês, que suportou tudo calado para, depois que ambos saíram da casa dos Reich, ir espancando o garoto por todo o caminho (Reich, 1996, pp. 11-18).

Quando tinha em torno de doze anos, Reich teve sua primeira relação sexual, com uma empregada. Mais ou menos na mesma época, no que ele próprio considerou uma vingança indevida (pois sentira-se traído pela mãe dois anos antes, quando esta contou a seu pai sobre algo que ele fizera), ele denunciou um caso que sua mãe tivera com seu preceptor para o pai. Seu pai então passou a agredir sua mãe, tanto verbal quanto fisicamente, e mandou as crianças para um internato, para acabar com a necessidade de preceptores. Após várias tentativas, a mãe de Reich conseguiu suicidar. Reich tinha quatorze anos, e continuou vivendo na cidade e estudando (Reich, 1996, pp. 32-33/40-48).

Durante toda sua adolescência, como era comum na época, a vida sexual de Reich dividiu-se entre a masturbação e as prostitutas. Quando tinha dezessete anos, seu pai contraiu uma grave tuberculose, ao mesmo tempo que perdeu todo seu dinheiro numa transação infeliz de seu sócio. Reich lutou muito para conseguir o dinheiro necessário ao tratamento do pai e quando finalmente conseguiu, já era tarde, pois ele morreu em seguida. Era o ano de 1914. Reich assumiu a administração das propriedades da família que escaparam da ruína, até que a Primeira Guerra estourou. Pagando vários subornos aos russos, conseguiu viver em liberdade por algum tempo, mas acabou se inscrevendo no exército austríaco. Fez isso seis meses antes da idade legal para o alistamento e, como não tinha terminado o segundo grau, prestou exames para conseguir o diploma dentro do próprio exército. Com isso, logo foi promovido a oficial, tendo sob seu comando (aos dezoito anos!) uns sessenta homens com idade variando entre trinta e quarenta anos (Reich, 1996, pp. 40-48/56- 67).

Em agosto de 1918, Reich pediu uma licença para estudar. Foi para Viena e ingressou na Faculdade de Direito, transferindo-se pouco depois para a de Medicina. Em seguida, a Áustria perdeu a guerra, e se não houvesse mudado de rumo, teria tido problemas maiores, pois toda a justiça austríaca entrou em colapso. Reich recebeu mais dois meses de soldo, e foi desmobilizado. As terras de sua família exigiriam mais dinheiro do que valiam para serem recuperadas. Assim, Reich e seu irmão ficaram na dependência da caridade de parentes. Reich passou fome e frio neste período, especialmente antes de prestar os primeiros exames, depois dos quais começou a dar aulas de reforço para os outros alunos, conseguindo assim algum dinheiro para manter-se e pagar seus estudos. Em abril de 1919, seu irmão Robert alistou-se no exército alemão, podendo Reich deixar de preocupar-se com a sobrevivência do mesmo (Reich, 1996, pp. 77/85/92).

10. Joan Riviere:

Nasceu Joan Verrall, em 1883, na Inglaterra, em uma família da grande burguesia intelectual local. Bonita, elegante e refinada, sofria contudo de insônia, cefaléia, crises de angústia, e de um intenso sentimento de menos-valia. Após várias internações em casas de saúde, sem obter resultados duradouros, iniciou uma análise com Jones, que acabaria por envolver-se afetivamente com ela. Além disso, Jones

sentia-se diminuído por ela, por considerá-la excessivamente ativa, e tudo isso tornou a análise impraticável (Roudinesco & Plon, 1998, p. 663).

11. Ruth Mack Brunswick:

Nasceu Ruth Mack, em 1897, em Chicago, nos Estados Unidos, na família Mack, uma rica família judaica. Seu pai era um brilhante jurista e filantropo. Estudou medicina e psiquiatria e casou-se muito jovem, com um médico – cujo irmão havia feito análise com Freud (Roudinesco & Plon, 1998, p. 481).

12. Jeanne Lampl-de Groot:

Nasceu Jeanne De Groot em 1895, em Schieden, na Holanda (Roudinesco & Plon, 1998, p. 459).

13. Marie Bonaparte:

Sobrinha bisneta de Napoleão Bonaparte, nasceu em Saint-Cloud, na França, em 1882. Seu pai não gostava de mulheres, e teve o casamento arranjado pela mãe com uma plebéia rica. No ano em que Marie nasceu, sua mãe havia assinado um testamento em que legava sua fortuna ao marido, da qual ele poderia dispor como bem quisesse, no caso de terem filhos. Tuberculosa, sua mãe morreu um mês depois de seu nascimento, deixando uma filha de saúde extremamente frágil. Marie foi criada pela avó paterna, de temperamento tirânico, que parecia um homem (sendo capaz de abrir as pernas e urinar em pé na multidão), lhe tratava como um menino, e lhe proibia todos os luxos possíveis a uma garota com suas posses. Seu pai era ausente, e embora Marie pensasse que ele havia envenenado sua mãe, devotava-lhe um amor profundo. Todas as empregadas que eram contratadas para cuidar dela, e às quais se apegava, eram despedidas pela avó. Assim, a infância de Marie foi muito difícil. Aos quatro anos cuspiu sangue, e passaram a tratá-la como tuberculosa (Roudinesco, 1989, pp. 326-328 e Roudinesco & Plon, 1998, p. 81).

Marie masturbava-se com frequência, possivelmente procurando os traços anatômicos femininos. Aos sete anos, escrevia em francês, inglês e alemão. Tinha medos em profusão: de gripe, de tuberculose, de contágio, de veneno, de assombrações,

de botões e de vinho tinto. Como a avó odiada era anti-semita, Marie desenvolveu desde cedo um profundo desprezo por esta postura. Ao final do século XVIII, o pai de Marie tinha a seu serviço um secretário, casado e residente na casa da família. Este homem interessou-se por Marie, fazendo-a perceber como sua avó a enfeava, o que levou-a a uma revolta efetiva para ser tratada como mulher. Apaixonada pelo homem que a ajudara neste processo, escreveu-lhe cartas de amor. Seu pai, percebendo a situação, despediu o empregado, que então começou a chantagear Marie. Em 1900, escreveu dizendo que, no caso de não receber uma renda vitalícia elevada, iria publicar as cartas de amor de Marie na imprensa. O caso todo foi resolvido com a intervenção de um advogado. Pouco depois, Marie bateu com o nariz na borda de um piano, o que resultou em um corte pouco visível, mas que a levaria a várias cirurgias, para tentar apagar as marcas deste acidente "vergonhoso" (Roudinesco, 1989, pp. 328-329).

Em 1905, curada da tuberculose, era vítima de uma histeria com sintomas hipocondríacos. Em 1906, conheceu aquele com quem deveria casar-se, Jorge I, príncipe da Grécia que, como seu pai, não gostava de mulheres. Apesar deste homem desprezar todas as artes que ela admirava, apaixonou-se por ele, gastou uma fortuna em um enxoval cheio de rendas e, tendo concordado em casar-se e criar os filhos na religião ortodoxa, não converteu-se pessoalmente à ela. Com problemas para atingir o orgasmo, interessou-se pelas novas idéias sobre sexualidade. Em 1923, começou a freqüentar hospitais e pesquisar a sexualidade feminina. Em 1924, perdeu o pai, morto devido a um câncer de próstata, e publicou, na Bélgica, sob pseudônimo, um artigo intitulado *Considerações sobre as causas anatômicas da frigidez nas mulheres*, no qual fez uma compilação de dados recolhidos em 200 parisienses (escolhidas ao acaso), da distância entre o clitóris e a uretra. Convencida de que uma fixação clitoridiana era responsável pela frigidez, aconselhava uma cirurgia destinada a aproximar o clitóris da vagina. Cirurgia esta à qual não hesitaria em se submeter, sem obter evidentemente nenhum resultado (Roudinesco, 1989, pp. 329-331).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Andrade, V. M. (1996). Sexo e vida em Freud. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 799-820. São Paulo.
- André, J. (1991). *La sexualité féminine: retour aux sources*. Em *Psychanalyse à l'Université*. 16, 05-49. Paris/França: Presses Universitaires de France.
- André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- André, S. (1987). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Aristóteles (1999). Política. Em *Os pensadores – Aristóteles*, (pp. 141-251). São Paulo: Nova Cultural.
- Autor desconhecido (1999). Cronologia. Em *Os pensadores – Aristóteles*, (p. 29). São Paulo: Nova Cultural.
- Autor desconhecido (1999). Do mito à filosofia. Em *Os pensadores – Pré-socráticos*, (pp. 5-32). São Paulo: Nova Cultural.
- Autor desconhecido (s.d.) Wilhelm Reich – Notícia bio-bibliográfica. Em Reich, W. *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*, (pp. 9-22). São Paulo: Global (Originalmente publicado em 1927).
- Azoubel, L. L. (1996). Um caso de homossexualidade masculina: considerações clínicas e teóricas. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1011-1020. São Paulo.
- Badinter, E. (1986). *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Balint, M. (1991). Prefácio. Em Ferenczi, *Obras completas. I*, (pp. VII-X). São Paulo: Martins Fontes.
- Balint, M. (1992). Prefácio. Em Ferenczi, *Obras completas. II*, (pp. IX-XII). São Paulo: Martins Fontes.
- Beauvoir, S. (2000). *O segundo sexo. I – Fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo – a feminilidade e as suas formas de*

subjetivação em psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Boadella, D. (1985). *Nos caminhos de Reich*. São Paulo Summus.
- Burgierman, D. R., Cavalcante, R. & Vergara, R. (2001). A palavra de Deus. Em *Revista Super interessante – Novembro*, 38-43. São Paulo: Abril.
- Brennan, T. (org.) (1997). *Para além do falo – uma crítica a Lacan do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Chasseguet-Smirgel, J., Luquet-Parat, C.-J., Grunberger, B., Dougall, J. Mc, Torok, M. & David, C. (orgs.) (1975). *A Sexualidade feminina*. Petrópolis: Vozes.
- Deutsch, H. (1979). *La psicología de la mujer en relación com las funciones de reproducción*. Em organizador desconhecido, *La femineidad como máscara*, pp. 43-58. Barcelona: Tusquets Editores (Originalmente publicado em 1925).
- Dicionário Aurélio eletrônico – século XXI (1999). Rio de Janeiro: Lexikon Informática.
- Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2001). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Dimen, M. (2000). Corações estranhos: da relação paradoxal entre a psicanálise e o feminismo. Em Roth, M. S. (org.). *Freud, conflito e cultura* (pp. 185-196). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ferenczi, S. (1991). Do alcance da ejaculação precoce. Em *Obras completas. I*, (pp. 1-3). São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1908).
- Ferenczi, S. (1992a). Masculino e feminino. Em *Obras completas. IV*, (pp. 37-51) São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1929).
- Ferenczi, S. (1992b). Confusão de língua entre os adultos e a criança – A linguagem da ternura e da paixão. Em *Obras completas. IV*, (pp. 97-106) São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1932).
- Ferenczi, S. (1993). *Thalassa*, ensaio sobre a teoria da genitalidade. Em *Obras completas. III*, (pp. 255-325) São Paulo: Martins Fontes (Originalmente publicado em 1924).

- Freud, S. (1969). Contribuições a um debate sobre a masturbação. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XII*, (pp. 307-319). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (1970a). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XI*, (pp. 163-173). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1912).
- Freud, S. (1970b). O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XI*, (pp. 179-192). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (1974a). A história do movimento psicanalítico. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIV*, (pp. 16-82). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1974b). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIV*, (pp. 89-119) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1974c). Os instintos e suas vicissitudes. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIV*, (pp. 137-162). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1974d). Conferências introdutórias sobre psicanálise – parte III – Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XVI*, (pp. 355-373). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (1974e). Conferências introdutórias sobre psicanálise – parte III – Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XVI*, (pp. 375-395). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (1974f). O mal estar na civilização. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XXI*, (pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1929).

- Freud, S. (1974g). Sexualidade Feminina. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XXI, (pp. 259-279). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1931).
- Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XXIII, (pp. 247-287) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1937).
- Freud, S. (1976a). Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. IX, (pp. 163-170) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1976b). Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. IX, (pp. 187-208). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1976c). Sobre as teorias sexuais das crianças. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. IX, (pp. 213-228). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1908).
- Freud, S. (1976d). Algumas observações gerais sobre ataques histéricos. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. IX, (pp. 233-238). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1976e). A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XII, (pp. 399-409). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1913).
- Freud, S. (1976f). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XVII, (pp. 159-166). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (1976g). Uma criança é espancada – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. XVII, (pp. 225-253). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1919).

- Freud, S. (1976h). A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XVIII*, (pp. 185-212). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, S. (1976i). A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIX*, (pp. 179-184). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1976j). A dissolução do complexo de Édipo. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIX*, (pp. 217-224). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (1976k). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIX*, (pp. 309-320). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1925).
- Freud, S. (1976l). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise – Conferência XXXIII – Feminilidade. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XXII*, (pp. 139-165). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (1986). A etiologia da histeria. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. III*, (pp. 179-203) Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1896).
- Freud, S. (1987). A sexualidade na etiologia das neuroses. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. III*, (pp. 236-253). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1898).
- Freud, S. (1989a). Fragmento da análise de um caso de histeria. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. VII*, (pp. 16-115). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1989b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. VII*, (pp. 123-230). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1998a). *Tres ensayos de teoría sexual*. Em *Obras completas. VII*, (pp. 111-222). Buenos Aires: Amorrortu (Originalmente publicado em 1905).

- Freud, S. (1998b). *Pulsiones y destinos de pulsión*. Em *Obras completas. XIV*, (pp. 105-134). Buenos Aires: Amorrortu (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1988a). Caso 4 – Katharina. Em Breuer, J & Freud, S. Estudos sobre a histeria. Em Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. II*, (pp. 173-183). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1988b). A psicoterapia da histeria. Em Breuer, J & Freud, S. Estudos sobre a histeria. Em Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. II*, (pp. 253-294). Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1895).
- Gaiarsa, J. A. (1988). *Família e política*. São Paulo: Ícone.
- Garcia-Roza, L. A. (1994). Pesquisa de tipo teórico. Em *Psicanálise e Universidade. Atas do 1º encontro*, 9-32 São Paulo: PUC.
- Gay, P. (1999). *Freud – uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Grande Enciclopédia Larousse Cultural (1998). São Paulo: Nova Cultural.
- Higgins, M. B. & Raphael, C. M. (1979). *Reich fala de Freud*. Lisboa/Portugal: Moraes (Originalmente publicado em 1967).
- Hite, S. (1979). *O relatório Hite – um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Difel.
- Horney, K. (1979). *Sobre la génesis del complejo de castración de la mujer*. Em organizador desconhecido, *La femineidad como máscara*, pp. 71-88. Barcelona: Tusquets Editores (Originalmente publicado em 1922).
- Jones, E. (1979a). *La fase precoz del desarrollo de la sexualidad femenina*. Em organizador desconhecido, *La femineidad como máscara*, pp. 25-41. Barcelona: Tusquets Editores (Originalmente publicado em 1927).
- Jones, E. (1979b). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Guanabara (Originalmente publicado em 1956).

- Kenski, R. (2002). Como surgiu o dinheiro? Em *Revista Super interessante – Março*, 26-27. São Paulo: Abril.
- Klein, M. (1969a). *Psicanálise da criança*. São Paulo: Mestre Jou (Originalmente publicado em 1932).
- Klein, M. (1969b). A técnica psicanalítica através do brinquedo: sua história e significado. Em Klein, M., Helmann, P. & Money-Kirle, R. E. (orgs.), *Novas tendências na psicanálise* (pp. 25-48). Rio de Janeiro: Zahar (Originalmente publicado em 1955).
- Labate, B. (2002). Porque mutilam o clitóris? Em *Revista Super interessante – Abril*, 20. São Paulo: Abril.
- Lacan, J. (1999). *O seminário – As formações do inconsciente – 5*. Rio de Janeiro: Zahar (Seminários realizados em 1957 e 1958).
- Laplanche, J & Pontalis, J-B. (2000). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laqueur, T. (2001). *Inventando o sexo – corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Lévi-Strauss, C. (1982). *Le strutture elementari della parentela*. Em Canevacci, M. (org.). *Dialética da família* (pp. 177-195). São Paulo: Brasiliense (Originalmente publicado em 1969).
- Mezan, R. (1994). Pesquisa teórica em psicanálise. Em *Psicanálise e Universidade. Atas do 2º encontro*, 51-75. São Paulo: PUC.
- Miranda, C. E se... não usássemos roupas? Em *Revista Super Interessante, Outubro*, 40. São Paulo: Abril.
- Mitchell, J. (1979). *Psicanálise e feminismo – Freud, Reich, Laing e a mulher*. Belo Horizonte: Interlivros.
- Montagu, A. (1988). *Tocar – o significado humano da pele*. São Paulo: Summus.
- Nietzsche, F. W. (1983). *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Originalmente publicado em 1885).
- Pessanha, J. A. M. (1999). Vida e Obra [prefácio]. Em *Os pensadores – Sócrates*,

(pp. 5-30). São Paulo: Nova Cultural.

- Reich, W. (1972). *Análise do Caráter*. São Paulo: Martins Fontes (edição impressa em Portugal) (Originalmente publicado em 1933).
- Reich, W. (1975). *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense (Originalmente publicado em 1942).
- Reich, W. (1996). *Paixão de juventude – uma autobiografia – 1897-1922*. São Paulo: Brasiliense.
- Reich, W. (s.d.). *Psicopatologia e sociologia da vida sexual*. São Paulo: Global (Originalmente publicado em 1927).
- Reich, W. (s.d.). Casamento indissolúvel e as relações sexuais duradouras. Em Reich, W. & Alzon, C. *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura*. São Paulo: Martins Fontes.
- Riviere, J. (1979). *La femineidad como máscara*. Em organizador desconhecido, *La femineidad como máscara*, pp. 11-24. Barcelona: Tusquets Editores (Originalmente publicado em 1929).
- Roazen, P. (1974). *Freud e seus discípulos*. São Paulo: Cultrix.
- Romanini, V. (2002). A Bíblia passada a limpo. Em *Revista Super Interessante*, Julho, 40-50. São Paulo: Abril.
- Rosa, D. de S. (1996). Édipo e cultura – Narcisismo e culpa. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 849-854. São Paulo.
- Roudinesco, E. (1989). *História da psicanálise na França – a batalha dos cem anos – 1: 1885-1939*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sarmatz, L. (2001). A fé move leituras. Em *Revista Super interessante – Novembro*, 44-45. São Paulo: Abril.
- Sayers, J. (1992). *Mães da psicanálise – Helene Deutsch, Karen Horney, Anna Freud, Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Schiller, P. (2000). *A vertigem da imortalidade – segredos, doenças*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sicuteri, R. (1987). *Lilith – a lua negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Strachey, J. (1974a). Nota do editor inglês. Em Freud, S. (1974b). Sobre o narcisismo: uma introdução. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIV*, (pp. 85-87). Rio de Janeiro: Imago.
- Strachey, J. (1974b). Nota do editor inglês. Em Freud, S. (1974c). Os instintos e suas vicissitudes. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XIV*, (pp. 129-135). Rio de Janeiro: Imago.
- Strachey, J. (1976). Nota do editor inglês. Em Freud, S. (1976e). A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. XII*, (pp. 393-397). Rio de Janeiro: Imago.
- Strachey, J. (1989). Nota do editor inglês. Em Freud, S. (1989b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. VII*, (pp. 119-123). Rio de Janeiro: Imago.
- Wagner, C. M. (1996). *Freud – Reich: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Summus.

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS:

1. <http://www.pime.org.br/pimenet/mundoemissao/demografiaunico.htm> (China).
2. <http://www.nihonsite.com/gue/hist/index.cfm> (Japão).
3. <http://www.parkear.com/local1907i.asp> (ponto G).

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

- Almeida, R. H. de & Lerner, R. C. B. (1999). Identidade de gênero: sua importância na prática analítica – uma visão teórica. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXIII, (3) 485-494. São Paulo.
- Andrade, V. M. (1982). Maternidade, orgasmo e instinto de morte: uma contribuição à psicologia da mulher. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XVI, (2) 223-239. São Paulo.
- Anzieu, A.(1995). *A mulher sem qualidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Assoun, P. (1983) *Freud et la femme*. França: Calmann-Lévy.
- Bartucci, G. (2001). A criação da sexualidade feminina. Em *Folha de São Paulo, Caderno Mais*. 18 de março, 20-21. São Paulo.
- Bastos, L. A. de M. (1994). Psicanálise é (virou) coisa de mulher. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXVIII, (2) 261-278. São Paulo.
- Bastos, L. A. de M. (1996). Trauma e sexualidade. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 915-923. São Paulo.
- Bastos, L. A. de M. (2001). A identidade masculina e a identidade feminina: o casal hoje – dos raios X ao casal X. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (3) 805-821. São Paulo.
- Beauvoir, S. (1999). *O segundo sexo. II – A experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bleichmar, E. D. (1988). *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Boons, M. C. (1992). *Mulheres/Homens – ensaios psicanalíticos sobre a diferença sexual*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Brabant, G. P. (1973). *Chaves da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Braga, J. C. (1996). Função feminina, função masculina e função alfa. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 773-790. São Paulo.

- Brun, D. (1989). *Figurações do feminino*. São Paulo: Escuta.
- Cardoso, R. S. (1994). Corpo de mulher. Em Cardoso, R. S. (org.). *É uma mulher*. (pp. 11-27). Petrópolis: Vozes.
- Castro, M. A. de A. (1996). Metamorfose da impotência ao amor. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1021-1038. São Paulo.
- Costa, G. P. (2001). A identidade masculina e a identidade feminina: o casal de hoje. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (3) 781-803. São Paulo.
- Costa, N. M. F. da & Tucherman, S. E. (1996). Impotência e frigidez/potência e calidez. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1039-1045. São Paulo.
- Dias, E. A. (1998). *Relatos imaginários: uma abordagem possível da homossexualidade feminina a partir de uma leitura de Freud e Lacan*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Fandinõ Filho, R. P. (1996). Porque ser homem não é sinal de poder. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXX, (3) 555-562. São Paulo.
- Ferraz, J. (2000). *Pulsão e libido – um estudo comparativo da teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Figueiredo, L. C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Fortes, Isabel. (1995). Psicanálise e mulher – Universos do feminino. Em Kupermann, D. & Rollemberg, D. (orgs.), *Universos da Psicanálise*, (pp. 49-71). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Gallego, L. F. (2001). Narciso perscrutado: a importância do corpo na cultura contemporânea. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (3) 763-780. São Paulo.
- Garcia-Roza, L. A. (1983). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gomes, M. C. A. P. (1996). Os filhos de Jocasta: uma abordagem psicanalítica sobre a sexualidade feminina. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1115-1146. São Paulo.

- Gomes, M. C. A. P. (2001). O renascimento de Édipo ou a importância da função paterna na configuração das famílias atuais. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (3) 843-871. São Paulo.
- Graña, R. B. & Francisco, B. S. da S. (1996). Organizações perversas e transtornos do self. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 985-995. São Paulo.
- Halberstadt-Freud, H. C. (2001). Electra Cativa. – Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o complexo de Édipo. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (1) 143-168. São Paulo.
- Iencarelli Filho, J. (1996). Sexualidade normal hoje. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 773-790. São Paulo.
- Junqueira Filho, L. C. U. (1996). Além do gênero: sobre a especificidade do contato psicanalítico. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1081-1093. São Paulo.
- Kehl, M. R. (1996). *A mínima diferença*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1969). Sobre a identificação. Em Klein, M., Heimann, P. & Money-Kirle, R. E. (orgs.), *Temas de psicanálise aplicada* (pp. 7-49). Rio de Janeiro: Zahar.
- Klein, M. (1984). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago (Originalmente publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998a). A significação do falo. Em *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Zahar (Conferência realizada em 1958).
- Lacan, J. (1998b). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. Em *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Zahar (Artigo escrito em 1958 – conferência realizada em 1960).
- Lago, M. C. de S. (1996). Refletindo sobre gênero a partir de textos freudianos. Em *Anais Fazendo gênero – Seminário de estudos sobre a mulher – UFSC*, 171-173. Ponta Grossa: Centro de Publicações da Universidade Estadual de Ponta Grossa.
- Lisondo, A. B. D. de (1996). Teorias sexuais infantis. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 873-890. São Paulo.

- Lowenkron, A. M. (2001). Maternidades: novas configurações? Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (3) 823-842. São Paulo.
- Manhães, M. P. (1975). Psicologia da mulher. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. IX, (4) 425-443. São Paulo.
- Manhães, M. P. (1979). Feminilidade. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XIII, (4) 421-430. São Paulo.
- Masson, J. M. (1984). *Atentado à verdade*. Rio de Janeiro: José Olimpo.
- Matos, J. (1996). O masculino em questão. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1005-1010. São Paulo.
- McDougall, J. (1994). Corpo e linguagem – da linguagem do soma às palavras da mente. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXVIII, 75-97. São Paulo.
- Mitchell, J. (1988). *Psicanálise da sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Campus.
- Nigri, I. J. (1981). A inveja do pênis. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XV, (3) 207-224. São Paulo.
- Nosek, L. (1996). Pensamento e sexualidade. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 773-790. São Paulo.
- Noto, I. S. B. de S. (2001). Mater certa, pater incertus. – Sobre a possibilidade de exercer a função paterna. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXV, (2) 317-333. São Paulo.
- Penfield, W. G. & Rasmussen, T. (1950). *The cerebral cortex of man*. New York: Macmillan.
- Pereira, J.O. (1982). Breve estudo sobre a feminilidade. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XVI, (3) 291-314. São Paulo.
- Pereira, J.O. (1987). Breve estudo sobre a interação feminilidade – masculinidade. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXI, (4) 547-579. São Paulo.
- Pommier, G. (1991). *A exceção feminina – os impasses do gozo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Puente, M. de la (2000). Metapsicologia da histeria no "projeto para uma

psicologia" de Freud – uma descoberta ainda atual para a prática clínica. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXIV, (1) 131-150. São Paulo.

- Rocha, M. T. N. (1996). O erotismo na relação mãe – bebê: os caminhos do prazer. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1097-1113. São Paulo.
- Rocha, M. T. N. & colaboradores. (1982). Introdução ao estudo da sexualidade feminina. Em *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. 31, 315-324.
- Rocha, F. (1996). A sexualidade na teoria e prática psicanalítica: sobre o complexo de Édipo e de castração. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 891-904. São Paulo.
- Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir. Em *Cadernos de Subjetividade*. 1, 242-251. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica – PUC.
- Rossi, C. (1996). Trauma e sexualidade. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 925-932. São Paulo.
- Sandler, P. C. (1999). Uma teoria sobre o exercício de feminilidade – masculinidade. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXXIII, (3) 459-484. São Paulo.
- Sant'anna, D. B. (1995). Corpo e história. Em *Cadernos de Subjetividade*. 3, 243-265. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica – PUC.
- Santi, P. L. R. (1995). Subjetividade e prazer na modernidade. Em *Cadernos de Subjetividade*. 3, 393-398. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica – PUC.
- Silva, T. N. R. T. da (1996). Transferência e contratransferência eróticas – o manejo das mesmas na formação do analista. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1205-1222. São Paulo.
- Siqueira, M. J. T. (1997). A(s) Psicologia(s) e a categoria gênero: anotações para discussão. Em Zanella, A. V., Siqueira, M. J. T., Lulhier, L. A & Molon, S. I.

Psicologia e Práticas Sociais, 271-279. Porto Alegre: ABRAPSO – Sul.

- Soares, P. F. B. & Nogueira, J. A. (1996). Sexualidade e escolha de objeto. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 1047-1057. São Paulo.
- Terra, S. O. (1980). Nota prévia: psicologia da mulher. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XIV, (3) 363-367. São Paulo.
- Toledo, L. A. B. de (1996). Sexualidade e sublimação. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 933-940. São Paulo.
- Tyson, P. (1996). Sexualidade, feminilidade e psicanálise contemporânea. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XXX, (3) 593-599. São Paulo.
- Vida, J. E. (1991). *Sándor Ferenczi on female sexuality*. Em *Journal of the American Academy of Psychoanalysis*. 19, (pp. 271-281).
- Vilete, E. P. (1979). O sonho de Branca de Neve. Em *Revista Brasileira de Psicanálise*. XIII, (1) 81-88. São Paulo.
- Vilete, E. P. (1996). Castração e sexualidade. Em *Revista Brasileira De Psicanálise*. XXX, (4) 773-790. São Paulo.